

Luísa Maria Vilhena Ribeiro de Sousa

**Forma Sinistra de Americanismo:
O Puritanismo na Ética e na Retórica do Ku Klux Klan**

Mestrado em Estudos Americanos

Dissertação sob a orientação de: Professora Doutora Maria Filipa Palma dos Reis

UNIVERSIDADE ABERTA

Porto, Janeiro de 2005

Ye are the light of the world. A city that is set on a hill cannot be hid. Neither do men light a candle, and put it under a bushel, but on a candlestick; and it giveth light unto all that are in the house.

Mathew 5.14 – 15

For we must consider that we shall be as a city upon a hill. The eyes of all people are upon us, so that if we shall deal falsely with our God in this work we have undertaken, and so cause Him to withdraw His present help from us, we shall be made a story and a by-word through the world.

John Winthrop, “A Model of Christian Charity” (1630)

You are the light of the world. A city that is set on a hill cannot be hidden. [. . .] We are to proclaim truth, work for the preservation of faith, race, and nation, and communicate the power of White Christian Revival.

Ku Klux Klan, *Ku Klux Klan Web Page* (2003)

**Forma Sinistra de Americanismo:
O Puritanismo na Ética e na Retórica do Ku Klux Klan**

RESUMO

Nas últimas décadas, os estudos sobre a proeminência sinistra dos grupos de supremacia branca nos Estados Unidos da América, nomeadamente do Ku Klux Klan, têm-se intensificado a nível internacional, embora concentrados na sua trajectória política, social e económica, no perfil psicológico e social dos seus membros ou nos seus motivos e intuítos pessoais. Neste contexto, afigurou-se-nos necessária e pertinente a realização de uma investigação sobre uma outra dimensão de análise – a apropriação da ética e da retórica puritanas pelo Ku Klux Klan.

Com este trabalho, pretendemos essencialmente analisar o modo como este grupo de supremacia branca recupera, reproduz e actualiza determinadas concepções da colonização puritana a fim de justificar as suas actividades, convicções, rituais e objectivos propagados por toda a América.

Interessa-nos, assim, desvendar as formas mais ou menos subtis de auto-legitimação do exercício de violência figurativa e literal por parte deste grupo, que parecem protegê-lo em termos sociais, políticos, económicos e histórico-culturais de uma extinção a que pretensamente estaria condenado.

Para tal, privilegiamos como dimensão de análise fundamental a manifestação da herança puritana no discurso do Ku Klux Klan que perpassa actualmente nos seus *sites* oficiais, na medida em que nos permite contribuir de forma inovadora para desmascarar as diversas articulações entre os modos de produção de discursos por parte do Klan e os principais pilares em que assenta o Puritanismo americano. No prelúdio deste novo milénio, a interpretação e a explicação dos contornos do movimento do Klan reclamam um estudo aprofundado desse discurso ainda por explorar.

Concluimos que a impunidade constitucional relativamente à divulgação da propaganda do Klan na Internet e a tolerância social face à sua promoção da classe média, branca, anglo-saxónica e protestante e à discriminação dos grupos minoritários revelam as fragilidades da sociedade americana, claramente permeável a formas de terrorismo interno.

Palavras-Chave: Ku Klux Klan, Puritanismo, Jeremiada, “*True Americanism*”, Supremacia Branca, Figuras de Preconceito

**Sinister Form of Americanism:
Puritanism in the Ethic and Rhetoric of the Ku Klux Klan**

ABSTRACT

In the last decades, the studies about the sinister prominence of the white supremacy groups in the United States of America, namely the Ku Klux Klan, have been increasing internationally, despite being concentrated on their political, economic and social trajectory, on their members' psychological and social profile or on their motives and personal aspirations. In this context, it seemed to us necessary and pertinent to carry out research concerning another dimension of analysis – the appropriation of the puritan ethic and rhetoric by the Ku Klux Klan.

With this work, we intend to analyze essentially the way this white supremacy group retrieves, reproduces and updates particular conceptions of the puritan colonization in order to justify its activities, convictions, rituals and aims propagated all over America.

Thus, we are interested in unveiling the (more or less) subtle ways of self-legitimacy of the figurative and literal violence exercised by this group, which seem to protect it, socially, politically, economically, historically and culturally, from the extinction to which it would presumably be condemned.

We privilege as a fundamental dimension of analysis the manifestation of the puritan legacy on the Ku Klux Klan discourse, which presently goes through its official Internet sites, since it allows us to contribute, in an innovating form, to unmask the diverse articulations between the means of production of discourses by the Klan and the main pillars of American Puritanism. In the prelude of this new millennium, the interpretation and explanation of the outlines of the Klan's movement claim a profound study of that still unexplored discourse.

We conclude that the constitutional impunity concerning the divulgation of the Klan's propaganda on the Internet and the social tolerance towards its promotion of the white Anglo-Saxon Protestant middle-class and its discrimination of the minority groups reveal the fragilities of the American society, clearly permeable to internal forms of terrorism.

Key-Words: Ku Klux Klan, Puritanism, Jeremiad, "*True Americanism*", White Supremacy, Figures of Prejudice

**Expression Sinistre d'Américanisme:
Le Puritanisme dans l'Éthique et dans la Rhétorique du Ku Klux Klan**

RÉSUMÉ

Les dernières décennies, les études scientifiques sur la prééminence sinistre des groupes de suprématie blanche aux États-Unis de l'Amérique, notamment du Ku Klux Klan, sont en train de s'intensifier nettement au niveau international, malgré la concentration dans leur trajectoire politique, sociale et économique, dans le profil psychologique et social de leurs membres ou dans leurs motivations et leurs buts personnels. Dans ce contexte, nous avons considéré comme nécessaire et pertinent effectuer des recherches sur une autre dimension d'analyse – l'appropriation de l'éthique et de la rhétorique puritaines par le Ku Klux Klan.

Avec ce travail, c'est notre prétention principale décrypter la façon dont ce groupe de suprématie blanche récupère, reproduit et actualise certaines conceptions de la colonisation puritaine, dans le but de justifier ses activités, ses convictions, ses rituels et ses objectifs, répandus dans toute l'Amérique.

Nous voulons, donc, dévoiler les façons plus ou moins subtiles de l'auto-légitimation de la pratique par ce groupe, de la violence figurative et réelle, des façons qui semblent le protéger en termes sociaux, politiques, économiques et historico-culturels, d'une extinction apparemment inexorable.

Pour atteindre notre but, nous accordons le privilège d'analyse aux signes de l'héritage puritain dans le discours actuel du Ku Klux Klan, qui parcourt ses *sites* officiels, dans la mesure où elle nous permet contribuer, d'une façon innovatrice, à démasquer les divers liaisons entre les manières d'élaboration des discours par le Klan et les principaux piliers du Puritanisme américain. Au début de ce nouveau millénaire, l'interprétation et l'éclaircissement des contours du mouvement du Klan exigent une étude approfondie de ce discours, qui n'est pas encore exploité.

Nous concluons que l'impunité constitutionnelle, par rapport à la diffusion de la propagande du Klan à l'Internet, mais aussi la tolérance sociale face à sa promotion de la classe moyenne, blanche, anglo-saxon et protestante de même qu'à la discrimination des groupes minoritaires, démontrent des fragilités de la société américaine, clairement perméable à des formes de terrorisme interne.

Mots-Clé: Ku Klux Klan, Puritanisme, Jérémiade, "*True Americanism*", Suprématie Blanche, Figures de Préjugé

NOTA PRÉVIA

Ao apresentar este trabalho, não posso deixar de expressar o meu profundo agradecimento à Professora Doutora Maria Filipa Palma dos Reis, pela sua disponibilidade para orientar e apoiar a realização desta dissertação, pelo seu entusiasmo crítico e empenho, pelas preocupações e descobertas partilhadas, pelos constantes incentivos, que me inspiraram e impulsionaram neste percurso árduo mas muito aliciante.

Aos Professores Doutores Mário Avelar e Ricardo Prata, desejo agradecer o interesse demonstrado, o estímulo e as trocas de impressões sobre as temáticas mais pertinentes para o meu objecto de análise, no decurso dos Seminários de Literatura Americana e de Métodos e Práticas do Trabalho Científico do Mestrado em Estudos Americanos da Universidade Aberta.

Quero expressar a minha gratidão aos Professores Doutores Susan Castilho e Eduardo Ribeiro, pelo modo como leccionaram as disciplinas de Cultura Americana e de Literatura Americana na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, nos anos lectivos 1994 / 1995 e 1995 / 1996: as abordagens adoptadas despertaram, de forma decisiva, a minha curiosidade científica e entusiasmo pelo estudo do Puritanismo e dos grupos de supremacia branca americanos.

Aos colegas do Mestrado em Estudos Americanos (2003 / 2004), em particular à Isabel e ao Armando, agradeço o encorajamento constante e o interesse com que acompanharam este trabalho.

Aos meus amigos, sobretudo à Susana, à Lurdes, à Cristina, à Ana Amália e à Cláudia, desejo manifestar o meu agradecimento pela compreensão, colaboração e apoio dado na elaboração deste trabalho. À Sónia, que foi privada de quase “tudo” nestes últimos dois anos, prometo nunca esquecer as “lições de vida” e os momentos excepcionais que vivemos juntas.

Aos meus avós, agradeço por terem acreditado em mim e por terem suavizado os meus desânimos e angústias, com uma força infinita.

Por fim, dedico este trabalho ao Hugo e aos meus pais, pela compreensão, cumplicidade, amor, apoio incessante e por tudo aquilo que tornou possível a concretização deste trabalho. Partilhamos todo este trajecto e, como tal, as palavras não bastam.

ÍNDICE

PARTE 1 – Introdução	1
 PARTE 2 – O Puritanismo e a Construção de uma América Única, Utópica e Mítica	21
2.1. A Consagração dos WASP como Povo Eleito de Deus	21
2.2. Os <i>True</i> e os <i>False Americans</i> – o Antagonismo entre o Sagrado e o Profano	31
2.3. As Jeremiadas sobre os Erros Americanos como Ritos de Consenso	47
 PARTE 3 – O Ku Klux Klan e a Apropriação da Ética e da Retórica Puritanas	57
3.1. Gênese e Metamorfoses do Klan	57
3.2. Os Eleitos nas Imagens e nos Conceitos Bíblicos	75
3.3. As Figuras de Preconceito	89
3.3.1. Etnicidade e Racismo	98
3.3.2. Grupos Religiosos	110
3.3.3. Identidades de Género e Sexualidade.....	117
3.3.4. Instituições Políticas e Sócio-Culturais	126
3.4. A Revolução Controlada numa Forma Exacerbada de Americanismo	137
 PARTE 4 – Conclusão	151
 Bibliografia, Webgrafia e Outras Fontes Audiovisuais	162
 Apêndice	181

PARTE 1

INTRODUÇÃO

A constatação da proeminência sinistra dos grupos de supremacia branca nos Estados Unidos da América sempre nos colocou uma interpelação: como compreender que este país, apologista da afirmação memorável “all men are created equal”, possa tolerar a proliferação e a violência figurativa e literal desses grupos?

Este paradoxo, capaz de transfigurar o célebre “Sonho Americano” num autêntico pesadelo, suscitou a nossa perplexidade e apreensão, e determinou o nosso interesse pelo estudo científico do grupo mais preponderante e representativo do extremismo americano: o Ku Klux Klan¹.

Ainda que a abordagem de tal problemática se tenha intensificado a nível internacional nas últimas décadas, em Portugal sobressai ainda a escassez de investigações e de publicações científicas que assumem as organizações de supremacia branca, nomeadamente o grupo Ku Klux Klan, como o “objecto” de análise principal.

A intensidade e a rapidez com que as transformações políticas, sociais e culturais ocorrem na sociedade americana convidam-nos a reflectir sobre as suas implicações ao nível dos mecanismos através dos quais o Ku Klux Klan procura “sobreviver” a períodos de aparente “morte anunciada”, pelo desprezo público ou pela perseguição fiscal, e “ressuscitar” em momentos de “crise nacional”, nos quais uma significativa parte dos Americanos brancos, protestantes, anglo-saxónicos e masculinos manifesta o mesmo conjunto de ansiedades psicológicas e sociais claramente intimidativas.

Numa sociedade que se define como plural, democrática e acérrima defensora das liberdades individuais, o Klan actua à sombra da apologia e fruição dos seus direitos de cidadania² e da salvaguarda dos interesses, valores e sistemas de privilégio da cultura dominante instituída pelos *WASP*. Perante as transmutações “inesperadas” e “ameaçadoras” da ordem social, o Klan oferece sintomaticamente aos *WASP* mais temerosos uma resolução

¹ Esta classificação é unanimemente atribuída pelo meio académico que se debruça sobre este grupo de supremacia branca; destacamos nomeadamente os capítulos introdutórios das obras de Chalmers, Daniels, Lowe e MacLean.

² Entre outros, realçamos a sua evocação dos direitos à liberdade de expressão e ao porte de armas.

para a sua inquietude e para as suas incertezas e necessidades, sejam estas reais ou imaginárias.

As respostas do Klan às questões que alvoroçam a vida americana estão, porém, imbuídas de violência extrema. A sua hostilidade criminosa é categoricamente denunciada, por exemplo, nesta afirmação da organização americana *Southern Poverty Law Center*, que vigia e obsta as acções de todos os *Hate Groups* americanos: “The Ku Klux Klan, with its mystique and its long history of violence, is the most infamous – and oldest – of American hate groups” (1).

Como podemos então entender a tolerância e a impunidade amiúde experimentadas pelo Klan nos 139 anos da sua História manchada de sangue? Qualquer tentativa de resposta a esta interrogação deve ter em consideração este cenário inquietante apontado por MacLean: “The synthesis Klan leaders fashioned extended and modified, but by no means contradicted, values widely held in American society” (xiv). A postura do Klan de não contestar os valores dominantes instituídos na América pode, em parte, explicar a réplica branda de uma sociedade afinal não tão imune à emergência de figuras internas de terror.

Esta percepção motivou-nos, desde logo, a observar atentamente a subtileza dos modos de actuação e as estratégias falaciosas do Ku Klux Klan para compreender como estes encontram eco na sociedade americana.

Ao debruçarmo-nos sobre o seu discurso, impregnado de um sentido de Americanismo exacerbado, constatámos a recorrência de três linhas de pensamento que entendemos fundamentais: (i) os *WASP* americanos são o verdadeiro povo eleito por Deus, consagrados por profecias bíblicas, e o Ku Klux Klan, enquanto grupo constituído apenas por Brancos, anglo-saxónicos e Protestantes, também se inclui nessa escolha divina; (ii) estas figuras conotadas com o “sagrado” têm de defrontar todos os *False Americans*, as criaturas profanas ao serviço do Diabo, responsáveis pela degradação da sociedade santificada por Deus; e (iii) os membros do Ku Klux Klan, classificados como “Soldados de Cristo”, almejam desencadear uma revolução purificadora, mas controlada, na sociedade americana para que esta esteja preparada para o “Dia do Juízo Final”.

Estes argumentos do discurso do Ku Klux Klan remeteram-nos, de forma surpreendente, para os subterfúgios da ética e da retórica puritanas claramente arreigadas na cultura americana, particularmente para os diferentes momentos da Jeremiada puritana do século XVII, sintetizados por Bercovitch na obra *The American Jeremiad*:

[...] first, a precedent from Scripture that sets out the communal norms; then, a series of condemnations that details the actual state of the community (at the same time insinuating the covenantal promises that ensure success); and finally a prophetic vision that unveils the promises, announces the good things to come, and explains away the gap between fact and ideal. (16)

A manifestação da herança puritana no discurso do Ku Klux Klan afigurou-se-nos como uma dimensão de análise pertinente para desenvolver este projecto, na medida em que nos permitiria apreender o modo como esta organização de supremacia branca se apropriou da ética e da retórica puritanas, manipulando-as de forma a legitimar as suas actividades, convicções, rituais e objectivos propagados por toda a América. Ainda que a ética e a retórica puritanas tenham sido objecto de análise por vários autores³, este trabalho pretende contribuir de forma inovadora para desvendar as diversas articulações entre os modos de produção de discursos por parte do Ku Klux Klan e os principais pilares em que assenta o Puritanismo americano.

O percurso histórico desta organização é caracterizado por períodos de ascensão e de declínio na sociedade americana, desde a sua fundação no Tennessee a 24 de Dezembro de 1865, no período conturbado da Reconstrução Americana, até aos nossos dias. Todavia, o nosso objecto de estudo não consiste na análise histórica da sua trajectória política, social e económica, nem no perfil psicológico e social dos seus membros, nem na inquirição dos seus motivos e intuítos pessoais⁴. Neste trabalho pretendemos focar a atenção no seu discurso apologista da supremacia branca que perpassa actualmente nos seus *sites* oficiais. No prelúdio deste novo Milénio, a interpretação e a explicação dos contornos do movimento do Klan reclamam um estudo aprofundado desse discurso ainda por explorar.

Este estudo sobre o Ku Klux Klan tem como objectivo indirecto contribuir, de alguma forma, para a protecção das minorias. Uma análise dos modos como a discriminação social e a opressão racial, étnica e religiosa sobre os grupos minoritários são exercidas pelo Klan e legitimadas pela cultura dominante pode reivindicar uma reflexão escrupulosa sobre a realidade social americana e apelar necessariamente a medidas políticas e judiciais que protejam efectivamente os “bodes expiatórios” da América.

³ Salientamos, desde já, as obras de Bercovitch, Cohen, Delbanco, Kibbey, P. Miller e Schneider, como marcos incontornáveis sobre o estudo da relevância do Puritanismo na História e na Cultura americanas.

⁴ No âmbito da investigação sobre este grupo de supremacia branca, estas são as temáticas mais exploradas por muitos autores, entre os quais se destacam Blee, Chalmers, Dessommes, Ezekiel, Lowe, MacLean e Quarles.

Todavia, poderá argumentar-se que a analogia entre os discursos do Ku Klux Klan e o Puritanismo americano é excessiva: será lícito entrelaçar as concepções puritanas que construíram a figura do *Yankee* e a ideologia nacional americana com o discurso do Klan, tradicionalmente associado ao folclore sulista, a uma região que alegadamente se aparta do resto da nação? Ora os critérios subjacentes à nossa abordagem basearam-se na percepção que fomos desenvolvendo ao longo do estudo da História dos Estados Unidos da América, nomeadamente a hegemonia ideológica do Puritanismo na cultura americana e as peculiaridades dos Estados sulistas. Interessa-nos aqui fundamentar sumariamente a nossa perspectiva, aludindo para tal a determinadas considerações ao nível histórico-cultural⁵.

Segundo Bercovitch, os Puritanos instituíram no Novo Mundo o *status quo* da sociedade americana. A complexidade e a vitalidade contínua da ética e da retórica puritanas transformaram as Jeremiadas num rito de anuência nacional em torno do mito da América como terra eleita por Deus. Os lamentos sobre os erros americanos deveriam então ser penitenciados por uma revolução de espírito comedido, cujos objectivos eram eternizados nas Sagradas Escrituras (*The American Jeremiad* xiv).

Este sentido de revolução manifestou-se na Literatura, na Cultura e na História americanas. Em “How the Puritans Won”, Bercovitch realça que no seu processo de fundação: “What the founding fathers initiated, the Revolutionary sons fulfilled. The Pilgrim compact foreshadowed the Declaration of Independence; the Constitution realized the intentions of the *Arbella* covenant” (607-08). Na obra *The Rites of Assent*, Bercovitch explica como, no período que antecedeu a Guerra Civil, o Norte postulou que esse confronto representava a “Prova” final da Missão Americana: o Sul tinha de se conformar à “City upon a hill”, uma vez que, segundo a cosmovisão cristã, a escravatura era um pecado divino. Do mesmo modo, Tocqueville, Emerson, Lincoln, Martin Luther King Jr., entre outras figuras históricas, e grupos políticos, religiosos e sociais (comunistas, judeus, feministas) recorreram à profecia da América como a “Nova Jerusalém” para legitimar as suas intervenções ou defender os seus direitos constitucionais (51-66).

⁵ É essencial estabelecer uma fronteira entre a pertinência da análise da ética e da retórica puritanas e a eventual apropriação ideológica da mesma por parte de diferentes grupos sociais americanos, incluindo organizações ou dirigentes ideologicamente pacifistas e as formas mais violentas e radicais de Americanismo. No sub-capítulo 3.3.1, por exemplo, observaremos que tanto Martin Luther King Jr., como o Ku Klux Klan recorrem à ética e à retórica puritanas para fundamentar as suas intervenções claramente antagónicas na sociedade americana.

Contudo, os princípios fundamentais consagrados quer na Declaração de Independência, quer na Constituição estão imbuídos das principais representações sociais oriundas da classe dominante, do sistema elitista *WASP*. Como Bercovitch salienta:

[. . .] Through the rhetoric of national identity, the middle-class leaders of the republic recast the Declarations to read, “all propertied, white, Anglo-Saxon, Protestant males are created equal”. Through that rhetoric, they confined the meaning of Revolution to American progress to God’s chosen, and God’s chosen to people of their own kind. (Bercovitch, “Fusion and Fragmentation” 31)

Esta percepção nacionalista foi a tal ponto exacerbada que:

[it] lent itself to some of our most sinister (and most prominent) forms of Americanism: progressivist arguments for eradicating the Indians; benevolent societies for deporting the blacks; the obsession with “foreign conspiracies,” like the Catholic migration of 1834 which (according to Samuel Morse) Satan had organized “for the overthrow of America”. (Bercovitch, “How the Puritans Won” 619-20)

Nestas formas sinistras de Americanismo, aparentemente não podemos incluir o grupo de supremacia branca Ku Klux Klan, de génese sulista, uma vez que Bercovitch advoga que o Sul se dissociou dos valores da nação, afastando-se assim da ideologia nacional americana: “The question of Southern ideology [. . .] did not yield a national identity. The institution of slavery gave the South a ‘peculiar’ *regional* identity” (*The Rites of Assent* 30).⁶

No entanto, esta convicção plena na cisão sulista é contrariada por Cash, em *The Mind of the South*, ao afirmar que o Sul, “proceeds from the common American heritage, and many of its elements are readily recognizable as being simply variations on the primary American theme” (xlviii). De acordo com este autor, a realidade sulista anterior à Guerra Civil pode ser descrita como “a world singularly polished and mellow and poised, wholly dominated by ideals of honor and chivalry and *noblesse* - all those sentiments and values and habits of action which used to be [. . .] invariably assigned to the gentleman born and the Cavalier” (xlix). Porém, para além das particularidades atribuídas unanimemente ao Sul, tais como o Hedonismo e o Romantismo, o Sulista manifestava determinadas singularidades do Puritanismo colonial:

⁶ Bercovitch explica que a ideologia nacional de origem puritana foi propagada por toda a América, mas no Sul foi imposta pelo Norte, pelo seu domínio político e económico exercido sobre essa região depois da Guerra Civil. Esta sua concepção da experiência sulista como “Não-americana” é reforçada por Louis Hartz: “The South was as an alien child in a liberal family, tortured and confused, driven to a fantasy life” (qtd. in *The American Jeremiad* xiii).

[. . .] If he was a hedonist, then, and however paradoxical it may sound, he was also likely to be a Puritan. The sense of sin [. . .] continued to move darkly in him at every time - not so darkly, not so savagely, not so relentlessly as in the New Englander, [. . .] but with conviction nevertheless. [. . .] What our Southerner required [. . .] was a faith [. . .] to draw men together in hordes, to terrify them with Apocalyptic rhetoric, to cast them into the pit, rescue them, and at last bring them shouting into the fold of Grace. [. . .] The God demanded was [. . .] the Jehovah of the Old Testament. (*Ibidem* 54-56)

O triunfo das seitas evangélicas no Sul também envolveu naturalmente o “ideal puritano”. A filosofia oficial do Sul aproximou-se da posição assumida e propalada pela *Massachusetts Bay Colony*:

[. . .] The Southerner's frolic humor [. . .] might serve constantly to exacerbate the sense of sin in him [. . .]; his Puritanism might at a pinch move him to outlaw the beloved fiddle from the church as an instrument of Satan [. . .]. [. . .] His Puritanism was no mere mask put on from cold calculation, but as essential a part of him as his hedonism. And his combination of the two was without conscious imposture. (*Ibidem* 57-58)⁷

No período imediatamente anterior à Guerra Civil, também os Sulistas se auto-classificaram de “Povo Eleito de Deus” e se definiram como fiéis obedientes⁸:

[. . .] The South [. . .] was peculiarly Christian; probably, indeed, it was the last great bulwark of Christianity. [. . .] From pulpit and hustings ran the dark suggestion that the God of the Yankee was not God at all but Antichrist loosed at last from the pit. The coming war would be no mere secular contest but Armageddon, with the South standing in the role of the defender of the ark, its people as the Chosen People. (*Ibidem* 80)

Na resposta do Sul ao período tumultuoso da Reconstrução Radical, o Puritanismo manifestou-se de forma ainda mais vigorosa para proteger os verdadeiros “santificados” por Deus da tirania satânica do Norte:

[. . .] to retreat on the ideology of the sixteenth century as embalmed in the evangelical heritage [. . .] was [. . .] a normal part of the glorification of the past. But to do it [. . .] when the Yankee was falling away was to bolster the Southern pride ever more stoutly

⁷ Esta posição é reiterada por Simkins em *A History of the South*: “Religious conservatism molded Southern attitudes in all aspects of life. It generated the puritanism that sought to curb the spontaneous hedonism of the Southern population. It bolstered the Southern belief in states' rights and local autonomy” (415).

⁸ Os Sulistas refutaram o abolicionismo com a sua interpretação calvinista da escravidão, na qual o Deus puritano era o mestre de um espectáculo de marionetas: “Every man was in his place because He had set him there. [. . .] Hence slavery [. . .] was His responsibility, not the South's. So far from being evil, it was the very essence of Right. [. . .] change could come about only as He Himself produced it through His own direct acts” (*Ibidem* 81).

with the sense of being a Chosen People, to assert Southern superiority in a way which was felt to be finally decisive, and to stand forth [. . .] as the last great champion of the true faith in the world which, with this Yankee in the van, was plainly deserting to Satan. [. . .] God [. . .] remained [. . .] the Calvinized Jehovah [. . .]. Was it a little difficult to reconcile this with the idea of being a Chosen People, with the fact that “an infidel-taught band” had overcome “a Christ-taught band,” that the Yankee reigned triumphant while the South wept? Not so. For is it not written that whom He loves He chastens? Did He not suffer the first Chosen People to languish in captivity, to bleed under the heel of Marduk and Ashur and Amon and Baal? (*Ibidem* 131-32)

Para os Sulistas, o facto de o Norte os subjugar de forma impiedosa apenas lhes assegurava que o triunfo final do Sul seria ainda mais manifesto e perfeito, visto que essa era a Vontade divina. Todas as privações impostas ao Sul representavam a urgência de fé na sua perseverança. Afinal, o Sul deveria sofrer resignadamente pelos seus pecados, para que a sua missão profetizada se realizasse. Em plena Reconstrução Radical, os únicos prazeres usufruídos sem nenhuma censura moral eram aqueles motivados por uma prática religiosa fervorosa e pela violência:

[. . .] There had been too much indifference in the Old South, too little submission to the law of Heaven as it was transmitted through the ministers [. . .]. There had been too much dancing and gaming, too much drinking and laughing, too much delight in the flesh [. . .]. [. . .] What the ministers proclaimed as the divine desire must be obeyed without question and without hesitancy, lest the hour of the South’s deliverance be fatally postponed [. . .]. In these decades the power of the evangelical ministers [. . .] made the official code of the South ever more Puritanical and repressive. (*Ibidem* 132-33)

Destacamos que foi neste contexto opressivo e assustador que o Ku Klux Klan emergiu “heroicamente” contra o “despotismo” do Norte, manifestando um sentido exacerbado de “puro Americanismo”, “secreto” e violento, e exaltando a sua lealdade para com o Sul, o verdadeiro bastião do Bem. Pela análise da História do Klan no século XX, julgamos que o facto de este grupo de origem sulista se ter transformado num movimento de expressão nacional⁹ se pode explicar pela forma como este recorreu às concepções da ética e da retórica puritanas do século XVII, veneradas pelos valores da cultura dominante, para, de maneira dissimulada, anunciar as suas linhas de pensamento, lidar as suas acções e encontrar, no mínimo, empatia por parte dos destinatários da sua mensagem “divina”.

⁹ Esta percepção do Klan enquanto grupo a operar a nível nacional é sustentada por diversos autores, entre os quais salientamos Quarles e a sua afirmação: “Initially the recruiting efforts were restricted to the South. [. . .] Only after the leadership realized that this could be a nationwide organization did it transcend the Southern nostalgia reasons for Klansmanship and turn to Americans for America issues. [. . .] The Klan was not just a reflection of a few men willing to use violence” (74-75).

Neste sentido, consideramos exequível analisar incisivamente o modo como o Ku Klux Klan usurpa, mesmo nos dias de hoje, determinadas noções do Puritanismo colonial a fim de se imiscuir no mito nacional da América como terra eleita por Deus.

Na nota metodológica do nosso trabalho, pretendemos salientar que a escolha pela pesquisa científica em relação ao Ku Klux Klan não é uma alternativa “fácil”. Em primeiro lugar, o estudo desta organização de supremacia branca é um processo doloroso. Se formos brancos, protestantes, anglo-saxónicos e masculinos provavelmente não nos sentimos ameaçados por este grupo, mas se não nos incluirmos em nenhuma destas “categorias”, qualquer contacto com a sua propaganda torna-se assustador, apesar da acção actual do Klan não ser tão expressiva como no seu passado apoteótico. O seu discurso nos *sites* oficiais é injurioso, mesmo que de modo subtil, ao “ensinar” que os Americanos “falsos” são movidos por Satã ou são o próprio Satã. Os “factos” apresentados são claramente tendenciosos, construídos de modo a justificarem as violências figurativa e literal perpetradas pelos seus membros. Na nossa análise crítica, procurámos nunca pôr em causa a neutralidade exigida, apesar da nossa absoluta discordância pessoal pelos discursos e pelas práticas deste grupo.

Tais ambiguidades suscitaram múltiplas reacções pautadas pela perplexidade da maioria das pessoas que nos acompanharam ao longo deste percurso, o que aliás nos levou a reflectir sobre as próprias representações do Ku Klux Klan disseminadas em Portugal por filmes americanos de sucesso (de acção, drama ou comédia)¹⁰ ou por outras formas da cultura popular. De facto, se o nosso interesse pelas formas sinistras de Americanismo já era “estranhamente interessante”, o objecto de estudo “Ku Klux Klan” ainda o era mais.

Ao mesmo tempo, muitos obstáculos se levantaram no acesso às bibliografias primária e secundária sobre o grupo Ku Klux Klan. Há uma escassez de formulações teóricas e de trabalhos de investigação neste domínio e, quando estes existem, ou recorrem a argumentos de cariz bio-psicológico e moralista, ou se centram na reflexão em torno da História do Klan. Em Portugal, essa é uma tarefa árdua e abissal, uma vez que só é possível por via electrónica, exigindo muito tempo, paciência e determinação.

¹⁰ Salientamos estes filmes como os mais divulgados em Portugal: *The Birth of a Nation* (de 1915), *Porky's & Porky's 2 – The Next Day* (de 1982), *Mississippi Burning* (de 1989), *Sommersby* (de 1992) e *A Time to Kill* (de 1996). Neste trabalho, centraremos a nossa atenção apenas nos filmes mais destacados pela comunidade científica: *The Birth of a Nation*, pela sua abordagem singular de apologia do Ku Klux Klan, e *Mississippi Burning* por ser o único baseado em episódios verídicos, neste caso, os ocorridos em 1964 nesse Estado Norte-Americano profundamente marcado pela segregação racial.

As decisões tomadas ao longo da realização deste trabalho reflectem estes condicionalismos mais amplos e, sobretudo, as limitações humanas e temporais que marcaram o nosso trajecto profissional no último ano.

Inicialmente, pretendíamos articular as concepções da ética e da retórica puritanas com o discurso do Klan nos momentos históricos em que o seu impacto na sociedade americana foi mais “visível”, mais aterrorizador, nomeadamente, na Reconstrução americana e nos períodos de 1915 a 1930 e de 1950 a 1970. A nossa indisponibilidade de tempo e de meios impediu a sua concretização – daí a nossa opção ter consistido na definição dos objectivos e do quadro de referência teórico, delimitando as respectivas dimensões de análise, como vimos, ao discurso actual do Klan na Internet ainda inexplorado.

A escolha da Internet afigurou-se quase óbvia, desde logo porque esta é uma nova tecnologia de informação e comunicação que opera a nível global e pouco sujeita a medidas político-sociais de controlo e de filtração de conteúdo de mensagens. Além do mais, os artigos publicados actualmente pelo Ku Klux Klan nos seus *sites* oficiais ainda não foram objecto de uma análise aprofundada pelo meio académico.

Advertimos, no entanto, para o facto de estes artigos apresentarem incorrecções em termos sintácticos e ortográficos. Quando detectarmos pequenas discordâncias, colocaremos [*sic*] à frente. Vamos abster-nos de tentar assinalar as distorções mais extensas, visto que temos de ter em conta a própria linguagem informal do discurso do Klan e o alvo primordial da sua mensagem: uma classe social média, com baixos níveis de qualificação académica.

Convém também referir que optamos por usar determinados termos em Língua Inglesa, uma vez que os significantes em Língua Portuguesa resultavam um pouco colaterais ao que se pretendia.

As lacunas e as inacessibilidades focadas exigem uma aproximação teórica e baseada nos documentos analisados, assente na combinação de métodos qualitativos, apoiada na utilização entrecruzada de diversas fontes heterogéneas e norteadas por técnicas de pesquisa intensivas e técnicas de análise de conteúdo (Daniels 139-44).

Numa primeira fase, reunimos e analisámos o *corpus* teórico deste trabalho, cuja selecção obedeceu a um conjunto de critérios, nomeadamente: generalização e amplitude de análise; articulação de considerações teóricas com uma abordagem experimental (incluindo, por exemplo, inquéritos e entrevistas); bibliografia de síntese onde se comparem diversas

perspectivas teóricas e respectiva evolução; trabalhos que analisem de forma descritiva e reflexiva as temáticas implicadas.

No que diz respeito à experiência colonial americana do século XVII e à influência preponderante do Puritanismo na cultura e na sociedade americanas, as bibliotecas das Universidades portuguesas e os seus Institutos de Estudos Anglo-americanos encerram um conjunto excepcional de bibliografia primária e secundária de reconhecido mérito. Além disso, pudemos aceder às bases de dados *Proquest (Social Sciences)* e *Web of Knowledge. ISI.*, na Universidade do Minho e *Academic Search Premier, Ebsco Host (World History)* e *ERIC* na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, que nos facultaram artigos de revistas académicas internacionais conceituadas.

Relativamente à organização Ku Klux Klan, a bibliografia secundária disponibilizada pelas Universidades supramencionadas apenas aludia a esse grupo pontualmente ou contextualizava-o na História do Sul dos Estados Unidos da América. A pesquisa via Internet resultou num grande número de referências bibliográficas, cuja credibilidade não era assegurada. Decidimos então começar por recolher e analisar demorada e exaustivamente todos os artigos de revistas académicas sobre o Ku Klux Klan existentes nas bases de dados por nós já referidas. Esta análise forneceu-nos pistas fundamentais ao nível da problematização científica do fenómeno desse grupo de supremacia branca e permitiu-nos escolher a bibliografia secundária mais recorrente e acreditada na comunidade científica¹¹.

A segunda fase da pesquisa reclamou esforços adicionais, de modo a produzir materiais originais com base nos objectivos previamente definidos. Deparámo-nos aqui com a maior dificuldade ao longo da nossa prática de investigação. Com a multiplicação na Internet de “falsos” Klans e de grupos do Klan a operarem apenas ao nível estadual, que *sites* observar? E quais, ao mesmo tempo, nos possibilitassem uma análise do Ku Klux Klan enquanto movimento de expressão nacional?

Optámos então por realizar, em primeiro lugar, uma pesquisa na nossa bibliografia secundária que nos pudesse orientar na nossa selecção de *sites* oficiais deste grupo de

¹¹ Apesar da nossa abordagem não pretender “descrever” a História deste grupo, as colecções de documentos históricos do Klan da Michigan State University e da Georgia State University, acessíveis *online* (constituídos por fotos e artigos das décadas de 20 e de 60 do século XX) revelaram-se muito importantes ao desmontarmos a forma como o Klan reconstrói o seu percurso histórico para “limpar” a sua imagem de terror. Para o estudo do Ku Klux Klan no início deste Milénio, também considerámos uma mais valia os dados concedidos via Internet pela organização Southern Poverty Law Center e pelo Federal Bureau of Investigation e a recente análise dos grupos de supremacia branca mais preponderantes na sociedade americana apresentada em Julho de 2004 pelo programa “A Rede do Ódio” no Canal História.

supremacia branca. Entre outros autores, Daniels aponta Thomas Robb como o actual Director Nacional do Klan¹² e acérrimo promotor de “a brand of theology known as Christian Identity” (27-28). Constatámos a relevância de três *sites* oficiais: www.k-k-k.com (*site* que apresenta artigos sobre a doutrina *Christian Identity*), <http://www.kkkklan.com> (*site* “histórico” e “educativo” sobre o Ku Klux Klan) e <http://www.kukluxklan.org> (*site* orientado por Thomas Robb).

Todos os artigos publicados pelo grupo de supremacia branca Ku Klux Klan nos seus *sites* oficiais supracitados, recolhidos em Março e Julho de 2001, Janeiro de 2003 e Fevereiro e Junho de 2004, integraram o *corpus* do nosso trabalho¹³. Reunimos, desta forma, cento e dez artigos.

Esta documentação foi posteriormente submetida à técnica de investigação de análise de conteúdo, apoiada numa análise semântica da informação, retendo os excertos que considerámos especialmente elucidativos da construção e da aplicação que o grupo Ku Klux Klan faz dos conceitos de “fatalismo”, “optimismo”, “revolução”, “raça”, “religião”, “classe”, “género” e “sexualidade”, assim como das representações de “povo eleito de Deus”, “profecias bíblicas” e “instituições políticas e sócio-culturais”. Paralelamente, centrámos a nossa atenção nas imagens visuais, perspectivadas como representativas da génese, das práticas rituais e dos propósitos ideológicos do Ku Klux Klan.

Em síntese, a estratégia metodológica adoptada aproxima-se das propostas de Daniels – uma investigação de tipo qualitativo, associando a análise substantiva à elaboração teórica, de forma a expor os mecanismos retóricos e a lógica perniciosa e insidiosa do discurso de supremacia branca (141).

Na prossecução dos nossos objectivos, este trabalho apresenta-se dividido em quatro capítulos, o primeiro dos quais relativo às considerações iniciais, que visam fornecer um enquadramento geral do mesmo. Apresentamos aqui a génese, a metodologia da investigação e a estrutura do trabalho, enunciando o problema central e as principais questões que o orientam.

¹² Este líder sucedeu a David Duke, um dos dirigentes mais mediáticos na História do Ku Klux Klan do século XX e actualmente “objecto” de análise no meio científico.

¹³ Tivemos muitas dificuldades em aceder em 2004 ao *site* de Thomas Robb, já consultado em 2003, por ter sido entretanto alterado para <<http://www.kkk.bz>>. Este obstáculo inesperado e inexplicável exigiu uma intensa pesquisa que resultou em muitas tentativas frustradas até obtermos o novo endereço. Alertamos para o facto de o mesmo poder ocorrer com os outros *sites*.

O capítulo segundo pretende analisar a experiência colonial puritana, para perceber como a ética e a retórica do Puritanismo foram determinantes para a construção de uma América única, utópica e mítica.

Numa primeira parte, debruçar-nos-emos sobre as fundamentações subjacentes à auto-classificação dos Puritanos como povo eleito de Deus, designadamente na sua (re)construção do corpo humano como ícone vivo.

Numa segunda parte, focalizaremos a atenção no modo como a iconoclastia puritana construiu figuras de preconceito e concebeu as violências figurativa e literal enquanto actos sagrados para a concretização do Éden no Novo Mundo, conciliando conceitos da elite teocrática com elementos folclóricos da sociedade americana do século XVII. Evidenciaremos a forma como a iconoclastia puritana se incorporou na confissão da figura histórica de Tituba no Processo das Bruxas de Salem, concentrando-nos para tal na manipulação dos conceitos de “Bem” e de “Mal” e da imagem do Diabo e das suas criaturas malignas.

Numa terceira parte, reflectiremos sobre as Jeremiadas puritanas enquanto formas de lamento sobre os erros americanos e ritos de consenso em torno da ideologia da terra de eleição e da profecia da grandiosidade americana. Incidiremos na visão milenarista puritana, preconizadora de uma revolução contida para expurgar a América e a reencaminhar segundo os desígnios divinos primordiais.

O capítulo terceiro corresponde à análise teórica e prática do discurso do Ku Klux Klan divulgado na Internet para demonstrar como este grupo recupera, reproduz e actualiza as concepções da ética e da retórica puritanas, que alimentam o mito da América como terra de eleição de Deus, com o propósito de fundamentar a sua intervenção na sociedade americana.

Num primeiro momento, focaremos os modos subtis como o Ku Klux Klan “reescreve” a sua História, define o seu movimento, classifica e hierarquiza os seus membros e explica as suas práticas rituais, com o intuito de camuflar a sua imagem criminosa e de promover os valores e as virtudes do *status quo*, preceituados pelo Puritanismo americano.

Num segundo momento, questionaremos os argumentos do Klan que designam os WASP como o verdadeiro povo eleito de Deus através de justificações bíblicas, reactualizando a auto-consagração individual e social dos Puritanos “santificados”.

Num terceiro momento, desvendaremos as estratégias do Ku Klux Klan, que constroem figuras de preconceito enquanto “criaturas profanas” na sociedade americana, justificando o recurso a formas de violência figurativa e literal com determinados passos

bíblicos. O Klan emerge então como um veículo tangível de expressão colectiva de ansiedade, legitimado pela “urgência” de vigilância e de controlo sobre essas figuras do “Mal”, que desencaminham os Americanos “eleitos” por Deus.

Num quarto momento, problematizaremos a visão jeremias da realidade do Ku Klux Klan que propõe um projecto de sociedade com raízes puritanas, transpondo-as de forma sinistra para os dias de hoje. Com o propósito de preparar a América para a “Segunda Vinda” de Cristo ao mundo, o Klan advoga uma revolução purificadora dos “pecados” que contaminam a terra eleita por Deus, revelando-se como uma forma extrema de Americanismo.

As considerações finais deste trabalho são apresentadas no quarto capítulo. Pretendemos aqui sublinhar as principais linhas de argumentação em que convergem a retórica e a ética puritanas e o discurso do Ku Klux Klan nos seus *sites* oficiais, enfatizando os pressupostos em que este grupo assenta. Concluiremos que a “autorização” constitucional relativamente à divulgação da propaganda do Klan na Internet e a tolerância social face à sua promoção da classe média, branca, anglo-saxónica e protestante e à discriminação dos grupos minoritários revelam as fragilidades da sociedade americana, claramente permeável a formas de terrorismo interno.

Dentro da economia do nosso trabalho, convém aqui definir de forma adequada, ainda que sumária, determinados conceitos operativos, a saber, e por ordem de tratamento, “anti-semitismo”, “controlo social”, “discriminação”, “género”, “etnia / etnicidade”, “etnocentrismo”, “minorias”, “raça e racismo” e “sexualidade”.

O conceito “anti-semitismo” será utilizado de acordo com a perspectiva de Chevalier, na obra *L'Antisémitisme. Essai sur la théorie d'un phénomène social*. Palavra inadequada, mas imposta pelo uso, anti-semitismo designa a atitude agressiva para com uma minoria particular, a minoria judaica, ou seja, a hostilidade que, ao longo da História da Humanidade, fez apelo aos motivos mais diversos e se traduziu por comportamentos variados, desde a rejeição e a marginalização social até à própria exterminação. Esta palavra é particularmente escolhida para designar a hostilidade contra os Judeus, que, na época moderna, surge no contexto específico da sua emancipação quando surgem dificuldades económicas, políticas ou sociais. Essa rejeição do grupo religioso judeu exprime-se ora em categorias de pensamento ainda religiosas ora em categorias já laicizadas.

Em *Sociologia*, Horton esclarece que o conceito “controlo social” consiste nos meios e processos pelos quais um grupo ou uma sociedade obtém a conformidade dos seus membros

às suas aspirações. Deste modo, os indivíduos são levados a cumprir os seus papéis sociais da forma esperada.

Qualquer sociedade ou organização social está organizada segundo um sistema de normas, valores, instituições, papéis e estatutos, perante os quais os indivíduos actuam em conformidade ou não. O controlo social assume duas formas: o controlo social interno e o controlo social externo. O primeiro consiste no auto-controlo do indivíduo que interiorizou as normas, valores e padrões de conduta do meio em que foi socializado. O segundo, por um lado, toma a forma de controlo espontâneo ou informal, através da pressão social e dos controlos informais exercidos pelos grupos primários sobre o indivíduo, por outro, designa-se como controlo organizado ou formal, pois exerce-se através dos controlos formais ou dos grupos secundários (instituições sociais) que, com as suas normas e sanções, controlam os indivíduos.

O controlo social apresenta um aspecto negativo – quando adopta sanções que recompensam ou penalizam os comportamentos dos indivíduos, conforme os impelem ou impedem de agir num determinado sentido

No artigo “Discrimination, Concept of”, Wasserman explica que o conceito “discriminação” tem sido recentemente identificado como uma tentativa por parte de indivíduos ou grupos de inferiorizar indivíduos ou grupos pertencentes a outra “raça”, sexo, língua, religião, origem (nacional ou social) ou defensores de opiniões públicas diferentes. A discriminação está na base de todas as formas de exclusão. Existem várias formas e níveis de discriminação, desde as formas passivas (que podem passar, inclusivamente, pela sustentação de uma igualdade em termos formais, que não tem em conta a situação real de desigualdade, gerada pela impossibilidade de acesso a uma situação de igualdade de oportunidades), até às formas activas, tais como o racismo, a intolerância religiosa e as formas exacerbadas de nacionalismo.

A discriminação representa a exclusão de um indivíduo (porque, apesar dos atributos que possa ter, pertence a um determinado grupo socialmente excluído ou desvalorizado) e a noção de que um ser humano é de condição inferior pelo facto de pertencer a um grupo excluído.

A classificação de determinado grupo como excluído depende da forma como esse grupo é encarado pela sociedade global, nomeadamente da existência de modelos de relacionamento inter-cultural marcados pela convicção da existência de formas de cultura

inferiores e superiores, assim como da tendência para recusar a compreensão do indivíduo em si mesmo, sem o confinar imediatamente a um grupo (tendência identificada com a criação de estereótipos e com a existência de formas de classificação que procuram “regular o mundo”). A discriminação traduz, assim, a dificuldade em aceitar a existência da diferença, resultante da tendência para constituir padrões de humanidade e de identidade social narcísicos e amovíveis, conducentes a formas de hierarquização entre diferenças.

A discriminação de indivíduos e grupos pode provocar fenómenos de agressividade ou mesmo violência por parte dos discriminados, como forma de sobrevivência ou de reforço da sua própria identidade, e gerar fenómenos de assimilação, quando os discriminados procuram atenuar a sua diferença, tornando-se semelhantes à sociedade, grupos ou indivíduos que os excluem. Neste caso, a identidade é subalternizada, a favor da sobrevivência, pela via da integração no grupo ou na sociedade dominantes.

Destacamos também as formas de discriminação positiva, cujo objectivo é proteger e acelerar o progresso de indivíduos ou de grupos sociais face a instituições que perpetuam a exclusão e a subalternização ou em sociedades onde não existe, de facto, uma igualdade de oportunidades de acesso a algo considerado como um bem que todos devem usufruir. Estas medidas baseiam-se numa concepção pragmática da igualdade, segundo a qual determinadas iniciativas compensatórias das desigualdades efectivas podem ter de ser tomadas.

No artigo “Género”, Machado esclarece que o conceito de “género” está relacionado com a diferenciação social entre os homens e as mulheres. Em relação à palavra “sexo”, este conceito tem a vantagem de sublinhar as diferenças sociais entre os homens e as mulheres e de as separar das dissemelhanças estritamente biológicas.

Os estudos das relações sociais de género foram profundamente marcados pelo trabalho de investigação desenvolvido pela socióloga feminista norte-americana Jessie Bernard, que, em meados dos anos 40 do século XX, iniciou a abordagem da importância do “género” na organização da vida em sociedade. A obra mais conhecida desta autora, *The Future of Marriage*, visa mostrar como é que o casamento constitui um panorama institucional de solidificação de normas, valores, papéis e padrões de interacção entre o homem e a mulher, que são ideologicamente dominantes e que subjagam e oprimem a mulher. Esse estudo tornou-se uma obra de referência no meio académico, num dos domínios de investigação sobre as relações sociais de género que mais se tem desenvolvido: a divisão

tradicional dos papéis sexuais e as suas repercussões ao nível da família e do trabalho, ou em relação ao domínio privado e ao domínio público.

Em relação ao princípio de que não há apenas uma diferenciação socialmente construída entre homens e mulheres, mas também, e sobretudo, uma desigualdade social, significa que os estudos em função do género pressupõem que as mulheres têm menos recursos materiais, estatuto social e poder e oportunidades do que os homens com quem partilham a mesma posição social. O género é, assim, considerado um elemento que condiciona a posição social dos indivíduos, tal como a classe, os rendimentos económicos, a profissão, o nível de escolaridade, a idade, a “raça”, a etnia, a religião e a nacionalidade. Neste âmbito, têm-se desenvolvido estudos centrados na discriminação e na diferenciação social, em função do género, em diversas áreas da vida em sociedade, tais como, as desigualdades no acesso ao poder e ao emprego e na atribuição de rendimentos salariais.

As diferenças entre os dois sexos são sobretudo socialmente instituídas e não predeterminadas. A diferenciação de comportamentos e de traços de personalidade consoante o género resulta de expectativas socialmente incutidas nos indivíduos desde a infância, pelas quais as crianças são socializadas no sentido de desempenharem diferentes papéis, "masculinos" ou "femininos". Basicamente, trata-se de investigar como é que, ao nível das interações entre os indivíduos, as dicotomias entre o homem e a mulher são construídas e recriadas de um modo permanente.

De acordo com Mason, em *Theories of Race and Ethnic Relations*, a noção de “etnia” ocupa, hoje, um lugar destacado na Sociologia e na Antropologia. Muito comum nas Ciências Sociais americanas a partir dos anos 70 do século XX, para evocar os movimentos sociais identitários das populações urbanas (bairros degradados), a etnicidade, que reflecte uma vontade ou um projecto (defesa de línguas, “costumes” e origens), transpôs-se de alguma forma para o conceito de etnia, assumindo este a dimensão essencialista daquela.

A homogeneização étnica é uma manipulação ou um fabrico ideológico. A partir de uma história vulgar, consciente e assumida, um facto histórico, uma certa particularidade linguística, uma determinada regra de casamento, um certo tipo de vestuário, uma certa forma de ritual, a etnia estabelece-se como um grupo mais ou menos uniforme, evidenciando um conjunto de singularidades. Numa etnia, as singularidades e as regularidades culturais existem. Assim, uma política de sobrevalorização dos seus significados dá coerência e continuidade àquilo que, por si só, é heterogéneo e descontínuo.

Os grupos étnicos tanto induzem a tomada de consciência de uma identidade por parte do grupo, como podem ser hostilizados pelos grupos que detêm o poder no espaço social onde actuam. Daí advém a noção de minoria étnica, ou grupos minoritários, cujos membros são, na maior parte das vezes, discriminados ou prejudicados física e socialmente.

O conceito “etnocentrismo” é designado por Campelo, no artigo “Etnocentrismo”, como uma perspectiva de análise baseada num grupo social, onde se verifica uma tendência para considerar os aspectos, estilos, ideias e valores observados noutros grupos culturais como inferiores, irracionais ou menos naturais e verdadeiros em relação aos aspectos, ideias e valores desse grupo. Esta tendência está sempre presente quando grupos culturais diferentes inter-agem, ou quando o observador de uma determinada cultura provém de uma cultura diferente. Os estudiosos das Ciências Sociais confrontam-se continuamente com este problema e desenvolveram o discurso do relativismo cultural para superar discursos valorativos das práticas culturais e sociais.

Nas sociedades contemporâneas, familiarizadas com o multiculturalismo, falar de etnocentrismo está cada vez mais dependente de relações de poder internas, das “geografias do outro”, podendo dar-se o caso de os discursos anti-etnocêntricos serem eles próprios, por “excesso de compreensão” do “outro”, autênticos exemplos de etnocentrismo sob a capa do discurso “politicamente correcto”.

No artigo “Minoria”, Cabral explica que o conceito “minoria” indica um conjunto mais pequeno em relação a outro ou outros maiores. Também pode designar um subconjunto constante de outro conjunto e inferior a ele pelo número de elementos que contém, distinguindo-se deste por possuir alguma característica diferente, designadamente ideias que diferem em alguns pontos, mas que não ocasionam uma cisão, uma separação dos dois conjuntos. Uma minoria não existe *de per si*, mas apenas em comparação com outros grupos.

Minoria significa, habitualmente, algo de pouca importância, que ocupa um lugar modesto. Minorizar qualquer coisa ou alguém significa atribuir-lhes um valor abaixo do devido, diminuir a sua importância, ou minimizá-los.

Actualmente, o termo minoria designa um grupo de indivíduos que coexistem com um grupo maioritário ou uma maioria, distinguindo-se dele pelas suas particularidades, sobretudo étnicas. Os imigrantes constituem minorias em relação aos autóctones, que estão em maioria relativamente a eles.

As minorias, devido ao número mais restrito de membros que albergam, têm tendência para, serem minorizadas, senão mesmo dominadas, pelas maiorias que com elas convivem. Devido a estas situações, têm surgido, nas últimas décadas, algumas organizações nacionais e internacionais que lutam pela defesa das minorias, no sentido de estas não serem discriminadas.

Há casos de situações agudas em que as minorias propõem projectos alternativos ou tomam atitudes que as maiorias em que estão inseridas consideram desviantes em relação às suas normas, entrando em conflito. No entanto, determinadas minorias gozam de estatutos privilegiados, geralmente porque detêm poder político ou económico, por vezes religioso, militar ou social.

Com o propósito de explicar os conceitos “raça” / “racismo”, Matalon refere, no artigo “Raça, Racismo”, que a raciologia, ou o estudo das raças, remonta a França, ao século XVIII. Num primeiro momento, “raça” é uma classificação da Botânica, e depois da Zoologia. A sua aplicação ao Homem remonta ao século XVII, referindo-se então à linhagem e começando a esboçar-se como uma doutrina social. Tendo Deus criado um universo completo, essa plenitude exige que haja um intermediário entre todos os níveis que compõem a cadeia dos seres. O homem branco está no topo dessa escala, o homem negro em baixo e os grandes símios no ponto mais alto da escala dos animais.

No séc. XVIII, prevalece a ideia da existência de “raças” hierarquicamente distintas, embora haja uma divergência quanto à respectiva origem – enquanto que os monogenistas acreditam que a descendência de Adão e Eva (o casal original) se diferenciou ou por degenerescência do tipo branco original ou pela melhoria da civilização, os poligenistas defendem a criação separada das diferentes “raças”, uma vez que recusam o relato proposto pelo Génesis. Mas, em geral, monogenistas e poligenistas aceitam a ideia de “raças” distintas e de uma hierarquia entre estas.

Entre 1750 e 1870, os geólogos descobrem que a teoria bíblica dos 6000 anos não resiste às suas investigações. Afinal, os homens contam a sua evolução em milhões de anos. Doravante, prevalece apenas a necessidade de preservar a pureza da “raça”. No século XIX, a Europa é apologista da divisão do género humano em “raças” superiores e inferiores, baseando-se, para tal, na análise biológica e genética das diferenças. Formam-se assim subdivisões para as “grandes raças”: os Norte-Africanos, considerados inicialmente como Brancos, tornam-se uma “raça” à parte, e, no que diz respeito aos Brancos, distinguem-se as

“raças” nórdica, alpina e mediterrânica, tendo cada uma as suas características próprias (Taguieff, “O Anti-racismo em Crise”).

Tais argumentos são hoje fortemente criticados; porém, persistem formas de diferenciação, de hierarquização e de rejeição, mas geralmente culturais e não biológico-genéticas. Neste sentido, a “raça” é hoje perspectivada não como uma realidade natural, mas sim como uma construção social, onde, para além da “objectiva” diferença física, é importante analisar o significado “subjectivo” que lhe é atribuído.

Os sociólogos procuram compreender como é que se chega a uma hierarquia racial através de critérios morfológicos, caracteres genéticos e / ou características culturais, averiguando porquê e como se adere a esta concepção consoante os indivíduos, os grupos sociais, os lugares e as épocas, entre outros.

Em *A Ideia de Raça*, Banton parte do princípio que “as ideias dominantes (de qualquer época) não são mais que a expressão ideal da relação material dominante” (93). Embora a “raça”, a classe e a nação sejam ideias políticas originadas pelas estruturas económicas e políticas subjacentes, há que destacar dois aspectos: o sentimento de nacionalidade, para além de ser uma ideia propagada pela classe dirigente, é influenciado, entre outros, pelos limites geográficos, pela língua comum, pela cultura e pela aparência exterior; e a importância da dimensão biológica na noção de “raça” demonstra que os seus contornos ultrapassam a mera ideia política.

O racismo reporta-se ao preconceito que é vincado entre indivíduos a partir das diferenças e traduz-se na manifestação, implícita ou expressa, de juízos de inferioridade ou de superioridade de uns em relação aos outros (Matalon).

Relativamente ao conceito “sexualidade”, na obra *Sociologia*, Giddens sublinha que, sendo as práticas e os prazeres sexuais acompanhados de sentimentos e representações específicas, o que se poderia considerar de “desvios sexuais” em determinada época ou lugar deixam de o ser noutros espaços temporais.

O comportamento sexual, no Ocidente, foi sobretudo moldado pelo Cristianismo. A Igreja cristã considerava-o apenas como uma necessidade confinada à procriação. Esta atitude gerou, ao longo dos tempos, por um lado, um extremo puritanismo e, por outro, atitudes e práticas que contrariavam os ensinamentos da Igreja (por exemplo, o adultério). Mesmo no século XIX, com o avanço da Medicina, as concepções de ordem médica demonstraram ser tão austeras quanto as opiniões da Igreja.

Desta forma, “as atitudes diferentes perante as actividades sexuais do homem e da mulher (sociedade mais permissiva para o homem e intransigente para com a mulher) formaram um padrão duplo que persistiu por muito tempo e cujos resíduos ainda se mantêm” (239).

A proliferação dos discursos sexuais, o progresso da contracepção, o florescimento da união livre e o efeito do feminismo, da igualdade democrática, da extensão do trabalho assalariado feminino, são alguns aspectos da evolução dos países ditos desenvolvidos, que condicionam os comportamentos sexuais e a forma de viver a sexualidade.

Sem dúvida que as atitudes face à sexualidade se tornaram mais permissivas no último quarto do século vinte na maior parte dos países ocidentais. Mas, actualmente, alguns autores questionam-se se a libertação sexual desencadeada nas décadas de 60 e 70 do século XX não estará a ser posta em causa, na sequência do medo provocado pela disseminação do vírus da sida, que poderá, por um lado, revalorizar aspectos como a virgindade e a fidelidade e, por outro, condenar determinadas formas de exercício da sexualidade.

Outros conceitos operativos serão ainda contextualizados e aclarados no corpo do nosso trabalho, nomeadamente: “Predestinação”, “*manifest destiny*”, “*Covenant*”, “povo eleito de Deus”, “vida ascética”, “iconoclastia puritana”, “poder patriarcal”, “*visible saints*”, “*American Israelism*”, “Bem”, “Mal”, “*True Americans*”, “*False Americans*”, “sagrado”, “profano”, “violência santificada”, “ordem hierárquica rígida”, “ira correctiva”, “pureza moral”, “figuras de preconceito”, “Jeremiada”, “fatalismo”, “optimismo”, “empreendimento social”, “rito de consenso”, “rebelião”, “Revolução controlada”, “Milenarismo”, “Apocalipse”, “*Armageddon*”, “Anti-Cristo” e “Soldados de Cristo”.

Com este trabalho, ambicionamos sobretudo despertar a reflexão acerca do legado puritano no discurso de supremacia branca do Ku Klux Klan e descortinar a falácia e a perniciosidade subjacentes aos seus argumentos, assumindo-o como um primeiro contributo que apenas consiste numa das diversas abordagens possíveis sobre este fenómeno.

PARTE 2

**O PURITANISMO E A CONSTRUÇÃO DE UMA AMÉRICA
ÚNICA, UTÓPICA E MÍTICA**

2.1. A Consagração dos WASP como Povo Eleito de Deus

Segundo Max Weber, os Puritanos consideravam-se a “aristocracia que, com o seu *character indetebilis*, estava separada por um fosso do resto da humanidade eternamente condenado” (104). De acordo com a doutrina calvinista, presente na ética e na retórica puritanas, todos estavam vaticinados para o Bem ou para o Mal e a salvação eterna era só para os eleitos de Deus. Sublinhamos que o Puritanismo abraçava assim a noção de Predestinação, na qual a prosperidade nas vidas pessoal e comunitária e o sucesso económico eram um sinal da preferência divina. Porém, essa eleição também reclamava responsabilidade, reflexão e supressão de comportamentos imorais, ociosos e auto-indulgentes, incompatíveis com uma existência terrena que se pretendia incondicionalmente ascética.

No Novo Mundo, a missão puritana não consentia incertezas na realização da Promessa de Deus. Na sua obra *The American Jeremiad*, Bercovitch salienta que o Baptismo era concebido como um sinal fiável de Graça¹⁴. No Sião americano, enquanto local sagrado, a noção de compromisso compreendia a eleição como uma reafirmação da sua visão profética, um apelo à unidade numa declaração de singularidade (66-67).

Em 1630, John Winthrop, líder do êxodo puritano para *New England*, anunciou no sermão “A Model of Christian Charity” este sentido utópico de unidade e de eleição dos que cumpririam o seu *manifest destiny* na terra prometida por Deus, a “Nova Jerusalém”: “The Lord will be our God, and delight to dwell among us as His own people, and will command a blessing upon us in all our ways, so that we shall see much more of His wisdom, power, goodness and truth, than formerly we have been acquainted with” (255). Ao deslocar o espaço divino para a sua colónia, Winthrop proclamou a profecia puritana de grandiosidade e de felicidade da América como Paraíso Terrestre (Elliott 193-95).

¹⁴ Este ponto de vista sobre o Baptismo era hegemónico e não era o único. Os Puritanos entravam ocasionalmente em contradição; contudo, perante qualquer dilema, recorriam à sua teoria da excepcionalidade puritana. Retoricamente, esta solução salvaguardava a “sobrevivência” da sua missão, na passagem turbulenta de geração em geração, até ser concluída (*Idem*).

Neste sermão, considerado por Delbanco como “a kind of Ur-text of American literature” (72), a imagem do corpo humano revelou-se fundamental na anunciação do elo entre Deus e o Seu povo eleito.

Nesta dimensão da retórica puritana de Winthrop, a comunidade da *Massachusetts Bay Company*, para além do seu carácter secular corporativo, era representada como um corpo físico religioso vivo, detentor de uma natureza espiritual. Interessa-nos salientar que a sua Igreja podia crescer e regenerar-se, por ser orgânica, transcendente, sustentada por actos de caridade e movida pela graça divina.

No amor mútuo, constante, os Puritanos descobriam “the unique wholeness their social body enjoyed. But achievement of that full life required that every individual member experience a spiritual metanoia” (Dawson 6). O momento da conversão era assim “[. . .] the most profound and sacred in a saint’s life and it became the focus of constant analysis and introspection. Much time and anxiety were invested [. . .]. [. . .] their unceasing concern with salvation earned for the Puritans a reputation of moral rigor” (Conn 16).

Através da conversão, a integridade perdida por Adão no Paraíso era concedida por Cristo aos seus eleitos. Como escreveu Winthrop:

Adam in his first estate was a perfect model of mankind in all their generations, and in him this love was perfected in regard of the habit. But Adam rent himself from his creator, rent all his prosperity also from one another; whence it comes that every man is born with this principle in him, to love and seek himself only, and thus a man continueth till Christ comes and takes possession of the soul and infuseth another principle, love to God and our brother. And this latter having continual supply from Christ, as the head and root by which he is united, gets the predomining in the soul, so by little and little expels the former [. . .]. Now when this quality is thus formed in the souls of men, it works like the spirit upon the dry bones. (“A Model” 221)

Nesta atitude voluntária de submissão incondicional, os Puritanos ambicionavam apreender o poder divino, de forma a transformar a sua impotência casual em actividade enérgica e inabalável. Quando devidamente assimilada, esta técnica permitia a repetição desse procedimento sempre que a corrupção humana os confinava a um torpor espiritual, sedento do rejuvenescimento concedido pela reconversão. Ao humilharem-se perante Deus, os eleitos renovavam a confiança na Sua soberania e restabeleciam a reivindicação puritana de partilha do poder divino. A sua Fé não poderia ser mais eficiente e a reafirmação do amor de Deus preparava-os para qualquer contenda (Cohen 151-270).

Dawson sublinha que a ordem social puritana hierarquicamente rígida¹⁵, promovida no sermão de Winthrop, emanava dos textos de S. Paulo: “God’s equipping individuals with different capacities and calling them to the offices in which they are to serve the church’s well being” (16). Deste modo, a caridade harmonizava a diversidade criada pelos desígnios de Deus. O estatuto social moralmente superior dos Puritanos implicava deveres e actos de auto-sacrifício, que eram imitações do amor divino:

The definition which the scripture gives us of love is this: Love is the bond of perfection. [. . .] For patterns we have that first our Savior who out of His good will in obedience to His father, becoming a part of this body, and being knit with it in the bond of love, found such a native sensibleness of our infirmities and sorrows as He willingly yielded Himself to death to ease the infirmities of the rest of His body, and so healed their sorrows. From the like sympathy of parts did the apostles and many thousands of the saints lay down their lives for Christ. (Winthrop, “A Model” 220)

Como se depreende das palavras de Winthrop, o corpo como organismo social agia para o bem de todos os seus membros, que beneficiavam ciclicamente dos frutos do seu trabalho: “[. . .] among the members of the same body, love and affection are reciprocal [. . .]. The mouth is [. . .] to [. . .] mince the food [. . .] for [. . .] all the other parts of the body, [. . .] the other parts send back [. . .] for [. . .] the mouth. [. . .] So is it in all the labor of love among Christians” (*Ibidem* 222). Nesta imagem do corpo, Winthrop repudiava a ética utilitária, ao insistir que a alma era inacessível para a razão. Uma efectiva transformação da alma só era conseguida quando os afectos eram inflamados pelo amor.

A pirâmide social aqui referenciada procedia da cultura inglesa: a estratificação social inflexível da Inglaterra pré-industrial era uma (re)imposição de Deus no mundo. A imagem de uma comunidade enquanto entidade política, um mesmo corpo interdependente (“*Body Politic*”), foi apregoada pelos Puritanos americanos de modo exagerado a partir de um autêntico jogo de espelhos (Middleton 246-61).

Assim como a saúde do corpo de um indivíduo era preservada pela integração dos seus poderes físicos e mentais, o bem comum do corpo social só era resguardado pelos esforços altruístas dos seus diferentes membros, distantes, mas mutuamente dependentes: “In its allocation of duties and circulation of benefits, the body had long been taken as a microcosm

¹⁵ No que diz respeito a esta hierarquia inflexível, Schudson esclarece que, apesar de não ser tão pronunciada como a de Inglaterra, era assumida como uma hierarquia natural de diferentes graus e exemplifica: “[. . .] when the Puritans entered church for Sunday service, they found their seats assigned by a church committee according to their social rank in the community. [. . .] Society was small, it was conducted by personal relations, and these relations invariably served to reassert the naturalness of social distinction” (19).

supplied by nature to teach the pattern of social responsibility set out in the sermon's 'Modell'" (Dawson 17). Neste sentido, Winthrop propunha a transformação do desejo corporal em espiritual: "[. . .] he gives us a glimpse of his hope that man can truly be remade from a creature of onanistic self-delight into an image of a generous God" (Delbanco 74).

Winthrop reiterava as afirmações de S. Paulo, aludindo à reciprocidade no seio da Igreja. Como os tendões ou outros ligamentos do corpo natural, também a caridade respondia às necessidades de uma sociedade santa:

[. . .] Christ and His church make one body. [. . .] All the parts of this body being thus united are made so contiguous in a special relation as they must needs partake of each other's strength and infirmity; joy and sorrow [. . .]. 1 Corinthians: 12.26: "If one member suffers, all suffer with it, if one be in honor, all rejoice with it". ("A Model" 220)

Destacamos que a figura da integridade social de Winthrop – "We must be knit together in this work as one man [. . .] always having before our eyes our community as members of the same body" (*Ibidem* 224-25) – emergia não só da ciência política e da jurisprudência, mas também do legado eclesiástico de S. Paulo, relativamente à figura do Corpo da Igreja: a sua analogia entre o corpo humano e o corpo político ensinava que os que se unificavam pelo laço da caridade constituíam uma sociedade verdadeiramente íntegra, transcendendo o espaço e o tempo. Apesar das múltiplas reinterpretações da Igreja Medieval, essa analogia explicava a diversidade do corpo político, as diferenças específicas dos seus membros, a necessidade da multiplicidade de funções dos órgãos e a importância da cooperação entre esses elementos (Dawson 8).

Segundo Zakai, a acção política e social da comunidade de *Massachusetts Bay Company* foi moldada pelo universo puritano da imaginação sagrada, que se revelou fundamental na construção da sua teocracia¹⁶. A sua demanda radical ambicionava um universo teocrático, no qual cada esfera da vida humana deveria ser reconstruída sob a Palavra Sagrada de Deus. Na sua tão desejada utopia, os Puritanos ansiavam transformar o mundo no Reino de Deus, através da fundação única de um sistema de governo social e político. Nessa

¹⁶ Bercovitch assevera que, apesar de o termo "teocracia" ser contestado por alguns historiadores recentes, a sua utilização é pertinente, uma vez que os Puritanos o aplicavam repetidamente, não para indicar um governo de elementos da Igreja, mas sim a harmonia entre o *minister* e o *magistrate* nas questões religiosas e estatais (*The American Jeremiad* 3). Os *ministers* exerciam uma poderosa influência sobre as suas congregações, mas a sombra inquisitorial de Roma ainda estava presente na memória puritana. Os conselhos destes membros eram frequentemente solicitados e venerados pela comunidade, porém a autoridade permanecia intacta nas mãos dos *laymen* (Morgan 95-96).

teocracia, Cristo regeria o Estado e a Igreja. A imaginação sagrada puritana patrocinou as reformas sociais, políticas e religiosas. O sistema político dos Puritanos instituído na América foi determinante para o sucesso na realização das suas reformas e da sua missão providencial (1, 4-8).

Desta forma, a teocracia significava literalmente uma sociedade de santos, na qual os seus membros teriam de obedecer a determinados pré-requisitos: “[. . .] theocratic government entailed [. . .] a refusal of any privileges on property, heredity, or wealth. The sole prerequisites for membership in the body politic were sainthood, holiness, and saving grace” (*Ibidem* 8). Os Puritanos concluíram que aqueles que governavam também eram corrompidos pelo pecado e, por isso, o governo deveria ser limitado a fim de se assegurar os direitos individuais¹⁷. A exclusividade dos membros veneráveis da Igreja inflamou directamente a exclusividade do seu sistema político.

A estrutura organizacional, que aliava os corpos político e religioso, assemelhava-se à concepção eclesiástica puritana, como se depreende das palavras de Winthrop: “It is by a mutual consent [. . .] to seek out a place of cohabitation [. . .] under a due form of government both civil and ecclesiastical. [. . .] The end is to improve our lives to do more service to the Lord [. . .]. [. . .] We are entered into covenant with Him for this work” (“A Model” 223, 224).

O termo *covenant*, para além do significado bíblico e político, adquiria uma conotação económica, devido à sua utilização frequente na prática comercial (Michaelson 85-95). Realçamos que a palavra *corporation* não surgia no sermão, mas o vocábulo *company* revelava um conteúdo semelhante na declaração de Winthrop: “We are a company professing ourselves fellow members of Christ [. . .]” (“A Model” 223).

A ética puritana advogava os valores individualistas e os traços de personalidade compatíveis com o mercado económico. Os moralistas puritanos conjugavam os seus esforços no sentido de promoverem a comunhão entre o bem comum e o individualismo ético, salientando que esta era uma autêntica expressão dos princípios puritanos fundamentais (Frey 1-7). A devoção puritana a uma vocação manifestava-se nos seguintes valores: disciplina no trabalho, moderação, responsabilidade pessoal, honestidade e poupança. Esta atitude era motivada por uma interpretação particular da teologia calvinista, em que cada indivíduo era chamado por Deus para uma vocação e a diligência nessa vocação poderia providenciar a

¹⁷ Este tipo de pensamento colonial puritano antecipou claramente os equilíbrios e as ressalvas da Constituição Americana. A redescoberta da autêntica ética puritana enriquece o estudo da ética económica e da própria cultura americana (Frey 7,9).

evidência, mas nunca a prova, de que era um dos eleitos de Deus¹⁸. Assim, os negócios estavam imbuídos de intensidade religiosa, decorrente da incerteza no destino eterno. O sucesso material poderia simultaneamente confirmar a vocação e a reputação espiritual. A doutrina da vocação era a fonte do individualismo puritano no campo económico, pois a alma individual ajuizava a vontade de Deus no que dizia respeito à sua vocação. Isto sugeria que aqueles que eram desafiados deveriam mensurar as suas respostas, atendendo às suas próprias circunstâncias (Weber 60-64, 88-94).

Dawson sublinha que as três instituições da Colónia – a igreja reunida, a unidade política e a corporação comercial da *Massachusetts Bay Company* – estavam fundidas nas figurações do corpo humano tão recorrentes em “A Model of Christian Charity” (8). Winthrop explicava, neste sermão, que:

There is no body but consists of parts and that which knits these parts together gives the body its perfection, because it makes each part so contiguous to others as thereby they mutually participate with each other, both in strength and infirmity, in pleasure and pain. [. . .] The several parts of this body, considered apart before they were united, were as disproportionate and as much disordering as so many contrary qualities or elements, but when Christ comes and by His spirit and love knits all these parts to Himself and each other, it is become the most perfect and best proportioned body in the world. (220)

Retenhamos, por enquanto, este elemento fundamental: a comissão especial de Deus na América era implicitamente um *Covenant*, composto por um corpo religioso, político e económico, que coagia os eleitos a estabelecerem relações recíprocas e perpétuas. As comunidades eram então fundadas de acordo com princípios transcendentais e Deus era testemunha e abonador desses acordos. Nesta rede de laços contratuais, o comportamento individual e colectivo era regulado pelas normas do Puritanismo (Allen, “Alexis de Tocqueville” 1-12).

A teologia do *Covenant* glorificava os Puritanos ao postular que Deus prorrogava a Sua promessa de reconciliação e de possibilidade de Graça¹⁹. Como realçou Winthrop: “[. . .] there is now set before us life and good, death and evil, in that we are commanded this day to

¹⁸ Obviamente, nenhum Calvinista poderia apreender a sua eleição, visto que esta dependia inteiramente da Graça Divina (Elmes 40). Esta assunção denota a relevância da teoria da predestinação na sociedade puritana.

¹⁹ Bercovitch, Brown, Cohen, Elmes, Morgan, Schneider e Wickham são alguns dos muitos autores que se debruçam sobre a relevante temática do *Covenant* entre Deus e os Puritanos fundadores do “Novo Éden” na América, e que convergem no mesmo ponto de vista (cf bibliografia secundária).

love the Lord our God, [. . .] and to love one another, [. . .] to walk in His ways and to keep [. . .] the articles of our covenant with Him” (“A Model” 225).

Constatamos que o carácter de excepcionalidade dos Puritanos tinha assim de se manifestar numa forma de vida rigorosamente ascética e numa percepção da sociedade caracterizada pela intransigência e severidade²⁰. A imposição de exigências desmedidas à natureza humana era justificada pelo empenho reivindicado pela sua missão. Deus, o Estado e a Família esperavam por diligências que condenassem exemplarmente todas as transgressões, todos os resquícios de mundaneidade. A moral e a ética puritanas constituíram-se como cultura dominante, o *status quo*, que salvaguardava o papel de redenção para os WASP (a classe média, branca, anglo-saxónica, Protestante e masculina) e os posicionava como verdadeiros ícones vivos de Deus (Crasnow and Haffenden 30-31).

Subjacente a esta imagem do corpo humano (re)construído e promovido enquanto ícone vivo podemos descortinar determinadas concepções relacionadas com a interpretação puritana das formas materiais que se nos afiguram pertinentes para a análise do nosso objecto de estudo. Adoptamos a terminologia ícone, neste contexto, à luz da posição crítica da autora Kibbey, como se verá no desenvolvimento deste capítulo.

A retórica e a iconoclastia puritanas compreendiam o conceito de figura como uma forma material dinâmica ou um modo de interpretar a figura humana como forma corporal viva ou imagem artística. Apesar de os iconoclastas puritanos rejeitarem todas as imagens, acreditavam profundamente no poder dos ícones. A sua iconoclastia concebia os seres humanos como formas materiais, manifestando uma verdadeira obsessão na correcta utilização destas categorias que em tudo se assemelhavam. Assim, os iconoclastas puritanos eram ídolos verdadeiros, “imagens vivas”, que se contrapunham aos ídolos da arte sacra, no seu significado religioso enquanto formas materiais. Na doutrina calvinista, os sacramentos protestantes eram a arte icónica viva:

What Calvin favors are “images” that are “living iconic” [. . .]. The Protestant icon is the actual performance of religious rites such as the Lord’s Supper: what one sees as the participants enact the sacramental events and other church rituals. The living and iconic images of the sacrament [. . .] are an art superior to all images in the church. [. . .] His choice of *iconicas* (meaning “exact image”) emphasizes the artistic realism that informs his concept of an image. (Kibbey 45-46)

²⁰ Para um aprofundamento do estilo de vida dos Puritanos, consultar Carrol and Nobles, Middleton, nomeadamente os capítulos “Massachusetts: A City on the Hill” e “The Struggle for Orthodoxy”, Morgan, Rinaldi e Schneider.

A oposição protestante à transubstanciação centrava-se na materialidade imutável do pão sacramental, enquanto objecto comum da vida quotidiana. A teoria calvinista do objecto sacramental definia potencialmente a sociedade puritana como corpo místico. Os corpos humanos eram reduzidos ao estatuto de objectos materiais porque a teoria sacramental interpretava a conversão dos seres humanos de acordo com o paradigma da conversão do pão: “Calvin adopts Paul’s rhetoric of Christians as ‘bread’ [. . .]. [. . .] The individual only participates in a religious collective subject that transcends human limits, uniting Christians to [. . .] Christ and to other ‘members’ of the [. . .] body [. . .], who act as living icons” (*Ibidem* 52-54). Na Eucaristia, a substituição de “corpo” por “pão” era uma metonímia que indicava aquilo que não era “‘discernible to the eye’ in the ‘visible sign,’ the spiritual presence of Christ” (*Ibidem* 55). Ao substituir um substantivo pelo outro, ao (re)classificar o visível, a metonímia localizava a invisível, mas verdadeira presença de Cristo no mundo material. Enfatizando os seres humanos, as palavras e os objectos como figuras sagradas, Calvino realçou as suas formas materiais dinâmicas no modo como estas “exibiam” e concretizavam a presença espiritual.

Salientamos que os Puritanos eram assim formas físicas visíveis²¹, os “*visible saints*” que tencionavam realizar na “Nova Jerusalém” a imagem bíblica da “cidade visível”, recuperada por Winthrop no seu sermão: “For we must consider that we shall be as a city upon a hill” (“A Model” 225). A sua imagem de cidade anunciava o sentido de coesão e de plenitude dos eleitos que viveriam numa comunidade espiritual ascética, como membros do mesmo corpo, manifestando a sua fé numa Igreja Invisível: “[. . .] the particular Visible Churches [. . .] were supposed to be as congruent as possible with the Invisible Church, the all – inclusive body of God’s Elect” (Cohen 140).

Esta imagem da comunhão eterna entre Cristo e os Puritanos também irrompeu no sexto sermão da obra *Treatise Concerning the Lord’s Supper* de Edward Taylor:

He is altogether lovely in everything, lovely in His person, lovely in His natures, lovely in His properties, lovely in His offices, lovely in His titles, lovely in His practice, lovely in His purchases and lovely in His relations. [. . .] Now this is the Bridegroom, and His love doth mostly show itself in this feast, wherein He feasts the souls of His upon His own flesh and blood most royally served up [. . .]. Oh! how should the soul choose but love Him that hath received this wedden attire of Him. (354-55)

²¹ Para aprofundar a reflexão em torno da “prevailing rhetoric of vision”, consultar Crasnow and Haffenden (35).

Creemos que este sermão privilegiava a preparação da alma para o encontro com Cristo no sacramento da Eucaristia. De forma extravagante, Taylor transformou essa hipótese teológica de uma relação directa e pessoal num encontro autêntico e exuberante, fruto de um acto simétrico de dedicação²². A espiritualidade puritana, enraizada no desejo físico e espiritual de união com Deus, resultava assim pelo recurso a metáforas sobre natureza e casamento. Os sacramentos visíveis representavam promessas, cunhos, como as assinaturas ou os selos num contrato. Receber os sacramentos significava receber o corpo de Cristo. A preparação para a Eucaristia implicava um dever duplo metafórico: o “eleito” teria de se auto-examinar e de constatar o corpo de Cristo nos sacramentos. A este propósito, Lane refere que as relações de *Covenant* entre Deus e os seres humanos e entre marido e mulher assumiam uma posição de prioridade sobre qualquer proveito egoísta dos conceitos de natureza e de casamento. Esta ânsia era o sinal mais credível de Graça divina. (1).

Delineando paralelismos entre os Puritanos e os Judeus do Antigo Testamento, Winthrop, como exemplo de fé e líder de um corpo secular e religioso, profetizou a missão do povo eleito de Deus, ecoando as palavras bíblicas de Moisés aquando da sua partida para a Terra Prometida: “And to shut up this discourse with that exhortation of Moses, that faithful servant of the Lord, in his last farewell to Israel, Deutoronomy 30” (“A Model” 225).

Segundo Holstun, o recurso frequente a determinados passos do Antigo e do Novo Testamento foi decisivo para a construção do *American Israelism* na missão colonial puritana. O arquétipo europeu da população deslocada (a Nação Hebraica) foi redescoberto para a concretização do projecto utópico dos WASP eleitos (35-37). Estes eram os actores no último acto da peça divina, na qual a epopeia puritana seria declamada. Entendemos que a procura incessante nas Sagradas Escrituras de textos relevantes para as suas necessidades particulares permitiu-lhes descobrir as suas semelhanças com os Israelitas ancestrais. Além da veneração da autoridade bíblica, os Puritanos almejavam o reconforto e os conselhos de um povo que aparentemente viveu a mesma experiência. Bercovitch, em *The Rites of Assent*, conclui que: “the covenant of national election flowered, and the elected nation of Jeremiah, Isaiah, and John the Divine became incarnate in the [...] American Israel” (83).

Esta questão é proeminente na obra puritana *Magnalia Christi Americana* de Cotton Mather, na qual Winthrop é sublimemente comparado às figuras do Antigo Testamento de Moisés, de Neemias, e de José, enquanto líderes políticos e religiosos do Povo Eleito de Deus:

²² Conn e North decompõem as temáticas predominantes nos poemas mais conhecidos de Taylor. Algumas são comuns a este sermão não tão analisado academicamente como a sua obra poética.

[. . .] when the noble design of carrying a colony of chosen people into an American wilderness was [. . .] undertaken, this eminent person was, by the consent of all, chosen for the Moses [. . .]; and indeed nothing but a Mosaic spirit could have carried him through the temptations [. . .].

[. . .] But whilst he thus did, as our New English Nehemiah, the part of a ruler in managing the public affairs of our American Jerusalem, when there were Tobijahs and Sanballats enough to vex him, [. . .] he made himself still an exacter parallel unto that governor of Israel, by doing the part of a neighbour among the distressed people of the new plantation. [. . .] the governor was the Joseph, unto whom the whole body of the people repaired when their corn failed them, and he continued relieving of them with his openhanded bounties, as long as he had any stock to do it with. (387,389)

Em termos gerais, defendemos que a retórica puritana era dramática, exortativa e engenhosa, mas insistia, ao mesmo tempo, num “*plain style*” efectivo para que o discurso complexo das Escrituras e da teologia não permanecesse afastado da vida quotidiana dos santos “visíveis”. Assim, estes podiam compreender e viver a Verdade. O sermão “A Model of Christian Charity”, por exemplo, aproximou-se directamente dos seus ouvintes, “despertando-os” e preparando-os para receber Cristo (Conn 12-14). Ao (re)construir o corpo humano como ícone vivo, Winthrop tencionou aproximar os eleitos do seu Criador numa época conturbada e profundamente marcada por novas e dramáticas emoções.

Este sentido utópico de eleição dos Puritanos e de grandiosidade da América foi também reiterado por Cotton Mather em 1692, na obra *The Wonders of the Invisible World*:

The New Englanders are a people of God settled in those, which were once the devil’s territories; and it may easily be supposed that the devil was exceedingly disturbed, when he perceived such a people here accomplishing the promise of old made unto our blessed Jesus, that He should have the utmost parts of the Earth for His possession. [. . .] all those attempts of hell have hitherto been abortive, many an Ebenezer has been erected unto the praise of God by his poor people here; and having obtained help from God, we continue to this day. (374-75)

Nesta concepção da colonização, na qual o corpo humano se afigurava como ícone vivo, emergiram a ideologia da terra de eleição e a profecia na glória americana. De acordo com Bercovitch, os WASP puritanos, no seu exílio profetizado pela Providência divina, ambicionaram consubstanciar o Reino de Deus na América, tendo como fim último a redenção de toda a Humanidade “eleita” (“*Fusion and Fragmentation*” 19-22).

Os conceitos específicos e as noções alargadas de “Predestinação”, “a América como a Terra Prometida por Deus”, “*manifest destiny*”, “*Covenant*”, “povo eleito de Deus”, “vida ascética”, “corpo humano como ícone vivo”, “iconoclastia puritana”, “poder patriarcal”,

“*visible saints*”, “*American Israelism*” e “sentido utópico de eleição dos Puritanos e da grandiosidade da América” serão retomados nos capítulos 3.1. e 3.2., através da análise da respectiva apropriação pelo Ku Klux Klan. A concepção puritana do “*Covenant*” entre Deus e a comunidade dos Seus “eleitos”, composta por um “corpo religioso, político e económico”, será particularmente manipulada por este grupo de supremacia branca, conforme veremos no capítulo 3.1.

2.2. Os *True* e os *False Americans* – O Antagonismo entre o Sagrado e o Profano

Os Puritanos profeticamente eleitos auto-definiam-se como *True Americans*, sentindo uma profunda ansiedade face a tudo o que se afastasse dos desígnios divinos da América. As forças profanas foram classificadas como *False Americans* e, como tal, deveriam ser enfrentadas. Interessa-nos aqui sublinhar o modo como o abismo entre o sagrado e o profano foi acentuado pelos “santos visíveis” com o intuito de concretizarem o Éden.

A concepção puritana do “Bem” e do “Mal” era visível nos sentimentos de intolerância e nos actos de violência em relação a todos os que eram considerados como não eleitos de Deus. Neste sentido, Kibbey salienta que:

The violent destruction of artistic images of people developed into a mandate for sacrosanct violence against human beings, especially against people whose material “image”, [. . .] differed from the Puritan’s man’s own. The association between prejudice and violence of iconoclasm was strengthened by seventeenth-century concepts of prejudice. [. . .] religious violence and prejudicial acts of material harm were inseparable: Prejudice was violent and this violence was holy. (2-3)

A ética e a retórica radicais da teocracia puritana concebiam assim as violências figurativa e literal como actos espirituais para a transformação do mundo em Paraíso Terrestre:

[. . .] the Puritans privileged themselves as the sacramental material objects that determined signification. As living icons [. . .], they became the privileged source of meaning, the exemplary material object. Hereafter, the counterpart false images they destroyed would have to be living or natural images [. . .]. The mentality of the iconoclast is further reflected in the need to destroy [. . .] the material shape in order to destroy its power. (*Ibidem* 103)

Os líderes civis e religiosos da *Massachusetts Bay Colony* manifestavam o propósito teocrático de construção de uma sociedade sagrada sob a égide de um contrato divino. No entanto, as figuras de preconceito aliadas a “Satan and his army of demons and crew of witches” (Dorson 15) pretendiam destruir a sua comunidade de santos. Como tal, a relação entre a elite teocrática e o folclore popular – “providences, judgments, apparitions, specters, witchcrafts, poltergeists, compacts with the Devil” (*Idem*) – foi claramente estreitada pela linguagem da violência “santificada” de forma a revelar as conspirações diabólicas, subversoras da comunidade bíblica consagrada por Deus.

Segundo Seligman, a iconoclastia puritana, potenciada pelos *WASP* eleitos, não dispensava a preservação das fronteiras da “pureza moral” no seio da comunidade e as derivadas viciosas dessa premência manifestavam-se nas relações sociais. A permanente inquietação sobre a “pureza moral” provocava simultaneamente um desassossego em relação à possibilidade de “poluição” que, por sua vez, era uma causa basilar de conflitos, guerras e perseguições. O código sagrado dos Israelitas ancestrais classificou os erros morais como formas de “poluição” moral. No Antigo Testamento, as questões rituais não podiam ser isoladas da concepção de “pureza moral” (1-2). Obedecendo a estes preceitos, os Puritanos instituíram uma separação drástica entre os santos regenerados e os pecadores incorrigíveis, vivificada num quotidiano repressivo e punitivo.

Os membros escolhidos por Deus estavam convictos de que quanto mais a sua colónia prosperava, mais vulnerável se tornava às incursões do Diabo e dos seus agentes. Convém reter que os obstáculos por estes colocados foram de tal modo intensificados que os Puritanos, manifestamente alarmados, acreditaram que as figuras do Mal tinham compreendido o significado sagrado da “Nova Jerusalém” e que estavam predispostas a arruiná-la. Neste período de conflito cósmico, as disputas decorrentes não impediam a adopção da missão puritana, uma vez que não eram causas de dúvida, mas sim sinais de esforço redobrado: uma suposição poderia ser testada, mas a fé nunca deveria ser refutada. À medida que o desespero se disseminava, os eleitos revelavam mais obstinação nas suas contendas, veementemente ilustradas por Cotton Mather na sua obra *The Wonders of the Invisible World*:

An army of devils is horribly broke in upon the place which is the center, and after a sort, the first-born of our English settlements: and the houses of the good people there are filled with the doleful shrieks of their children and servants, tormented by invisible hands, with tortures altogether preternatural. [. . .] If the devils now can strike the minds of men with any poisons of so fine a composition and operation, that scores of

innocent people shall unite, in confessions of a crime, which we see actually committed, it is a thing prodigious, beyond the wonders of the former ages, and it threatens no less than a sort of dissolution upon the world. [. . .] it will be a thing little short of miracle, if in so spread a business as this, the devil should not get in some of his juggles, to confound the discovery of all the rest. (375-76)

Os Puritanos alicerçaram os seus princípios religiosos, sociais, políticos, legais e morais na Bíblia, a obra cuja autoridade ditava os modos de erigir o reino de Deus no mundo. A missão puritana seria, porém, forçosamente árdua: determinados princípios encorajavam cisões; outros refutavam as formas de as prevenir no seio da comunidade (Morgan 80-83). A comissão atribuída por Deus impunha julgamentos tenebrosos e incessantes. Os eleitos tinham de escrutinar não só as suas almas em busca de sinais de Graça divina, mas também as almas de todos os outros habitantes. A sua arrogância elitista conferia-lhes santidade e, simultaneamente, condenava a maioria da população à pena eterna.

Como muitos Puritanos afiançavam, a autoridade dos líderes provinha directamente de Deus. Estes incorporavam a superioridade material, intelectual e moral que lhes permitia exclusivamente apreender a Vontade divina e traduzi-la para os menos habilitados. Realçamos que tanto no Novo Mundo, como no Céu, uma ordem hierárquica obstinada dividia a sociedade e colocava cada indivíduo, desde o mais insignificante até ao mais prestigiante, numa determinada posição e com um propósito predestinado. A desigualdade social era uma importante manifestação da mão criativa de Deus e uma indicação da sua intenção de criar na Terra um sistema de organização social que reproduzia a estrutura do seu próprio universo. A ética puritana, enquanto força social influente, mediava todas as experiências da vida colonial, “[. . .] giving form to the laws and systems of government and church organization, supplying substance and imagery to intellectual discourse and ordinary conversation, and providing inspiration and meaning to the lives of every inhabitant” (Wickham 938).

Na sua obra *The American Jeremiad*, Bercovitch salienta que a vigilância na sociedade puritana foi assim consagrada como forma exemplar de controlo social. A retórica da Provação assumiu o papel de visionária e de crítica social: o *visible saint*, legitimamente aflito, transformou-se num cidadão emblemático; e o Deus da Justiça, ressentido com os *False Americans*, lançou sobre estes a sua ira correctiva (52-60).

Das figuras de preconceito, destacava-se a “raça” negra, sobretudo pela percepção puritana relativa à tez escura, como: “the curse of Ham, the swarthy son of Noah condemned for his sins” (Carroll and Noble 53). Esta metáfora bíblica reforçava os preconceitos culturais

em relação a *Blackness*, conotada como diabólica, suja, inferior e símbolo de pecado. De uma perspectiva cristã, os Africano-Americanos não tinham religião nem quaisquer relações espirituais com o Deus verdadeiro e, deste modo, “they were mere heathens who worshipped devils disguised as Gods” (*Idem*).

A “pureza racial” era advogada como um fim supremo, em que um zelo sibilino opunha o auto-proclamado povo eleito de Deus aos “títeres” manipulados por Satã. Na óptica puritana, a cultura africana ignorava a ordem e a organização procedentes das instituições tradicionais da “raça” branca. Os Africano-Americanos vestiam roupas diferentes, a sua música e a sua dança obedeciam a ritmos muito invulgares, a sua comida era exótica, em suma, estes assumiam uma forma de vida selvagem, incompreensível para a cultura “branca”²³. A hostilidade dos Puritanos face à cultura africana denunciava os seus receios profundos de desordem, de impulsos pecaminosos e de debilidade dos constrangimentos sociais, ou seja, acusava as ansiedades que estes manifestavam sobre si próprios (Carroll and Noble 52-53).

Estas noções eram utilizadas como justificação para a escravatura, concebida enquanto instituição missionária ou forma de salvar as almas do Diabo (Middleton 311-18). Os Africano-Americanos eram considerados como uma “raça” inferior, apenas apta para o trabalho laboral. A moralidade da escravatura era, por isso, raramente questionada²⁴.

A intolerância e os preconceitos dos Puritanos também se exibiam nas relações conflituosas com as populações nativas, percepcionadas como “those wild and cruel pagans” (Carroll and Noble 54). As incursões puritanas esgotaram progressivamente as relações iniciais pacíficas entre os Nativos Americanos e os *Pilgrims*. As guerras entre Brancos e Nativos eram exemplos de “a restive racism that justified a policy of genocide” (*Idem*), como a Guerra Pequot, em 1636, que manifestou a dualidade Deus vs. Satã na cruzada sagrada dos eleitos contra os Nativos condenados. Aliando-se astuciosamente a tribos rivais, os Puritanos lançaram uma ofensiva em larga escala sobre os Pequot. Em 1637, uma parte substancial da

²³ Para um estudo pormenorizado do modo de vida dos Africano-americanos no período colonial puritano, consultar Middleton (319-34).

²⁴ De acordo com Conn (20-21) e Baym (356), o juiz Samuel Sewall expôs notavelmente o primeiro tratado abolicionista americano na sua obra *The Selling of Joseph: A Memorial*. Mas essa era uma posição isolada, que o demarcou dos seus contemporâneos puritanos.

nação Pequot morrera ou fora aprisionada e entregue ao mercado escravo das Caraíbas. Posteriormente, o mesmo destino trágico foi sentenciado a outras tribos²⁵.

Como Weir enfatiza, “the Puritans transformed ‘petty squabbles’ into a cosmic struggle of good and evil in the wilderness” (163). Constrangidos pela sua cosmologia bipolar, os Puritanos desrespeitavam a diversidade cultural. O estilo de vida “selvagem” dos Nativos Americanos era classificado de Satanismo. As raízes deste confronto racial eram, porém, tanto religiosas como materiais: a cruzada espiritual camuflava a cobiça das terras economicamente importantes e do lucrativo comércio internacional de peles (*Ibidem* 163-64).

A atitude preconceituosa relativamente aos Nativos Americanos assomava nestas palavras de William Bradford, na obra *Of Plymouth Plantation*:

[. . .] some of those vast and unpeopled countries of America [. . .] are fruitful and fit for habitation, being devoid of all civil inhabitants, where there are only savage and brutish men which range up and down, little otherwise than the wild beasts of the same. [. . .] it was a great design and subject to many unconceivable perils and dangers [. . .]. [. . .] those which should escape or overcome these difficulties, should yet be in continual danger of the savage people, who are cruel, barbarous and most treacherous, being most furious in their rage and merciless where they overcome; not being content only to kill and take away life, but delight to torment men in the most bloody manner that may be; flaying some alive with the shells of fishes, cutting off the members and joints of others by piecemeal and broiling on the coals, eat the collops of their flesh in their sight whilst their live, with other cruelties horrible to be related. (168-69)

Em 1675, depois de uma incursão de Nativos Americanos à comunidade de Lancaster, Mary Rowlandson foi raptada, tendo permanecido onze semanas e cinco dias cativa das tribos Wampanoag, Nipmuck e Narragansett. Após a sua libertação, Rowlandson narrou a sua experiência na obra *A Narrative of the Captivity and Restoration of Mrs. Mary Rowlandson*. Na concepção puritana, o cativo representava a prova e o julgamento divinos. Enquanto prisioneira, Rowlandson aceitou o seu julgamento como obra de Deus: “[. . .] I hope I can say in some measure as David did, ‘It is good for me that I have been afflicted.’ [. . .] I have learned to look beyond present and smaller troubles, and to be quieted under them. As Moses said, ‘Stand still and see the salvation of the Lord’ (Exodus 14.13)” (329-30).

O seu sofrimento, isolamento e privações faziam parte do plano divino. O mundo selvagem era um Inferno figurativo e literal, visto que tanto significava uma oportunidade de

²⁵ Para um aprofundamento dos episódios conflituosos entre os Puritanos e os Nativos Americanos, consultar Axtell, Morgan e Schneider. No que diz respeito às controvérsias que envolviam a “conversão pacífica” dos Nativos Americanos, Holstun analisa o projecto utópico puritano de John Eliot na sua obra *The Christian Commonwealth*.

redenção como uma possibilidade de destruição. Os Nativos Americanos eram figuras imprevisíveis, assustadoramente impulsivas:

[. . .] Little do many think what is the savageness and brutishness of this barbarous enemy.

[. . .] Those seven that were killed at Lancaster [. . .] were slain and mangled in a barbarous manner. [. . .] I was so weak and feeble, that I reeled as I went along, and thought there I must end my days at last, after my bearing and getting through so many difficulties. The Indians stood laughing to see me staggering along; but in my distress the Lord gave me experience of the truth [. . .]. They made use of their tyrannical power whilst they had it; but through the Lord's wonderful mercy, their time was now but short. (*Ibidem* 301,317,322)

Rowlandson aspirou à ordem puritana, o único desígnio edificante, que lhe exigia uma constância moral e emocional. Perante o caos, a sua fé na intervenção de Deus concedeu um significado a eventos aparentemente arbitrários. A sua identidade de *visible saint* foi purificada pela sua experiência tenebrosa. A sua narrativa reflectiu a convicção puritana na consagração divina da sua colonização e na “selvajaria” dos Nativos Americanos. Ao rejeitar a cultura dos seus raptos “profanos”, Rowlandson pactuou com o etnocentrismo da sociedade puritana (Dietrich 427-37).

De acordo com Schneider, a violência “santificada” também era exercida sobre os agentes externos religiosos, que procuravam “minar” a construção da utopia puritana. Os Quakers, Anabaptistas, Anglicanos e Metodistas espalhavam a sua propaganda à medida que formavam as suas congregações. Estas ignoravam o significado de *Holy Commonwealth*: os seus apelos cingiam-se apenas à valorização da paz e da segurança. Por contraste, tudo o que a sociedade sagrada exigia era a não interferência nos desígnios de Deus e, ao mínimo distúrbio, os seus opositores eram perseguidos sem limites e sem escrúpulos²⁶ (67-73).

Por sua vez, os Católicos eram designados de “papistas”, um termo pejorativo, com conotações religiosas e políticas, uma vez que os Puritanos consideravam o Papa “a good candidate for the anti-Christ” (Frahm 87). A retórica radical e a iconoclastia puritanas manifestavam-se contra a idolatria profana da Igreja Católica Romana. Desprezando as orações e as abstinências dos padres católicos, os Puritanos almejavam ser membros produtivos, aptos para estimular a regeneração da sociedade e para salvaguardar a actividade prática e intensa.

²⁶ Niemczyk refere que os partidários destas congregações eram obrigados a pagar impostos mais elevados, mas a condenação mais infligida era o seu banimento (2).

Da mesma forma, os Judeus, enquanto população deslocada, eram considerados pelos Puritanos como “an amorphous and threatening mob, the ‘beast with many heads’” (Holstun 35), que se designava, errónea e pretensiosamente, como povo eleito de Deus. Contudo, o legado deste “bode expiatório” hebraico revelou-se, ironicamente, como “the raw material for constructing an eternal commonwealth” (*Idem*). A retórica puritana incitava à conversão dos Judeus como forma de apaziguar os ressentimentos divinos relativamente a todos os males que assolavam e corrompiam a terra prometida aos seus verdadeiros eleitos, os Puritanos americanos.

Sublinhamos o facto de as atitudes dos Puritanos face a diferentes “raças”²⁷ e grupos religiosos demonstrarem “the ethnocentric basis of their godly utopia” (Carroll and Noble 57), promotora de uma *White Supremacy* descomedida. Porém, as perseguições não se confinavam a estes *False Americans* – nas próprias comunidades puritanas, todos os que se desviavam do percurso missionário apontado pelos *Pilgrim Fathers* teriam de enfrentar a condenação sentenciada pelos “*visible saints*”, de acordo com a lei de Deus.

Uma vez que os Puritanos pretendiam conceber uma comunidade “pura”, a vigilância sobre elementos corruptos foi implacavelmente exercida. Os *WASP* eleitos promulgaram decretos que manifestavam a intransigência da sua ética e da sua moral. Entre outras “traições” à missão puritana, a blasfémia, o consumo excessivo de álcool, as apostas, o comportamento sexual desviante e as formas “lascivas” de entretenimento (como o teatro, a dança e a música) eram severamente punidos (Middleton 86-87).

Apesar das noções populares sobre a discrição da sexualidade puritana, estes colonos também apreciavam o prazer físico. Rinaldi confirma que os Puritanos eram “pessoas como nós, exceptuando o facto de as suas leis serem mais estritas e de terem de ser mais imaginativos para não serem apanhados” (228). O conceito puritano de sexualidade “legitimada” era bastante limitado. Segundo apurámos, episódios de comportamentos, que atentavam contra as normas da sociedade, sobejavam nos processos judiciais, que mostravam julgamentos e condenações incessantes por crimes sexuais, cometidos tanto por casados como por solteiros.

²⁷ A título de exemplo, Niemczyk documenta que os preconceitos racistas puritanos também se repercutiam no próprio local de culto: os lugares dos fiéis eram designados por um comité, que atribuíam os melhores ao *minister* e à sua família e remetia os Africano-americanos e os Nativos Americanos “convertidos” para os lugares mais desconsiderados, geralmente nas galerias do segundo andar (3). A cisão espacial ilustrava a cisão espiritual.

No artigo “Ordering Principles: The Adjudication of Criminal Cases in Puritan Massachusetts, 1629-1650”, Schweber investiga e categoriza os diversos conceitos de crimes enquanto rupturas da ordem das diferentes esferas da vida social:

A. Violence and Deceit: [. . .] murder, rape, theft, fraud, assault, arson; B. Order in the Court: [. . .] failure to appear (as juror, witness, party), vexatious suits, penalty adjustments, appeals, abuse of process, nonreturn of warrants; C. Breach of the Calendar: [. . .] breach of Sabbath, failure to attend meeting, failure to attend services, and the declaration of days of thanksgiving and humiliation; D. Order in the Public Square: [. . .] drunkenness, sumptuary laws, railing, cursing, swearing, light carriage; E. Breach of Regulation: [. . .] wage and price regulation; sale of liquor; weights and measures; commerce with Indians; commerce with servants; commerce with foreigners; extortion and usury; neglect of watch or training; pound breach; breach of safety rules; restrictions on travel, building [. . .]; F. Speech: [. . .] Speech could be punishable because it offended on religious or political grounds, because it was personally offensive or slanderous, or because it was disorderly (swearing, cursing, etc.); G. Sexual Misconduct: [. . .] cases of premarital sex, fornication, lewd and lascivious conduct, bestiality, homosexuality, “ravishing.”; H. Order in the Household: [. . .] offenses that related to matters of marriage, family relations, and relations between servant and master. (4)

Schweber apresenta as consequentes penas, concluindo que as acções entendidas como necessárias para a restauração da ordem social ditavam a severidade das punições impostas²⁸:

1. Minor punishments: [. . .] admonitions, orders that a defendant provide a bond to ensure subsequent good behavior, the imposition of token fines (less than 10s.), orders that defendants seek private correction (usually from ministers) to learn better ways, orders that defendants rejoin their spouses, orders that defendants give an accounting of their time, etc.; 2. Fines: [. . .] significant fines (10s. or more), orders to pay restitution, or extensions of servants’ period of service, which was recognized to have a quantifiable monetary value; 3. Humiliation: [. . .] orders that defendants publicly acknowledge fault, being banned from office, disenfranchisement, orders that defendants stand in the marketplace wearing a sign indicating their fault, or spending time in the stocks; 4. Physical punishments: Whipping, imprisonment, and binding a free man into service for term of years [. . .]; 5. Capital punishment: Not only the death penalty, but brandings, mutilation, and exile are included in this category of irreversible punishments. [. . .] exile was treated as among the most extreme available remedies. (5-6)

Na literatura americana colonial, encontramos autênticos registos históricos sobre os atentados à “pureza moral” na “Nova Jerusalém”, relatados com pormenores repletos de vivacidade. Por exemplo, em 1642, William Bradford, na obra *Of Plymouth Plantation*,

²⁸ Esta posição é confirmada por Krauss na sua análise incisiva do sistema judicial do período colonial puritano.

apresentou um caso escandaloso de bestialidade e o respectivo castigo “exemplar”, aplicado em nome de Deus, de modo a derrotar as “incursões” de Satanás:

Thomas Granger [. . .] was this year detected of buggery, and indicted for the same, with a mare, a cow, two goats, five sheep, two calves and a turkey. Horrible it is to mention, but the truth of the history requires it. [. . .] he not only confessed the fact with that beast at that time, but sundry times before and at several times with all the rest of the forenamed in his indictment. And [. . .] his free confession was not only in private to the magistrates (though at first he strived to deny it) but to sundry [. . .]; and afterwards, [. . .] to the whole Court and jury; and confirmed it at his execution. [. . .] And accordingly he was cast by the jury and condemned, and after executed about the 8th of September, 1642. A very sad spectacle it was. [. . .] The cattle were all cast into a great and large pit that was digged of purpose for them, and no use made of any part of them. (198)

Na teocracia puritana, a discussão teológica nunca poderia pôr em causa os fundamentos dos *WASP* eleitos²⁹. Assim, todas as posições do puritano Roger Williams não eram permitidas. Ao questionar se algum ser humano poderia determinar a pureza espiritual das outras almas humanas, Williams criticava a hipocrisia presente na Igreja e, neste sentido, advogou a separação entre santos e pecadores, Igreja e Estado. No âmbito das teorias puritanas de perfeição, tais posições tinham lógica. Contudo, revelavam-se como impraticáveis numa sociedade que defendia a uniformidade religiosa. Além disso, Williams tinha “estranhas” opiniões amigáveis em relação aos Nativos (Crasnow and Haffenden 36-37). Como tal, as autoridades de Massachusetts baniram-no. Em 1636, John Winthrop apresentou a justificação para a punição de Williams no seu *Journal*:

[. . .] he did use to entertain company in his house and to preach to them, even of such points as he had been censured for; and it was agreed to send him into England by a ship then ready to depart. The reason was because he had drawn above 20 persons to his opinion and they were intended to erect a plantation about the Narragansett Bay, from hence the infection would easily spread into these churches (the people being many of them much taken with the apprehension of his godliness). [. . .] a pinnacle was sent [. . .] to apprehend him and carry him aboard the ship [. . .], but when they came at his house they found he had been gone 3 days before, but whither they could not learn. (227)

Da mesma forma, Anne Hutchinson, Puritana conhecida pela sua posição de *Antinomianism*, deslocou a ênfase colocada no comportamento moral advogada pelos

²⁹ Para aprofundar os momentos históricos de rotura interna da comunidade puritana, nos quais os dissidentes Roger Williams e Anne Hutchinson foram os protagonistas, consultar Delbanco (118-48), Kibbey (105-18, 183-196), Morgan (115-54) e Schneider (54-67).

Puritanos para a pureza espiritual. Apesar da consistência ideológica das suas afirmações, Hutchinson foi submetida a um julgamento longo e penoso, tendo sido expulsa da Igreja e banida da comunidade em 1638 (Middleton 89-92). Para além de ser vista como dissidente na sociedade puritana, também era uma mulher com actividade intelectual, o que, segundo a concepção puritana, ameaçava as mentes femininas, desequilibrando-as. Na sua antologia *The American Puritans. Their Prose and Poetry*, P. Miller apresenta-nos um extracto do *Journal* de John Winthrop, que nos elucida sobre o modo como a autoridade masculina se manifestava nessa percepção do corpo feminino:

[April 13, 1645] Mr. Hopkins [. . .] came to Boston and brought his wife with him, [. . .] who was fallen into a sad infirmity, the loss of her understanding and reason, [. . .] by occasion of her giving herself wholly to reading and writing, and had written many books. [. . .] For if she had attended her household affairs and such things as belong to women, and gone out of her way and calling the meddle in such things as are proper for men, whose minds are stronger, etc., she had kept her wits and might have improved them usefully and honourably in the place God had set her. (Winthrop 44)

Segundo Lutes, as concepções puritanas do corpo feminino exploravam “the interplay of body and mind, religion and science, experience and ideology” (309). O poder patriarcal dos *WASP* participava activamente na restrição das interpretações do corpo feminino. Nas categorias de género e de sexualidade, a permeabilidade entre o folclore, o ritual religioso e o científico era acentuada³⁰. A definição cultural da natureza feminina corroborava os papéis tradicionais da mulher na sociedade, consubstanciados na dicotomia inflexível da mulher Jezebel, sexualmente “devoradora”, e da mulher “dona-de-casa”, submissa a Deus e ao homem (*Ibidem* 314-19). Se, por um lado, a debilidade e a devoção femininas eram “perfeitas” para amparar os homens na sua busca de perfeição e no seu serviço a Deus, por outro lado, a vulnerabilidade moral e a sensualidade natural endémicas à mulher impunham uma maior vigilância dos seus comportamentos.

Neste sentido, o casamento servia para institucionalizar a sexualidade de forma a perpetuar a propriedade e a genealogia, acentuando simultaneamente a natureza hierárquica das relações humanas na família colonial: os maridos superiores às mulheres, as crianças subservientes aos pais. Carroll and Noble salientam que enquanto instrumento de controlo

³⁰ Numa abordagem histórica e filosófica, Lockridge e Porterfield estudam as relações de género e de poder na América do século XVII, contribuindo para a compreensão do modo como o poder patriarcal se auto-preservou nos períodos de intensa crise social.

social, a família inculcava as exigências sociais, enfatizando os benefícios da supressão das emoções, da paixão moderada, de uma aparência plácida. Estas atitudes coincidiam com um ponto de vista da sociedade puritana que sublinhava a “harmonia” e a interdependência (62). Esta concepção foi advogada por Cotton Mather, na sua obra *Bonifacious*:

[. . .] With my married people, I will particularly leave a good note, which I find in the Memorials of Gervase Disney, Esq. ‘Family passions cloud faith, disturb duty, darken comfort.’ You’ll do the more good unto one another [. . .]. When the husband and wife are always contriving to be blessings unto one another, I will say [. . .] O happy marriage.

Parents, Oh! how much ought you to be continually devising, and even travailing, for the good of your children. Often devise: [. . .] how to render them lovely, and polite creatures, and serviceable in their generation. (400-01)

Na sociedade puritana, a fraqueza e a dor físicas no corpo feminino representavam o castigo infligido por Deus, justificado pelos seus pecados, pela sua depravação moral enquanto seres inferiores. O aborto espontâneo e as crianças com malformações revelavam a natureza pecaminosa dos seus progenitores. Esta acusação era representativa da forma como a autoridade masculina se imbuía nos espaços femininos supostamente privados e isolados (Wickham 942-47).

Quando Hutchinson deu à luz um pretenso “monstro” e quando, mais tarde, foi assassinada juntamente com os seus filhos por Nativos Americanos, John Winthrop exaltou a vingança perfeita de Deus no seu *Journal*:

[. . .] Mrs. Hutchinson [. . .] after her time was fulfilled that she expected deliverance of a child, was delivered of a monstrous birth. [. . .] we may see how dangerous it is to slight the censures of the church; for it was apparent that God had given them to give up to strange delusions.... [. . .] The Indians near the Dutch [. . .] came to Mrs Hutchinson [. . .] and [. . .] killed her [. . .] and all her family [. . .]. These people had cast off ordinances and churches, and now at last their own people, and for larger accommodation had subjected themselves to the Dutch and dwelt scatteringly near a mile asunder. (231-32)

Como Lutes sublinha, assim como uma mãe estava sujeita à condenação pelas produções “imperfeitas” do seu útero, também uma escritora poderia ser julgada pelas produções do seu cérebro. Estes actos de ruptura femininos colocavam as mulheres em risco de serem condenadas e / ou estigmatizadas por serem mães, dissidentes religiosas ou escritoras (337).

Para uma comunidade que acreditava em figuras divinas e diabólicas, a Bruxaria era um fenómeno assustador, elucidativo de um profundo receio de condenação eterna. As acusações de bruxaria culminaram no sinistro Processo das Bruxas de Salem em 1692: “Beset by anger or guilt for the failure to fulfill traditional obligations, people accused one another of collaborating with the devil to destroy the social order” (Carroll and Noble 65). Este clima de suspeita, de perseguição e de morte revelava “the messianic temperament of its proponents, their aggressive search for truth and profound disillusionment at failure” (*Idem*), ilustrado, por exemplo, nas palavras de Cotton Mather em relação ao julgamento de Martha Carrier, uma das vítimas do logro histórico potenciado pelos eleitos:

Martha Carrier was indicted for the bewitching certain persons, according to the form usual in such cases, pleading not guilty to her indictment; there were first brought in a considerable number of the bewitched persons who not only made the court sensible of an horrid witchcraft committed upon them, but also deposed that it was Martha Carrier, or her shape, that grievously tormented them. [. . .] This rampant hag, Martha Carrier, was the person of whom the confessions of witches, and of her own children among the rest, agreed that the devil had promised her she would be Queen of Hebrews. (*The Wonders* 377, 379)

Ao delinear paralelismos com os julgamentos de McCarthy dos anos cinquenta, Arthur Miller ilustrou de forma memorável a natureza bizarra da tragédia de Salem, tanto na sua peça de teatro *The Crucible*, como no seu argumento para o filme com o mesmo título, realizado em 1996. Porém, Hill salienta que: “[. . .] the real story is more agonizing as well as more intricate. The suffering was on a vast scale, comprising not only spectacular anguish but enduring daily despair” (XVI)³¹.

Neste sentido, pretendemos sobretudo contribuir para a compreensão do modo como a iconoclastia puritana se imiscuiu na caça às bruxas mais violenta da História dos Estados Unidos da América³². Para tal, centramos aqui a nossa atenção no papel da figura histórica da escrava Tituba no Processo das Bruxas de Salem³³, acentuando a forma como a sua confissão relutante de práticas de bruxaria conciliou elementos das concepções inglesa, africana e

³¹ Para um estudo dos factos históricos e dos elementos fictícios da obra *The Crucible*, de Arthur Miller, consultar Burns e Kauffman.

³² Para um aprofundamento das diversas interpretações que procuram explicar este episódio histórico, consultar Middleton, nomeadamente o sub-capítulo “The Salem Witchcraft Trials”, Lockridge, McMillan, Miguel, Mixon e Seligman.

³³ Para aprofundar a reflexão em torno dos seus principais intervenientes, da sequência dos acontecimentos, das acusações e dos julgamentos das pessoas que foram executadas, consultar Hill, Rinaldi e Wall.

indígena do mundo oculto e do folclore popular com conceitos da elite teocrática puritana, entre os quais se destacam as imagens do Diabo e do seu “exército” de forças malignas.

De acordo com Breslaw, a confissão de Tituba “became a model for others desperate to save their lives. Although many details in their stories were transformed by Puritan fantasies, fears and cultural biases, the inspiration for and frame work of their accounts of witchcraft stemmed from Tituba’s story” (536). Na sua confissão, a escrava índia americana convenceu as autoridades de Salem que o Diabo tinha invadido a sua comunidade de “santos visíveis”: “Tituba supplied the evidence of a satanic presence legally necessary to launch a witch-hunt” (*Idem*). A sua credibilidade, fragilizada por ser mulher e índia, adquiriu verosimilhança nos julgamentos pelos detalhes fantásticos provenientes do sistema de crenças puritano e pelo facto de a sua autora ser uma figura de preconceito, uma forma material maligna: “behind a servile camouflage, Tituba was a woman of imagination and will. [. . .] ‘as an outsider’ in Puritan society, Tituba symbolized Puritans fears and ironically she used that imagery to her best interests” (Smith 358).

Supostamente proveniente da costa nordeste da América do Sul, Tituba foi levada dos Barbados para Salem pelo Reverendo Parris. Submetida no seu passado a influências índias e africanas e a práticas ocultas e não cristãs, Tituba também integrava e reformulava facilmente as concepções e as técnicas da bruxaria inglesa pertencentes ao folclore dos Puritanos e interpretada por estes de forma providencial. A sua familiaridade com estas três culturas revelou-se nos eventos obscuros de 1692 (Dorson 32-35).

Tituba foi a primeira de três mulheres a ser acusada de bruxaria e a encarar a severidade do tribunal puritano. No início, Tituba declarou-se inocente, mas algum tempo depois confessou ser bruxa. Em Salem, “confession entitled the person to leniency” (Middleton 194). Debruçando-se sobre a sua confissão, Breslaw sublinha determinados traços folclóricos relacionados com as concepções puritanas de forças malignas:

She described the Salem goodwives’ familiars. [Sarah] Good had a yellow bird, a wolf, and a cat. [Sarah] Osborne had a thing with a head like a woman with 2 legs and wings. [. . .] sometimes all three rode on a stick or pole, with Tituba in front. On the second day Tituba confessed to signing her mark in blood in a little book offered her by the “tall man of Boston.” In the book she saw nine marks [. . .]. [. . .] During the second day of her hearing, Tituba [. . .] told them about the devil’s book that the man had wanted her to sign. After suggestive questions about a covenant, her story became more elaborate: The unidentified white man in black had said that he was God and that he wanted her to serve him for six years and to hurt the children. In return, she would be protected from harm and would receive “many fine things”. (540-42)

Determinados a explorarem Tituba como testemunha de acusação, os Puritanos encarceraram-na durante treze meses, mas não a executaram. A sua figura ambígua – vítima, participante activa, bode expiatório e manipuladora dos mais profundos receios puritanos teocráticos – apresentou-lhes “a carefully crafted tale that provided satisfactory answers to the questions in the seventeenth-century mind” (Smith 358). Quando lhe foram exigidos mais suspeitos, Tituba aumentou o número de elementos coniventes com as forças do “Mal”, visto que uma conspiração demoníaca mais abrangente desviaria a atenção de si própria e da conotação diabólica da sua identidade cultural enquanto índia. Do mesmo modo, os detalhes fictícios sobre diversos espectros elevaram a sua credibilidade (*Idem*).

Os tribunais da elite puritana necessitavam de provas de uma conspiração diabólica. Por este motivo, Tituba conjugou práticas folclóricas com o conceito de “Mal” dos Puritanos, que incluía a presença satânica. “She not only told the magistrates what they wanted to hear about the devil’s pact but embellished her story with ideas so strange and new as to convince them of a satanic invasion” (Breslaw 543). As palavras do puritano Cotton Mather permitem-nos compreender a forma como elementos diabólicos inerentes ao folclore inglês se imbuíram no discurso da elite teocrática:

After the mischiefs there endeavored, [. . .] the terrible plague of evil angels hath made its progress into some other places, where other persons have been in like manner diabolically handled. These our poor afflicted neighbors, quickly after they become infected and infested with these demons, arrive to a capacity of discerning those which they conceive the shapes of their troublers [. . .]. [. . .] yea, more than one [and] twenty have confessed, that they have signed unto a book, which the devil showed them, and engaged in his hellish design of bewitching and ruining our land. (*The Wonders* 375-76)

Uma parte do testemunho de Tituba derivava do folclore inglês – cavalgadas nocturnas, marcas de sangue e espectros. O livro, referido na sua confissão, era um artefacto da cultura “branca” e a figura do Diabo provinha da teologia cristã. “The Devil’s covenant was regarded as a tangible document and not a figure of Speech” (Dorson 33). Na sua caracterização de Satã, Tituba recorreu a noções características das crenças índias sobre a fonte do “Mal”: “The [. . .] evil spirit [. . .] was a real person of flesh and blood [. . .]. [. . .] Tituba gave the evil presence substance as a persona, identifiable in her testimony as a white man in distant Boston” (Breslaw 543). À medida que as confissões dos outros suspeitos se

apropriavam de mais elementos da tradição inglesa, “the white man [. . .] became a tawny or black specter. [. . .] the black devil shared the blame with the white one” (*Idem*).

A comunidade puritana, que actuava de acordo com os padrões divinos, atemorizou-se com o “terrifying power of Satan” (Crasnow and Haffenden 38). A evidência dessa inquietação puritana neste período conturbado está presente nas palavras de Samuel Sewall, um dos juízes do Processo das Bruxas de Salem³⁴:

April 11th, 1692. Went to Salem, where, in the Meeting-house, the persons accused of Witchcraft were examined; was a very great Assembly; 'twas awful to see how the afflicted persons were agitated. Mr. Noyes pray'd at the beginning, and Mr. Higginson concluded. [. . .] Væ, Væ, Væ Witchcraft.

Augt. 19th, 1692. This day [. . .] George Burrough, John Willard, Jn^o Procter, Martha Carrier and George Jacobs were executed at Salem [. . .]. Mr. Cotton Mather was there [. . .]. All of them said they were innocent [. . .]. Mr. Mather says they all died by a Righteous Sentence. (*The Diary of Samuel Sewall* 361)

A confissão de Tituba incluía elementos folclóricos europeus semelhantes aos africanos e sul-americanos (Smith 357). Gradualmente, os Puritanos remodelaram as visões de Tituba para que estas se enquadrassem melhor na visão puritana de uma presença satânica (Breslaw 546-7). As dimensões multi-étnicas da confissão de Tituba despoletaram, segundo a leitura puritana, um *plot* diabólico que “led to the death of twenty-four persons and the persecution of countless others” (Smith 357). Iludindo os magistrados, Tituba explorou as crenças mais obscuras da comunidade puritana em benefício próprio. Como Breslaw nos explica:

Her extraordinary fantasy about a satanic presence, based partly on Indian concepts of evil [. . .], and partly on English witchcraft, was sufficiently familiar to be accepted by them. Creatively integrated into their framework of belief, it allowed the Puritans [. . .] to see Tituba as a simple slave trapped by forces beyond her control, a passive victim. Her confession, evidence to the Puritans of a diabolical conspiracy, thus saved her life even as it simultaneously elevated the level of fear. (549)

De facto, Tituba espelhou os *inner demons*, os receios e os anseios da própria elite teocrática puritana face aos elementos que supostamente encarnariam o “Mal”, imbricados na sua figura de escrava índia. Como figura de preconceito, Tituba manipulou as representações

³⁴ Contudo, em 1697, Sewall demarcou-se, de forma meritória, dos restantes líderes puritanos: perante os membros da Igreja apresentou os seus remorsos face à sua posição nos eventos de Salem que vitimaram tantos inocentes (Conn 21).

do “Bem” e do “Mal” que comportavam uma dimensão projectiva dos seus acusadores, reveladora dos seus temores e dos seus consensos em relação às forças do Diabo e das suas forças malignas.

Segundo Hill, a história dos julgamentos de Salem deve ser relembrada, para que os erros do passado não se repitam no futuro:

When we read this story of a community [. . .], struggling for survival in an uncharted realm, riddled with tension, jealousy, and resentment, we will find ourselves in familiar terrain and learn some valuable lessons about the modern predicament. [. . .] There is an urgent need to understand the social and psychological mechanisms that make witch-hunting possible. In searching for the truth about the devils of Salem we shall investigate the demons in all human societies and all human souls. (xi, xviii)

Na nossa perspectiva, a vasta herança puritana de *self-help*, individualismo e ambição pessoal transmitiu, não só *self-discipline*, *self-denial* e rigor moral e intelectual às gerações futuras, mas também uma ética e uma retórica extremistas que separam o “Bem” do “Mal”, atribuem o “Mal” a um “inimigo” e classificam esse inimigo como alvo de violência figurativa ou literal “santificadas”. Hill sugere que: “Such impulses lurk in us all. America’s Puritan legacy gives them dangerous sanction. They can be countered only by constant reminders of our common humanity” (218).

As concepções alargadas e os conceitos específicos reconstruídos e aplicados pelos Puritanos de “Bem”, “Mal”, “*True Americans*”, “*False Americans*”, “sagrado”, “profano”, “violências figurativa e literal”, “iconoclastia puritana e violência santificada”, “ordem hierárquica rígida”, “vigilância e controlo sociais”, “ira correctiva”, “pureza moral”, “figuras de preconceito” e “conciliação entre teocracia e folclore” são veementemente apropriados pelo Ku Klux Klan, tal como demonstraremos no capítulo 3.3. e nos sub-capítulos subsequentes (3.3.1., 3.3.2., 3.3.3. e 3.3.4.).

A concepção puritana de iconoclastia, que acentuou o abismo entre o sagrado e o profano, e os elementos dissidentes da comunidade enquanto figuras de preconceito são também subtilmente abordados pelo Klan, como veremos no capítulo 3.1.

As representações de determinadas figuras de preconceito construídas no contexto colonial puritano, designadamente a “raça” negra, os Nativos Americanos, os Católicos, os Judeus, os culpados de crimes que atentavam contra a “pureza moral” da comunidade de “santos visíveis” (por exemplo, os homossexuais), as mulheres “insubmissas” e os elementos

dissidentes assumirão, nos sub-capítulos já referidos, contornos semelhantes, devido à manipulação que deles faz o Klan.

Neste âmbito, a figura de Tituba no Processo das Bruxas de Salem é veramente relevante, uma vez que nos permite perceber a forma como a sua confissão incorporou elementos das categorias de “raça”, “grupos religiosos”, “sexualidade e identidades de género” e “instituições políticas e sócio-culturais”. Subjacente à argumentação do Klan, que analisaremos nos sub-capítulos aludidos, encontramos o modo pernicioso como este grupo de supremacia branca promove a sua “caça às bruxas”, congregando similarmente essas mesmas categorias.

2.3. As Jeremiadas sobre os Erros Americanos como Ritos de Consenso

Face às criaturas profanas que sombreavam a sua utopia, os Puritanos exprimiam a sua angústia sob a forma de Jeremiadas, “which reviewed society’s errand, stigmatized its declension, threatened (or identified) its punishments, and promised renewal for the repentant” (Crasnow and Haffenden 34). Na retórica puritana, a Jeremiada era concebida como um sermão político, um guia prático e espiritual, ilustrativo da natureza dualista da sua teocracia: a teologia cingia a política e ambas se comprometiam com o progresso do Reino de Deus. Para diferenciar a Nova Inglaterra da Sodoma bíblica, os Puritanos “eleitos” lamentavam a perda do fervor religioso e exortavam à emenda da degeneração moral e social que atentava contra a sua missão³⁵.

A Jeremiada puritana derivava em parte do Livro de Jeremias, uma das obras mais vaticinantes do Antigo Testamento, que se debruçava sobre a vida do Profeta Jeremias. As suas profecias anunciavam a destruição de Judá e de Jerusalém, motivada pela desobediência dos seus habitantes às leis sagradas. As únicas formas de escapar a essa calamidade iminente eram o arrependimento, a conversão e a renovação do *Covenant* entre Deus e os seus eleitos. No Novo Mundo, as Jeremiadas converteram-se numa reminiscência imutável desse *Covenant* (Lamy 50-51).

³⁵ Warner estuda a Grande Migração dos Puritanos e a sua convicção no Mito bíblico de Sodoma para a sua auto-compreensão. A retórica puritana relativa à cidade de Sodoma e a sua linguagem sobre política e disciplina revelam o modo como a imaginação sexual pública do Puritanismo colonial sobressaiu no discurso nacional, de forma singular, se não mesmo controversa.

Nas suas Jeremiadas, Increase Mather protegeu as estratégias da retórica puritana de modo a imunizar a harmonia do sonho utópico dos fundadores da colônia. Bercovitch refere que nos momentos de crise os sentimentos de insegurança eram aplacados pela “Genética da Salvação”, que revitalizava a missão puritana e coadunava “‘the internal evidence’ of generational succession” à profecia bíblica. A “Genética da Salvação” conciliava os *Covenants* heterogêneos da Graça divina e da Comunidade, adaptando a retórica a novas condições sem nunca abandonar a visão puritana original (*The American Jeremiad* 65).

Em 1697, no seu sermão “Man Knows not His Time”, Increase Mather reflectiu sobre a problemática da existência humana. Do modo como era experimentada, a vida resumia-se aparentemente a uma mera crónica de acidentes e de erros, de aflições e de esperanças derrotadas, visto que nenhuma actividade humana garantia a Salvação da alma. Essa narrativa, porém, estava profundamente marcada pelo predicado e pela fúria do seu autor, que, sob uma futilidade superficial, revelou a ordem das verdades eternas:

A man knows not what afflictions shall come upon him whilst on earth. This is true concerning particular persons: they may know in general that afflictions shall attend them in an evil sinful world, but what those afflictions in particular shall be they know not.

[. . .] It is evident, in that all future contingencies are known to God only. [. . .] Future times and contingent events, the knowledge and disposal of them, God reserved to Himself.

[. . .] As to some they are kept in ignorance of their times that so they may with the more comfort and composure of spirit follow the work which they are called unto [. . .]. The terror of what is coming on them would be so dismal to them that they could not enjoy themselves nor take comfort in anything they enjoy. [. . .] So there would be nothing but weeping in many families, weeping in many towns [. . .]. Therefore they must be kept in ignorance thereof until the things come upon them. (185-87,191)

Amiúde, os seres humanos sucumbiam aos desejos carnaís, à luxúria, à ânsia do lucro e aos mais ínfimos prazeres terrenos. Essas tentações eram punidas em qualquer parte, mas, no seio de todos aqueles que tinham sido escolhidos por Deus, as penas eram incomensuráveis: a ingratidão, a solércia, a desobediência e a depravação moral eram implacavelmente vingadas pela Justiça divina. Destacamos como a ansiedade puritana e os paradoxos da sua teologia eram perceptíveis no sermão “Limitation of Government” de John Cotton:

It is [. . .] most wholesome for magistrates and officers in church and commonwealth never to affect more liberty and authority than will do them good, and the people good: for whatever transcendent power is given will certainly overrun those that give it and those that receive it. There is a strain in a man's heart that will sometime or other run out to excess, unless the Lord restrain it; but it is not good to venture it.

[. . .] It is therefore fit [. . .] for the people, in whom fundamentally all the power lies, to give as much power as God in His Word gives to men. [. . .] Let them be duly observed, and give men no more liberty than God doth [. . .] for they will abuse it. The devil will draw them, and God's providence lead them thereunto; therefore give them no more than God gives. (86-87)

Nestes trâmites, o Governo foi imposto à Humanidade por decreto divino, após a queda adâmica, de modo a restringir a devassidão anárquica e imoral. Segundo P. Miller, a emergência do *Covenant* entre Deus e os seus eleitos, apesar de aparentemente voluntária, não autorizava nenhuma evasão; por isso as Jeremiadas estavam imbuídas de um tom exclusivamente pessimista (84-85).

Este fatalismo exagerado é criticado por Bercovitch na sua obra *The American Jeremiad*. De facto, não podemos concordar com P. Miller, uma vez que, de forma exímia, Bercovitch realça a forma como as Jeremiadas puritanas se assumiam simultaneamente como uma denúncia da sociedade e uma reafirmação exaltada e categórica da Fé na sua missão. As Jeremiadas lamentavam os erros americanos e ameaçavam os pecadores com penas severas, mas também apontavam para a esperança e para a celebração, manifestando um optimismo inabalável. A doutrina da vingança acolhia a promessa de felicidade suprema e afirmava perante o mundo a invulnerabilidade da sua causa (1-12). Este ponto de vista é aliás reiterado por Crasnow e Haffenden nesta expressão: “Israel was a notorious backslider, attracting divine vengeance. Untoward events in the colonies could be made into vengeance, and turned to good effect for both explanation and remonstrance” (34).

A dicotomia equilibrada de fatalismo e optimismo ressoava na obra *The Wonders of the Invisible World*, de Cotton Mather:

I believe that never were more satanical devices used for the unsettling of any people under the sun, than what have been employed for the extirpation of the vine which God has here planted, casting out the heathen, and preparing a room before it, and causing it to take deep root, and fill the land [. . .]. But all those attempts of hell have hitherto been abortive, many an Ebenezer has been erected unto the praise of God, by his poor people here; and having obtained help from God, we continue to this day. (375)

Contra as tentativas perpetuadas por Satanás, salientamos que a vigilância social se tornou o expoente máximo da noção puritana de que a preservação da ordem pública era uma responsabilidade colectiva: “Intolerance was clearly present and functional, as a device of social coercion: a means of asserting identity by postulating an ‘other’ as the not-self, and so defining one’s self against it” (Crasnow and Haffenden 36). A conversão social e a salvação fundiram-se num rito de consenso. A identidade individual conciliou-se com o empreendimento social, no qual as Jeremiadas se assumiram como uma forma de socialização, um instrumento eficaz de controlo do *Covenant* sagrado. No seu artigo “How the Puritans Won the American Revolution”, Bercovitch sublinha que:

[. . .] Individually, each believer has the promise of heaven, through what Augustine termed the revolution of the soul toward God. Collectively, mankind is advancing toward New Jerusalem in accordance with God’s redemptive plan, through a series of revolutionary upheavals. [. . .] Revolution opens into an indefinitely self-renewing rite of passage. [. . .] Their city on a hill was a model of controlled progressivism, a closely regulated church-state which never lost sight [. . .] of its role at the vanguard of the revolution that would make America the seat of New Jerusalem. (606-07, 613)

Neste sentido, as atitudes dos Puritanos eram justificadas como uma forma de purificação, uma forma de revolucionar o *status quo* sem o pôr em causa. Partindo de conceitos teológicos, Bercovitch ressalva que:

[. . .] revolution is diametrically opposed to rebellion. Revolution fulfills the divine will. Rebellion is a primal act of disobedience, as Lucifer’s was, or Adam’s. Rebels seek to negate, thwart, and destroy; revolutionaries are agents of the predetermined course of human progress. (*Ibidem* 605)

Realçamos que o acto revolucionário se consubstanciou como um veículo de ordem e de autoridade, para que, de geração em geração, os Puritanos não se desviassem do seu *manifest destiny*. A sua ética e a sua retórica pretendiam reencaminhar todos os que se afastavam dos desígnios divinos. Enquanto estratégia da Jeremiada americana, a revolução assumiu um espírito comedido, cujos objectivos foram ordenados por Deus e eternizados nas Escrituras: a missão puritana era a “Revolução” confirmada por Cristo.

Na sua obra *Magnalia Christi Americana*, Cotton Mather expôs as adversidades colocadas ao Governador John Winthrop e realçou como este as venceu categoricamente, ao adoptar essa atitude revolucionária controlada como um modo de reconciliação:

One would have imagined that so good a man could have had no enemies, if we had not had a daily and woeful experience to convince us that goodness itself will make enemies. [. . .] Though he do no unjust thing, should suffer the infamy of greatest injustice. The governor had by his unspotted integrity procured himself a great reputation among the people; and then the crime of popularity was laid unto his charge by such, who were willing to deliver him from the danger of having all men speak well of him. Yea, there were persons eminent both for figure and for number, unto whom it was almost essential to dislike everything that came from him; and yet he always maintained an amicable correspondence with them [. . .]. [. . .] Indeed, his right works were so many, that they exposed him into the envy of his neighbors, and of such power was that envy, that sometimes he could not stand before it; but it was by not standing that he most effectually withstood it all. (390-91)

Tendo em conta o contexto social, no qual as Jeremiadas eram exibidas, e os padrões sociais que estas retratavam, sublinhamos o facto de os Puritanos se intricarem numa autêntica rede social que espiava permanentemente o modo como estes exploravam temas comuns e afirmações singulares, e como construíam as suas próprias normas de experiência e as conformavam às institucionalizadas. As Jeremiadas constituíram-se assim como um rito de anuência em torno da ideologia da América como terra de eleição e do seu sentido de glória e de grandiosidade, promovidos pela cultura dominante, onde aliás os *WASP* se integravam (Bercovitch, “The Rites of Assent” 15-17).

A Revolução puritana tencionava, sobretudo, preparar o Milénio, o advento de Cristo. Aquando da partida puritana para a colónia, os eleitos acreditavam que a sua dimensão temporal exclusiva – a proximidade do Milénio – culminaria na “Segunda Vinda” de Cristo ao mundo. Plenamente confiantes, os Puritanos esperavam que a sua fidelidade rigorosa à Palavra de Deus os norteasse até à governação milenarista de Cristo e, consequentemente, à fundação da Nova Inglaterra como a utópica “Nova Jerusalém” descrita no Livro da Revelação. O mundo profano seria completamente destruído pela violência escatológica e apocalíptica que precederia o Milénio (Zakai 2).

O Livro da Revelação anunciou as visões proféticas de São João, testemunha da Palavra de Deus e da declaração de Jesus Cristo depois da sua morte. Para compor esta obra notável, São João recorreu a muitas imagens e elementos teológicos de diversos Livros do Antigo Testamento, tais como Daniel, Ezequiel, Joel, Zacarias e Jeremias. Nas suas profecias, São João “viu” o Messias surgir no momento em que uma série de episódios catastróficos colidiram na quase vitória do Anti-cristo, o falso profeta do Mal que, nos últimos dias da Humanidade, assumiu a liderança para aniquilar o mundo. O Messias destruiu o Anti-cristo, concedeu a redenção aos seus eleitos e erigiu um novo mundo.

As complexidades do Livro da Revelação podem ser interpretadas de diversas formas, mas interessa-nos sobretudo salientar algumas das visões mais preponderantes, sumariadas por Lamy, de acordo com os seguintes temas: os quatro Cavaleiros do Apocalipse; os dragões e as bestas demoníacas e o Anti-cristo; a Babilónia corrupta; a vinda do Messias; os santos e as criaturas eleitas; a Batalha do *Armageddon*; o Juízo Final; e o Milénio (32-33).

Nestas visões proféticas de São João, a abertura de quatro selos (os sinais dos tempos) libertou os quatro Cavaleiros do Apocalipse, definidos como a guerra, a rebelião, a fome e a morte. As bestas, os dragões e o Anti-cristo eram diferentes personificações de Satã. A metáfora da Babilónia comparava uma mulher que prostituía o seu corpo e a sua alma pelos prazeres terrenos, e que era punida severamente no fim do mundo, com a cidade cosmopolita da Babilónia que se tornou pecaminosa e foi fulminada pela vingança divina. Cristo ressurgiu como o Messias, o Salvador simbolicamente representado como um cavaleiro montado num cavalo branco a liderar os seus exércitos celestiais na sua “Segunda Vinda” ao mundo. Depois de prometer a salvação para todos os eleitos de Cristo e a condenação para os que venerassem Satanás, São João sublinhou os horrores que afligiram o mundo antes da Batalha do *Armageddon*. *Armageddon* representava o imaginário militarista e moral das grandes batalhas e o último confronto entre as forças de Cristo e as de Satã. *Armageddon* significava também o local onde essa batalha cósmica ocorreria. Na batalha final do *Armageddon*, o Messias e os seus “Cruzados” destruíram o Anti-cristo, condenando-o ao abismo durante mil anos (*Ibidem* 33-36).

Para além de conceder a redenção aos eleitos e a ressurreição aos santos, o Messias restaurou a beleza primitiva do mundo, instituindo assim o Milénio. No Livro da Revelação, a figura de Cristo era muito diferente daquela que era apresentada nos Evangelhos do Novo Testamento. No seu perfil severo e intransigente, a imagem apocalíptica do Messias assemelhava-se ao Deus do Antigo Testamento: como salvador ou executor, Deus ditava os nomes dos que sobreviveriam no Milénio.

O Livro da Revelação de São João converteu-se na versão mais conhecida do Mito milenarista. Também denominada como Apocalipse, a Revelação é o último capítulo da Bíblia e um dos seus legados mais influentes e duradouros. A pertinência do mito milenarista reside na sua capacidade surpreendente de interpretar e de explicar o(s) significado(s) da vida universal. Como Lamy sublinha, o Mito milenarista existe “on a transcendental plane where

the experience of the sacred gives birth to the idea that there are absolute values that guide human beings and give meaning to human life and all of history” (38).

Na colonização da Nova Inglaterra assistiu-se a um interesse renovado pelo Livro da Revelação e, conseqüentemente, o Milenarismo fulgurou na literatura e na cultura puritanas³⁶. Tecemos aqui algumas considerações sobre o modo como o sentido de missão americano e a sacralização do conceito de revolução se vincularam às concepções milenaristas manifestadas na doutrina religiosa e política vigente e enraizadas nas tradições apocalípticas europeias.

Os Puritanos, para além de acreditarem na iminência do Milénio, consideravam-se os actores no drama providencial: a batalha do *Armageddon* entre Cristo e Anti-cristo, o apocalipse que precederia a transformação do mundo no Reino de Deus. Este confronto com Satã e o seu Anti-cristo assomava nestas palavras de Cotton Mather, na obra *The Wonders of the Invisible World*:

[. . .] The devil [. . .] irritated, immediately tried all sorts of methods to overturn this poor plantation: and so much of the church, as was fled into this wilderness, immediately found the serpent cast out of his mouth a flood for the carrying of it away. [. . .] Wherefore the devil is now making one attempt more upon us; an attempt more difficult, more surprising, more snarled with unintelligible circumstances [. . .]; an attempt so critical, that if we get well through, we shall soon enjoy halcyon days with all the vultures of hell trodden under our feet. He has wanted his incarnate legions to persecute us, as the people of God have in the other hemisphere been persecuted: he has therefore drawn forth his more spiritual ones to make an attack upon us. (375)

Quinby realça que a retórica puritana do apocalipse tencionava controlar “not only the evil thing that it demonizes but also those who might be tempted by it” (1080). O sonho puritano difundia a imagem de que a batalha final no *Armageddon* derrotaria todas as forças que ameaçavam a salvação dos fiéis. A perfeita era milenar inauguraria um reino celestial intemporal, no qual os corpos dos *WASP* eleitos e o mundo seriam metamorfoseados, e dos quais seriam erradicados a morte e a doença.

Neste contexto, Michael Wigglesworth, um *minister* e médico puritano bem reputado, pretendeu descender deliberadamente ao nível da cultura popular com o seu poema “The Day of Doom”, considerado unanimemente como “the New England’s best-selling poem” (P.

³⁶ Holstun, Kibbey e Schneider exploram minuciosamente o modo como os Puritanos recorreram a determinadas visões apocalípticas para justificar a sua violência “santificada” contra os Nativos Americanos, os dissidentes puritanos Anne Hutchinson e Roger Williams e os Católicos. A ameaça do fim do mundo era associada a estas figuras de preconceito, a estas criaturas profanas que deveriam ser aniquiladas por aqueles que se assumiam como Soldados de Cristo, os Puritanos americanos.

Miller 282). Recorrendo a um imaginário que poderia ser apreendido de forma imediata, o seu propósito consistiu em oferecer aos Puritanos uma representação do “Dia do Último Julgamento”, esse momento tenebroso para o qual toda a criação mundana caminhava. Esta sua “epopeia” dramática e teatral era um retrato tenebroso da condenação infernal, que fundia elementos de horror da doutrina calvinista. Contudo, nos últimos versos do seu poema, Wigglesworth anunciou a vitória divina final e a “santificação” dos Soldados de Cristo, os verdadeiros eleitos de Deus:

The saints behold with courage bold,
and thankful wonderment,
to see all those that were their foes
thus sent to punishment:
Then do they sing unto their King
a song of endless praise:
They praise His name, and do proclaim
that just are all His ways.
Thus with great joy and melody
to heav'n they all ascend,
Him there to praise with sweetest lays,
and hymns that never end,
Where will long rest they shall be blest,
and nought shall them annoy:
Where they shall see as seen they be,
and whom they love enjoy.

[. . .] For there the saints are perfect saints,
and holy ones indeed;
From all the sin that dwelt within
their mortal bodies freed;
Made kings and priests to God through Christ's
dear love's transcendency,
There to remain an there to reign
with him eternally. (1745-60)

Wigglesworth também denunciou fervorosamente os erros dos Puritanos na sua Jeremiada poética “God's Controversy with New England”, em 1662, depois de uma terrível seca que assolou a colônia. Porém, no fim do poema, Wigglesworth endereçou à sua colônia palavras que revelavam um sentido intenso de nacionalismo, uma paixão arrebatadora pelos territórios americanos consagrados por Deus:

[. . .] Ah dear New England! Dearest land to me!
Which unto God has hitherto been dear –
And may'st be still more dear than formerly

If to His voice thou wilt incline thine ear.

[. . .] Cheer on, sweet souls, my heart is with you all,
And shall be with you, maugre Satan's might.
And whereso'er this body be a thrall,
Still in New England shall be my delight. (168-71, 180-83)

Podemos daqui concluir que a missão puritana era percebida pelos seus intervenientes como um momento profético, revelador e redentor do drama histórico da Salvação humana. Zakai salienta que, na imaginação puritana, as visões escatológicas e apocalípticas estavam inextrincavelmente associadas à demanda do Milénio, concebido como um fenómeno terreno exequível no Tempo e na História humanos. Essa era a essência das expectativas milenaristas puritanas, nomeadamente a transformação do mundo no Reino de Deus através da governação milenar de Cristo e dos seus santos, tanto na Igreja como no Estado (3-7).

O sistema imaginativo e revolucionário puritano constituiu-se como uma força social e política, apta para, numa prova descomprometida e radical, reconstruir a vida humana segundo a Palavra sagrada de Deus. No seu *Journal*, John Winthrop transformou os mais ínfimos pormenores quotidianos em imagens simbólicas que profetizavam a vitória final de Deus e dos seus eleitos sobre todas as figuras malignas, maculadoras da utopia puritana:

[Overcoming Satan]

[July 5, 1632] At Watertown there was (in the view of divers witnesses) a great combat between a mouse and a snake, and after a long fight the mouse prevailed and killed the snake. The pastor of Boston, Mr. Wilson, a very sincere, holy man, hearing of it gave this interpretation: that the snake was the devil, the mouse was a poor contemptible people which God had brought hither, which should overcome Satan here and dispossess him of his kingdom. Upon the same occasion, he told the governor that before he was resolved to come into this country he dreamed he was here, and that he saw a church arise out of the earth, which grew up and became a marvellous goodly church. (226)

As visões milenaristas puritanas subsistiram na transformação da colónia em província e da província em nação. A imagem do Reino de Deus milenar não esmoreceu com o declínio histórico do Puritanismo, antes prosperou para manifestar o Destino sagrado do Novo Mundo. A Jeremiada desempenhou um papel preponderante ao dissimular a História como Ficção e ao firmar a sobrevivência do *American Dream* mesmo nos momentos mais conturbados.

Em suma, a visão milenarista dos Puritanos influenciou indubitavelmente no Mito Milenarista que concebia a América como Terra Prometida e os Americanos como Povo Eleito de Deus. De acordo com Bercovitch, estes elementos revelaram-se como pilares fundamentais no processo de construção de uma América única, utópica e mítica, cuja promoção assentou nos simbolismos da ética e da retórica puritanas (“The Rites of Assent” 5-35; “How the Puritans Won” 597-630).

As noções alargadas e os conceitos particulares de “Jeremiada”, “fatalismo”, “optimismo”, “controlo e vigilância sociais enquanto responsabilidade colectiva”, “preservação da ordem pública”, “empreendimento social”, “rito de consenso”, “rebelião”, “Revolução controlada”, “Milenarismo”, “Apocalipse”, “*Armageddon*”, “Anti-Cristo”, “Soldados de Cristo” e “América como única, utópica e mítica” serão recuperados pelo Ku Klux Klan, conforme veremos no capítulo 3.4.

Os conceitos de “Jeremiada”, “rito de consenso” e “Revolução controlada” são ainda sumariamente apropriados por este grupo de supremacia branca, como demonstraremos no capítulo 3.1. desta dissertação.

PARTE 3

**O KU KLUX KLAN E A APROPRIAÇÃO
DA ÉTICA E DA RETÓRICA PURITANAS**

3.1. Gênese e Metamorfoses do Klan

Ao longo de todo o seu percurso histórico, os membros “invisíveis” do Ku Klux Klan deixaram por toda a América um rasto de violência, perpetuada contra os elementos da sociedade considerados *Un-American*. Entre muitos outros crimes hediondos, esta organização foi responsável por raptos, espancamentos, violações e linchamentos³⁷.

Através da análise dos artigos publicados actualmente pelo Klan nos seus *sites* oficiais, pretendemos evidenciar a forma subtil como este grupo de supremacia branca “reconstrói” o seu passado, se auto-define, classifica e hierarquiza os seus membros e explana as suas práticas rituais com o propósito de perpassar uma mensagem afastada da sua verdadeira História criminosa e de exaltar os valores da cultura dominante, imbuídos de determinadas concepções da ética e da retórica puritanas.

Desde a sua fundação até aos dias de hoje, o Ku Klux Klan viveu momentos de apoteose e de decadência, resultantes da maior ou menor emergência da sua intervenção solicitada pelas incertezas e necessidades de um conjunto de americanos, inseridos no privilegiado sistema *WASP* (Daniels 14-26)³⁸. À semelhança das delimitações temporais esboçadas pelo meio académico, as “eras” do Klan são demarcadas pelo próprio grupo no artigo “A Wall of Wizards”:

There are three eras or “incarnations” of the Klan. An era ended each time the Klan disbanded or terminated itself such as it did in 1869 and 1944. The first incarnation of the KKK lasted from 1865 to 1869. The second incarnation lasted from 1915 to 1944. The third era of the Klan began in 1946 and since there have been continuous and overlapping Klans ever since, the KKK is still in its **Third Incarnation**. While there have been different phases to the third era of the Klan and many Klan groups have come and gone, since 1946, there has not been a time without a Klan or group of Klans existing. (1)

³⁷ Para um aprofundamento dos crimes perpetrados pelos seus membros, consultar Chalmers, Harcourt, Lowe e Witt e os artigos disponibilizados na Internet pelo Southern Poverty Law Center e pelo Federal Bureau of Investigation, nomeadamente “Legal Action” e “Terrorism in the United States”.

³⁸ Chalmers, Daniels, Lowe, Quarles são alguns dos muitos autores que analisam pormenorizadamente os diferentes períodos históricos do Ku Klux Klan.

Assim, num primeiro momento centramos a nossa atenção na forma como esta organização “reconstitui” a sua intervenção na sociedade americana entre 1865 e 1869.

Após a Guerra Civil, seis elementos “aristocráticos” e veteranos do exército confederado derrotado decidiram fundar uma ordem secreta, o Ku Klux Klan, em Dezembro de 1865, na pequena cidade de Pulaski, no Estado do Tennessee, com o intuito de preservar o estatuto social e os valores dos *WASP* sulistas, ameaçados pela desordem social e pelo caos que marcaram o período da Reconstrução Radical³⁹. Como podemos constatar pela seguinte passagem do seu discurso actual:

[. . .] The Klan [. . .] replied the restoration of full rights of citizenship to the white South and home rule. [. . .] the Klan was recognized as the savior of the white South. Amid the lawlessness and chaos of the Reconstruction Era the Klan sought to restore law and order and protect the defenseless population. It was [. . .] an organization of decent men who were forced under unbearable conditions to do only what was necessary to protect life, liberty, and property at a time of unprecedented lawlessness and abuse of authority [. . .]. (“A Brief History”5-6)

O Klan emergiu na sociedade americana com a missão primordial de salvaguardar a supremacia branca e a civilização judaico-cristã. De acordo com Pendergraft, um membro feminino com uma posição de relevo neste grupo actualmente, “the Klan saved the white population of the South after the civil war. The ku klux klan is known [. . .] for its support of white Christian civilization - the very reason for its existence. The original ku klux klan consisted of men of honor and of Christian character” (“Our Vision” 4). Aliás, a própria escolha do nome “Ku Klux Klan” por parte dos seus fundadores pode ser explicada pelo facto de este ter sido encontrado num documento antigo sobre a revolta hebraica contra os seus opressores egípcios (Quarles 32).

Sublinhamos, desde logo, a analogia entre os Puritanos americanos e o Klan, designadamente a invocação bíblica para a auto-classificação dos *WASP* como “povo eleito de Deus” e da América como “Terra Prometida”. Tal como o puritano John Winthrop, o General Nathan Bedford Forrest, eleito “Grand Wizard of the Order of the Ku Klux Klan” em 1867, pode ser comparado à figura de Moisés, uma vez que, segundo o Klan, liderou os “homens corajosos” que salvaram “the white south from the tyranny of the federal government, the

³⁹ Para um estudo aprofundado das questões sociais, políticas e económicas em torno deste período conturbado da História americana, consultar Curry e Rachleff.

extortion of the carpetbaggers, the treason of the scalawags, and the hatred of the numerous renegade Negroid” (“History of the Klan” 1).

O momento atemorizador da Reconstrução Radical legitimava a expansão do Klan como uma forma de controlo social sobre os Africano-Americanos, recentemente libertados da escravidão, e os seus “aliados” oriundos do Norte. O método do Ku Klux Klan consistiu no recurso à violência extrema (Lowe 11). No discurso do Klan, as formas mais radicais de violência são justificadas pela premência manifestada pelos *WASP* oprimidos de vigilância social e de repressão sobre as figuras que dizimavam o Sul.⁴⁰ A iconoclastia puritana subjaz no modo como o Klan demarca a fronteira entre o sagrado e o profano. Os seus actos criminosos, afinal “inocentes”, são definidos como meras respostas ao jugo do “Mal”, como podemos verificar pelo seguinte extracto:

[. . .] the members became to be imbued with that [*sic*] the idea that some great mission awaited the movement. The discovery of such a mission was not difficult: the need for some drastic remedy for existing conditions was recognized by all [. . .]. [. . .] masked riders and mystery were not the only Ku Klux devices; carpetbaggers and scalawags and their families were ostracized in all walks of life; [. . .] the alien and the renegade, and all that belonged or pertained to them, were refused recognition and consigned to outer darkness and the companionship of Negroes. (“The History of the Original Klan” 11,13)

A ruína, a exaustão, a depressão económica, a desordem e a insegurança provocaram angústia no Ku Klux Klan do século XIX. Como uma Jeremiada puritana, o artigo “Ku Klux Klan History” abaliza determinados erros americanos, num tom ora fatalista ora optimista, visto que quanto maior o caos e o desespero, maior a fé e o esforço dos crentes:

[. . .] Illiterate Blacks, with no history of civilized government, became the bulk of the voting population, resulting in tremendous crime, violence, and corruption against White Southerners. At the darkest hour, the Klan arose and restored the government of the South back to the Southern people and [. . .] saved civilization on this continent. (1)

O Ku Klux Klan reivindica a sua participação no ritual de anuência em torno da ideologia da América como o “Novo Éden” ao comparar a sua intervenção na Reconstrução

⁴⁰ Chalmers salienta que: “To the white Southerner, the Ku Klux Klan was a law-and-order movement because it was directed at the restoration of the proper order” (21).

Radical com a revolta das colónias americanas contra a tirania inglesa no limiar da Revolução Americana:

The abuses under which the American colonies of England revolted in 1776 were mere child's play compared to those borne by the south during the period of reconstruction, and the success of the later movement as a justification of a resort to revolutionary methods was as pronounced as that of the former. [. . .] amid conditions as they existed in the South from 1866 to 1872, scarcely a man [. . .] would have been other than a Ku Klux or a Ku Klux sympathizer. ("The History of the Original Klan" 18)

O Klan realça como a sua acção, enquanto revolução controlada, tencionava reencaminhar o "povo eleito de Deus"⁴¹. Sob a égide das leis e dos valores instituídos pela Constituição Americana, o *status quo* poderia ser revolucionado sem questionamentos, conforme nos ilustra este excerto:

[. . .] A statement of the principles of the order [. . .] contained the following words: "We recognize our relation to the United States Government, the supremacy of the Constitution, the Constitutional laws thereof, and the Union of the States there under." The special objects of the order were set out as follows: "(1) To protect the weak, the innocent, and the defenseless from the indignities, wrongs, and outrages of the lawless, the violent, and the brutal [. . .]. (2) To protect and defend the Constitution of the United States, and all laws passed in conformity thereto, and to protect the States and people thereof from all invasion from any source whatever. (3) To aid and assist in the execution of all Constitutional laws, and to protect the people from unlawful seizure [. . .]". (*Ibidem* 12)

Neste sentido, o Ku Klux Klan perspectiva a sua primeira dissolução como um acto "voluntário": a sua última incumbência, ou seja, a redenção da América, foi concretizada⁴². No mesmo artigo, o Klan conclui que:

[. . .] In [. . .] February, 1869, [. . .] the order had [. . .] largely accomplished the purposes for which it had been organized; [. . .] the civil law [. . .] afforded adequate protection to life and property; [. . .] robbery and lawlessness were longer unrebuked; [. . .] the better elements of society were no longer in dread for the safety of their

⁴¹ É de salientar o *Blockbuster* de 1915, *The Birth of a Nation*, na propagação, ao nível da cultura popular, da imagem do Klan como um grupo revolucionário benevolente e, sobretudo, defensor dos WASP e do seu sistema de privilégios durante a Reconstrução Radical. O próprio título do filme sugere a "relevância" da missão do Klan na História americana: "Their act ended sectional fratricide among white men and gave birth to a reunited America" (MacLean 12). Este filme foi curiosamente determinante para o seu reaparecimento nesse mesmo ano (*Ibidem* 13).

⁴² A comunidade científica advoga, no entanto, que a desagregação do Klan foi forçada por uma acérrima perseguição política e legislativa levada a cabo pelas forças Unionistas.

property, persons and families. [. . .] the “Grand Wizard” [. . .], in the exercise of the power so conferred, [. . .] declared the Klan dissolved and disbanded. (16).

No que diz respeito à segunda “encarnação” deste grupo de supremacia branca, constatamos que das concepções da ética e da retórica puritanas, emergentes presentemente no seu discurso, apenas sobressai um ponto fundamental: a valorização da caridade como exemplo de auto-sacrifício e modo de purificação divina dos seus membros moralmente superiores⁴³.

Em 1915, o Ku Klux Klan “renasceu” na sociedade americana e, como Quarles nos assevera: “[. . .] the Klan found itself being quickly transformed from a somewhat easygoing Southern fraternity of patriotic whites into a violently aggressive national organization of chauvinistic, native - born, white Protestants” (56). O Klan revelou-se na década de vinte como um grupo de negócios em pirâmide, financeiramente lucrativo, que prosperou por toda a nação: “The Klan grew and prospered in the South. Then it left the southern regions of the United States to embark on a pilgrimage that ultimately extended into virtually all the states” (*Ibidem* 58)⁴⁴.

Neste âmbito, o discurso actual do Klan destaca apenas o facto de o sentido de eleição divina dos seus membros lhes ter exigido avultados “actos de caridade” nos anos vinte. No seu artigo “Benevolence” são enumeradas algumas das suas missões “altruístas”, de cariz religioso, político e económico, no seio de uma comunidade carecida e oprimida, recorrendo para tal também a alguns autores reconhecidos no meio académico⁴⁵:

[. . .] to his credit, Col. Simmons planned that his Klan would establish five universities, a publishing company, a banking and trust institution to aid ailing farmers, free homes to newly weds, a national full employment policy, a program to support orphans, several medical research centers, and a chain of hospitals.

[. . .] The following was taken from, “Hooded Americanism. The History of the Ku Klux Klan” [*sic*], by David M. Chalmers. In Florida, the Klan donated flags and bibles to schools. It gave a big contribution to the YMCA building fund. The Klan joined other civic groups to protect city beaches from commercial exploitation and Klanswomen devoted their efforts to running a two story high free nursery (pages 226-227).

⁴³ Pela nossa análise dos documentos históricos do Klan da segunda “era”, apuramos que a apropriação de determinadas concepções do Puritanismo foi aí muito mais excessiva. Julgamos que terá sido por este motivo que o Klan proliferou de forma “triunfal” por toda a América. Para compreender esta estratégia do Klan, consultar os seus artigos da década de vinte publicados nos arquivos *online* da Universidade de Michigan, designadamente: “Doctrine”, “Imperial Instructions”, “Principles” e “The Practice of Klannishness”.

⁴⁴ Para um estudo pormenorizado do contexto sócio-histórico no qual o Klan ressurgiu e dos principais contornos que o seu movimento assumiu a nível nacional, consultar Chalmers (22-324), Lowe (12-22) e Maccoy.

⁴⁵ A este propósito, consultar a foto que ilustra este artigo do Klan (confrontar anexo I).

[. . .] The following was taken from, “Women of the Klan” [*sic*], by Kathleen M. Blee. [. . .] the Klan claimed it had presented \$5 baskets of food to fourteen local families, awarded large American flags to three Protestant churches, and even given \$25 to a Colored woman whose home was damaged by fire (page 134). (1,4,7-8)

Na nossa perspectiva, este mecanismo da retórica do Ku Klux Klan denuncia a ansiedade face aos motivos do seu declínio nos anos trinta e, por último, do seu banimento em 1944: as escandalosas fraudes fiscais dos seus membros mais proeminentes na sociedade americana⁴⁶. Esta percepção é aliás reforçada pela forma como o Klan nos remete para o início da sua terceira “encarnação”, no artigo “A Wall of Wizards”, procurando “limpar” a sua imagem de corrupção financeira:

[. . .] Dr. Green, an obstetrician, revived the KKK on Stone Mountain, Ga. in 1946. He restructured the Klan as to avoid any claims the IRS might make concerning the more than quarter million dollars the Klan allegedly owed. He did this by claiming the Klans in each state were independent and only connected as Klans of association. [. . .] he was the recognized head of the Klan's third incarnation. (4)

Surpreendentemente, este foi o único artigo que encontramos sobre esta “era”⁴⁷. Aqui, o Ku Klux Klan reprova única e veementemente a multiplicação de grupos dissidentes que prejudicaram a sua “missão” nos anos subsequentes:

[. . .] after its 1944 disbandment there was no longer any legal protection on the name of the Ku Klux Klan, its emblems, or regalia. Everything had gone into public domain and anyone could now use whatever they chose. Thus, totally unconnected independent Klan groups began to appear. [. . .] These separate Klans were often bitter rivals of each other. With no unifying national control these various Klans went in many different directions, some continued on as fraternal orders, others became more political, but with the 1950's advent of the civil Rights movement, some Klan groups became murderously savage groups which did must [*sic*] to destroy the Klan's reputation as a whole and to lead to its eventual near destruction in the 1960's. (*Idem*)

Ora, como vimos no capítulo 2.1., a retórica puritana anunciou a relevância da dependência mútua dos membros eleitos da comunidade num mesmo corpo social. Por isso, todas as polémicas internas eram resolvidas drasticamente. Neste excerto, os “Falsos Klans” são representados como figuras de preconceito, também claramente conotadas com o

⁴⁶ Para analisar esta profunda “crise” do Klan, despoletada essencialmente por razões económicas, consultar Alexander e McVeigh.

⁴⁷ Para o enquadramento teórico deste grupo de supremacia branca neste período, consultar Chalmers (366-96), Lowe, Morse (1), Quarles (84-153) e Sann.

“profano”, por denegrirem os objectivos do “Verdadeiro” Klan e o seu trajecto na História dos Estados Unidos da América⁴⁸.

Para além da reconstrução “purgadora” dos seus três períodos históricos, interessa-nos neste capítulo evidenciar os substratos político-ideológicos transversais ao discurso actual do Ku Klux Klan, “norteados” pela ética e pela retórica puritanas, sobretudo no que diz respeito a estas dimensões fundamentais: definição do movimento, classificação e hierarquização dos seus membros e práticas rituais.

O discurso do Klan em torno da sua auto-definição procura perpassar a imagem de uma organização baseada na premissa “ – Equal Rights for All – Special Privileges for None” (“An Introduction to Knights” 1). Esta suposta “Ordem Fraternal” anuncia-se como um “Corpo” religioso, político e económico, um “ícone vivo” que nos remete para as figurações puritanas do corpo humano enquanto representação da aliança entre Deus e os Seus eleitos: “Ours is the Greatest Governmental Body in History but it is only as good as WE make it, as WE ALLOW it to be” (“History of the Klan” 1)

A configuração do Ku Klux Klan como corpo religioso transparece do seguinte extracto, preconizador do encontro fulgurante de Cristo com os seus fiéis na América, a “City upon a hill” aclamada no sermão “A Model” do líder puritano John Winthrop:

The purpose of a Klansman's life is to be a commanding witness for Jesus Christ. What we believe, what Christ means to us, and what He has done in our character cannot be hidden. Jesus Christ was the Truth which illuminated the darkness. As the disciples lived with Jesus, the Light of the World cast His brightness and dispelled the doubts and fears and confusion of their minds. The light of Jesus' love infused their emotions. As long as the apostles kept in fellowship with Jesus Christ, they were able to bring light to the world. *The Knights* is God's light in a dark world. [. . .] Our challenge is to keep our minds filled with love and compassion for our people, even those among our white brothers and sisters who hate the Christian standard we uphold. Our love for America and it's Christian foundation will be evident to all those whose lives we touch and we will continue to attract other sincerely motivated individuals who will unite with us to bring hope and deliverance to our land. (“You Are the Light of the World” 1)

⁴⁸ Pensamos que esta estratégia do Klan actual de se demarcar de “falsos” grupos, responsáveis por uma violência desmedida (nomeadamente na década de 60), indicia uma “resposta” às críticas da cultura popular americana que, nos últimos anos, tem procurado alertar a sociedade para o facto de o Klan ser uma forma de extremismo interno. A nossa percepção resulta da análise do impacto do filme *Mississippi Burning*, vencedor de alguns “Óscares” da Academia e baseado em factos verídicos: o homicídio de três elementos do Movimento dos Direitos Cívicos cometido pelo Ku Klux Klan, em 1964, nesse estado sulista. Como Dessimmes sublinha: “The Ku Klux Klan need not blame Hollywood for tarnishing its reputation - the Klan has wrought its own infamy well enough without the assistance of the images from film” (21).

Tal como a “Invisible Church” puritana, o “Invisible Empire of the Ku Klux Klan” é um corpo inclusivo dos eleitos de Deus, como confirmam as afirmações de Miles, um membro deste grupo:

The word “invisible” in “Invisible Empire” [. . .] describes the condition of the Racial resistance. [. . .] Secrecy may not be fully possible in this electronic age but privacy, a degree of secrecy, is quite possible. [. . .] the masked rider [. . .] of the Klan [. . .] will fight for justice, for what is right, and for the rights of the white minority in both the East and the West, the North and the South. [. . .] Those who are the spokesmen, the public lecturers and the open contacts for the Order, cannot become invisible. [. . .] yet, they have a responsibility to safeguard those who are private, secret or invisible. Just as the lightning rod protects the ones inside the house, so must these human periscopes protect the ones who form the grand body of the Order. [. . .] the bulk of the membership must be secret! And that takes work. It takes planning and effort on the part of leaders, at all levels. [. . .] Understand your role. [. . .] We are the fog, the First of God! (“Take off the Hoods!” 1-2)

Neste âmbito, Pendergraft sublinha a rejeição de violência por parte da organização ao proclamar os propósitos benévolos e cristãos do Klan, que pretendem apenas instituir a comissão de Deus na América, como verificamos pelo seguinte extracto:

[. . .] we represent white Christians. [. . .] We are not Klansmen and Klanswomen because we hate anyone. We belong to The Knights because we dream of a better world for our children - a safe and secure world. [. . .] We belong to The Knights because we love our people - yes, even those who hate us. Klansmen and Klanswomen throughout the nation are at work distributing literature, passing out cards, talking to friends and neighbors...always spreading the good news of white Christian revival...not because they hate you, but because they love you. [. . .] The Knights of the Ku Klux Klan is a love group not a hate group. We love America and the Christian foundation of our nation. We love our white brothers and sisters world wide and we recognize the contributions they have made to civilization. We also realize that our nation’s future and in fact all white Christian civilization is in jeopardy. Pastor Robb and The Knights need your support. We are here to unite our people and to raise a standard in the land. I hope you will carefully view this site with an open mind and consider what part you can play in bringing a message of hope and deliverance to our people. Let Pastor Robb know that you are a proud white Christian and that our cause is in your prayers. Together we can make a difference. (“Hello” 1)

A construção do corpo político emerge nestas explicações do Ku Klux Klan relativamente à sua estrutura organizacional e aos seus objectivos políticos: “The Knights is centered around local community units working in conjunction with headquarters. In locations where a unit is not organized - individual klansmen and klanswomen can work directly with headquarters in a number of activities” (“Party Structure” 1); “Certainly we are by no means

as successful as the Democrats or Republicans. In terms of third parties we are very small indeed, although after 46 years of continued existence we remain the largest racist organization in America. We continue to grow [. . .]” (Pendergraft, “Women Who Love Their Heritage” 1).

A representação do Klan enquanto corpo económico pode ser apreendida nestas palavras de Pendergraft, que procuram “realçar” determinados valores da ética puritana, a saber, o bem comum, a dedicação ao trabalho e a reputação religiosa:

[. . .] Loyalty is the first priority of effective leadership - if a klansman or klanswoman can't even stay with an organization for 7 or 8 years and be faithful in the payment of their dues, how can they expect to take on a high position of leadership, unless of course they join a group with low standards and they become “instant leaders”. [. . .] We are an organization built on honor and integrity and we have the support of thousands of God fearing, hard working, good Christian men and women. (“Our Vision” 5,9)

Seguidamente, debruçamo-nos sobre os modos como o discurso actual do Ku Klux Klan define os seus membros masculinos, femininos e juvenis, argumentando que tais considerações dissimulam o poder e o controlo sociais veiculados pelo sistema patriarcal dominante na América, cujos pilares assentam no Puritanismo colonial.

Segundo MacLean, os membros masculinos do Ku Klux Klan assumem uma posição hierarquicamente superior à dos femininos, na qual são representados como *White Warriors*, acérrimos protectores das famílias brancas, conforme ilustram estes dois excertos: “For the most part, I have found the men who joined The Knights to be of high moral caliber, honest, respectful, and dedicated to their families, faith, and nation” (Wright, “Interview with Rachel Pendergraft” 2); “Men join because they want to protect their families and their Christian friends and neighbors from being destroyed in the future” (Klan, “Are There Women and Kids in the KKK?” 1).

De acordo com Blee, os apelos do Klan para as mulheres se tornarem elementos activos na sua organização são enérgicos, uma vez que os membros femininos não só significam “additional bodies in a crusade for white, Christian supremacy”, mas também a possibilidade de estabilizar os membros masculinos. Ainda que as mulheres sejam

aparentemente mais activas e “visíveis” neste e noutros grupos de supremacia branca, estas raramente ascendem a posições autónomas ou com poder (“Becoming a Racist” 2)⁴⁹.

Este cenário convida-nos a reflectir sobre o modo subtil como o discurso do Ku Klux Klan, aparentemente promotor da igualdade entre géneros, perpetua uma especificidade feminina, cujos contornos coincidem com a lógica das representações e das práticas sociais da cultura dominante, como podemos constatar pelos seguintes extractos:

[. . .] The Knights has long held that the key to any successful movement is its ability to win the support of women. [. . .] The deciding factor in whether women seek out racist organizations to participate in is not our acceptance of them, but rather in the way *they perceive* our acceptance of them. (Pendergraft, “Women Who Love Their Heritage” 1)

[. . .] The Knights realizes that the support of all white Christians is vital, not just the men. But not only is support needed, volunteers are needed. Most women are adept at organizing, working toward goals, educating, etc. We want our members to pull together and work for political power. [. . .] Our families are under attack and it will take teamwork to protect their future. In addition, because we do work to attract men and women who are success minded, our members are inclined to have a positive self image and feel good about life. [. . .] Women have always been very active in the racist movement. As we approach the new millennium, more women are able to be even more active than before. [. . .] One group of women I would like to look toward to volunteer is full time homemakers and women who home school their children. [. . .] I think women join for the same reason men do. They have a love for their racial family. They believe America’s leaders have betrayed their interests. And they wish to see a return of Christianity into governmental affairs. They believe The Knights offers a political alternative and solutions to America’s problems. [. . .] If we were financially able, and I believe we will be in the future, we would buy advertising in media markets which would seek out women supporters. But, we would also do this with the men. We would just design our adds differently. (Wright, “Interview with Rachel Pendergraft” 2-4)

Destacamos a carência de investigações e de publicações na comunidade científica relativas aos membros juvenis do Klan. A partir da nossa análise dos artigos recentemente publicados por este grupo, apontamos para determinadas ambiguidades que julgamos fundamentais.

Em “Are There Women Kids in the KKK?”, o Klan elucida os seus leitores sobre os motivos pelos quais as crianças e os jovens aderem ao seu grupo de supremacia branca:

⁴⁹ Esta posição é reiterada por Daniels: “White women are featured as members and organizers and have even been active in the violence. However, although white women may be members they are rarely, if ever, represented as leaders, or even ideal members of the movement” (57).

“Kids are in the KKK because they want to learn about their heritage and they want to help make the world a better place” (1).

Aparentemente vítimas da violência exercida nas escolas pelos grupos minoritários, as crianças e os jovens *WASP* membros do Klan (apesar de não tão activos) são aconselhados pelo Director Nacional da organização, Thomas Robb, a abandonarem abruptamente a escola e a optarem pelo sistema educativo *homeschooling*:

[. . .] Some of you are a lone white kid in a mostly non-white school facing un-ending vicious assaults and violence against you. If you are in such a situation and feel you must quit school to save your life, you should look into homeschooling. You can still get a good Christian based education and not get beat up every other day in school. You have a long life in front of you. Take care of it. (“A Message” 1)

O Ku Klux Klan enumera os diferentes papéis que podem ser “naturalmente” assumidos por crianças ou por jovens no seu movimento, sob a “orientação” dos seus pais:

[. . .] Children are encouraged to attend events with their parents and parents are encouraged to raise their children with their beliefs in mind. However, children do not take an active role in The Knights. It would be the same as if we were the Republican or Democratic party. Is their important primarily symbolic, or do they play an active role? The only active role children might take would be to help parents get literature ready to distribute or something like that. Just things in the home that a parent might feel would help their children feel involved - nothing orchestrated by headquarters. (Wright, “Interview with Rachel Pendergraft” 4-5)

Subjacentes a estes “conselhos” do Klan, encontramos algumas das concepções da ética puritana, nomeadamente os benefícios do fechamento das crianças ou dos jovens em casa e do controlo da sua educação e das suas actividades pela autoridade patriarcal.

Pensamos que estas breves ideias do Ku Klux Klan acerca dos seus membros mais jovens merecem uma maior reflexão não só por parte do meio académico, mas também por parte dos organismos sócio-políticos que têm o dever de zelar pelos cidadãos menores de idade.

Em estreita relação com esta dimensão do discurso do Ku Klux Klan, tecemos aqui algumas considerações sobre a forma como este classifica os seus membros, procurando “expurgá-los” de quaisquer acusações de comportamentos “menos próprios” de um grupo que afinal se auto-define como benevolente e defensor dos valores instituídos pela cultura dominante.

Numa tentativa de desconstruir a imagem de que todos os seus membros são “poor, unemployed, uneducated, and mentally unbalanced” (Williams 1), promovida pela análise académica e disseminada na sociedade americana em geral, Thomas Robb alerta directamente os seus apoiantes para a importância de uma boa educação cristã, no seu artigo “A Message”:

[. . .] The best thing for you and your friends to do is to read literature about the Klan, understand the Christian foundation this country was founded upon and prepare for the day when as an adult you will be a positive and articulate part of this movement to bring about White Christian Revival. [. . .] Study hard, work hard and learn. You will be increasing your own self worth and your worth to this racial struggle. Set the right influence for your friends. Let them know that you take this struggle for the future of our people seriously and you will not use your time for wasteful pursuits. Don't break the law. It's not the way to fight integration and only hurts the Klan. [. . .] You must never waver from your convictions and love of our race, faith and homeland. [. . .] Be respectful, stay in school, stay out of trouble, study hard and be a good example of a Christian who loves his race, faith and nation. This way you will build yourself into the man or woman with the character so desperately needed in America today. (1-2)

Tal como a retórica puritana do século XVII, o discurso do Klan enaltece a superioridade intelectual e social dos membros da sua “comunidade eleita”, nomeadamente no artigo “The KKK and the Federal Government”:

[. . .] It's hard to believe, but in this high tech age there are still people who think the Klan is a bunch of backward, uneducated, ignorant social misfits with tobacco juice slobbering out of the corner of their mouth while ranting about “them nigras.” Nothing could be further from the truth. [. . .] the average Klansman and Klanswoman is better employed and better educated than the norm of society. (1)⁵⁰

Compreender-se-á, neste contexto, a representação do momento em que um determinado membro adere a este grupo de supremacia branca como um acto de conversão, profundo e sagrado, a uma forma de vida que se pretende ascética, assumida nestas declarações:

[. . .] we have found there are many people who think they are against us until they itemize, one by one, their beliefs and compare them with ours. They then suddenly discover we are in almost total agreement. They have never become associated because they did not realize this close similarity which exists between us. All they know is that they are not haters and if the Klan is a hate group, as they have been told

⁵⁰ Para analisar muitos dos factores pessoais e sociais que motivam indivíduos com uma elevada formação académica a aderirem e a liderarem grupos de supremacia branca, consultar Ezekiel e o programa do Canal História “A Rede do Ódio”.

[. . .], they want no part of the Klan. What they do not stop to consider is we are not haters either. (Klan, “The KKK and the Media” 1)

[. . .] We are the most active klan organization in America. By the time an individual goes through our ranking system and becomes a Knight, they have the basic mental tools to cause effective change. [. . .] But they are equipped with the basic knowledge needed to back up their beliefs, they have become more knowledgeable of our people’s history, their downfall, and what is needed for our people to rise again. They have an understanding of why certain strategies exist, what mistakes other klan groups make and why they continue to make them. Education is at the foundation of our organization. The Bible instructs us to build our house on rock and not on sand. [. . .] We are proud of the klansmen and klanswomen who associate with The Knights. [. . .] They understand that this isn’t a club [. . .] but a white Christian political party working for very serious and very real goals and they stay active in the pursuit of those goals. (Pendergraft, “Our Vision” 6)

Desta forma, as tarefas executadas pelos seus membros na organização regem-se pelos seguintes valores da ética puritana – o individualismo e o trabalho árduo:

[. . .] Because we have a specified goal, we must have specified steps to teach it. One thing that can be said about the racist movement is that the idea of individualism is very strong. [. . .] The Knights is a political organization not a fraternity, club, or other type of social group. (Wright, “Interview with Rachel Pendergraft” 2,4)

[. . .] Our volunteer staff at the national office is committed to the unity of all white Christians. They work hard building The Knights into a true political party - always encouraging the membership - reaching out to the undecided - not because they hate you, but because they love you. (Pendergraft, “Hello” 1)

O Klan recupera outro elemento puritano fundamental na sua História da década de vinte do último século: os actos de caridade. Neste caso, as doações do Klan servem para relembrar a sua “verdadeira” natureza benévola:

[. . .] Any items that are **donated** are never sold. They are preserved in our historic collection for the educational benefit of future generations. If you have something you would like to donate so that it may be preserved for the future e-mail us for details. We are also **grateful** for any **cash donations** to our museum building fund or to help us continue our historical research on the controversial subject of the Ku Klux Klan. The identity of benefactors is kept strictly confidential. (Klan, “An Educational, Historical Study” 2)

O Klan reforça deste modo a noção de que os seus membros não devem ser classificados nem de cobardes nem de violentos, visto que os seus intuitos são complacentes e cruciais para a “felicidade” dos WASP americanos:

[. . .] If a crime is committed by a member, or someone claiming Klan membership, it must be looked upon no different than if he is also a Republican, Democrat, Baptist, Elk, Mason or a member of any other organization that acted outside of the law. As an associate of The Knights you do not have to worry about committing a crime. Associates of The Knights are the most law abiding group in the country. We know that any violation of the law would be plastered all over the newspapers and this is something that would hurt our growth. Consider what person who is seeking to gain the trust of the public would foolishly go out and commit crimes. The Knights are no different, we seek to have your trust, grow in number and influence and win our country back for the sake of our children and our children's children. It would be a stupid blunder to jeopardize all that by committing hateful and violent acts. As an associate of The Knights, you will never be asked to break the law. ("Is the KKK Violent?" 3)

Aliás, do próprio discurso actual do Klan, retemos ainda a classificação “exuberante” das suas figuras históricas: “Contrary to modern myth the KKK was never a bunch of ignorant racists. Many sophisticated famous, prominent, and historically significant men joined the Ku Klux Klan and became its leaders” (*Ibidem* 9).

Destas, o primeiro *Wizard* deste grupo de supremacia branca, Nathan Bedford Forrest, assume uma posição de relevo nessa classificação dos membros antigos do Klan. Destacamos particularmente a analogia entre Forrest e o actual Director Nacional do Ku Klux Klan, Thomas Robb:

Nathan Bedford Forrest, in fulfilling his destiny, led the ku klux klan in it's effort to deliver the South from the bonds of federal tyranny. [. . .] He received no formal education, but educated himself by reading and study and was noted as a mathematician. A self-educated man and a man of determination and accomplishments, he rose from a poor, uneducated boy to be a wealthy land owner, a great military commander, a polished gentleman, a fierce warrior, and a committed Christian. He would be honored to know Pastor Robb is at the helm of this great organization. If we really want to win political power we must have the leadership that can do more than dream, but can articulate that dream to others and to excite them in the fact that within them flows the blood of conquerors; leaders who have faith in our ultimate victory. These are qualities that embody Pastor Robb, our national director. He has shaped the Knights of the Ku Klux Klan into a modern, professional political movement. He has brought years of experience to The Knights and made it what it is today. (Pendergraft, “Our Vision” 8-9)

Ora se já noutros momentos considerámos exequível a comparação de Forrest e do líder puritano Winthrop à figura bíblica de Moisés, cremos que esta analogia aqui “celebrada” entre Forrest e Robb nos permite também comparar este último a essa figura do Antigo Testamento. Afinal, questionamo-nos se esta não é mais uma estratégia do Klan para que o actual líder seja afamado na sociedade americana.

Apesar do sentido de unidade promovido pelo Ku Klux Klan, sublinhamos que a hierarquia desta organização “cataloga” de forma rígida e severa todos os seus membros, remetendo-nos assim para a estratificação social imposta pelos Puritanos “eleitos” por Deus. Conforme nos ilustra este extracto, Pendergraft critica claramente as permeabilidades permitidas nas estruturas dos “False Klans” para explicar a premência de uma hierarquia intransigente no “verdadeiro” Klan:

We are the ONLY white rights organization in America that follows the “leadership principle” . If you want to become a klan leader and that is your main concern, you can do it very quickly by joining another klan group. Our enemies laugh at the ease at which titles of position are handed out within the white racist movement. One klansman resigned recently because he wants to use traditional klan titles instead of modern klan titles. A noble reason to resign? Is this unity? Was he acting honorably in his decision - was he honest in his explanation - I think the answer was found out when his web site appeared on the internet the very next day and he was now boasting the title of Grand Dragon. Did this person’s qualifications for a position of leadership suddenly get better or improve overnight? Does he understand strategy? No, but his newly affiliated group quick to have a “name” in the state gave away an undeserved title. Titles must be earned not given away. A title that has not been earned is worth nothing - except it can be displayed on a letter head or business card. [. . .] However, we are looking for people who are in this for the long haul - for the long term. (*Ibidem* 5)

Para esclarecer os seus possíveis “futuros” membros no que concerne a sua hierarquia actual, o Ku Klux Klan apresenta no artigo “Party Structure” a estrutura da sua organização, baseada, tal como a “nação americana” e o próprio Puritanismo, na família nuclear:

[. . .] The Knights has a very simple yet effective organizational structure that allows us to proceed with our objectives with the most proficiency. Just as the nation it is based on the family unit. [. . .] The Leader of the organization is called the National Director. There is a board of directors which governs The Knights. The National Director serves as chief executive director and President of the board. The Grand Council is an advisory board to the national director (his cabinet). A Klansman or Klanswoman is someone who has filled out an application and has been accepted as an associate. Page - The first rank that a Klansman or Klanswoman can earn through study and activity. Squire - The second rank that a Klansman or Klanswoman can earn through study and activity. Knight - The highest rank that a Klansman or Klanswoman can earn through study and activity and by taking a written test. Unit Recruiter - A Man or woman who has obtained the rank of Knight can apply by way of application to be a unit recruiter. A minimum of a highschool diploma or G.E.D. is required. Unit - the core of the grass - roots movement. A unit consists of 4 - 15 Klansmen and Klanswomen who work together to achieve The Knights objectives. Unit members must hold the rank of Page. [. . .] All Klan units work directly under the authority of National Director Thomas Robb and his staff at national headquarters. (1,2)

De acordo com Chalmers, a terminologia agora aplicada aos membros quer masculinos, quer femininos é completamente diferente daquela utilizada pelo Klan até à década de setenta, um momento profundamente marcado pelas alterações do famigerado *Wizard* David Duke (410-15). Para reafirmar a sua identidade histórica e relevar a sua hierarquia “singular”, o Ku Klux Klan actual revela a nomenclatura usada nas duas primeiras “eras”:

[. . .] in the spring of 1867 the “Grand Cyclops” of the Pulaski “den” sent out a request to all dens of which he had knowledge to send delegates to a convention to be held in Nashville; these delegates met secretly without attracting public attention, and adopted a plan of organization. The region in which the Klan operated was to be known as the “The Invisible Empire,” divided into “Realms,” corresponding with states; each “Realm” was divided into “Dominions,” corresponding with congressional districts; each “Dominion” into “provinces,” corresponding with counties, and each “Province” into “Dens.” The supreme head of the order was the “Grand Wizard,” the ruler of a “Realm” was a “Grand Dragon,” that of a “Dominion” a “Grand Titan,” That of a “Province” a “Grand Giant,” and that of a “Den” a “Grand Cyclops”. (“The History of the Original Klan” 11)

[. . .] unknown to most, there are three degrees for the Women of the Ku Klux Klan. They are: (1) K-Uno, ordinary Klanswoman. (2) K-Duo, Kriterion Konservator. (3) K-Trio, Triumphant Kontender. [. . .] There were no degrees for the Junior Klan or the Tri-K-Klub, the Klan's teenage organizations. (“The Mystic Insignia” 4)

Segundo Quarles, a adopção desta terminologia pelo Ku Klux Klan poderá dever-se ao interesse manifestado pelos seus fundadores em relação à cultura greco-romana e anglo-saxónica⁵¹. Esta terminologia terá sido, no entanto, “renovada” por David Duke para dar um novo fulgor ao Ku Klux Klan que hoje conhecemos (MacLean xi-xiii).

A forma como as práticas rituais deste grupo de supremacia branca são explicadas no seu discurso actual permite-nos descortinar o apelo subtil a um fervor religioso e a um sentido de eleição divina muito semelhantes àqueles experimentados pelos Puritanos americanos no século XVII⁵².

Este sentido de eleição americano é ilustrado num dos rituais mais identificativos deste grupo: *The Cross Lightning Ceremony*⁵³. No seu artigo “The Truth about the Fiery

⁵¹ Esta posição é corroborada por Chalmers e Lowe, mas a controvérsia existente no meio académico em torno desta questão poderá apontar para outras hipóteses.

⁵² Para além das práticas rituais trabalhadas pelo discurso actual do Klan, Chalmers, Lowe e Quarles analisam outras rituais entretanto já abandonados pelo grupo, entre outros, o baptismo pela água e a bênção pela espada.

⁵³ Esta prática ritual foi iniciada em 1915 por Simmons, o segundo Wizard do Ku Klux Klan. Como MacLean nos descreve: “With a flag fluttering in the wind beside them, a Bible open to the twelfth chapter of Romans, and

Cross”, o Klan explana o significado do “fogo” na cruz, recorrendo a determinados passos do Antigo e do Novo Testamentos:

[. . .] Have you ever stopped to think of just how many times God and fire are connected in the Bible? The Bible often uses **fire** as a **symbol** of **God**. In Deuteronomy 4:24 and in Hebrews 12:29, God is referred to as a **consuming fire**. In Malachi 3:2, the promised Messiah is referred to as a refiner's **fire**. In Mathew 3:11, John the Baptist speaks of Christ saying, “He shall baptize you with the **Holy Ghost** and with **fire**.” In Exodus chapter three, God spoke to Moses out of a **burning** bush. In chapter 14 of Exodus, God came down as a pillar of **fire**. In Genesis chapter 19:24-25, Leviticus 10, Second Chronicles 7, and First Kings 18, Second Kings 2, God is again and again symbolized with **fire**, and **fire** gives **light**. Now the **cross** has been long established as the **symbol** of **Christ** and **Christ** is the **Light** of the world. The Gospel of John 1:4-5 states: “In Him (Christ) was life and the life was the light of men. And the light shineth in the darkness and the darkness grasped it not.” Thus, this passage has been symbolized by illuminating a cross with fire at night. (1)

Deste modo, a *Fiery Cross* simboliza os ideais da civilização cristã e da missão de Cristo neste mundo. Representando os ideais da civilização cristã, esta cruz é, nas palavras do Klan, “a symbol of sacrifice, service, and a sign of the Christian religion, [. . .] a constant reminder that Christ is our criterion of character and his teachings are our rule of life. [. . .] We have added the fire to signify that Christ is the light of the world” (“History of the Klan” 1).

De acordo com o Ku Klux Klan, esta prática ritual não deve ser interpretada como um acto de desrespeito para com o Cristianismo, como podemos constatar pelos seguintes excertos:

[. . .] The Knights definitely does not burn the cross, but we do light the cross. The lighted cross of The Knights is no different than the average church that has a lighted cross either on top or in front of their church building. The light of the cross symbolizes the Light of Christ dispelling darkness and ignorance. It is the fire of the cross that reminds us of the cleansing “fire” of Christ that cleanses evil from our land. (“The Christian Cross” 1)

[. . .] As light drives away the darkness and the gloom so a knowledge of the truth dispels ignorance and superstition. By the fire of Calvary’s cross we mean to cleanse and purify our virtues by burning out our vices from the fire of His word. In no way

a flaming cross to light the night sky above, Simmons and his disciples proclaimed the new Knights of the Ku Klux Klan” (5).

does it represent a desecration of the cross; we merely light the cross. The blazing spirit of Western Christian civilization. (“Traditional Cross Lighting” 11)⁵⁴

A recorrência da palavra “light” no discurso do Klan e o significado que este lhe atribui remetem-nos indubitavelmente para o sermão de John Winthrop, “A Model”, nomeadamente a representação da América como a “City upon a hill”, um exemplo aos olhos de todo o mundo.

Em relação à sua insígnia, o Ku Klux Klan sublinha apenas a respectiva conotação religiosa no artigo “The Mystic Insígnia” (confrontar anexo IV): “MIOAK stands for: The Mystic Insignia Of A Klansman. Today it is most commonly known as the Blood Drop Cross. It is displayed as the patch seen on the robes of Klansmen. It is also a part of the Imperial Seal of the Klan. It is [. . .] a blood drop symbol for the blood of Christ” (1-2).

Segundo o Klan, a bandeira dos Estados Confederados, denominada “Dixie”, não pode ser perspectivada como uma imagem de racismo (confrontar anexo V). No seu artigo “The True Flag”, o Klan explica que: “if you study the multi-racial make up of the Confederate army and the equal pay and treatment of all Confederate soldiers regardless of race, the Confederate flag is the last flag anyone would consider racist” (2).

Para o Klan, a sua verdadeira bandeira é a bandeira dos Estados Unidos da América. No seguinte extracto do seu discurso, este grupo de supremacia revela claramente o seu sentido exacerbado de Americanismo:

[. . .] Imperial Wizard Simmons made it plain. He openly declared that there was but one official flag of the Ku Klux Klan and that was the Stars and Stripes. He made it Klan law that NO flag at any Klan function was to fly above it and NO flag was to fly equal to it. All flags would fly beneath the flag of the United States! (*Ibidem* 2)

Com o intuito de se demarcar das práticas rituais do Partido Nazi, o Klan salienta que a sua saudação não é igual à dos Nazis (confrontar anexo VI):

[. . .] The Klan salute is not the nazi salute! To begin with, the Klan salute pre-dates the nazi salute. The Klan salute dates back to 1915 and possibly back to the original Klan. The Klan copied it from the ancient Roman salute. [. . .] The Klan salute is given with the **left** hand NOT the right hand. The palm is turned up slightly and the fingers are spread slightly apart. When giving the salute a Klansman may say,

⁵⁴ Os artigos nos *sites* oficiais do Klan não apresentam nenhuma imagem pictórica desta prática ritual tão importante para a sua organização. No entanto, nos anexos II e III, apresentamos algumas fotos dos anos vinte e sessenta disponibilizadas pelos arquivos *online* da Universidade da Geórgia.

“KIGY”, or, “Klansman I Greet You.” A true Klansman knows his right from his left and does not give the right handed straight armed nazi salute. (*Ibidem* 3)

Com os mesmos contornos, no seu artigo “The Truth about the: Catholics, Crosses, Robes”, o Klan realça o verdadeiro significado do seu traje (confrontar anexo VII):

[. . .] The original meaning of the robe and hood comes from ancient European rituals meaning fraternal brotherhood and anonymity in doing good works. It is true that in “Black Reconstruction” it shielded the identity of Klan patriots from the tyrannical rulers of the South. We wear the robe and hood in our ceremonies in honor of our traditions. Our robe is no more improper or out of place in our rituals today than the judges’ robes in modern courts. (1)

Ao recorrer a determinadas concepções puritanas preponderantes no *status quo*, o Ku Klux Klan tenciona “purificar” a sua imagem de movimento extremista e proclamar o seu mote na sociedade americana: “Yesterday, Today, Forever, Since Eighteen Hundred and Sixty-Six, the KU KLUX KLAN has been riding and will continue to do so as long as the WHITE MAN LIVETH” (Chalmers 438).

3.2. Os Eleitos nas Imagens e nos Conceitos Bíblicos

A auto-atribuição de um carácter de excepionalidade ao Klan é utilizada como um argumento que permite a sua identificação com o sagrado, o Bem, os *True Americans*, associados ao *status quo*. Reveladora de um moralismo coercivo que nos remete para os severos valores morais puritanos, esta organização apela à hegemonia da “raça” branca como um reforço do sistema *WASP*, no seu artigo “Doctrinal Statement”:

[. . .] We believe that White, Anglo-Saxon, Germanic and kindred people to be God’s true, literal children of Israel [*sic*]. [. . .] We believe that as a chosen race, elected by God (Deut. 7:6, 10:15; I Peter 2:9), we are not partakers of the wickedness of this world system. [. . .] We are to keep and teach the laws of God (Matt. 5: 17/19) on both a personal and national basis. (3-4)

Neste capítulo, pretendemos focar as estratégias falaciosas do Klan que aparentemente lhes permitem classificar os *WASP* americanos como “povo eleito de Deus” e evidenciar como tais teorizações dissimulam a análise da construção social dos modelos masculino e

feminino, que cremos ser pertinente na acepção da apologia da supremacia branca. Para fundamentar tal classificação, o Ku Klux Klan reactualiza a auto-consagração puritana dos eleitos “santificados”, já aludida no capítulo 2.2. A profecia da grandiosidade e da felicidade americanas é ainda sustentada pelo modo como o Klan “retrata” determinados episódios e figuras relevantes da História dos Estados Unidos da América.

Num primeiro momento, sublinhamos a forma como o discurso actual do Klan “descreve” a situação “inquietante” vivida pelos *WASP* na sociedade americana. Alegadas vítimas da intervenção “agressiva” dos grupos minoritários, os “eleitos” revelam um profundo sentido puritano de Cristianismo face às privações e ao sofrimento a que estão sujeitos e, consequentemente, uma maior força na concretização dos propósitos divinos, como comprovam as seguintes passagens:

[. . .] For years white people have attempted to get along, yet Negroes continue to threaten, harass, and make demands. White people, in general and white children specifically are being targeted daily with a guilt complex, while Negro bigots hide behind a shroud of pseudo love and goodwill. (Robb, “An Open Letter” 2)

[. . .] We are victims. All of us! Every one is a victim of someone else. Regardless what happens or what laws may have been broken or what kind of horrible crime may have been committed. The first line of defense is somebody made him do it. (Klan, “Anti-Smoking Hidden Agenda” 1)

[. . .] Virtually all people who believe in the old time gospel of racial separation are just normal loving, kind, Christians - just like the people you go to church with. Some of them may wish to support an organisation with the same beliefs so they might join The Knights. Still, however, they’re simply nice people, probably like you. [. . .] But on the other hand, black on black crime is an epidemic and hundreds of thousands of whites are victimized by minorities each year. Are we to believe race has nothing to do with these crimes? [. . .] The whole time the actual intended victims in the end are the hardworking Bible believing white Christians of America. (Pendergraft, “Hate Crime Legislation” 3)

Importa referir que sempre que a hegemonia “branca” é ameaçada, o Klan procura reformular o sentido de *Whiteness*, legitimando e sustentando privilégios de raça, classe, género e sexualidade. De acordo com Williams, os homens brancos são simultaneamente representados como “guerreiros raciais” e vítimas de discriminação racial e de opressão social nas mãos de um “Estado racial”:

[. . .] Discourse of this type reinforces notions that any white man who seeks to preserve the family with its hierarchy of race, gender, and sexuality may find himself a

victim of the State or racial Others. [. . .] In general white males believe that current social changes (economic restructuring, demographic changes, equal rights, etc) threaten their privileged positions in society. (1)

No artigo “Standing Strong Together”, o Klan patrocina claramente o poder patriarcal instituído na cultura dominante e um sentido exacerbado de nacionalismo. O papel hierarquicamente superior do homem branco configura a protecção da família e da nação americana como uma honra:

[. . .] Courage is contagious. America needs more parents like that today who are willing to support their children’s obedience to God, even if it exposes their own weakness of faith. Joash stood with his son and the Lord against the people who wanted to keep their false Gods and continue to support the evil despots. His ridicule of Baal’s importance was tremendous. If Baal was as strong as the people thought, let him defend himself against Gideon. The father’s affirmation was expressed by giving his son a new name, Jerubbal, meaning “let Baal contend against him.” He released his son to battle for the Lord. [. . .] when we take a stand, whether in the home or in the community, we are giving our children the courage to be courageous themselves. What a better inheritance to pass to our children, than the strength to stand on principle and to fight for White Christian Revival. (1)

A autoridade e as virtudes legadas por acção divina ao homem branco lidam o exercício do domínio masculino sobre as mulheres e sobre as crianças do sexo masculino e do sexo feminino. Ao aludir aqui a um episódio bíblico, o Klan funde simbolicamente o Cristianismo, particularmente a sua vertente puritana, e os Estados Unidos da América, tornando-os análogos. Segundo Daniels, as concepções de “nação” e de “Deus” no discurso de supremacia branca são conciliadas como “justifications for the ideologies of race, gender, and sexuality established in the white family. [. . .] the two come together to valorize a particular conceptualization of the family, and with it, a particular hierarchy of race, gender and sexuality” (42). Essas concepções encarnam o “ideal” da família nuclear, branca, heterossexual e procriativa, emergente tanto na cultura popular como na própria política americana (*Idem*).

Desta forma, o Ku Klux Klan conjuga factores sócio-culturais, político-ideológicos e religiosos que legitimam a promoção de um modelo de família e de feminilidade, cujos contornos coincidem com as representações da sociedade patriarcal. Como Kaufman salienta, historicamente, e mesmo nos dias de hoje, a posição social dos elementos femininos WASP sempre manifestou um complexo nexos entre os privilégios de raça e de classe e a opressão de género (272-73).

Compreende-se, neste contexto, o “retrato” social delineado pelo Klan das mulheres *WASP* enquanto puras, assexuais, submissas⁵⁵ e “boas” mães, ou seja, “verdadeiros” exemplos de feminilidade que consubstanciam a missão procriadora e educadora da família branca e celebram o seu papel relevante na História americana, sob a égide de Deus. Subjacente à imagem da maternidade branca, o Klan realça a imagem da mulher branca “belicosa”, redentora da sua “raça” e da sua nação, como podemos verificar pelos seguintes excertos:

[. . .] Women must be accepted for the wonderful talents God has bestowed upon them. They must be viewed as the courageous people they are. They must be loved for the sacrifices they make. America was founded by white Christian men AND women. White Christian women died on the Mayflower, fought off the Indians, nursed to health fallen soldiers and educated the founding fathers. They deserve our admiration, our devotion, our love and our respect! (“What Do Women Want?”¹)

[. . .] Our mothers, and great grandmothers, and their mothers before them helped to build America. The founding fathers under their mothers’ watchful care and Christian instruction were raised to be obedient to God, to fight for liberty, to be morally upright, and to stand against tyranny. [. . .] we can’t escape the course nature has designed for us: motherhood. [. . .] Some women don’t have children, some can’t have children, but women as a whole do have children and whether they are a mother or not, their insight, natural compassion, and love for humanity is needed for any civilized nation to survive. [. . .] we must reclaim our position as the daughters of the Republic – America’s future is worth it! (Pendergraft, “Welcome!” 1-2)

[. . .] Christianity has prospered greatly and has flourished throughout the world with the aid of women. [. . .] Today, we recognize that because women do hold an extremely influential position in the family, it is for this precise reason that women are so influential as a whole in American society and politics. The family is the cornerstone of American life. (Pendergraft, “Women Who Love Their Heritage” 1,2)

Destas asserções transparece uma inquietação relativamente ao baixo nível de natalidade da “raça” branca⁵⁶, uma vez que este ameaça simbolicamente a primazia sócio-cultural e político-económica dos *WASP*. Neste sentido, o papel da maternidade e as capacidades reprodutoras da mulher branca são substancialmente valorizados.

⁵⁵ No artigo “Political Processes and Institutions”, Blee refere que esta classificação das mulheres brancas procede do “código de Cavalaria” instituído nos estados sulistas até à sua derrota na Guerra Civil e reavivado pelo Ku Klux Klan ao longo do seu trajecto histórico (1-2).

⁵⁶ Para um aprofundamento dos dados estatísticos sobre esta realidade demográfica americana, consultar Hacker, particularmente os capítulos “Race and Racism. Inferiority or Equality?” e “Parents and Children. Do the Races Really Differ?”.

Concomitantemente, o Klan aponta para os benefícios do trabalho doméstico, enquanto profissão “ideal” para as mulheres se realizarem pessoal e socialmente. Determinados dados estatísticos são inclusivamente apresentados para corroborar esta posição. As mulheres são confinadas de modo subtil ao papel tradicional da mulher como “boa” esposa e “boa” mãe – um modelo que pretensamente assegura a felicidade da sociedade americana (confrontar anexos VIII e IX):

[. . .] The survey commissioned by the Center for Gender Equality revealed American women's more conservative religious views influence a more conservative view on social issues. [. . .] more women support a family dynamic in which the husband takes leadership and holds the primary career. [. . .] 36 percent of American women agree with the recent action by the Southern Baptist Convention to amend its Baptist Faith and Message statement by adding a family article which included that wives should “*submit (themselves) graciously to their husbands' leadership*.” The addition also calls for *husbands to “love (their wives) as Christ loved the church.”* Forty-eight percent of the respondents think society is better if men achieve in jobs and women work at home, the survey revealed. (“Major Feminist Group Shocked” 1)

[. . .] On Thursday, the U.S. Census Bureau announced a decline in the numbers of working women with infant children. The rates fell from a record-high 59 percent in 1998 to 55 percent in 2000, the first significant decline since 1976 when the Bureau developed the indicator. In 1976, only 31 percent of new mothers were in the workforce. [. . .] Women realize that the first few developmental years of a child's life are crucial, and they recognize their importance as mothers during these early years. (“What Women Want: More Time with Their Children” 1)

[. . .] A Census Bureau report out recently shows more mothers are returning to the labor force within a year of giving birth [*sic*]. However, despite popular opinion, many of these women aren't spending 40 hours a week in a down town office. They are working from their home. This is seen as good news to many Conservative moms who view this as akin to the return of the cottage industry. The cottage industry or small business run from the home equaled with the free enterprise system catapulted the nation in its early years to be the wealthiest in the world. [. . .] Women's lives, the family's financial status, and the independence of the nation were all improved upon when women and men were able to work from the home. (“Home Business” 1)

As mulheres WASP, “valiosas” reprodutoras e educadoras da “raça” branca, são ainda retratadas pelo Klan como seres frágeis, inseguros e potenciais vítimas de agressões sexuais, tal como as crianças brancas: “We want to see our women and children protected by enforcing the death penalty for rapists and child molesters” (“The KKK and the Media” 3). A vulnerabilidade das mulheres WASP é realçada de forma a justificar a urgência da “protecção” do homem branco, como verificamos no artigo “Moms in Combat”:

[. . .] the respectful position that women and motherhood held within society [. . .] dictated their protection at all cost. If women were forced by situation to use her God given right to self-defense it usually meant the men weren't or were unable to fulfill this duty themselves. It used to be a concept appreciated by women, and today smart women still appreciate it. [. . .] Women should be respected for the contributions they make to society and revered for their role of mother. (1-2)

Destacamos, deste modo, a ambivalência que envolve a configuração das mulheres *WASP* no discurso do Ku Klux Klan, uma vez que estas fruem de um estatuto elevado, mas assumem simultaneamente uma posição de subordinação em relação aos homens *WASP*.

Nas sociedades capitalistas patriarcais sobressai este tipo de representação da mulher: o enaltecimento na esfera privada (fechamento em casa; limitação das redes de sociabilidade; centralização na educação dos filhos) e a subordinação na esfera pública, com menor visibilidade social, cerceando as possibilidades de autonomia (financeira, por exemplo) e de progressão nos domínios supostamente mais importantes para a evolução das sociedades (política, economia, entre outros). A atribuição deste papel subalterno é validada pelo *status quo*, designadamente no modo como este promove o poder patriarcal na sociedade americana (Daniels 62-63)⁵⁷.

Este cenário paradoxal remete-nos para as metáforas de Edward Taylor sobre natureza e casamento, referidas no capítulo 2.1. Na sociedade puritana, tão rigorosa hierarquicamente, a submissão da mulher *WASP* ao homem *WASP* decorria da própria representação teocrática do *Covenant* entre Deus e o seu povo eleito.

No artigo “The Dilemma”, o Klan explica, de forma perniciososa, as “diferenças” entre homens e mulheres como dimanantes da “Vontade de Deus”:

[. . .] God made women with a distinctiveness, an intuitiveness, a sensitivity to the needs of others and has always worked through them. No intelligent white man or woman would ever deny the physical, biological and chemical differences between the two sexes. Women are naturally not geared toward brute strength, although there are always exceptions. And generally, men are not able to replace the special bond of a mother and her child. [. . .] We need white women to [. . .] be the heroines God intended them to be. (1)

⁵⁷ Para aprofundar o “abismo” entre homens e mulheres brancos traçado pelo discurso do Ku Klux Klan ao longo da sua História, consultar Aynes (1-2), Cash (84, 115-129, 302-05), Rhomberg (2,11-12) e Simkins (160, 271,415).

Ainda sobre esta questão, deparamo-nos com as seguintes palavras de Pendergraft que nos causaram muita perplexidade:

[. . .] The United States being the first modern nation ever to allow any citizen to vote did lag behind in recognizing this right to women. However, even this was not viewed by the men of that time as an act of discrimination, but rather one of protection from the ugly world of politics. It was a cultural issue not a moral issue. (“Women Who Love Their Heritage” 1)

Convém aqui reter que os valores, as crenças e as ideologias dominantes, legados pelo Puritanismo do século XVII, alimentam, reciprocamente, as representações sociais, nomeadamente de género, raça e sexualidade, que adquirem sentido pela objectivação das diferenças, assimetricamente construídas e cognitivamente estruturadas em categorias dicotómicas – os sexos –, em função das quais se organizam as respectivas configurações de atributos: “masculinos” – autoridade, heroísmo, força física, perpetuação da sexualidade branca, protecção “cavalheiresca” da família, e “femininos” – pureza, fragilidade física, procriação, coragem, educação dos filhos e trabalho doméstico.

No que diz respeito às crianças ou jovens *WASP*⁵⁸, o discurso do Ku Klux Klan revela como o domínio masculino exercido sobre estes assume os mesmos contornos da relação entre pais e filhos na vida familiar puritana (aludida no capítulo 2.2.).

O Klan evidencia como as crianças ou os jovens *WASP* são facilmente “vítimas” dos “pecados” de uma sociedade que se afasta dos verdadeiros desígnios de Deus, conforme ilustram estes extractos:

[. . .] If you are white and young in America, you more than anyone else are likely to know about discrimination. You are faced with it every day. You are reaping all of the “wonderful benefits” given to you by the baby boomer generation. [. . .] once you do get to college there are no Caucasian Student Unions or European Culture Clubs and don’t even think about starting one just because there are tons of them for Blacks, Asians, or what ever. If you were daring enough to try, you would be called all kinds of horrible names. Why, you would wonder. You just wanted to have a club like everybody else. Welcome to the world of hypocrisy and illogical thought. [. . .] Today it’s hard, real hard to say you are White and proud. (“Check This out!” 1,2).

[. . .] Are parents really spending more time with their kids, as a new study concludes? The University of Michigan report claims parents today are

⁵⁸ Constatamos, de forma surpreendente, que a bibliografia secundária sobre esta temática é deveras escassa. No entanto, julgamos pertinente tecer algumas considerações a partir dos próprios textos do Klan, indubitavelmente elucidativos quanto aos seus intuítos.

spending more time with children than they did two decades ago. But, the statistics may be purely political. [. . .] some child development experts question the researchers' methods and the conclusions. [. . .] The study showed that today's working parents might be carving extra time for children out of personal time, increasing stress levels. Interestingly, the study comes on the heels of another that correlates hours in day care with aggressive behavior. ("Parent Time with Children" 1,2)

Logo, enquanto veículo de ordem social, a autoridade patriarcal tenciona “proteger” as crianças e os jovens *WASP*, como insinua Pendergraft no seu artigo “Our Youth under Fire”:

[. . .] Parents must take an active stand in the home for their beliefs. [. . .] No opportunity to discuss their place as a child of God and follower of Christ - not the world - should be missed. Children must be taught to appreciate the close bonds of family and to understand the role of the family in the advancement of Christianity. If parents develop a passion for study of their heritage, faith, and country, children will follow suit. (3)

Esta apreensão relativamente à “preservação” da herança cultural dos Estados Unidos da América pretende sobretudo despertar todos os *WASP* para a missão profética anunciada pelos colonos puritanos. Assim, num segundo momento, centramos a nossa atenção nos argumentos do Ku Klux Klan que recuperam determinadas concepções puritanas, abordadas no capítulo 2.1., para justificarem a classificação dos *WASP* como “povo eleito de Deus”.

A teoria da excepcionalidade puritana é apropriada pelo Klan de modo a reafirmar o sentido de eleição divina dos *WASP* americanos. No artigo “All Who Are Led by the Spirit”, a noção puritana de Predestinação permite suprimir qualquer dubiedade na concretização dos desígnios de Deus, uma vez que a salvação eterna se restringe apenas aos fadados para o Bem:

[. . .] There in the Celestial Realm, your Father told you what you were to do as you came into physical earth. It was there that He wrote your names in what is called – “THE LAMB’S BOOK OF LIFE.” It was there in the Celestial Realms that HE unveiled the Mysteries to you, and these thoughts are still with you, although hidden until you reach for them as HIS Spirit - in you - is activated at the proper time. [. . .] In another place we find recorded that he spoke saying: -- “All that was given to me in the Spirit shall come - and He that cometh I will in no wise cast out.” - No man however comes unto me except it be given unto him, of the spirit. In other words all that are Mine in spirit will come, and “I give them ETERNAL LIFE, and they never perish.” Here in the Gospel of John is he not plainly telling HIS Children that all His children born of spirit will come as HE CALLS. There is no if, and, or buts, nothing left out. This is absolute sovereign control, predestined purposes of the MOST HIGH GOD. He says: -- “I call - my sheep by name, I lead them out.” (John 10:3) Then more than this – “No man can pluck them out of my hand. The spirit being greater than the flesh, then the Father (Spirit) loses nothing”. (2-3)

Esta organização de supremacia branca manifesta uma evidente ansiedade relativamente ao cumprimento da profecia puritana da América como terra de eleição (confrontar anexo X): “America is the regathering place of the holy Christian people of God. It was here in the Great American Wilderness, where God gathered his Christian people and established a great Christian government” (“The Knights’ Party” 1). O *manifest destiny* dos WASP eleitos está enraizado no mito bíblico da “Terra Prometida”, designada por Deus como a “Nova Jerusalém”, como comprovam as afirmações destes membros do Klan:

[. . .] We urge you to search the Scripture. [. . .] The purpose of our embodiment is to bring Christ’s Kingdom (GOVERNMENT) to this Earth. We have had that government here in this NEW JERUSALEM – the U.S.A. [. . .]. Are we keeping it? [. . .] Let us obey and implement His laws for His people. [. . .] Jesus Christ [. . .] taught us to pray, “Our Father which art in heaven.” [. . .] This is why we must know our IDENTITY! [. . .] We are in the land where this fact would be revealed according to Divine prophecy. [. . .] We urge you to search the Scripture. (Gale 6,8)

[. . .] America is that new land, New Israel. [. . .] one shall become a thousand and a small one a strong nation: I the Lord will hasten it in his time (Isaiah 60:22). It is here that is fulfilled the promise to Joseph, “blessed of the Lord be his land . . .” (Deuteronomy 33:13). [. . .] It is in the North American wilderness that waters have broken out, and streams in the desert (Isaiah 35:6). America is Hepzibah and Beulah land (Isaiah 62:4); America truly is God’s Country. The heathen look at America and say, “Certainly they are the seed which the Lord hath blessed” (Isaiah 49:6). (Emry 18)

A reivindicação da América enquanto Sião sagrado é documentada pelo recurso incessante a imagens e a conceitos bíblicos. A partir da teologia puritana do *Covenant*, é rememorada a promessa de Graça e de reconciliação divinas:

[. . .] God appeared to Jacob to confirm these covenants in Genesis 28, including verse 14: And thy seed shall be as the dust of the earth, and thou shalt spread abroad to the west and to the east, and to the north, and to the south; and in thee and in thy seed shall all the families of the earth be blessed. These and other verses make it plain that all the covenants pertaining to Abraham’s blessings were passed to Jacob, whose name later was changed to Israel. (*Ibidem* 4)

[. . .] Today we would remind you of this: -- (Jer: 31:31) – “I will make a new covenant with the House of Israel and the House of Judah” - which were now divided – “Different than I made in the days of the fathers, different than I made with Abraham, Isaac, and Jacob. For now I will make a new covenant and I am Going to Put MY SPIRIT IN YOUR HEART, AND WRITE MY LAW ON THE TABLES OF

YOUR HEART. I am going to give you spiritual feelings for this.” - Well, who was to receive this new covenant? The House of Judah and the House of Israel - Only His People, those of the Kingdom, from both of these house of Israel for they would eventually become again One House of Israel. [. . .] Today the most powerful wing of the Anglo-Saxon people is the United States, [. . .] this Last Great Nation of God’s Kingdom, as it moves into its place of Destiny. (Klan, “All Who Are Led by the Spirit” 5)

Salientamos que, tal como o sermão de Winthrop “A Model of Christian Charity”, o discurso actual do Klan (re)edifica a imagem do corpo humano como ícone vivo, um elemento fulcral na anunciação da aliança entre Deus e os Seus eleitos:

[. . .] The Apostle Paul in his education as he made a heavenly journey learned also that he was a Celestial being, that he had a body that was incorruptible, that this was his Beginning. [. . .] In this message to the Corinthians the Apostle Paul tells us – “We did not receive, as we came into the physical body, the spirit that those of the World Order - or natural man received. The Spirit which the Children of the Kingdom received searches out the things of God, and makes it known unto us.” The Apostle Paul then said: -- We are not natural men, but spiritual men in natural bodies. When this is understood we lose a lot of this error which has been fed to the church and to this race. The great synthesis of the kingdom is built around Divine Idea, and Divine purposes, which come into our consciousness out of the spirit. There is within the children of the Kingdom, in the seat of your consciousness - resident in this physical body - something which allows us to think. And if the physical soul consciousness violates Divine Law this physical body begins to feel uneasy. This is a signal that you are out of line with or out of balance with Our Father. (*Ibidem* 2-3)

Neste âmbito, o carácter de excepcionalidade dos *WASP* traduz-se num modo de vida ascético, ética e moralmente rigoroso, delineado pelo próprio Puritanismo colonial. No artigo “Am I My Brother’s Keeper?”, Blaha, um membro do Klan, reverencia os ensinamentos cristãos que considera fundamentais:

[. . .] Jesus answered them, Verily, verily I say unto you, Whosoever committeth sin is the servant of sin. And the servant abideth not in the house forever: but the Son abideth ever. If the Son therefore shall make you free, ye shall be free indeed. I know that ye are Abraham’s seed; but ye seek to kill me, because my word hath no place in you. I speak that which I have seen with my Father [YHVH is Christ’s literal father]: and ye do that which ye have seen with your Father [implying a literal father as well]. (9)

Aliás, o Klan define os *WASP* eleitos como “*visible saints*”, formas físicas visíveis, que ambicionam concretizar a “city upon a hill” no mundo, sob a “Luz” de Deus:

[. . .] America is the nation from which the light of God's Word has gone to the ends of the earth (Isaiah 49:6). You who are descendants of the people we have traced in the Bible and in history are Israelites, heirs according to the promise, and the Bible is about you and your race. [. . .] True to His promise to our fathers, Abraham, Isaac, and Jacob, the God of Israel has redeemed us with His own blood. [. . .] He will most certainly keep His promise with us [. . .]. (Emry 19)

O sentido puritano de eleição divina e de grandiosidade da América é ainda solenizado pelo Klan no modo como este se debruça sobre o percurso histórico (e pretensamente bíblico) dos *WASP* americanos. Por isso, num terceiro momento, sublinhamos como o Klan explora o arquétipo da população deslocada ao classificar a América como a “Nação Hebraica Regenerada”, evocando sintomaticamente determinados passos das Sagradas Escrituras. A (re)construção do *American Israelism* por parte deste grupo de supremacia branca intenta reforçar o sistema de privilégios da “raça” branca e, simultaneamente, legitimar a classificação de “povo eleito de Deus”.

Segundo Quarles, a “religião” desta organização consiste na aplicação de “a concept of militant Christianity” (155). Actualmente, a apologia da superioridade da “raça” branca alegadamente fundamentada pelo Cristianismo é denominada de *Christian Identity*, na qual a figura de Deus não é complacente como aquela proclamada no Novo Testamento, mas antes implacável e vingativa (*Ibidem* 157-58)⁵⁹, tal como nas imagens bíblicas do Antigo Testamento exploradas pelos Puritanos.

Para “comprovar” a eleição sagrada dos *WASP* americanos, Blaha estabelece, desde logo, uma analogia entre a “raça adâmica”, a única concebida por Deus, e a “raça” branca, no artigo “A Beast with a Hand?”:

[. . .] America is the Promised Land of Israel (the Caucasian peoples of the Earth). [. . .] The blessings that Yahweh has bestowed upon the Caucasian race have allowed us to create the technology that the world uses. They [. . .] have allowed us the created Western Christian Civilization. What proof is there that we are all equal? The pure descendants of Adam are thousands of years ahead of the beasts technologically, culturally and spiritually. There is no room for comparison [. . .] between the Adamic Race and the pre-Adamic races in the Scriptures. (9)

⁵⁹ Para um aprofundamento teórico sobre esta doutrina propagada nos Estados Unidos da América, consultar Lamy, nomeadamente os capítulos “Dragon, Beasts, and Christian Soldiers” e “Antichrist. The Myth of the Jewish World Conspiracy”.

No artigo “Heirs of the Promise”, Emory especula sobre a descendência “abençoada” das “Dez Tribos Perdidas de Israel” ao apresentar certos “factos” elucidativos do seu trajeto até às Ilhas Britânicas:

[. . .] What did happen to the millions, yes millions, of Israelites who were driven out of Palestine 700 years before Christ, and where were they, if they existed at all, at the time? [. . .] Archeology has solved two of the greatest archeological problems: First, what happened to the hundreds of thousands of Israelites who disappeared south of the Caucasus; and second, what was the origin of the Cimmerians and the mysterious nomadic tribes, known as Scythians, who suddenly appeared north of the Caucasus - both at the same time in history. They were one and the same people. They were Israelites. [. . .] we find the Romans introduced the name “Germans” in place of the name Scythians, in order not to confuse the Scythians with the Sarmatians, who now occupied Scythia. Germanus, being the Latin name for “genuine,” indicates the Germans were the genuine Scythians. [. . .] During this time the Celts were expanding in all directions from central Europe. [. . .] Some of the Celts moved into Spain and became known as Iberes, the Gaelic name for “Hebrews.” Others poured into Britain to form the bedrock of the British race. Later, the Iberes moved into Ireland as Scots, and later into Northern Britain to establish the nation of Scotland. [. . .] The so-called “lost tribes of Israel” really were never lost. [. . .] God bestowed upon that one race almost every invention and discovery that has improved man’s condition and lot upon the earth. Certainly. God made these offspring of Abraham a blessing to all the families of the earth. (10-15)

Emory conclui que as promessas bíblicas se transformaram em factos históricos, conforme ilustra este excerto do mesmo artigo:

[. . .] These people are the Israelites, the children of Abraham, God’s chosen people. And that explains why every true gospel preacher and missionary for Jesus Christ for over 1,900 years has been of this one race. [. . .] In the Old Testament God had promised to regather divorced Israel unto Himself [. . .]. For thus saith the Lord God; Behold I, even I, will both search my sheep, and seek them out (Ezekiel 34:6,11). [. . .] Jesus made it plain He was the instrument of Israel’s return to God: For the Son of man is come to seek and to save that which was lost (Luke 19:10). But he answered and said, I am not sent but unto the lost sheep of the house of Israel (Matthew 15:24). (15)

No artigo “An Amazing Connection”, o Klan reforça a aliança entre Cristo e os descendentes de Israel, cujo legado marcou a própria História do Reino Unido (confrontar anexos XI e XII):

The ties between Jesus and England are many. The traditions surrounding Glastonbury make it certain that Jesus spent much time there. [. . .] The coronation stone which sits in Westminster Abbey, England, is the coronation stone of the

Hebrew nation called Israelites. [. . .] The Coronation Chair of England has been in constant use to crown the Monarchs of England since 1296 AD [. . .]. [. . .] All the kings of Israel, the whole nation, then the Kingdom of Judah, were crowned standing on or beside this Stone. Upon Jeremiah's arrival in Ireland, 583 BC, with the Stone, the Stone was again put in use to crown the Royalty of Israel. (1,9,11)

Destacamos a forma como o discurso actual do Ku Klux Klan enfatiza laudativamente três momentos (e determinadas figuras históricas) no percurso dos WASP na América, a verdadeira “Terra Prometida”: o período colonial puritano, a Revolução Americana e a Guerra Civil.

No que diz respeito à migração e à experiência puritana, o Klan enaltece as vidas, as paixões zelosas, os sacrifícios e as convicções dos fundadores da nação americana que ambicionavam edificar uma comunidade escrupulosamente disciplinada por “*visible saints*” e por leis procedentes das Sagradas Escrituras:

[. . .] It must be remembered that the injustices of the mother country (England) was [*sic*] still fresh in the minds of this foundling nation. Christians fled England to the shores of this new land to escape the established Church of England. [. . .] Members were given especial privileges and those who chose to belong to different Christian denominations were penalized and persecuted. The colonists came here to practice their own chosen Christian denominational beliefs, but NOT to escape Christianity. (Pendergraft, “Separation of Church and State” 3-4)

[. . .] Our pilgrim fathers, who were Christian Israelites from Europe and knew God's promises, called this North American continent “The Wilderness” and “New Canaanland.” They said they had come hither to establish the Kingdom of God. God turned Israel from Antichrists in Europe, and God took them one of a city and two of a family, and He brought them to Zion. Turn, O backsliding children, saith the Lord; for I am married unto you: and I will take you one of a city, and two of a family, and I will bring you to Zion: And I will give you pastors according to mine heart, which shall feed you with knowledge and understanding (Jeremiah 3:14, 15). He gave them Christian pastors who fed them with knowledge and understanding. In the early histories, they called themselves, “this wandering race of Jacobites”, “a vine out of Egypt”, and “the seed of Abraham.” (Emry 17)

A partir deste cenário, o Klan ousa recuperar os conceitos concebidos no *Mayflower* e no *Arbella* e amadurecidos durante a Revolução Americana. Gale realça que: “[. . .] George Washington [. . .] was well aware of the Bible prophecy for this nation. [. . .] Mr. Washington made it clear that the King of this nation is JESUS CHRIST [. . .], the only Lord recognized by the founders of this nation” (9). A Constituição Americana é configurada pelo Klan como um documento inspirado nos desígnios divinos: “It's Jeremiah's Law coming from the Law of

Moses coming from the very Hand of God [. . .], which processed through our Pilgrims as the Mayflower Compact, [. . .] became our Constitution” (“An Amazing Connection” 8).

No artigo “George Washington”, Duke aclara de forma explícita o “verdadeiro” significado dos valores da Revolução Americana – a protecção dos *WASP*: “Washington and Jefferson [. . .] were not hypocrites, they were completely consistent. The truth is that when Washington and Jefferson spoke about the ‘rights of man’ they clearly were speaking about White men, not Blacks whom they viewed as a primitive form of humanity” (2).

Neste sentido, Duke sublinha a “qualidade” genética dos *WASP* americanos tenebrosamente ameaçada pela devastação provocada pela Guerra Civil:

[. . .] Ultimately, slavery drove the two regions, North and South toward the most terrible of American wars, the War Between the States; the greatest loss of life and property ever sustained by our nation. Not only did it take the grievous toll of a million lost lives, the war cost our people billions of our best genes. They were the genes of genius and honor, of self-sacrifice and bravery, of strength and beauty. Most of the casualties were too young to have passed on those precious traits to the generations ahead. The war erased many thousands of the best of our kind from our gene pool. It incurred a genetic debt that we still pay for today and perhaps will feel forever in our genetic makeup. (*Ibidem* 4)

Descortinamos aqui uma denúncia do alegado genocídio da “raça” branca que não deixa de ser abusiva e paradoxal, uma vez que ao longo da História Universal os grupos minoritários foram amiúde vítimas de perseguições e de execuções perpetradas pelos indivíduos de “raça” branca. Esta mensagem, que aborda a questão da vitimação da “raça” branca e a culpabilização das outras “raças” inferiores, será ainda analisada no sub-capítulo 3.3.1.

Perniciosamente, a figura histórica de Abraham Lincoln nunca é representada pelo Klan como impugnadora da escravatura, mas apenas como líder revelador de um exemplar sentido de nacionalismo ao se empenhar na preservação da unidade do Sião americano (confrontar anexo XIII, onde notamos uma clara tentativa por parte do Klan em se apropriar de imagens visuais comprometidas com os valores da cultura dominante): “[. . .] With Lincoln, it began as a war to hold the Union together. [. . .] Lincoln, whatever his feelings about the sufferings of the slaves, was being on upholding the law of his times as it existed. [. . .] slavery was supported by the Constitution [. . .]” (“Abraham Lincoln. The Truth” 2).

Determinadas imagens de nacionalismo são também invocadas por Gale com o propósito de revigorar o sentido de grandiosidade da América:

[. . .] As we look at our dollar bill we see the Great Seal of the United States. On the obverse side of the Great Seal we find the spread wings of the great Eagle that John tells us about, in the Book of Revelation. Above the Eagle is a cloud cluster containing thirteen stars; on the Eagle and thirteen arrows in the other. On the banner are the words E Pluribus Unum (One Out of many). On the Pyramid are thirteen levels of stones. [. . .] Have we forgotten that there were thirteen tribes of Israel, as well as thirteen colonies and thirteen states? [. . .] We are that gathering of His nations which was foretold in the Scripture. (8)⁶⁰

Em suma, a argumentação deste grupo de supremacia branca subjacente à consagração dos *WASP* americanos como “povo eleito de Deus” não deixará de ser surpreendente, indiciando, na nossa perspectiva, uma possibilidade de perpetuação dos pressupostos político-ideológicos instituídos pela cultura dominante. De facto, esta é a lógica das práticas sociais que alimentam a concepção da América como a “Nova Jerusalém”.

3.3. As Figuras de Preconceito

Composto por “(Aryan) white gentile citizens, who are of sound mind and good moral character” (Klan, “Here Are Twenty Reasons” 1) e auto-proclamado parte integrante do “povo eleito de Deus”, o Ku Klux Klan ambiciona concretizar o Éden na América; todavia, para cumprir tal missão, todas as forças profanas, ou seja, os *False Americans*, têm de ser enfrentadas de modo hostil. Como Chalmers salienta:

Combined with Klandom’s sense of mission is an overwhelming awareness of powerful enemies [. . .]. This, together with a heritage of violence, [. . .] adds to the sense of danger and excitement. For this Klansmen pay their initiation fee, kneel in prayer, and swear obedience, secrecy, and fidelity to the mysterious Invisible Empire. [. . .] the excitement of inflicting pain has always held a psychic reward for Klan floggers. Nevertheless, Klan violence clearly has been triggered by social and cultural values, rather than instinctive ones. (426,431)

⁶⁰ Esta alusão do Klan remete-nos para a imagem da águia americana imprevisivelmente agressiva, descrita por Hawthorne, em *The Scarlet Letter*: “[. . .] vixenly as she looks, many people are seeking [. . .] to shelter themselves under the wing of the federal eagle [. . .]. But she has no great tenderness, even in her best of moods, and, sooner or later, [. . .] is apt to flying off her nestlings with a scratch of her claw, a dab of her beak, or a rankling wound from her barbed arrows” (37). A hostilidade inerente a esta águia americana emerge não só das concepções severas e intolerantes da comunidade puritana do século XVII, mas também dos próprios objectivos e atitudes do Ku Klux Klan. Para uma análise aprofundada desta obra de Hawthorne, consultar Castilho (3-16).

Interessa-nos aqui desvendar a qualidade perniciosa das estratégias do Klan, que instituem na sociedade americana figuras de preconceito enquanto “criaturas malignas”, legitimando o recurso a formas de violência figurativa e literal com determinadas referências bíblicas. Neste capítulo perspectivamos a expressão “figuras de preconceito” tal como ela foi utilizada no contexto do Puritanismo colonial americano, em consonância com os nossos objectivos e o nosso objecto de estudo, onde privilegiamos como dimensões de análise fundamentais as concepções sociais e culturais puritanas do século XVII, já expostas no capítulo 2.2..

Segundo Quarles, qualquer cominação ao “*American Way of Life*” promovido pelo *status quo* instiga o Klan a procurar bodes expiatórios pelos cenários “trágicos” denunciados. O seu lema “America for Americans” prenuncia o sentido de exclusividade dos WASP na sociedade americana (93).

A concepção puritana do Bem e do Mal transparece do modo como o discurso actual deste grupo concatena os *True Americans* ao sagrado e os *False Americans* ao profano. Emahiser, um membro do Klan, evoca e “explica” determinadas passagens do Antigo e do Novo Testamento que, alegadamente de forma inequívoca, acentuam a cisão entre os “eleitos” e as “criaturas malignas” na “Terra Prometida”:

[. . .] now we will settle this thing once an for all with Acts 3: 25: “Ye are the children of the prophets, and of the covenants which God made with our fathers, saying unto Abraham, And in thy seed shall all kindreds of the earth be blessed.” [. . .] The word “kindreds” makes all of the difference in the world [. . .]. The word indicates that the blessings are for the “kindred” peoples - the red kind - the kind that shows blood in the face - Adam kind (or kin) - kinfolk. Now we can know for sure that these blessings are for Israel and no one else! [. . .] What is Israel’s relation, then, to the other races? And, what is that relation supposed to be as taught by the Bible? The answer is: Yahweh commands that Israel shall be totally separated from all other races, Numbers 23:9: “For from the top of the rocks I see him, and from the hills I behold him: lo, the people shall dwell alone, And shall not be reckoned among the nations.” The word “reckoned” as used here is the Hebrew word 2803 in the Strong’s concordance. It means to think, account. In other words Israel will not be accounted among the other races - not calculated among the other races- not counted among the other races - not considered among the other races - not imputed among the other races - not regarded among the other races. The word “nations” as used here means “goy” in Hebrew. [. . .] WE ARE NOT TO HAVE ANYTHING IN COMMON WITH THEM AND THEREFORE HAVE NO AFFECT UPON THEM IN ANY WAY, SHAPE OR FORM, GOOD or BAD. WE ARE TO LEAVE THEM ALONE! (“Its Israel” 2-3)

No artigo “A Beast with a Hand”, Blaha ousa conciliar referências “científicas” e bíblicas para reiterar a noção de que a “raça” adâmica criada por Deus e perpetuada por Noé,

ou seja, a “raça” branca, é profeticamente “eleita” e que todas as outras raças, congregadas à figura de Caim, estão destinadas à condenação eterna:

[. . .] There are only three basic races of “humanity” according to most scientist [*sic*]: Negroid [. . .], Mongoloid [. . .], and Caucasoid. All others are either variation or sub-tribes of these three, or are mongrelized mixtures of them. If the Negroid race is at least 40,000 years old, and the nation of China is 8,000 years old (the creators of it would have to be much older), and Adam was formed only 6,000 years ago, that leaves only you and I, the Caucasoid race. [. . .] Cain built his city, and had roughly as many generations of children as Adam before the deluge. Where did Cain find enough people to construct a city, which he named and obviously ruled? [. . .] From among the pre-Adamic peoples from whom he took a wife. [. . .] Noah was perfect in his lineage. [. . .] Noah was not mixed with the blood of the beast, nor with the fallen angels [. . .], nor was he mixed with the seed of the serpent, who existed through Cain’s descendents. [. . .] If Noah was selected, in part, because he was pure in his lineage, then one must conclude that the majority of the people were not. (3-5)

O Bem e o Mal são assim imputados a grupos específicos, consoante estes se vinculam a um ou a outro lado dessa dicotomia metafórica. Segundo Daniels, no discurso de supremacia branca, este antagonismo cultural é assumido como *prima facie* das diferenças atribuídas a determinados grupos sociais (74).

Tal como na experiência colonial puritana, a premência em transformar a América no Paraíso Terrestre justifica o recurso do Klan a formas de violência figurativa e literal concebidas enquanto actos genuinamente provindos da Vontade divina expressa nas Sagradas Escrituras, como podemos verificar pelos seguintes extractos:

I Thessalonians 5:3 – “For when they say Peace and Safety, then sudden destruction cometh upon them, as travail upon a woman with child; and they shall not escape. Vs: 4 - But ye Brethren (Israelites) are not in darkness, that that day should overtake ye as a thief. Vs: 5 - Ye are the children of light, and the children of the day; we are not of the night, nor of the darkness.” [. . .] The Word of YAHWEH never talks about Peace being acquired by giving in to the powers of darkness, or the kingdom of darkness. [. . .] Isaiah 9:6 – “Unto us a son is given, and the government shall be upon his shoulders, and HIS name shall be called Wonderful, Councilor, the Almighty YAHWEH, YAHSHUA, the Everlasting Father, and the PRINCE OF PEACE.” [. . .] HE told them how the forces of darkness would try to destroy this Gospel and even the disciples who were spreading this Gospel. HE told them that in spite of this, the Christian faith would grow and grow. (Swift, “When They Say ‘Peace and Safety’” 1,3)

[. . .] David hated the enemies of Yahweh with a perfect hatred, and counted them as his enemies. [. . .] let us see what the Scriptures say about love and hate, peace and war. Ecclesiastes 3: 1: “To every thing there is a season, and a time to every purpose under the heaven.” [. . .] Verse 4: “A time to weep, and a time to laugh; and a time to

mourn, and a time to dance.” [. . .] There is a great deal written in the Old Testament about this [. . .]. We are to love our Christian brothers and sisters when they wrong us, but the Scriptures are filled with examples of what we are to do to the enemies of Yahweh. Deuteronomy 7:1: “When YHVH thy God shall bring thee into the land whither thou goest to possess it, and hath cast out many nations before thee, [. . .] seven nations greater and mightier than thou”. (Blaha, “Think not That I Am to Send Peace” 2-3)

The miracle of God’s power as manifested through Jesus Christ is in the way this power exercises itself so as to completely deceive the enemy. [. . .] Just when the enemy thinks he is victorious he is completely undone. At the very moment when the enemy expects to gloat over a triumph and fawn in sadistic glee over an abused and persecuted enemy, the dynamic of God’s power acting through the spirit of Jesus Christ confounds and confuses the entire evil project of the foe. (Klan, “Defeat, the Mother of Victory” 1)

[. . .] Christ said, In Mathew 10:34: “Think not that I am come to send peace on earth, I come not to send peace, but a sword.” Christ is referred to as the Prince of Peace so often that we forget what he actually said about it. Our reward shall be peace, but as any general of an army, he wants us to fight for it. Christ will bring peace to the Christians, but to those *of* the world he brings a sword. (Klan, “What about Peace?” 1)

Destacamos como esta linguagem da violência “santificada” resulta sobretudo de uma apropriação arguta por parte do Klan da ética e da retórica puritanas, que subjazem à própria configuração da “retórica da Cavalaria”, que sempre “desculpabilizou” qualquer forma de violência nos Estados do Sul e, posteriormente, em todos os outros Estados onde esta organização extremista proliferou. MacLean refere que: “In Klan quarters, the line between honor and sadism easily wore thin, as fervent masculinism sharpened the proclivity to violence” (163). Ao promover a hegemonia, a honra e o destemor dos *WASP* masculinos, o Klan procura incessantemente favorecer o poder patriarcal instituído na América.

A fim de edificar a suposta sociedade consagrada por Deus, a retórica do Klan conjuga conceitos do *status quo* com concepções do folclore popular, à semelhança dos mecanismos retóricos aplicados pelos Puritanos do século XVII. Lamy sublinha que: “For 2,000 years various peoples and individuals have been identified as the evil demons of revelation - the dragons and beasts that perform the work assigned to them by Satan” (117). Assim, a violência “santificada” pelo Klan classifica as figuras de preconceito enquanto forças malignas ao serviço do Diabo ou o próprio Diabo, como podemos constatar pelos seguintes excertos:

[. . .] there is no Peace with evil. The scripture says that you will fight powers and principalities and spiritual wickedness in high places. For AYHWEH says HE comes to overthrow the works of the devil. And you, as His battle axes and weapons of war, then you would not talk about Peace except through victory in the overthrowing of darkness and evil. This is my Father's world. And the story of the Gospel of the Kingdom has been established in the earth. (Swift, "When They Say 'Peace and Safety'" 2-3)

[. . .] we must remind ourselves there is one individual in this world who is the master of tolerance. He is broad minded and tolerant indeed. [. . .] He is the most tolerant being in the world and his name is Satan. As for The Knights, we welcome the label of being narrow minded. It is the opposite of tolerant and we choose not to follow Satan, the master of tolerance, but to follow Jesus Christ, the King of truth, however narrow it may be. (Klan, "The Truth Is Narrow" 1)

The enemy rises with power. He threatens our civilization. [. . .] He perverts our citizens. He poisons our education. [. . .] The shades of Sodom and Gomorrah descend upon us. Surely Satan is laughing, and we all know that the enemies of Christ are gloating over their victories. (Klan, "Defeat, the Mother of Victory" 1-2)

The Bible says Christ's enemies and the enemies of his people would be many. They would use trickery against God's people to steal their rights away. This is exactly what is happening in America. Those who hate Jesus are trying to destroy those who love Jesus and the destruction of America and the rewriting of America's history is one technique. (Pendergraft, "Separation of Church and State" 6)

Face às incessantes modificações sociais que aparentemente derrubam as barreiras entre os elementos "sagrados" e os "profanos" da América, o Ku Klux Klan percebe sinais iminentes de desastre e os verdadeiros intuitos malignos de uma conspiração planeada pelas figuras de preconceito, que tencionam promover um mundo imoral, "não-Cristão" e "não-Americano", potencial aniquilador do "*American way of life*" reverenciado pelos WASP.

O discurso actual do Klan recupera ainda as concepções da iconoclastia puritana, na qual o corpo humano assume o estatuto de forma material dinâmica. Ao (re)classificar as formas físicas "visíveis", o corpo físico de Cristo manifesta a "invisível" comunhão entre o Filho de Deus e o "povo eleito":

With the understanding that those things written in the Old Testament were written by the same God of the New Testament, that God being Yahweh/Yahshua (the Father, Son, and Holy Spirit which were all made manifest in a flesh body), we have a basis for the things written in the New Testament concerning peace. [. . .] John 15:1: "I (Yahshua) am the true vine, and my Father is the husbandman." Bear in mind that

when Yahshua speaks about the Father, He is referring to the spirit that dwells in His flesh tabernacle. (Blaha, “Think not That I Am to Send Peace” 4-5)

Deste modo, o Klan revela uma notória obsessão na destruição de qualquer forma de idolatria, incluindo os “falsos ídolos” que procuram corromper os *True Americans* que almejam a conversão em “*visible saints*” :

The Word of YAHWEH never talks about Peace being acquired by giving in to the powers of darkness, or the kingdom of darkness. [. . .] Jeremiah talks about this situation in the sixth chapter and the 14th verse: - “They (the Cainanite-Jews) have sought to heal the hurt of the daughter of my people saying – ‘Peace, Peace when there is no peace.’” Thus, we see that even back in those days the politicians tried to woo Israel and get her to accept the policies of surrender to the policies of Baalism, and the policies of Idolatry of the nations round her. (Swift, “When They Say ‘Peace and Safety’” 1-2)

Just as in Gideon’s day, we face a powerful enemy. While our enemy today may not be an actual “idol”, we are wrong to fear our enemies so much so that we become paralyzed in thought and deed. This is contrary to God’s will. We are to fear the Lord, not Washington D.C. or the U.N. or some other entity. This is the concept of the commandment “Thou shalt have no other Gods but me.” When you fear our enemies and therefore remain silent, rather than fearing the wrath of God and speaking out, you are sending strong negative messages to your children. You are saying that you would rather go along with our modern day false idols (whom you secretly despise) than to serve the Lord. (Klan, “Standing Strong Together” 1)

[. . .] we are told so many times throughout the day, from the time we are born, that this nation was built to honor all religions we almost begin to believe it. This lie has caused many decent Christian families from avoiding the governmental/political scene. They have been taught this country was built for all religions and if we are to be good Christians we will be tolerant of all religions. They fail to realize that Jesus Christ had no tolerance for false idols, false gods, or false mystical religions. (Pendergraft, “Separation of Church and State” 3)

No artigo “A Beast with a Hand”, Blaha ostenta a dicotomia “*man*” e “*beast*” como ilustrativa do abismo delineado por Deus entre os *WASP*, descendentes da “raça” adâmica, cujo corpo é representado como ícone vivo, e as figuras de preconceito, confinadas a corpos “impuros” que devem ser destruídos. Para tal, Blaha começa por reflectir minuciosamente sobre determinadas passagens do Antigo Testamento:

In this Bible study, it is my intent to clarify what the Scriptures say on the subject of “man and beast”. It is of the utmost importance that we make the distinction between man and beast, and learn how the Scriptures pertain to these two forms of beings, separately, as well as their relationship with each other. [. . .] While reading the story

of Moses and the Mount, you may have come across something strange. Exodus 19: 13: “There shall not a hand touch it [Mount Sinai], but he shall surely be stoned, or shot through; whether it be beast or man, I shall not live: when the trumpet soundeth long, they shall come up to the mount.” A beast with a hand? [. . .] How can a beast have a hand? [. . .] We shall start with a short look at Noah, and his story. Genesis 6: 1-3: “And it came to pass, when men [‘adam...blushing men] began to multiply on the face of the earth [‘erets...land or field], and daughters were born unto them, that the sons of God [Strong’s 430 ‘elohiym] saw the daughters of men [‘adam] that they were fair; and they took them wives of all which they chose. And YHVH said, “My spirit shall not always strive with man, for that he also is flesh; yet his days shall be an hundred and twenty years.” Stop and take a look at this word “flesh.” It is translated from basar [Strong’s #1320], which means “flesh (from its freshness); by extension body, person, also the pudenda of a man.” In other words, it is not speaking of the flesh of a beast when basar is used. [. . .] Noah was not mixed with the blood of the beast, nor with the fallen angels spoken of in this chapter, nor was he mixed with the seed of the serpent, who existed through Cain’s descendents. Simply put, he drew ALL of his ancestry from the Adamic race. (1-2, 4-5)

Num segundo momento, Blaha incide sobre determinados passos do Novo Testamento para demonstrar como a Palavra de Cristo, considerada como verdadeiramente inovadora, reitera afinal a distinção entre “*man*” e “*beast*” anunciada no Antigo Testamento:

Let us see where man and beast differ in the New Testament. Matthew 7: 6: “Give not that which is holy unto DOGS [. . .], neither cast ye your pearls before swine [. . .], lest they trample them under their feet, and turn against and rend you.” [. . .] Yahweh had a divine purpose in mind [. . .] when he formed Adam as His flesh and blood son here on this earth. However, their purpose and ultimate destinations are not the same. Let us read what Ecclesiastes, the book of the priest, has to say on the matter of man and beast. Ecclesiastes 3: 18: “I said in mine heart concerning the estate of the sons of men, that God might manifest them, and that they might see that they themselves are beasts (this is to saying “living things”).” [. . .] You see, the spirit of man, though we see it not, shall return to the celestial planes [. . .] to be with Yahweh when his flesh tabernacle returns to dust, while the spirit of the beast shall go into the inner earth [. . .], where resides both the grave [. . .] and a chamber known as Paradise. Only Yahweh can say what becomes of the beast there, but only Israel shall reside in the Kingdom of Heaven, for this has been told to us over and over in the Scriptures. May our Father Yahweh/ Yahshua [. . .] open your eyes to these truths, if you are of the pure line of Adam. (10-12)

De acordo com Daniels, no discurso de supremacia branca, “race, class, gender, and sexuality are inscribed on bodies that are racialized / sexualized as Others. These bodies are stand-ins for larger racialized categories - white, Black, Jews - and their place in the white supremacist imagination” (134). Não é por acaso que estas categorias assumem uma corporalidade nos corpos raciais e sexuais dos homens, como veremos nos sub-capítulos 3.3.1, 3.3.2 e 3.3.3: “White supremacist ideology is [. . .] foremost about the degradation of

Black bodies in order to control them, [. . .] the degradation of Jewish bodies and gay bodies. And, frequently [. . .], it is about the degradation of certain men's bodies through the dominance of other men's bodies" (*Idem*). No discurso do Klan, a materialidade dos corpos raciais enquanto figuras de preconceito "consente" o exercício de formas extremas de violência tanto figurativa como literal.

O Ku Klux Klan afigura a apologia da "pureza" moral como uma autêntica campanha contra a "poluição" causada pelas diversas figuras de preconceito. Esta missão purificadora de qualquer resquício de imoralidade é explicitada a partir da ressuscitação dos valores da cultura dominante⁶¹, que promovem a separação entre os "santificados" e os "pecadores" incorrigíveis na sociedade americana.

Tal posição é dissimulada pela construção de um interessante subterfúgio que nos remete para a obra do puritano Cotton Mather, *The Wonders of the Invisible World*: perante a eminência de uma maior vulnerabilidade dos "eleitos" ao caos e ao desespero, o Klan advoga uma maior fé, uma clara obstinação na forma de a demonstrar e um esforço para reencontrar a América para a comissão divina profetizada pelos Puritanos⁶²:

White people should not be continually forced to bow and scrape before the demands of Negroes, Jews, Asians, Mexicans and other so called minorities. Instead of these "minorities" complaining and demanding more and more, they should thank the White people for everything we have given them. They, in their original homeland have none of the benefits they are enjoying here in America. [. . .] Yet they are still unhappy, always demanding more and more. How much are you willing to pay and for how long? (Klan, "Does the Klan hate Negroes?" 1)

Have you noticed who is attempting to destroy the First Amendment? Homosexual groups - minority groups - left wing women's groups - communist groups - Jewish groups. They are, without apology, attempting to silence the protests of the white Christian middle-class. They are quite good at it. All of these anti-Christian groups yield tremendous influence over our governmental leaders and billions are spent to insure that anti-Christian legislation is passed. [. . .] The list of legislative assaults upon white Christians would take up volumes. And sadly, many Christians are being blindly led to their own destruction. (Pendergraft, "Hate Crime Legislation" 1)

⁶¹ Chalmers, Lowe, MacLean e Quarles desvendam o carácter hipócrita desta organização de supremacia branca ao debruçarem-se pormenorizadamente sobre determinados episódios marcados pela "imoralidade" do comportamento de alguns dos seus dirigentes, por exemplo, D. C. Stephenson, Simmons e Evans, e de muitos membros do Klan. Realçamos o facto de os homicídios e outros crimes de foro sexual e económico serem os mais citados, entre outros, linchamentos, espancamentos, enforcamentos, violações, corrupção, fuga ao fisco e fraudes.

⁶² No artigo "America for the Americans: The Nativist Movement in the United States", McVeigh aponta para a forma ardilosa como, no seu percurso histórico, "the Ku Klux Klan [. . .] articulated nativist sentiment when it was most popular to do so" (1), com o propósito de corresponder à ansiedade manifestada pelos WASP "ameaçados" pelos *False Americans*.

Com o intuito de reforçar os sistemas de privilégio de raça, classe, género e sexualidade dos *WASP*, o Klan sempre defendeu uma hierarquia social rígida, intransigente e ilustrativa dos “benefícios” da uma intensa cisão na sociedade americana. MacLean esclarece que: “Through Protestant fundamentalism, the Klan consolidated middling men against the impious classes beneath and above them. [. . .] Such magical thinking helped Klan leaders subdue reason and elicit unquestioning loyalty to the status quo” (92-3).

Em conformidade com a ética puritana, o Klan sublinha a urgência da vigilância e do controlo sociais sobre todas as figuras de preconceito. A necessidade de coibir ou de expurgar quaisquer pecados explica a ira correctiva protagonizada pelos “*visible saints*”, sob a forma de perseguições e de juízos morais severos e intolerantes, validados pelas Sagradas Escrituras, como verificamos pelos seguintes extractos:

Every single commandment of God, regardless of how small or great still apply. 19: “Whosoever therefore shall break one of these least commandments (how about eating swine, lobster and shrimp...definitely of the least of commandments), and shall teach men so, he shall be called the least in the kingdom of heaven: but whosoever shall do and teach them, the same shall be called great in the kingdom of heaven.” (Blaha, “Where Do the Food Laws Fit” 7-8)

Take your Bibles and then take a good look at the Road Signs, which warn Christians who will not take a stand for Christ. The Apostle John, in his First Epistle 3:8 tell us: “...For this purpose (to combat Satan) the Son of God was manifested (that means “made known”) that he might destroy the works of the devil. Whosoever is born of God doth not commit sin (there are many Scriptures which indicate this has reference to wilful sin); for his seed remaineth in him: and he cannot sin, because he is of God. In this the Children of God are manifest, and the children of the devil: whosoever doeth not righteousness IS NOT OF GOD, neither is he that loveth not his brother.” (Mohr, “The Rapture” 11-12)

[. . .] while the Klan is certainly against interracial marriage of our people with any non-White [. . .], it must be understood that this and many other national sins can only be cured by a return to the laws of our God as prescribed in II Chron.7:14. By so doing our people can once again regain control of the federal government which today serves as the tyrant which is forcing our people into accepting race-mixing, abortion, homosexuality, secular humanism, gun control and other acts that will bring destruction and enslavement to our people. (Klan, “The KKK and the Federal Government” 1)

Segundo Quarles, a empatia com os *WASP* é alimentada pelo modo como o Ku Klux Klan se assume como um instrumento reaccionário austero, fomentador da ordem social

instituída pelo *status quo* e da discriminação infligida aos *False Americans* enquanto “autênticas” imagens do Mal (35-40)⁶³.

A construção de diferentes categorias nas figuras de preconceito obedece a lógicas de apropriação distintas por parte do Klan: se num primeiro momento se tornam visíveis os argumentos de cariz biológico e eventualmente genético, progressivamente deparamo-nos com uma classificação em função de determinados comportamentos que podem atentar contra a missão de edificação da América como “Nova Jerusalém”, promovida no período colonial puritano.

Neste contexto, pretendemos equacionar a “profanação” da América, que surge associada a quatro categorias fundamentais, tal como pudemos observar pela análise do discurso actual do Klan. As concepções puritanas analisadas neste capítulo atravessam todas essas categorias: etnicidade e racismo; grupos religiosos; identidades de género e sexualidade; e instituições políticas e sócio-culturais.

3.3.1. Etnicidade e Racismo

Na cultura ocidental dominante e nos grupos de supremacia branca, *Whiteness* representa pureza e benevolência e *Blackness* assume uma imagem maligna. Daniels explana sucintamente esta dicotomia: “The ‘almost religious’ white symbol stands for all that is good, while the essence of ‘blackness’ is associated with ‘everything bad, muddy, ugly, evil’” (74). Mais, a esta construção ambivalente subjaz o pressuposto ideológico doutrinário da superioridade “branca”, por oposição à inferioridade “negra”. Aliás, a inferioridade da “raça” negra é um traço que percorre quer a argumentação bíblica, quer a biológica e comportamental.

Com perplexidade, notamos no discurso actual do Ku Klux Klan uma clara tentativa de desculpabilização histórica da “raça” branca relativamente à escravatura ao negar qualquer responsabilidade dos WASP na exploração política, económica e social dos Africano-Americanos nos Estados Unidos da América.

⁶³ No artigo “Discrimination Comes in Many Forms: Individual, Institutional, and Structural”, Pincus denuncia quem pratica discriminação na sociedade americana, exemplifica cada tipo de discriminação e apresenta técnicas pedagógicas que desvendam o modo como determinados conceitos são aplicados (1).

No artigo “George Washington”, David Duke explica o impacto pernicioso da escravidão não sobre os Africano-Americanos, como à partida poderíamos crer, mas sim sobre os WASP. Para tal, determinadas figuras, tais como o General Robert E. Lee e os *founding fathers*, são reverenciadas a fim de ilustrar a “tolerância” manifestada em relação a essa instituição ao longo da História da Humanidade. Aliás, segundo este autor, a escravidão em África era mais inexorável do que na América, uma vez que a condescendência caracterizava apenas os Americanos donos de escravos:

I oppose slavery for the same reasons espoused by General Robert E. Lee. [. . .] He believed its greatest evil was not perpetrated against Blacks, for he felt that they found a considerable advantage in American rather than African slavery. To Lee, the real damage was being done to White society. Lee was, of course, correct. [. . .] Slavery had a pernicious impact on White people in America, corrupting those classes who owned slaves and harming those Whites who did not. Whites who owned no slaves, almost eighty percent of the South’s population, had the value of their labor diminished. Family farmers found it difficult to compete in agricultural markets with the cheap labor provided by slaves on the plantations. [. . .] Today, it is easy to see the destructive role of slavery, but those who condemn the founding fathers have no real understanding of history. Slavery was a socially accepted institution for ninety-nine percent of the history of mankind. In many cultures, from the most primitive ones in darkest Africa, to the enlightened ones of Greece and Rome and right up to our own early American republic, families of wealth and prestige often owned slaves. [. . .] In North America, slavery was unique only in the fact that it was the kindest expression of it on earth. American Whites treated their Black slaves far better than African Blacks treated their own Black slaves. For this are Whites to be condemned? [. . .] slavery flourished in Africa long before the White man came and [. . .] it continues to this very day. [. . .] In Africa today a Black can be born a slave, in America, he cannot. [. . .] While a small class of planters and slavetraders amassed great fortunes, the average Southerner suffered an economic bondage born of slavery. (2-4)

Salientamos aqui a forma dissimulada como Duke (re)constrói a História da escravidão nos Estados do Sul, obliterando os episódios de violência figurativa e literal que a marcaram profundamente e o facto de os WASP sulistas terem beneficiado economicamente da exploração de escravos. Como Cash refere, os Sulistas donos de escravos perpetraram perseguições, flagelações, espancamentos, violações e enforcamentos, entre outros crimes, contra os seus “bens materiais”, os Africano-Americanos, em nome de Deus (xxx-xxxi).

Dois artigos do Klan reiteram a posição de Duke ao realçarem a “benevolência” dos Estados do Sul demonstrada pelo modo como estes se preocupavam com as guerras tribais africanas e se imbuíam na defesa dos interesses dos Africano-Americanos:

Which country outlawed African slave trade in their original constitution? The United States of America or the Confederate States of America? Answer: The Confederate States of America allowed the owning of slaves, however the importation of new African slaves was made illegal because they felt that it might cause the warring of African tribes against each other. The people captured in tribal conflicts were sold by the winning tribe to slave traders. The people of the South felt that the slave trade encouraged these bloody conflicts to continue. As compassionate as they were in coming to this conclusion and assuming responsibility in these bloody African conflicts, we see that they were mistaken as African tribal warfare continues to this very day. (“Historical Facts” 1)

The Klan does not believe in slavery and believes the Negro should have the right to self determination. Self-determination is the belief that a people should have the right to rule their own affairs. However the Negro is not being given this opportunity unless it is in the form of oppressing the rights of White people. The Negroes are unaware that they are merely the pawns in a gigantic “chess game” being played out by internationalists who hate America and our Constitutional Republic. (“Does the Klan Hate Negroes?” 1)

Destacamos a forma como o Klan reatualiza a concepção puritana da escravatura enquanto instituição convertedora ou punitiva das figuras de preconceito aliadas de Satã. A fim de obedecer aos verdadeiros desígnios de Deus, qualquer expressão de remorso face à subordinação forçada dos Africano-Americanos pelos *WASP* é comutada pela repressão e pela imputação “predestinada” de uma cidadania de “segunda categoria”, justificada por determinadas passagens bíblicas. Como confirma este excerto do artigo “George Washington” de Duke:

Even the most loving person who ever walked the earth, Jesus Christ, never uttered a word against slavery, an institution which was prominent all around him. At one point in the scriptures, at the request of a slaveholder, Christ heals his slave. Did Christ instruct him to free the slave? No, he just praised the slaveholder and expressed the wish that all people should have so great a faith. (Luke 7) For his tacitly accepting slavery, will the school board members who attend church also want to extirpate Jesus Christ from their sanctuaries? Will they propose to burn the New Testament because escaped slaves are told to obey their masters and that slaves must be returned to them if they escape? (1 Peter, 1 Timothy, 2 Titus, Ephesians). The strongest admonishment of the New Testament toward slaveholders is for them simply to treat their slaves kindly. (2)

Ora, o Klan sempre perpetuou o sistema de valores instituído pelos *WASP* sulistas, nomeadamente no período que precedeu a Guerra Civil. Simkins realça que: “The most startling contribution of the Old South to religion was the reconciliation of Christianity with slavery” (162). A atribuição de direitos de cidadania aos Africano-Americanos foi

sucessivamente delongada pela prática religiosa puritana dos *WASP*, “responsible for the failure of the Negroes and non-slaveholding whites to regard abolition of slavery as a means of advancing their earthly welfare” (*Ibidem* 400). A escravidão nos Estados do Sul era afinal percebida como um exemplo inequívoco da Vontade divina na América, como nos explica Cash:

Every man was in his place because He had set him there. Everything was as it was because he had ordained it so. Hence slavery, and, indeed, everything that was, was His responsibility, not the South's. So far from being evil, it was the very essence of Right. Wrong would consist only in rebellion against it. And change could come about only as He Himself produced it through His own direct acts, or - there was always room here for this - as He commanded it through the instruments of His will, the ministers. (81)

Actualmente, o Ku Klux Klan ainda justifica e legitima a inferioridade dos Africano-Americanos, pois esta parece resultar da Criação primordial de Deus. Tal como no período colonial puritano, *Blackness* representa o Mal, o pecado e a sujidade, encarnados nas figuras das “bestas”, as criaturas profanas descendentes de Caim condenadas eternamente pelas Sagradas Escrituras⁶⁴. Nas palavras de Blaha:

The Negro blames us because they cannot achieve what we have done. They blame it on racism, and accuse “whitey” of “keeping them down”. [. . .] In over forty thousand years, the Negroid Race has failed to accomplish even a fraction of what our people have in the six thousand years that we have existed. [. . .] it is Yahweh who created the inherent differences between man and beast. (“A Beast with a Hand?” 8)

Neste sentido, qualquer relação inter-racial é concebida como fornicção, ou seja, como pecado. No artigo “Homosexuals at Your Door”, o Klan alerta para a actual sagração das relações entre “man” e “beast” nas igrejas americanas: “A few years ago, Negroes had their own churches, and now, the very churches that once spoke against interracial marriages are performing interracial marriages” (1).

Concomitantemente à argumentação religiosa, deparamo-nos com alegações “biológicas” que apontam para a excelência de um fim último: a “pureza” racial. Esta apologia coincide com determinadas estratégias da teocracia e do folclore puritanos que

⁶⁴ Por contraposição, sublinhamos o facto de a ética e a retórica puritanas também terem sido apropriadas pelos próprios Africano-Americanos, ainda que assumindo contornos diferentes. Por exemplo, a sua prática religiosa contemporânea é moldada por um conjunto de factores, designadamente: “a transformation of consciousness that combines black consciousness with Christian ethics and a rapid expansion of the black middle-class and the geographic and social relocation of the new middle-class” (Gilkes 1).

conferiam às “características biológicas” da “raça” negra um cariz diabólico e, por isso, inferior.

De acordo com Daniels, os padrões biológicos mais proeminentes, tais como a cor da pele, o formato do nariz e dos lábios, a textura capilar e a capacidade intelectual, colocam em evidência a inferioridade racial dos Africano-Americanos, em contraposição com a superioridade da “raça” branca (74-77), conforme ilustram estas passagens do artigo “George Washington” de David Duke:

Madison Grant, the great naturalist who had a pivotal role in the conservation efforts of early twentieth century America, grew painfully aware of the need to preserve and nurture the founding stock of our nation. He viewed such as just as vital as preserving its flora and fauna. He said that America “sold its birthright to solve a labor shortage”. (4)

The stark reality is that the rift cannot be healed. There is a chasm between the races as genetically determined as the color of our skin, the formation of our skull, and the very brain itself. Forged by a hundred thousand years of icy winters faced by our ancestors, and eons of the easy living tropics for theirs, the differences are burned into the architecture of our natures. There is no remedy for the division. There is no cure. It may be mollified for a while, but the inevitable approaches. (*Idem*)

Enquanto encarnação do “Other” obscuro, a “raça” negra é classificada como uma ameaça figurativa e literal, mormente pela construção de imagens pejorativas do corpo humano: o estatuto de “besta” dos Africano-Americanos é creditado pela centralidade do “corpo” no discurso de supremacia branca.

De modo a comprovar a alegada inferioridade da “raça” negra, “the Klan embraced the crudest Social Darwinism [. . .]. Klan leaders posited racial difference as the unrelenting determinant of human affairs” (MacLean 132). A teoria racial baseada na selecção natural, na sobrevivência do mais forte na luta pela existência, configurou-se como um instrumento “científico” de discriminação. Aliás, no artigo “George Washington”, Duke revela como a “raça” negra foi considerada institucionalmente inferior até finais do século XX:

The Constitution equated Blacks as three-fifths of a person. Even the Supreme Court of the United States dared to state clearly in a major decision that America was created “by and for White people.” Racial integration, Black voting, and racial intermarriage were opposed by most Whites until late in this century. (2)

A ansiedade do Klan relativamente às relações inter-raciais resulta, entre outras, da imagem do “Negro selvagem”, cuja promiscuidade sexual representa a degeneração moral na América. A natureza sexual da “raça” negra é considerada agressiva, irresponsável, descontrolada e intimidativa para os *WASP*: “Black men sexuality [. . .] is a direct threat to white masculinity. Black male masculinity is constructed as a dangerous, powerful, and uncivilized force that is hazardous to white women and a serious threat to white men” (Daniels 93). O imaginário fálico e a homofobia subjazem a esta percepção da sexualidade negra, uma vez que os alvos das ameaças dos Africano-Americanos, enquanto “predadores sexuais”, são os *WASP*, tanto masculinos como femininos (*Ibidem* 38-39).

Potenciais vítimas de ataques sexuais por parte da “raça” negra, as mulheres *WASP* são retratadas como seres virtuosos, mas frágeis, que carecem da protecção dos homens *WASP*, como referimos no capítulo 3.1. Segundo Chalmers, a construção da *White Womanhood* nos Estados do Sul acentuou o abismo entre as “raças” negra e branca: “the woman [. . .] was not accessible to the negro, she marked the ultimate line of difference between white and black. [. . .] any change in the status of the Negro [. . .] became an attack on [. . .] the white woman” (20-21) ⁶⁵. Esta perspectiva privilegia a visão puritana da mulher *WASP* como garantia da linha legítima de descendentes “puros” e como motivo de orgulho na superioridade da “raça” branca. Por contraste, sublinhamos que a imagem das mulheres de “raça” negra enquanto sexualmente agressivas e promíscuas perpassou no Sul, no período da escravatura, a fim de “explicar” os inúmeros ataques sexuais dos homens *WASP* a mulheres negras. Neste contexto, a figura da mulher negra como “Jezebel” justificava o exercício de formas de opressão “racial”, de género e de sexualidade, perpetuadas ao longo da História da cultura ocidental dominante.

Constatamos ainda no discurso do Klan determinados argumentos que reprovam severamente os hábitos e os estilos de vida dos Africano-Americanos, já denunciados no período colonial puritano, nomeadamente: falta de higiene, modos “selvagens” e “animalescos”, iliteracia, preguiça, imoralidade, criminalidade e inferioridade cultural, científica e tecnológica. Estes traços de inferioridade são visivelmente explorados por Blaha no artigo “A Beast with a Hand?”:

⁶⁵ Para um aprofundamento desta temática, consultar Cash (84, 116-18), MacLean (141-44), Quarles (40) e Witt (2).

Take a long, hard look at the Negroids in Africa first. [. . .] They have built no great cities on their own. Name one technological invention that has come out of these beasts in Africa. Prior to the coming of the White man, their most complex tools were stone spears and bits of rock. They have had over thirty thousand years more time than us to develop their technology and civilizations. The Africans cannot even feed themselves! [. . .] Look at the crime rate. Blacks, being only thirteen percent of the population, commit roughly sixty percent of the violent crimes. [. . .] Look at the gang violence / tribal warfare. What of those few black inventors and engineers that contribute to our society. Where did they learn these skills? Some may have learned them from a black teacher, but somewhere down the line, it all came from our people. We created the technology and the society that has allowed them to achieve this, and we are the ones who put their ancestors in this society. We have given these black beasts everything! Yet they curse us, rape us, rob us and kill us, then demand more. (8)

Daniels comenta que os Africano-Americanos são sintomaticamente representados na sociedade americana como criminosos. O crime é emblemático da (re)articulação de *Whiteness* com as categorias de género e de sexualidade: os Africano-Americanos são representados como agentes de violência e a “raça” branca como vítima. Porém, note-se que há, na realidade, uma maior probabilidade de os Africano-Americanos sofrerem actos de violência por parte de indivíduos de “raça” branca (83-86).

Baseada na noção “biológica” da masculinidade dos Africano-Americanos como inerentemente volátil, explosiva e perigosa, a criminalidade negra é percepcionada não só como inata, mas também como particularmente “selvagem”, ou mesmo “animalesca”. Neste sentido, o Klan justifica os casos de “sucesso” em Africano-Americanos como fruto das manifestações abusivas de *Black power* ou de *Black pride* nos Estados Unidos da América, como verificamos pelos seguintes extractos:

In many of the ninety-five percent Black public schools of New Orleans, students now pledge allegiance to the red, black, and green, Black Liberation Flag, rather the Stars and Stripes. They sing a Black Liberation Anthem rather than the Star Spangled Banner. Not limited to New Orleans, this apostasy goes on in schools from Detroit to Atlanta and Miami to Kansas City. [. . .] America is still a few decades away from Whites becoming a minority in our nation, but already Black political power asserts itself in attacks on America [. . .]. (Duke, “George Washington” 1)

While we believe Negroes have a right to have black pride, we believe you as a White person also have the right to have White Pride! There are Negro colleges supported by the United Negro College Fund which gets free advertising on TV and radio in an effort to generate contributions from Whites who are suffering some kind of neurotic White guilt, however, where is the United White College Fund. This is just one small example. (Klan, “Does the Klan Hate Negroes?” 1)

De acordo com Aynes, as sucessivas modificações sociais e o gradual protagonismo dos Africano-Americanos inquietam efusivamente o Ku Klux Klan (2), cuja resposta a esses fenómenos consiste em formas de violência figurativa, por exemplo, em críticas breves mas pertinazes aos programas de *Affirmative Action*, conforme ilustram estes excertos: “Many of our white brothers and sisters in America are experiencing rough times. They may have lost a job because of an affirmative action program or perhaps didn’t receive the promotion or scholarship they deserve” (“Taking It for Granted” 1); “[. . .] there is no White College fund. If your parents are able to scrape up enough for college or if they are ‘lucky’ enough to be poor so you can get a grant you might just find out your spot was given to a non-white because of Affirmative Action” (“Check This out” 1)⁶⁶.

Do mesmo modo, o Klan tenciona (des)construir a imagem histórica de Martin Luther King, Jr., a fim de demonstrar como esta é erroneamente idolatrada na sociedade americana. Enquanto figura de preconceito, King concentra todos os argumentos que alegadamente fundamentam a inferioridade da “raça” negra – traição dos valores instituídos pelo *status quo*, incluindo a manifestação de um sentido exacerbado de Americanismo⁶⁷, comportamentos classificados pelas Sagradas Escrituras como “pecaminosos”, criminalidade, práticas sexuais degeneradas e agressividade sexual sobre mulheres *WASP*, como comprovam as seguintes passagens:

Born in 1929, King was the son of a Black preacher known at the time only as “Daddy King.” “Daddy King” named his son Michael. In 1935, “Daddy King” had an inspiration to name himself after the Protestant reformer Martin Luther. He declared to his congregation that henceforth they were to refer to him as “Martin Luther King” and to his son as “Martin Luther King, Jr.” None of this name changing was ever legalized in court. [. . .] King was politically correct, he was Black, and he had ambitions. The leftist professors were happy to award a doctorate to such a candidate no matter how much fraud was involved. Nor is it any wonder that it has taken forty years for the truth about King’s record of nearly constant intellectual piracy to be made public. [. . .] he is not a legitimate reverend, he is not a bona fide PhD, and his name isn’t really “Martin Luther King, Jr.” What’s left? Just a sexual degenerate, an America-hating Communist, and a criminal betrayer of even the interests of his own people. [. . .] Jewish Communist Stanley Levison can best be described as King’s behind-the-scenes “handler.” [. . .] According to Assistant Director Sullivan, who had

⁶⁶ Para aprofundar a reflexão em torno da questão do racismo e da ética dos programas de *Affirmative Action*, consultar Adams (1), Daniels (86-90) e Walters (1-8).

⁶⁷ Em contraste com a posição do Klan, realçamos o facto de Martin Luther King Jr. ter recorrido à ética e à retórica puritana, designadamente ao significado de “*Covenant*”, para difundir a filosofia de *Civil Disobedience* na América. Allen explica que: “American government and society are indebted to the covenant ways of New England Puritans and their doctrine [. . .]. The moral orientation of covenant has also influenced [. . .] the public philosophy articulated by Rev. Dr. Martin Luther King Jr. during the Civil Rights Movement (1954-1968)” (71).

direct access to the surveillance files on King which are denied the American people, King had embezzled or misapplied substantial amounts of money contributed to the “civil rights” movement. King used SCLC funds to pay for liquor, and numerous prostitutes both Black and White, who were brought to his hotel rooms, often two at a time, for drunken sex parties which sometimes lasted for several days. [. . .] King was [. . .] a total degenerate. [. . .] With a few minor exceptions, these facts have been kept from the American people. (Klan, “The Truth about Martin Luther King Jr.” 1-6)

Americans ought to be motivated to ask, “was he a saint and an American hero or a fraud and a con?” [*sic*]. [. . .] Christians should be motivated to find the answer by the words of Jesus Christ in Matthew 7:15 “BEWARE OF THE FALSE PROPHETS ... [. . .] A good tree cannot produce bad fruit, nor can a rotten tree produce good fruit. Every tree that does not bear good fruit is cut down and thrown into the fire. So then, you will know them by their fruits.” These words of Jesus Christ teach that judgment is not to be made solely on the outward appearance. Most False prophets appear or are made to appear outwardly righteous like lambs, but investigation of their fruit will reveal otherwise. [. . .] It is reported King organized wild interracial sex orgies, which included acts of perversion, hired prostitutes, forced a young white civil rights worker to prove her loyalty to him, etc. David Garrow, author of grounds for investigation of King: embezzlement, employing prostitutes, alienating wives’ affection from their husbands, and violation of the Mann Act - a federal crime which involves taking, with immoral purposes, women across state lines. (Klan, “Martin Luther King Jr.” 1-3)

Ora o ensinamento de Cristo sobre os “falsos profetas” aqui aludido pode ser aplicado de modo a criticar veementemente o próprio Klan. Este grupo de supremacia branca assumiu na História dos Estados Unidos da América um papel análogo ao de um “falso profeta”, advogando a aniquilação das criaturas diabólicas, neste caso, dos Africano-Americanos para concretizar a “Nova Jerusalém”. Apesar de se revelar, na realidade, como um “lobo feroz vestido com peles de ovelha” ou “uma árvore má que produz maus frutos”, o Ku Klux Klan manipula esta passagem do Evangelho de S. Mateus, com o propósito claro de se auto-legitimar e de “manchar” a reputação de Martin Luther King, Jr.

O Ku Klux Klan persiste em reavivar o sistema de segregação que marcou visceralmente a sociedade americana ao advogar a separação geográfica entre a “raça” branca e a “raça” negra. Neste âmbito, na obra *Two Nations. Black and White, Separate, Hostile, Unequal*, Hacker desperta a nossa atenção para a realidade social americana, na qual os Africano-Americanos procuram sintomaticamente conservar as suas vidas afastadas dos WASP, uma vez que assim se sentem mais “confortáveis”. Esta separação “racial” foi aliás imposta pela “América branca”: “From slavery through the present, the nation has never opened its door sufficiently to give black Americans a chance to become full citizens” (26). Os WASP americanos argumentam que este problema “racial” pode ser solucionado se os

Africano-Americanos enjeitarem a sua própria cultura, de forma a serem absorvidos pela cultura dominante. Por sua vez, os Africano-Americanos respondem que isso é o que têm feito há séculos sem terem obtido entretanto resultados efectivos. A questão que deve ser colocada aos *WASP* americanos é sobretudo de foro moral: “is it right to impose on members of an entire race a lesser start in life and then to expect from them a degree of resolution that has never been demanded from your own race?” (*Ibidem* 245).

No artigo “George Washington”, Duke reforça a postura do Klan em relação à segregação “racial”, sugerindo a formação de uma “*Black land*” num tom “apaziguador”:

Blacks will eventually have a land they can call their own, theirs alone. It will be a society of their own making in accordance to their racial soul. It will judge itself by its own vision, not by that of the Western world. It will not be a land in which I would choose to live. Certainly, it shall be alien to our European nature, but it will be a society in which they will find harmony with their own kind and their own evolution.
(5)

Em termos históricos, destacamos o modo como Daniels comenta a ironia que subjaz à argumentação dos grupos de supremacia branca relativamente à violência exercida pelos Africano-Americanos sobre os *WASP*: “The irony of this type of projection [. . .] is that [. . .] the possibility of ‘violence’ against whites [. . .] distorts the reality that for centuries violence by whites against Black men (and women) has been institutionalized whether historically [. . .], or currently [. . .]” (82)⁶⁸.

No que diz respeito aos Nativos Americanos, o Ku Klux Klan cruza justificações de foro biológico e científico-tecnológico com determinadas referências bíblicas, de modo a classificar esta “raça” enquanto figura de preconceito, como confirmam as seguintes afirmações de Blaha no artigo “A Beast with a Hand?”:

What of the “Native Americans” or “American Indians”? A little archeological study will reveal that the majority of them were of Mongoloid descent, though a few of them were not. [. . .] These Mongoloid peoples had been here for thousands of years before us. What had they accomplished in those thousands of years? When we arrived, they were using tools of stone and bone. These primitive peoples worshipped pagan gods, and failed to build civilizations beyond that of small tribal units. Equal? Some say they were equal because they respected the earth and worshiped gods of nature and earth. Paganism and Satanism have nothing to do with Jesus Christ. False religions based upon Satanism do not make one equal to a White Christian. Why did Yahweh

⁶⁸ Alguns dos actos de maior violência sobre os Africano-Americanos são descritos por Cash (312-13), Chalmers (434) e Curry (70).

allow His Christian Israel people to destroy them? Simply because we are His children and they were inconvenient beasts, just as the Canaanites in Canaan were an inconvenience to our ancestors when they captured Canaan land in the Scriptures. (8-9)

Sublinhamos como esta apropriação da concepção puritana de iconoclastia nos remete para os mecanismos retóricos utilizados por William Bradford e por Mary Rowlandson e para as formas de violência figurativa e literal perpetradas contra os Nativos Americanos em nome de uma “purificação sagrada” no período colonial, já abordados no capítulo 2.2.

Em relação à “raça” asiática, Blaha recorre aos mesmos subterfúgios, uma vez que os seus propósitos assumem contornos semelhantes:

The other branch of the Mongoloid races has fared much better in Asia, and so claim that they are superior to us. If one is a Satan worshiping Buddhist they might conclude that the religions of Asia are so peaceful and in touch with nature, but that counts for very little. Today we hear much talk of Asia becoming so powerful. [. . .] has Asia surpassed us? [. . .] These chay kiy ‘adamah have not caught us. The nation of China has existed for eight thousand years! With the aid of Russia’s technology, due to their alliance, it is now only thirty years behind this two-hundred-year-old nation technologically. Culturally, China has bred a society of slaves. This is where their competitive advantage is. They can produce cheap slave labor to mass-produce goods. They have really caught up with the White Race... or have they? [. . .] Japan, the emerald of eastern Asia has really done well in the last hundred years. After all of these thousands of years, she has finally become a major economic power. Where did Japan acquire her talent for technology? You guessed it; from the White man. Our people first invented everything that the Japanese produce. Much like China Japan has created a culture of slaves to do their bidding. (*Ibidem* 9)

No que concerne aos imigrantes, o Klan procurou propalar, ao longo do seu percurso histórico, as terríveis consequências das sucessivas “ondas” de imigração que assolaram o território americano, revelando sintomaticamente uma profunda angústia face à “gradual perda” de privilégios usufruídos pelos *WASP* americanos. Chalmers evidencia que o Klan respondeu a esta “provocação”, organizando a defesa dos valores e das virtudes da “old-stock America” (266).

Actualmente, Duke insiste em acusar a invasão destas figuras “satânicas” como uma das principais causas dos malefícios que vitimam os *WASP* americanos:

Into the vacuum left by the loss of the prime manhood of the nation, came the great waves of immigrants who began to gnaw at America’s foundations. Although most eventually assimilated, the process weakened the homogeneity and bonding of America. As the peripherally European, tired and hungry masses came in over the next

half of a century, they encouraged America to turn its eyes back to the old world conflicts, and helped America become embroiled in the two great wars of the twentieth century. Such set the pattern of drawing us into the conflicts of the rest of the world, especially the Third World. As America went into those nations, so those nations are now in us. The conquered absorbs the conqueror. (“George Washington” 2)

Our children and theirs will live in an America where alien cultures and values will not simply be present, but will dominate us. It may be politically incorrect to state it, but this alien influx is a disaster for our country, our people, and our families. Crime will continue to escalate, as schools deteriorate, corruption increases, and quality of life plummets. (“America at the Crossroads” 1)

A par deste discurso, encontramos a subtileza da manipulação da ética e da retórica puritanas pelo Ku Klux Klan: como os imigrantes oriundos da Europa provinham de classes sociais baixas, com muitas dificuldades económicas, o seu modo de vida deveras precário e instável contrariava a ética puritana, ou seja, os valores individualistas e os traços de personalidade compatíveis com o mercado económico, sendo, por isso, marginalizados e perseguidos.

A incursão actual de imigrantes asiáticos é definida pelo Klan como uma estratégia perniciosa, uma autêntica conspiração de governos internacionais que procuram assim diminuir a hegemonia dos Estados Unidos da América. Como refere Chalmers, a maquinação diabólica dos imigrantes pretende instaurar no mundo o “reino tirânico do Mal”, pelejando contra o Cristianismo e a civilização ocidental (85-91). Nas palavras de Coffey, um membro do Klan:

On May 5, 1997, Mahathir Bin Mohamad, the Prime Minister of Malaysia, advocated the “*flooding of developed countries with millions of migrants if globalization fails to improve the lot of poor nations.*” [. . .] Terrifyingly, Mahathir’s goal of using people as the ultimate weapon against America is shared by our own government ... as is his goal of eliminating whites by forming “*rainbow nations.*” [. . .] I urge my readers not to dismiss foreign despots and home grown traitors as spewers of rhetoric. There is indeed a conspiracy to destroy America by means of ethnic saturation, with our own country’s president as commander-in-chief and our Congress his war council! (“People, the Ultimate Weapon” 1)

Segundo Goldberg, a categorização dos imigrantes como “bodes expiatórios” no discurso do Klan sempre escondeu um propósito alarmante: “Holding immigrants responsible for most of the ills that bedeviled American society and condemning foreigners, as ‘dirt,’ ‘scum,’ and ‘filth,’ the Klan appealed to the [. . .] spirit of 100 percent Americanism” (2).

Esta apologia de uma América “fechada sobre si mesma” relembra indubitavelmente a forma preconceituosa como os Puritanos percepcionavam qualquer “estranho” à sua comunidade alegadamente abençoada por Deus.

3.3.2. Grupos Religiosos

No percurso histórico do Ku Klux Klan, a manifestação de anti-Catolicismo foi enfatizada por aqueles que catalogavam a América como um país exclusivamente protestante. De acordo com Goldberg, o Klan invocou todos os temas anti-católicos que perturbavam os WASP americanos: “They ridiculed Catholics for their ceremonies, rituals and practice of celibacy [. . .]. Condemning the Pope as that ‘dago on the Tiber’ the Klan claimed that Catholics owed their primary loyalty to a foreign potentate” (2-3).

As sucessivas e obstinadas críticas apontadas ao Catolicismo indiciam a forma como as “antipatias” de cariz religioso do Klan camuflavam um conteúdo político. MacLean sublinha que: “those [. . .] deviants were charged with violating the natural order of relations between sexes. [. . .] the immediate targets were priests and nuns. [. . .] their abstention from heterosexual marriage and reproduction necessarily led to unnatural, antisocial perversions” (119). O Catolicismo interferia directamente no controlo masculino exercido sobre as mulheres e as crianças WASP: “Attacks [. . .] were virtually transparent defenses of male dominance in domestic life” (*Ibidem* 120).

Esta postura anti-católica permite-nos traçar determinados paralelismos entre o Klan e os Puritanos do século XVII, tais como: uma prática religiosa protestante exacerbada; designações pejorativas dos Católicos; conotações políticas na argumentação religiosa; a iconoclastia contra a idolatria católica; censuras a padres católicos e a freiras; e a salvaguarda do poder patriarcal.

Porém, nos artigos publicados actualmente pelo Klan na Internet encontramos apenas uma breve referência ao Catolicismo: “The true Klan is not anti-Catholic in any fashion – both Catholics and Protestants rode with Nathan Bedford Forrest, the Klan founder” (Klan, “The Truth about the Catholics, Crosses, Robes” 1).

Desta afirmação transparece uma tentativa axiomática de eliminar qualquer forma de antagonismo contra os Católicos a partir da distorção de factos históricos e da ocultação da

violência anti-católica potenciada pelo Klan. Não deixa de ser surpreendente aqui a necessidade de mitigar um dos apanágios fundamentais desta organização secreta, sintetizado por Chalmers do seguinte modo: “It has, in the main, been an antialienism, an opposition to different and hence, presumably, unassimilable elements in the society” (111).

Na nossa perspectiva, este breve excerto denuncia uma sobrevalorização da “raça” branca e do Cristianismo em detrimento das “exíguas” diferenças religiosas entre Católicos e Protestantes. Esta mudança de atitude em relação aos Católicos resulta, em certa medida, da constatação por parte do Klan das transformações sócio-económicas experimentadas por esse grupo religioso. Se os primeiros imigrantes católicos eram paupérrimos, as diferenças entre os WASP e os Católicos americanos foram sendo esbatidas ao longo do século XX pela progressão contínua dos últimos, em termos económicos. A eleição de John Fitzgerald Kennedy em 1960 foi inclusive um claro sintoma do modo como os Irlandeses católicos estavam a ser “assimilados” pela sociedade americana, devido essencialmente ao seu estatuto económico e consequente poder político (Snowman and Bradbury 276-84).

A forma convincente como os imigrantes católicos se integraram na cultura dominante americana pode ser percepcionada pela forma como o Klan os olvida actualmente no seu discurso de supremacia branca. Subjacente a esta postura do Klan, encontramos uma apropriação perspicaz da ética e da retórica puritanas: a apreensão face aos grupos sociais economicamente desfavorecidos é “amenizada” a partir do momento em que estes conseguem incorporar em si o verdadeiro “espírito do capitalismo”.

A classificação de elementos sociais como “estranhos”, diferentes e impermeáveis a um “efectivo” processo de aculturação do “*American way of life*” continua, no entanto, a ser atribuída pelo Ku Klux Klan a um grupo religioso tradicionalmente perseguido e hostilizado na História da Humanidade: os Judeus.

Convém, desde logo, salientar que, no discurso de supremacia branca, os Judeus são considerados como “racial Others”, visto que alegadamente não obedecem aos “padrões” biológicos e culturais da “raça” branca. Daniels explica que:

[. . .] to the extent that Jews may appropriate “whiteness”, that is, see themselves and have others view them as “white,” anti-Semitism decreases and is generally less threatening. However, when Jews become racialized, that is, when they move away from or out of the racially unmarked category that is “whiteness” (those who occupy the social category of “white ethnic” are seen as capable of appropriating) into the space of racial Other, they become targets of anti-Semitism and the same discourse that targets Blacks. [. . .] Within this extremist literature, Jews are most certainly not

seen as white; they are designated as racial Others, but this designation is not without ambiguity. The perceived danger posed by Jews within the discourse is that they [. . .] are seen as a threat from within because they can each ‘pass’ effectively in ways that are not possible for most Blacks in this society. (132)

A ambiguidade aqui referida prende-se com a classificação dos Judeus como “não brancos”, atribuída de forma abusiva pelos grupos de supremacia branca. Se tivermos em consideração as duas linhas de Judeus que emigraram para a América, dificilmente podemos concordar com essa classificação. Nos finais da Idade Média, quando a Europa e a Ásia ocidental foram decompostas em países cristãos e islâmicos, os Judeus também se viram separados em dois grupos principais. Os Judeus da Europa central e de leste, nomeadamente da Alemanha e da Polónia, são designados por *Ashkenazi*. Os Judeus *Sephardic* são aqueles cujas origens remontam aos países mediterrâneos, em especial Espanha e Portugal, quando estes países estiveram parcialmente sob o jugo muçulmano. Quando os muçulmanos foram definitivamente expulsos em 1492, estes Judeus fixaram-se no norte de África, no Extremo Oriente e em determinados estados europeus, tais como França, Países Baixos (principalmente Amesterdão), Inglaterra, Itália e Balcãs. Os dois grupos diferem numa série de rituais e questões culturais, mas a teologia e a prática básica judaica são as mesmas. Os *Sephardic*, estabelecidos no Brasil no período colonial, fugiram da Inquisição Portuguesa e criaram a primeira comunidade judaica (composta pelos denominados *Marranos* brasileiros) em território norte-americano, mais precisamente na colónia holandesa de Nova Amesterdão, em 1654. Por sua vez, os *Ashkenazi* emigraram para a os Estados Unidos da América nos séculos XIX e XX. Daí que seja bastante discutível excluir os Judeus da “raça” branca.

Segundo Daniels, a noção de uma conjuração judaica de repercussões mundiais emerge da convicção absoluta no “poder” exercido pelos Judeus em todos os domínios da vida americana – social, política, económica e cultural: “Jews [. . .] control the United States government, ‘international banking and finance,’ and most industry. This power enables them to wield enormous influence over the course of world events. [. . .] their true power is seldom revealed because Jews also control [. . .] the media” (108).

Neste contexto, o homem judeu é o principal agente dessa conspiração. Os banqueiros e os investidores judeus assumem posições de poder que subjagam o próprio Governo Federal americano. Culpados pelos elevados índices de desemprego e por colapsos financeiros, os homens judeus procuram claramente arruinar a economia dos *WASP* americanos (*Ibidem* 109-10).

O controlo judeu da economia e do governo vitima principalmente os WASP masculinos. A retórica que configura a ameaça política e económica à masculinidade branca está inclusivamente imbuída no imaginário sexual da sociedade patriarcal:

Jewish men's control of the economy and the government are [*sic*] putting white men at a distinct disadvantage in achieving the traditional accoutrements of masculinity, chiefly economic success and the ability to "provide for their families." [. . .] Jewish men pose a threat to the masculinity of white men and the decline of all "masculine influence and power." [. . .] Jewish masculinity in the white supremacist imagination is threatening to white masculinity not because Jewish men are perceived as more "masculine," but because they are seen as effete [. . .] yet possessing the *sine qua non* of male dominance: economic power. (*Ibidem* 112-13)

O "poder" político-económico, social e sexual dos WASP masculinos é sistematicamente questionado pela "projecção intimidativa" dos homens judeus nos Estados Unidos da América. Neste contexto, a diminuição do domínio dos homens brancos pode "inflamar" a degeneração social e cultural:

A decline in white masculinity apparently leads directly, irrevocably along one course, that is toward [. . .] "degeneracy." The notion of degeneracy, equated with declining standards of culture, a devaluing of all that is accepted as "normal," good, and wholesome, and an attendant rise in disease [. . .] is very specifically linked to Jewish masculinity. (*Ibidem* 113)

Como referimos no capítulo 3.2., os homens brancos são simultaneamente retratados pelo Klan como mártires, vítimas de figuras de preconceito, e como "guerreiros", defensores da sua "raça" e da sua masculinidade. De forma a responder à crescente influência dos Judeus, o Ku Klux Klan, enquanto grupo de supremacia branca, procura desempenhar essa função zeladora, acusando-os de serem criminosos, degenerados, autênticos "predadores" de mulheres brancas.

Aliás, no artigo "Feminist Groups Support Prostitution", determinados "factos" em torno do fenómeno da prostituição em Israel são minuciosamente "examinados", em particular o tráfico sexual de mulheres brancas sob a permissividade do Governo israelita:

Jerusalem - About 3,000 women, mainly from the former Soviet Union, are sold each year into Israel's sex industry, which takes in about \$1-billion (U.S.) annually, a parliamentary report said Sunday, slamming the country's justice system for being lax on punishments. The women, seeking to escape poverty at home, are usually smuggled in by traffickers who promise them legitimate jobs. Once

in Israel, they are sold to pimps for between \$3,000 and \$6,000 each, the preliminary report said. The women receive between \$25-\$30 per customer, of which the pimp takes between 80 and 90 per cent, the report said. The women work about 12 hours a day, six or seven days a week and receive an average of 10 to 15 clients daily, it added. Often, the women live in dismal conditions and sometimes they are physically abused or live in fear of their pimps. Israeli courts generally reach a plea bargain with the pimps and sentence them to either a few months of community service or up to an average of two years in prison, punishments which the committee said are too weak to serve as deterrents. It suggested that these crimes should have minimum prison sentences to deter the sex traders, who often jail, blackmail and enslave the women. In July of 2001, a U.S. State Department report placed Israel on a black list of countries whose laws don't meet U.S. criteria for dealing with this crime and threatened economic sanctions. Israel has reformed the law somewhat since then, but the committee said it is not enough to confront the problem effectively. In addition to changes in the law, the committee suggested an authority be formed to fight the "war against trafficking in people." (1)

Estas afirmações não documentadas reflectem a subtilidade da argumentação que sustenta os valores da *White Womanhood* e de uma moralidade ditada pela própria ética e retórica puritanas. As mudanças económicas e sociais enfraquecem o "poder" do homem branco, uma vez que estas são interpretadas como uma consequência severa do domínio do homem judeu sobre a mulher branca. Deste modo, a concepção da sexualidade judaica como diabólica é intrínseca a qualquer forma de expressão de anti-semitismo.

A estigmatização dos Judeus no discurso actual do Klan é fundamentada sobretudo pelo recurso exaustivo a determinadas passagens bíblicas, que supostamente revelam a sua ascendência maligna e o embuste da sua consagração como "povo eleito de Deus".

No artigo "Am I My Brother's Keeper?", Blaha esclarece os leitores que pretende estudar aprofundadamente a primeira parte do Livro do Génesis a fim de "desvendar" a origem satânica dos Judeus⁶⁹ e de exaltar os "verdadeiros" eleitos, os WASP. Assim, a teoria da "origem das duas sementes", já aludida no capítulo 3.3., é exposta, de forma a confirmar a relação carnal entre Eva e Satã (a figura da serpente), geradora de uma linhagem renegada por Deus:

It is obvious, to any serious Biblical scholar, that the Jews are not Israel. For many people who study the Israel message, this is all they think they need to know. However, all Scripture is written for the benefit of Yahweh's people. Truth should be

⁶⁹ Embora a Bíblia seja uma obra susceptível a diferentes interpretações, salientamos o modo abusivo como este membro do Klan analisa certos episódios do Antigo e do Novo Testamento com o propósito último de comprovar a inferioridade e a consequente iniquidade dos Judeus, refutando para tal determinados cânones da teologia judaico-cristã sobre a relação entre Eva e a serpente, os descendentes de Caim, o povo de Israel e a ascendência judaica de Cristo.

sought in all things. So, if the people who claim to be Jews are not Israel, do the Scriptures say anything else on the subject? Yes, they say a great deal about the origin of these people who slew Christ two thousand years ago. (1)

Genesis 2: 25: “And they [Adam and Eve] were both naked, the man and his wife, and were not ashamed.” [. . .] They did not know any sin, and thus did not know that there was anything wrong with displaying one’s sexual organs. [. . .] Genesis 3:1-13: “Now the serpent [. . .] was more subtle than any beast [. . .]. And he said unto the woman, yea, hath YHVH said, Ye shall not eat of every tree of the garden? And the woman said unto the serpent, We may eat of the fruit of the trees of the garden: but of the tree which is in the midst of the garden, YHVH hath said, Ye shall not eat of it, [. . .] lest ye die. And the serpent said unto the woman, Ye shall not surely die. [. . .] she took of the fruit thereof, and did eat, and gave unto her husband with her; and he did eat. [. . .] And YHVH said unto the woman, What is this that thou hast done? And that woman said, The serpent beguiled me, and I did eat.” The word beguiled used here in the Hebrew was “nasha” [. . .], which has a couple of meanings. If it is mental (non-physical) beguilement it would mean to lead astray or to delude, but in the case of moral beguilement (including physical acts), nasha means to seduce [. . .]. Obviously this was moral beguilement. So, Eve by her own violation admits that the serpent seduced her. When Eve copulated with the serpent [. . .], she committed an evil act [. . .]. The serpent was none-other than Satan. (2-3)

Caim, fruto dessa relação sexual pecaminosa, e a sua descendência foram então eternamente condenados por Deus. Concludentemente, Blaha imputa determinadas características à descendência de Caim procedente da semente de Satã, ou seja, aos Judeus – esta atribuição reitera subtilmente a noção dominante na cultura ocidental de que os Judeus são criaturas diabólicas ao serviço do próprio Diabo:

Let us identify the first of this serpent line. Genesis 4: 1-2: “And Adam knew his wife; and she conceived, and bare Cain, and said, I have gotten a man from YHVH. And she bare his brother Abel.” [. . .] it does not say that Adam fathered Cain. Obviously, if Eve were already pregnant, Adam could still lay with her. It is also important to note that the line of Adam [. . .] does not include Cain. I John 3: 12 says that Cain was of that wicked one. [. . .] at this time, Eve had been tricked, and did not know that Cain was a result of the union between her and the serpent [. . .]. [. . .] YHVH set a mark upon Cain, lest any finding him should kill him. (*Ibidem* 4-5)

[. . .] Can you identify some of the general characteristics that this seed bears so far? 1) It shall strike at the heel of the woman’s seed [. . .], and the woman’s seed shall crush its head, 2) the serpent’s seed will not do what is right concerning offerings to YHVH, as Cain did the same [. . .], 3) They murder the righteous, and lie to even YHVH, 4) they will not be adept farmers, and thus will rely upon the seed of the woman to provide food (parasites), 5) the seed of the serpent shall be fugitives and vagabonds who wander the earth without a home, 6) they shall complain about any punishment levied against them, even when found guilty by YHVH himself, and will constantly complain of their plight, 7) like Cain, they will have a unique and distinguishing mark on their faces, so that others will be able to identify them, 8) if

you read on, you will see that Cain built the first city, so you can say that they will probably be partial to living in cities, because their lack of agricultural skill will make it difficult to grow crops in the wilderness, and they will find it easier to feed on a host if they are in cities. [. . .] 9) the children of the Satan-Cain line will always seek to replace the creation of YHVH, the line of Adam-Noah-Shem-Abraham-Isaac-Jacob/Israel. (*Ibidem* 5-6)

Lamy realça que, no discurso de supremacia branca, os Judeus são sintomaticamente designados como “the evil incarnation of Satan on earth”, “the antagonists of Christ and Christianity and, by extension, American sovereignty, democracy, and all of Western civilization” (120). Esta representação pretende atestar a veracidade da conspiração diabólica judaica, da “Zionist cause” que ameaça instituir “a tyrannical new world order run by and for the Jews” (*Ibidem* 116).

Neste sentido, Blaha demonstra como o Judaísmo é uma manifesta forma de Satanismo, citando o Livro da Revelação, e, em contraposição, identifica e aclama os verdadeiros “eleitos” de Deus, os WASP americanos, apropriando-se claramente da ética e da retórica puritanas:

Revelation 2: 9: “...I know the blasphemy of them which say they are Jews [. . .], and are not, but are of the Synagogue of Satan.” [. . .] Revelation 3: 9 [. . .]: “Behold, I will make them of the synagogue of Satan (note: anyone who has studied Judaism in depth knows that all synagogues are anti-Christ, as Judaism denies Jesus / Yahshua is the Christ/ Messiah), which say they are Jews, and are not, but do lie, behold, I will make them to come and worship before thy feet, and to know that I have loved thee”. (“Am I My Brother’s Keeper?” 6)

Isaiah 43: 10: “Ye [. . .] are my [. . .] witnesses, saith YHVH, and my servant whom I have chosen; the ye may know and believe me (note: this is not a commandment, it is a promise from God, and it cannot be broken), and understand that I am he [. . .].” If this promise from YHVH is not fulfilled, it would make YHVH a liar, but it was fulfilled, but not by those who claim to be Jews. The True Israelites are His witnesses [. . .]. If you do a little research you will see that even the first Christian Church was not built by these “Jews”, but by the true Gathered Israel; the remnant of the House of Israel and the House of Judah. This same people have also been his witnesses to the world [. . .]. (*Ibidem* 7)

Neste contexto, Pendergraft realça como o Cristianismo e a “raça” branca, em particular a herança histórico-cultural dos WASP americanos, são acometidos pelos Judeus. O sentido de eleição divina do *status quo* é peremptoriamente sustentado no seguinte excerto do artigo “Separation of Church and State”:

Most are aware Christianity has been under attack for years. From the time Jesus was sent to death by Jewish Rabbis until the present day our Christian faith and all of the creations of the white race such as the Mayflower Compact, Declaration of Independence, The Constitution, the Bill of Rights and our founding father's deep belief in Jesus Christ and his teachings have been under attack by Judaism, the beliefs of the Jewish race. The Jewish holy book [. . .] says that Jesus Christ was a bastard and born of a whore. They state Christianity is condemned [. . .]. (6)

Destacamos o modo como esta argumentação bíblica do Klan contra os Judeus indicia uma clara articulação com a ética e a retórica puritanas, nomeadamente no que respeita à concepção de iconoclastia: a pretensão de “purificar”, em nome de Deus, a “Nova Jerusalém” de todos os infortúnios causados por essas figuras de preconceito legitima qualquer expressão radical de Americanismo e o exercício de formas de violência figurativa ou literal.

3.3.3. Identidades de Género e Sexualidade

As cominações à hierarquia “racial”, sexual e de género perpetradas pelas feministas causam uma profunda ansiedade aos *WASP* masculinos, cuja autoridade nas diferentes esferas da vida social parece vacilar perante a “audácia” e a “insolência” reveladas por essas mulheres na forma como exigem mais direitos e “fogem” aos papéis impostos pelo poder patriarcal (Blee, “Political Processes” 1-2).

Assim, com o intuito de reforçar os privilégios para os homens *WASP*, o Ku Klux Klan reafirma a superioridade masculina na ordem social, política e económica, reclamando controlo moral sobre as mulheres e sobre as crianças. A “retórica da Cavalaria”, que é apologista da “honra” e da “pureza” femininas, não permite atitudes de desafio por parte das mulheres *WASP*, uma vez que estas devem ser confinadas ao trabalho doméstico e às funções da maternidade e da educação dos filhos, como já vimos no capítulo 3.2. Ao questionarem estes papéis sociais, as feministas são configuradas como figuras de preconceito, potenciais “traidoras” da “raça” branca, conforme nos ilustram estas passagens:

Today's feminists have portrayed motherhood in a poor light. Mothers are not heralded as the keepers of a virtuous society as they once were. The shaping and molding of a small child into an adult is not viewed as noteworthy today. How many times have we heard a woman say, “I'm just a housewife”? (Wright, “Interview with Rachel Pendergraft” 2)

Women, you should be very wary of women's groups who claim to know what you're thinking. If they get their way women will be seen as another war time commodity and they will take our children from us when they deem that our time to serve has come and we won't have the option to say no. (Klan, "Moms in Combat" 2)

There is a powerful social stigma thanks to the resounding success of the radical feminist movement at making stay-at-home moms second class citizens. [. . .] Many days the thought of going off to work, leaving the hassle of home and children to someone else certainly has its appeal. Do I feel fulfilled? Stimulated? Appreciated? These needs have been touted by the feminist movement as only achievable in the workplace, and we as a culture have bought into that. I have encountered many who say, "Oh I wouldn't be happy or fulfilled staying at home. And that would not be good for the children. It's better for them that I work." Try asking the children what they think about that. (Klan, "Thoughts from the Home Front" 1)

Daniels sublinha que o discurso de supremacia branca reforça o poder patriarcal ao apontar sistemática e efusivamente a vulnerabilidade das mulheres (e das crianças) *WASP* face às ameaças de violência física a que estão sujeitas, justificando assim o exercício de autênticas formas de "terrorismo masculino" que procuram controlar de forma efectiva o comportamento social, e mesmo sexual, das mulheres *WASP* (23).

No artigo "The Feminist Case against Abortion", as feministas são acusadas pelo Klan de não preservarem vigorosamente a *White Womanhood* por se oporem à pena de morte que, enquanto desígnio divino, protege as mulheres e as crianças de assassinos, violadores e molestadores sexuais. A proposta desta medida radical, abençoada por um Deus em tudo semelhante ao do Antigo Testamento, visa, na nossa perspectiva, estimular uma relação de empatia entre o Ku Klux Klan e os *WASP* americanos que, perante a devassidão moral provocada por esses criminosos, advogam a mesma solução:

Feminists for life oppose Capital Punishment which we view to be the ultimate God-given tool for the protection of women and children. Murderers, rapists, and child molesters deserve the death penalty. Women are by nature very compassionate and we must resist the urge to feel sorry for the perpetrator no matter how horrific the circumstances of their life may have been which led them to their terrible crime. Women must be compassionate, yet firm and strong in upholding the laws of God. The actions of rape and child molestation are detestable in the eyes of God and Capital punishment is God's ordained solution to end the cycle of hatred toward women and children. (6)

Salientamos como estas posições do Klan são claramente análogas àquelas assumidas por determinados autores puritanos revisitados no capítulo 2.2, tais como John Winthrop e Cotton Mather, relativamente aos papéis sociais impostos às mulheres no período colonial, à

concepção do casamento, à imagem do corpo feminino e aos factos que envolveram a figura histórica de Anne Hutchinson.

De acordo com Daniels, a interrupção voluntária da gravidez, quando praticada por mulheres brancas, é uma forma de traição “racial”, visto que a maternidade é fulcral no discurso de supremacia branca: o declínio do número de nascimentos de bebés brancos e a relutância de muitas mulheres em serem mães enfraquecem de forma “alarmante” a hegemonia branca na sociedade americana. Esta questão não é apenas sexual ou de género, mas também “racial”: “White women [. . .] are restricted to a marginal status [. . .] because of their potential reproductive and sexual betrayal of white men and the racial movement. White women are thus simultaneously complicit in and held in contempt by the white resistance movement” (68).

Na realidade, o Klan alerta para o facto de o movimento feminista actual advogar o recurso ao aborto como um direito constitucional, uma forma de expressão da “famigerada” emancipação feminina, contrariando as próprias intenções sócio-políticas das primeiras sufragistas:

In the 1960's, certain factions of the women's movement made a drastic about-face. [. . .] Anti-abortion laws enacted in the latter half of the 19th century were a result of advocacy efforts by feminists who worked in an uneasy alliance with the male-dominated medical profession and the mainstream media. The early suffragists understood that, much like today, women resorted to abortion because they were abandoned or pressured by boyfriends, husbands and parents and lacked financial resources to have a baby on their own. Ironically, the anti-abortion laws that early women leaders worked so hard to enact to protect women and children were the very ones destroyed by the *Roe v. Wade* decision 100 years later - a decision hailed by the National Organization for Women (NOW) as the “emancipation of women.” The goals of the more recent NOW-led women's movement with respect to abortion would have outraged the early feminists. What Elizabeth Cady Stanton called a “disgusting and degrading crime” has been heralded by Eleanor Smeal, former president of NOW and current president of the Fund for a Feminist Majority, as a “most fundamental right.” Betty Friedan, credited with reawakening feminism in the 1960's with her landmark book, *The Feminine Mystique*, did not even mention abortion in the early edition. It was not until 1966 that NOW included abortion in its list of goals. Even then abortion was a low priority. [. . .] NOW has made the preservation of legal abortion its number one priority. Its literature repeatedly states that access to abortion is “the most fundamental right of women, without which all other rights are meaningless.” With this drastic change, a highly visible faction of the women's movement abandoned the vision of the early feminists: a world where women would be accepted and respected as women. There are now 1.3 million surgical abortions per year in the United States. (“The Feminist Case against Abortion” 3-4)

As alegadas iniquidade e imprudência dos centros onde o aborto é praticado são veementemente criticadas pelo Klan. A partir de determinados estudos pseudo-científicos, os leitores são informados detalhadamente sobre as consequências físicas e psicológicas nefastas para as mulheres que recorrem a essa “solução” que coloca em risco a sua saúde.

Esta forma de perspectivar a prática do aborto como “involuntária”, como uma “imposição” social, afigura a mulher *WASP* como mera vítima de violência psicológica e física, com o propósito último de (re)afirmar a “inocência” da mulher *WASP* e os valores da *White Womanhood* (confrontar anexo XIV):

Although these centers are clearly listed in the yellow pages as “abortion alternatives,” some abortion advocates have resorted to calling them “fake clinics” to discredit their efforts to give women choices other than abortion. Coercive techniques, lies, and other unethical practices should not be tolerated in abortion clinics or in pregnancy resource centers. [. . .] some for-profit abortion clinics and unaffiliated pregnancy care centers may stray from the ethical path. NARAL is currently working to expose those anti-abortion centers that resort to lies and lurid pictures; NARAL should also expose those abortion clinics that try to convince women they have no choices other than abortion. [. . .] Doctors who have botched abortions, caused infertility or death and lost their medical licenses have been known to jump state lines to continue providing abortions and even open new clinics. There are no regulations to stop them. (*Ibidem* 5-6)

Abortion Kills: Dr. David Reardon, Director of the Elliot Institute for Social Sciences, discovered abortion is four times deadlier than childbirth based on a study of statistical information from Finland National Research and Development Center for Welfare and Health. Sterility: Studies have found that 3 to 5 percent of women are left sterile by abortion. Mortality Rates: Dr. Reardon showed that women who had an abortion were 252 percent more likely to die within the following year than women who carried to term. Abortion Breast Cancer Link: A study published in the *Journal of Epidemiology and Community Health* found 30 percent increased risk for breast cancer for women who had one or more induced abortions. Post Abortion Syndrome: A study published in the *American Journal of Psychiatry* reported that of 500 post-abortive women studied, 50 percent showed negative responses to abortion, and 10 percent suffered serious psychiatric complications. Suicide: A study published in the *British Medical Journal* shows post-abortive women are over four times more likely to attempt suicide than women who have given birth. Even a study conducted by the radical leftist Center for Gender Equality concluded 70 percent of women favor more restrictions on abortions. These women have seen the effects of abortion in the lives of their sisters, daughters and friends. Concerned Women for America, the nation’s largest public policy women’s organization, expresses its concern over the extreme risks of abortion [. . .]. (“Abortion Kills” 1)

Em contraposição, Daniels salienta que o discurso de supremacia branca aponta para o controlo rigoroso da sexualidade das mulheres de “raça” negra, sugerindo subtilmente incentivos à prática do aborto ou da esterilização como soluções viáveis face ao

comportamento sexual irresponsável e negligente revelado por essas mulheres. A fertilidade “exagerada” da “raça” negra tem como intuito fundamental conseguir obter os subsídios estatais esperados e propagar doenças e a decadência urbana. Esta imagem revela-se como mais uma estratégia perniciosa de justificar a discriminação social (95-100).

Os efeitos nefastos da prática do aborto por parte das mulheres *WASP* na sociedade americana são constatados pelo Klan de modo fervoroso, nomeadamente a criminalidade, o laicismo e a promiscuidade sexual. Como resposta a este clima de “inquietação”, o Klan regozija-se pelo facto de determinadas mulheres do Partido Republicano pretenderem erradicar definitivamente o aborto da sociedade americana:

Whole sections of every major city in the United States is unsafe for white people and small towns are becoming killing grounds where desensitized youngsters raised on praises of abortion in anti-Christian environments are now aborting the lives of their peers. [. . .] Our daughters are taught that murder of the unborn is a natural choice for them and sexual promiscuity is their equal right. When crushed by an illicit relationship or abortion we can always take them to the mall. (“Taking It for Granted” 1,2)

In a Congress evenly divided on the issue of abortion, pro-life forces have a secret weapon: a group of seven lawmakers who happen to be women. Despite their lower numbers, this small company is still a key factor in protecting the rights of the unborn. The image most of America has of women on Capitol Hill is that of the liberal feminist, expressed most vociferously by hard-line pro-abortion activists. [. . .] A clear majority of men in the House are pro-life, but the overall balance is delicate. A recent vote to uphold a presidential pro-life policy passed by a mere eight votes. The votes of the pro-life women made the difference. [. . .] A strategy conservatives are using to lend credibility to their pro-life legislation is to have a woman as a principle sponsor and all seven to speak in support on the floor of the House. [. . .] The ultimate goal of pro-life groups, to ban abortion, still seems a long way off. But these lawmakers are just taking it one step at a time. (“The Pro-Life Women of Congress” 1,2)

As feministas são acusadas pelo Ku Klux Klan de fomentarem as relações inter-raciais, sobretudo aquelas em que os actores principais são os homens de “raça” negra e as mulheres *WASP*, enquanto potenciais traidoras da “raça” branca. Estes são afinal perpetradores de um “crime racial”: a “produção” de “raças” mestiças que profanam a “raça” branca. A fim de fundamentar a sua posição, o Klan procura demonstrar como as relações inter-raciais são inequivocamente estigmatizadas pelas Sagradas Escrituras, como confirmamos pelos seguintes excertos:

White Christian women in today's society face a unique problem. They are barraged with feminist organizations on the left which encourage [. . .] racemixing [. . .]. The so-called spokeswomen for these organizations seldom have any day to day experience with raising families, trying to make ends meet, or living a moral lifestyle. Yet [. . .] white women are given a green light to race mix and confront hostility when they seek to train their children in the manner of the old time gospel of racial separation. (Klan, "The Dilemma" 1)

With the understanding that the Law still stands, let us see what the Scriptures have to say of "inter-racial marriage" (Fornication with a beast). Kind after kind, is a fundamental commandment. It is the natural order of things, as established by Yahweh. Genesis 1: 24; "And God said, Let the earth bring forth the living creatures after his kind, cattle, and creeping thing, and the beast of the earth AFTER HIS KIND: and it was so." Verse 25: "And God made the beast of the earth after his kind, and cattle after their kind, and every thing that creepeth upon the earth after his kind: and God saw that it was good." [. . .] Leviticus 20:16: "And if a woman approach unto any beast, and lie down thereto, thou shalt kill the woman, and the beast: they shall surely be put to death; their blood shall be upon them." Leviticus 18: 23-24: "Neither shall thou lie with any beast to defile thyself therewith: neither shall any woman stand before a beast to lie down thereto: it is confusion. Defile not ye yourselves in any of these things: for in all these the nations are defiled which I cast out before you." (Blaha, "A Beast with a Hand?" 10)

No artigo "George Washington", Duke acrescenta que estas relações "demoníacas" foram claramente renegadas por Thomas Jefferson, uma das figuras mais reverenciadas da História dos Estados Unidos da América: "Thomas Jefferson in his Notes on the State of Virginia wrote that White women who cohabited with Black males should be 'outside the protection of the laws,' meaning that he believed that those who acted violently against them should not be prosecuted" (2)⁷⁰. Esta declaração comporta uma tentativa clara de fundamentar em termos históricos a demonização das relações inter-raciais.

O Klan reprovava categoricamente a posição "obscura" das feministas e a permissividade existente na sociedade americana em relação à prostituição e ao tráfico sexual de mulheres e de crianças:

The United Nations continues to debate legitimizing prostitution as a career for women. The vote on whether to add a "consent" exception to prostitution has been delayed. The U.S. State Department advocates that prostitution and sexual trafficking should be illegal only when they are forced, thus effectively legalizing prostitution when there is consent. ("Feminist Groups Support Prostitution" 1)

⁷⁰ Para aprofundar o modo como as relações inter-raciais foram condenadas ao longo da História do Ku Klux Klan, especialmente nos anos 20 do século XX, consultar MacLean (141-44).

Over 50,000 women are trafficked into the United States every year. Existing laws in the United States and other countries are inadequate to deter trafficking, primarily because they do not reflect the gravity of the offenses involved. Each number is a woman or child who has lost everything, his or her family, dignity and hope. Each has a tale of abduction, kidnapping or fraud. Where countries do have laws against sexual trafficking, there is no enforcement. In 1995, the Netherlands prosecuted 155 cases of forced prostitution, and only four resulted in the conviction of the traffickers. In some countries, enforcement against traffickers is hindered by indifference, corruption, and even official participation. [. . .] The sexual trafficking of women and children is the deepest violation of human dignity and an unspeakable tragedy. The United States must take the lead in stopping this abuse of women and children. (“Stop the Trafficking”^{1,2})

As mulheres que trabalham na indústria da pornografia são classificadas pelo Klan como figuras de preconceito, uma vez que “denigrem” a imagem de “pureza” e de “honra” das mulheres WASP e contribuem para a instabilidade do casamento enquanto instituição consagrada por Deus: “Our sons are plagued by pornography and their lack of respect for women accelerates. When they grow into pitiful adults maybe a new boat will make up for their broken marriage” (“Taking It for Granted” 2).

Estas abordagens, que apontam para uma vigilância e um controlo mais ou menos explícitos sobre a sexualidade feminina, convidam-nos a reflectir sobre o modo como o Klan designa determinados comportamentos como “imorais”, “obscenos” e “diabólicos” e os “purifica”, com o intuito de salvaguardar a Vontade divina. Uma tal operação remete-nos para as concepções da ética e da retórica puritanas, que perseguiram todos os comportamentos femininos “pecaminosos” que maculavam o projecto utópico do “Novo Éden”, como referimos no capítulo 2.2.

No discurso actual do Ku Klux Klan, a homossexualidade enquanto prática sexual considerada desviante no contexto matrimonial heterossexual é classificada como figura de preconceito.

Segundo Daniels, nas organizações de supremacia branca as violências figurativa e literal exercidas sobre os homossexuais: “reinforce a Christian dominated world and [. . .] a male-dominated society as well as gay-bashing which silences lesbians and gay men as it affirms a heteronormative order [. . .] and [. . .] the white power structure” (23).

O conflito entre heterossexuais e homossexuais é legitimado, uma vez que o domínio sexual é um elemento chave na garantia da hegemonia da masculinidade branca supremacista. A ameaça de penetração do corpo masculino justifica as respostas agressivas por parte dos heterossexuais (*Ibidem* 49-51).

No artigo “America: A Gay Refuge?”, o Klan denuncia a “invasão” de homossexuais, provenientes de diferentes pontos do mundo, que pretendem sobretudo aniquilar a América:

As bleak as the picture is which they paint for anyone who will lend an ear, it is surprising for many to learn that homosexuals around the world can apply for political asylum in the U.S. based solely on their sexual orientation. [. . .] Twelve countries call for the execution of people legally convicted of same-sex sexual relationships. A few countries will place those convicted of homosexuality into psychiatric wards. And there are still countries which will imprison those convicted. However, under a liberal establishment and with the aid of many morally weak conservatives, this nation has placed a welcome mat upon its doorstep for immigrants the world over. Not only are we touted as a melting pot for the excess baggage of the third world, but now they want to “sweeten” the pot with giggly men and burly women who aren’t satisfied with staying in the closet. America once had laws outlawing homosexuality. Now the U.S. welcomes them. Countries which ban homosexuality aren’t on a “witch hunt” - who has the time to keep track of every citizen’s bedroom. But when private bedroom practices become public, it’s relatively easy to convict. The public is witness. (1)

Os homossexuais são criticados efusivamente pelo Klan por procurarem desempenhar o papel falacioso de “vítimas” e por manifestarem uma vontade aparentemente incontrolável de escandalizar, de “conspurcar” a moralidade e os valores instituídos na cultura dominante. Aliás, estas tentativas foram sistematicamente condenadas ao longo da História da civilização cristã:

Homosexual groups across America continue to stir up anti-Christian sentiments by their incessant whining about their so-called lack of rights. They portray themselves as hunted people who must constantly be on the look out for a bigoted Christian on the prowl. Their very lives are in danger, they suggest. The abuses they must endure are endless, they cry. The persecution they face on a daily basis is almost unbearable. The fact is homosexuality is nothing new. Throughout history it has existed. Every civilization near the end of its decline suffered its affect [*sic*] on society. And every culture during reformation to enhance the family and thus empower the nation passed restrictive laws against homosexuality in order to reverse the destruction of the country. It is a cycle which has repeated itself throughout the ages. The problem did not arise out of the private practice of homosexuality. [. . .] Such sick perversions were the habits of a few who closely guarded their immoral secret - or they may be [*sic*] convicted for their offense against nature. The spread of homosexuality into mainstream society resulted from their own inability to be satisfied with nature’s intended calling. They have a need to pollute. It is not enough for them to cross the taboo of same gender sex. They want others to know. Whether a person delights in or reviles the homosexual act makes no difference. [. . .] To a homosexual, the idea of shocking the moral sensitivities of a person, family, or society, is half the fun. It’s not enough to enjoy the perversion. They want others to know they enjoy it - which brings us to America [. . .]. (*Idem*)

A par desta argumentação “histórica”, encontramos a subtileza da fundamentação bíblica, que corrobora de modo inquestionável a noção de depravação social, de “poluição” moral e subsequente “condenação” eterna das práticas homossexuais, como verificamos pelas seguintes passagens que “explicam” a intervenção perversa dos homossexuais na sociedade americana:

Yes, America is falling. It has gone from a refuge for Bible believing Christians from the old world to a destination for homosexual immigrants seeking political asylum. But as surely as we see the destruction of America close at hand, we see a reformation just beyond. For God shall use the wickedness of the many to stir the hearts of a few. (*Ibidem* 2)

The rights of homosexuals are promoted because no one wants to hurt their feelings [. . .]. Homosexuals become haughty and flaunt themselves. They work to achieve positions of influence [. . .] in the media, the entertainment industry, the educational institutions, publishing houses, or legislature. In these positions they can then confuse and lead them to a homosexual lifestyle. The Bible doesn't say to protect queers, it says they are to be punished after being found guilty by a court of law. However, today we are likely to have a queer for a judge. (Pendergraft, “The Public School Religion” 4)

[. . .] homosexuals [. . .] look around them and think to themselves, “hmmm, we don't like those uptight white Christian types. Who else is out to get them?” Now they have their coalition built [. . .]. After overdosing on therapy these social do gooders and their so called misunderstood minority groupies head out to make it more difficult for the middle-class - namely those who profess a belief in Jesus Christ. They want to put an end to the cries of white Christians, yet in their ignorance they fail to realize that once the host is killed the parasite dies not long after. [. . .] Soon Churches will be required to accept homosexuals into their ministries even while trying to uphold the Biblical teaching of the sin of homosexuality and lesbianism. How will our children be protected from this vulgar immorality and perversion when they are taunted by it in our very houses of worship? (Pendergraft, “Hate Crime Legislation” 1,2)

O Ku Klux Klan “desperta” a atenção dos leitores para as acções perniciosas dos homossexuais e / ou dos seus apoiantes que procuram, nas escolas públicas americanas, contaminar a família nuclear, branca, heterossexual e procriativa. Apesar da vigilância e dos esforços movidos pelo próprio Klan, esta revela-se indubitavelmente como um alvo fácil de corromper pela “propaganda” vigorosa e incessante do “lobby” construído pelos homossexuais:

We have known for a long time that Gay activists were working double time in the public schools recruiting troubled teens into the queer lifestyle. But at the recent

convention of the Gay Lesbian Straight Education Network Bob Chase, the head of the National Education Association [. . .] officially endorsed gay activism in public schools. The conference theme was “Ending Hate: beginning in school.” [. . .] He pledged his support to the *homosexual cause*. [. . .] He tried to categorize all opposition as being bullies and likened opposition to homosexuality as gang violence. [. . .] In his mind there are homosexual groups and big bad heterosexual gangs: the mean Bible thumper types. (Klan, “Feminist Groups Support Prostitution” 1)

“Members of the *Parents’ Rights Coalition*, a Christian organization, attended a recent conference of the *Gay, Lesbian and straight Education Network* at Tufts University in Massachusetts. GLSEN trains teachers and students and develops programs to fight those who oppose the homosexual agenda. Workshops featured included, “From Lesbos to Stonewall: Incorporating Sexuality into a World History curriculum” and “Early Childhood Educators: How to Decide Whether to Come Out or Not.” [. . .] the ultimate goal is the literal destruction of the family - God’s most basic governmental unit [. . .]. Policies being advocated by the homosexual movement mirror those of the globalists. Laws that can’t get passed through legislatures or federal government are being dealt with by the United Nations. (Pendergraft, “Our Youth under Fire” 1,2)

Esta veemência em punir figurativa ou literalmente todas as formas de “perversidade” sexual manifesta a articulação entre o Klan e os colonos puritanos do século XVII, nomeadamente no que diz respeito à concepção do corpo humano e à de iconoclastia. Tal como William Bradford, este grupo de supremacia branca “registra” os crimes sexuais dos “falsos ídolos”, de modo a redimir a América, enquanto “nação eleita” por Deus.

3.3.4. Instituições Políticas e Sócio-Culturais

O discurso actual do Ku Klux Klan também incide sobre as instituições com maior ou menor influência, senão mesmo determinação, na formação da opinião pública americana, desde as instituições primárias de socialização (a Família, como já vimos, e as Escolas Públicas), até às secundárias (os *Mass Media*), culminando nas instituições de natureza político-institucional (o Governo Federal, o *Federal Reserve System*, o Partido Comunista e os “Falsos” Klans).

Enquanto figuras de preconceito, as Escolas Públicas são condenadas por não valorizarem devidamente, ou por adulterarem propositadamente, a História dos Estados Unidos da América traçada pela cultura dominante, ou seja, a História dos *WASP* na “Nova Jerusalém”:

Make no mistake; the vilification of George Washington is not the work of just a few Black radicals. Its perpetrators were a publicly elected school board, including a couple of craven Whites. To avoid being called racists, the Whites quietly acquiesced in the degradation of America's greatest hero. (Duke, "George Washington" 1)

[. . .] today most students when questioned in a poll are unable to name the country the pilgrims came from, the ship they traveled upon, the date or the location of their arrival. The minds of today's students are void of any knowledge of their history or the unique contributions western civilization has given to the world. [. . .] Spielberg's film *Amistad* hardly represents the facts. [. . .] Spielberg has produced a study and learning guide to go along with the film. The study guide has been sent to thousands of high school educators and administrators [. . .]. [. . .] The study kit presents itself as a necessary aid to correct the racist history books of the past. [. . .] Historical records are being destroyed or falsified. [. . .] our books are being rewritten, pictures are being repainted, statues, streets and buildings are being renamed and every date being altered. The process is continuing day by day and minute by minute. Students who can not tell you when the pilgrims landed at Plymouth Rock, who cannot tell you the name of the first president of the United States and who think the name of the Pilgrim ship was (as surveyed in a recent study) the Santa Monica, are ready to be shaped and molded by those who are changing our history. (Robb, "Amistad" 1-3)

O Ku Klux Klan realça que as Escolas Públicas promovem claramente a perversidade sexual e algumas práticas sexuais “desviantes”, tais como a homossexualidade, e disseminam a irresponsabilidade, a permissividade parental e a imoralidade na sociedade americana, desrespeitando assim os desígnios divinos e a própria herança cultural dos *WASP* – na nossa perspectiva, a alusão à “fundação moral” da nação americana reverencia o próprio período colonial puritano:

Little children in America's elementary classrooms sit through discussions of homosexuality, queer role playing, and the rules for safe sex often without their parents' knowledge. Parents are viewed as obstacles to a teen's happiness if they don't adhere to a permissive sexual attitude. The family structure is crumbling. ("Taking It for Granted" 1)

[. . .] when they take the Bible, prayer and the recognition of God as the supreme law giver out of the school, then the moral foundation that build the nation's strength and character are gone. [. . .] When we barred the school house door to God, traditional Christian teaching, prayer and Bible reading, and opened the school house door to sexual perversion, condoms, [. . .] and abortion counseling, we robbed our kids of their moral foundation. ("What Happened at Columbine? 1,2)

Neste sentido, o Cristianismo deverá ser promovido nas Escolas Públicas, de modo a “orientar” ética e moralmente os jovens americanos, em particular os elementos *WASP*. O

ensino de outras doutrinas, designadamente o *Secular Humanism*, provoca o caos social e vaticina a ruína da civilização branca e cristã. Nas palavras de Pendergraft:

[. . .] Teaching knowledge without God IS the religion of Humanism. [. . .] schools are introducing courses and textbooks which openly teach the religious tenets of Humanism. These are diametrically opposed to the basic principles of Christianity [. . .]. [. . .] The refusal to obey God's laws [. . .] and instead obey our own idea of ethics [. . .] has led to America's downfall. [. . .] Satan and a third of the angels were cast out of heaven because they rebelled against God's authority and wanted to be equal with him. [. . .] Because of this, God warns Christians to "beware lest any man spoil you through philosophy and vain deceit..." Col. 2:8. [. . .] People who have not reached maturity [. . .] are prone to fantasies of their own power [. . .]. [. . .] Don't let them wreak havoc on the lives of you and your family. You can rely on God's power to keep you strong and defiant in the face of Humanism [. . .] - the new religion of the schools. ("The Public School Religion" 1-5)

O Ku Klux Klan apela a um maior zelo por parte dos pais na educação escolar dos filhos, uma vez que as Escolas Públicas traem indubitavelmente a posição da "raça" branca na América. Este reforço do envolvimento parental na formação cívica dos filhos sugere subtilmente a urgência em transmitir os valores promovidos por este grupo de supremacia branca na família nuclear, branca, heterossexual e procriativa, de modo a preservá-la no presente e no futuro:

Your children will be the most important project or venture you ever undertake. Really take the time to insure they turn out right. [. . .] Parents must reclaim responsibility for their children. [. . .] Parents must do what they can at home to counteract the negative teaching their children receive all day long when they are at school. It's like working on [. . .] the most important project of our lifetime [. . .]. (Klan, "Parental Involvement" 1)

Today's educators are being taught to be agents of change, to foster rebellion, to instill gender confusion and religious mistrust - to subvert parental authority [. . .]. [. . .] you must take extra precautions in regard to your children's education. [. . .] A land mine may rob you and your child of her life, but today's schools could rob your children of their soul. (Pendergraft, "Our Youth under Fire" 1)

Tal como no capítulo 3.2., estas medidas preventivas remetem-nos para a experiência colonial puritana. Relembramos aqui o facto de o Klan advogar o controlo e a vigilância patriarcal sobre as gerações *WASP* mais novas, de forma a prevenir comportamentos moralmente "obscenos", pois ao desprezarem as Palavras de Deus, os jovens questionam a profecia de eleição e da grandiosidade da América.

A este propósito, sublinhamos que é exigível a intervenção da escola e da família na promoção e no reconhecimento do princípio do pluralismo cultural, conciliando a afirmação dos particularismos das identidades minoritárias e individuais com os valores universais da democracia e da igualdade. Um programa sócio-educativo capaz de combater a discriminação e de fomentar uma convivência pacífica entre a diversidade cultural patente na sociedade americana reclama não só a promoção de atitudes e de comportamentos, mas também a sistematização de intervenções teórico-práticas que recusem a transferência de competências entre a escola e a família e os diversos elementos que as compõem. De facto, se a missão cívica da escola na sociedade americana fosse mais enfatizada, o seu papel seria crucial na promoção de valores éticos, tais como a igualdade e a tolerância activa, que se revelam em parte responsáveis pela preservação justa e equilibrada de geração em geração⁷¹.

Como figuras de preconceito, os *Mass Media* conspiram para proteger determinadas minorias, pretensamente responsáveis por “inúmeros” crimes⁷². Robb acautela para os perigos a que os indivíduos de “raça” branca estão actualmente sujeitos, mormente nas grandes cidades americanas, e acusa os *Mass Media* de resguardarem a posição social dos homossexuais, obliterando a “poluição” moral provocada pelas suas práticas sexuais “desviantes”:

Unfortunately the media is all too quick to publicize every loser or moron who commits a crime against a minority and yet remains totally silent about the daily assaults, muggings, rapes, and murders perpetrated against white people. In fact there are major sections of every large city where it is unsafe for a white man to walk down the streets. (“An Open Letter” 2)

Homosexuals can even murder children and not offend the establishment press in this country. It should be obvious to anyone whose body heat is above room temperature that political correctness has reached the level of madness. That such a crime could be covered up reveals a sickness. It is a sickness of the heart, a disease of the soul. Unfortunately, the disease seems to be spreading to boardrooms, to classrooms and to cloak rooms. (“A Message” 2)

Os *Mass Media* difundem de modo “insolente” informações “erradas” sobre o “Verdadeiro” Ku Klux Klan, denegrindo a sua História, os seus propósitos, as suas actividades e os seus rituais, numa “autêntica” campanha difamatória. Com este argumento, o

⁷¹ Para o aprofundamento desta temática, consultar Avelar, Capela (219-33), Casal (121-43), Lazcano (352-57), Okin (7-10), Renaud (209-309), Silva (325,327) e Vidal (138-40).

⁷² Para desenvolver esta questão, consultar Chalmers (1-2).

Klan visa sobretudo ocultar o seu verdadeiro percurso histórico e as formas de violência figurativa e literal perpetradas pelos seus membros, como confirmam os seguintes extractos:

[. . .] recently I have seen on TV documentaries several deliberate distortions. I have seen the fiery cross of Constantine's vision being changed to a vision of just a cross, not a flaming or fiery one. [. . .] They are deliberately trying to change every symbol of Christianity into a symbol of racist hate. [. . .] The modern media, with its beloved yellow journalism, lies, falsehoods, half truths, and distortions [. . .] was always quick to run wild with such incidents for the sake of its self serving sensationalism. ("The Truth about the Fiery Cross" 1-3)

Many people are of the opinion that the Klan is violent. To them, the average Klansman is surrounded by guns, hand grenades, knives and explosives. He sits around planning violence, eagerly waiting for the opportunity to hang, shoot or scare someone they don't like. How utterly Absurd! Yet, because of the lies of the national media, it can be understood why some people believe this, in spite of the fact it is totally untrue. ("Is the KKK Violent?" 1)

Usually the programs they make about the KKK on TV just show really mean acting men. Sometimes the men they show are made to act really dumb. [. . .] the KKK guys they show are supposed to be really evil with bombs and guns and airplanes and they try to take over the world and kill all the people. That's because the very rich people who own the TV shows and newspapers and movies don't like white Christians. [. . .] They think to themselves: "Since we own the TV and movies that the people watch, and we own the newspapers people read, we can just tell lies about the KKK for so long that people will believe it. Then we can do what ever we want [. . .]!" ("Are There Women and Kids in the KKK?" 1)

No artigo "The KKK and the Media", o Klan revela que a afronta mais violenta dos *Mass Media* é exercida sobre o Cristianismo, de forma a corromper a imagem puritana do "Novo Éden". Descortinamos aqui uma tentativa axiomática deste grupo de supremacia branca de se auto-legitimar ao reiterar que os seus intuítos pretendem enaltecer os valores cristãos, asseverando deste modo a inocuidade da civilização cristã ocidental:

We want to see a return of Christian principles to TV and in Hollywood. [. . .] Look at the national media and you will see that they promote the very things you are against. Study the issue yourself. Are the owners of media outlets FOR Christianity or AGAINST Christianity? They label those of us who oppose their treason as supporters of a "hate" group, when the truth is THEY are the ones who hate you, your culture and the values of western Christian civilization. (1,3)

Também o Governo Federal americano é classificado pelo Klan como figura de preconceito por atraíçoar a "raça" branca ao permitir a acção abusiva de determinadas

organizações governamentais, por exemplo, a *Federal Emergency Management Agency* (*FEMA*), que aparentemente pretere muitos dos direitos de cidadania instituídos na Constituição Americana:

1998 is meant to be The Year of FEMA. [. . .] This government organization has more power than the President of the United States or the Congress, more power than “the people”, it has the power to suspend laws, move entire populations, arrest and detain citizens without a warrant and hold them without trial, it can seize property, food supplies, transportation systems, and can suspend the Constitution. Not only is it the most powerful entity in the United States, but it was not even created under Constitutional law by the Congress. It was a product of a Presidential Executive Order. It is not the U.S. military or the Central Intelligence Agency. These organizations are subject to the control of Congress. The organization is called FEMA [. . .]. [. . .] FEMA had one original concept when it was created, to ensure the survivability of the United States government in the event of a nuclear attack on this nation. It was also provided with the task of being a federal coordinating body during times of domestic disasters, such as earthquakes, floods and hurricanes. [. . .] FEMA has crept into our private lives. [. . .] Yes, FEMA can now assume the powers and duties of the President, in violation of the Constitution of the United States of America. All that is needed to implement these controls is the declaration of a national emergency by any President. [. . .] The Federal Emergency Management Agency has broad powers in every aspect of the nation. (Klan, “‘FEMA’. The Government’s Dark Secret” 1-6)

Segundo Quarles, o Ku Klux Klan pugna as medidas do Governo Federal por serem ditadas por um governo que “atraíçoa” os valores verdadeiramente americanos, ou seja, por ser uma figura de preconceito claramente submissa às forças do Mal (8).

Neste sentido, no artigo “Hate Crime Legislation”, Pendergraft alerta para o facto de o direito à liberdade de expressão, consagrado pelos *Founding Fathers*, ser constantemente “profanado” pelas políticas do Governo Federal:

The Knights has prevailed time and time again when governmental tyrants have tried to keep us from speaking to the people. [. . .] As much as they wish we would disappear so they don’t have to be reminded of their evil actions, the First Amendment stays firmly entrenched - at least for now. [. . .] The proposed hate crime legislation isn’t about protecting gay people or minority people. It is about silencing the protests by the Christian middle-class against the politicians. The politicians [. . .] are both rubbing each others backs and white Christian America is getting squeezed out. [. . .] the next item on their agenda is to outlaw actual “hate” speech. Who will be in charge of determining what is “hate” speech and what is not? [. . .] hate crime legislation is definitely Satan’s spawn. (1,2-3)

Salientamos que este direito à liberdade de expressão é veementemente defendido pelo Klan, visto que lhe permite divulgar a sua mensagem de supremacia branca na sociedade

americana sem sofrer qualquer forma de controlo ou de perseguição efectiva por parte dos agentes de autoridade.

Nos mesmos termos, o Klan argumenta que as políticas de “*Gun Control*” depreciam manifestamente o direito ao porte de armas, “ofendendo” a memória colectiva dos *WASP*. A análise dos seguintes extractos permitiu-nos perceber a forma dissimulada como o Klan legitima o recurso a formas de violência literal:

Deceitful politicians who control the government may try to take credit for it or they may try (as is happening today) to take it away. Even the federal government, acting through the Bureau of Alcohol, Tobacco and Firearms, the Internal Revenue service and the Federal Bureau of Investigations is attempting to deprive you of this God Given Right! (“Is the KKK Violent?” 1)

[. . .] clear thinking people continue to reject the gun grabbing fanatics because it is clear to all rational minded individuals that there is no inherent evil or good in a gun. [. . .] Good and evil comes out of the heart of man. [. . .] Guns were in the hands of our founding fathers when they purchased our freedoms. Guns were in the hands of every American soldier who marched off to war under the shadow of Old Glory. The number of times guns have defended men, women, and children whose home was broken into late in the night are greater than we could count. They are carried by law enforcement individuals to fight crime. [. . .] The Declaration of Independence clearly reveals that our founding fathers understood that guns are the final defense against tyrants. If history has taught us nothing else it has taught us that an armed society is a free society. (“What Happened at Columbine?” 1,2)

IT’S YOUR GUNS! ...Your right to self defense! [. . .] Many people may quit owning guns - but criminals will have guns, tyrants in Washington D.C. will have guns and those who would like to see White Christians disappear will have guns. The bottom line - freedom loving Americans are being set up! Fear the government that fears your gun! (“Anti – Smoking Hidden Agenda” 1,2,3)

Como evidencia Chalmers, os membros do Klan sentem que os seus empregos são ameaçados pela acção nefasta do Governo Federal, que se revela claramente hostil à estabilidade económica e aos valores defendidos por este grupo de supremacia branca (431).

No artigo “Taking It for Granted”, o Governo Federal é acusado pelo Klan de ser o principal culpado pela má situação sócio-económica actual de muitos *WASP*, particularmente pelas consequências nefastas dos programas de “*Affirmative Action*” que beneficiam apenas os grupos minoritários⁷³:

⁷³ Para um aprofundamento desta posição do Klan (que é comum a outros grupos de supremacia branca), consultar Daniels (43-49) e Quarles (181)

Many of our white brothers and sisters in America are experiencing rough times. They may have lost a job because of an affirmative action program or perhaps didn't receive the promotion or scholarship they deserve. Their company may be down sizing with much of the work going overseas. While one income used to be sufficient to raise a family, we have become accustomed to needing two incomes and in many families three incomes are now essential. (1)

O Klan denuncia ainda que o Governo Federal se afastou do governo concebido pelos *Founding Fathers* ao permitir “afrontas” aos direitos de cidadania há muito adquiridos. Daí a emergência em recuperar alguns dos princípios do Cristianismo que “fundaram” a nação americana. Subjacente a estes argumentos políticos e sócio-culturais, encontramos a apropriação por parte do Klan dos valores da ética puritana, instituídos no período colonial e hegemônicos no sistema de privilégios do *status quo*:

[. . .] We LOVE the government given to us by the founding fathers. We love the constitution, the Republic and Old Glory, but those who rule [. . .] have twisted the laws to suit their own greed, to please the internationalists, and to buy votes by promising to keep intact programs which unfairly promote minority interests over white interests. [. . .] What we are opposed to are those men and women who are working to destroy our White Christian form of government from within. We love our country and we intend on seeing her on a firm foundation once again! (Klan, “The KKK and the Federal Government” 2)

Only our God can give us the Law! If our leaders believe they can be in violation of God's Laws and receive no punishment for such violation, then let the Supreme Court and the President and the entire Congress of the United States jump off the dome of the Capitol Building in Washington, D.C. They will receive their punishment when they hit the concrete below. (Gale, “Racial and National Identity?” 9)

De acordo com Chalmers: “As Klansmen, and therefore defenders of one-hundred-per-cent Americanism, the white race, school, neighborhood, and way of life, Klan members confer on themselves the prestige that society has otherwise withheld from them” (431-32).

Neste sentido, os grupos sociais marginais, nos quais se incluem os desempregados, iletrados e viciados em drogas e no jogo, entre outros, são claramente condenados pelo Klan: “One can see clearly the change coming by observing America's capitol, where despite the federal flood of our tax money, brutal crimes of violence, drugs, illiteracy, and corruption flourish” (Duke, “America at the Crossroads” 1).

Tal como os Puritanos do século XVII, o Ku Klux Klan sentencia de forma intransigente todos os “criminosos” que conspurcam o “povo eleito de Deus”.

O “caos” político e económico, que afecta sobretudo o estatuto social dos *WASP*, é ainda explicado pelo Klan como resultante da acção “satânica” de uma outra figura de preconceito, o *Federal Reserve System*, controlado por um grupo “secreto” de banqueiros internacionais. De modo a reforçar a sua argumentação, o Klan declara que as entidades bancárias já tinham sido criticadas por determinadas figuras históricas americanas, tais como Thomas Jefferson, Andrew Jackson e Abraham Lincoln, por estas agravarem as dívidas do Governo Federal e enfraquecerem a economia nacional. Esta posição do Klan relativamente ao *Federal Reserve System*, “fundamentada” em termos históricos, recupera subtilmente os valores individualistas da ética puritana, no âmbito do trabalho e do bem comum:

[. . .] there is a group of 13 International Bankers who meet once a month and [. . .] they control the entire economy of the earth via their control of the money supply and interest rates. [. . .] It is implied that they nearly rule the world. [. . .] The Bible has much to say about money and about honest money based on gold and barter. Currently we have a totally satanic monetary system based on fiat money, paper money, counterfeit money and fractional reserve banking where commercial banks “create” money out of thin air. It is EVIL. [. . .] Through their control of the Federal Reserve System, Bankers control the interest rates in the nations’ banks and thereby they exercise complete control over the American economy. By their control of the economy they can make or break any American President. [. . .] Thomas Jefferson was prophetic [. . .]. America is now mortgaged to the hilt and when it all collapses, the International Bankers will end up owning everything. (“Powerful Men” 1-2)

The source of the problem [. . .] is international finance and the death grip it has upon the economy. [. . .] The government needs money to operate and it gets this money by borrowing it from the Federal Reserve. The Federal Reserve then authorizes the Treasury Department to print the money which is then loaned to the government. This is [. . .] NOT the way it was directed by the United States Constitution. According to the Constitution, only the congress has the right to coin money and regulate its value. [. . .] Two presidents worked very hard to kill the power of the bankers. The one being Andrew Jackson, who described the bankers as a “den of thieves,” the other being Abraham Lincoln, who instructed the issuing of “constitutional” money. [. . .] It was for this reason that, John Wiles Booth, a Rothchild agent, killed Lincoln. It was not because of his fight against slavery, but his fight against the bankers. (Robb, “The Great Banking” 1-5)

Com o intuito de classificar o Partido Comunista como figura de preconceito, o Klan “recapitula” a acção “perversa” do Comunismo no mundo e denuncia a sua intervenção anti-cristã, “maligna” na sociedade americana.

Como confirmamos pelos seguintes excertos, o Klan “ressuscita” o fenómeno do Comunismo, a fim de realçar o seu papel permanente de vigilância e de controlo sociais em

nome da preservação das normas e dos valores promovidos pela cultura dominante, mesmo quando as criaturas do Mal estão aparentemente “adormecidas”:

WHEN THE COMMUNISTS TOOK OVER a country, one of the first things that they did was to confiscate all the privately-held weapons, to deny the people the physical ability to resist tyranny. But even more insidious than the theft of the people's weapons was the theft of their history. Official Communist “historians” rewrote history to fit the current party line. In many countries, revered national heroes were excised from the history books, or their real deeds were distorted to fit Communist ideology, and Communist killers and criminals were converted into official “saints.” Holidays were declared in honor of the beasts who murdered countless nations. (Klan, “The Truth about Martin Luther King Jr.” 1)

For those pastors who say they aren't concerned with a Communist (called liberals today) take over of America, that their task is “to preach the Gospel and God will handle the Communists,” I'd like to remind them that if the Communists ever take over in America, (If?) their right to preach the Gospel will be taken away, just as it was for our brethren in Russia and China. (Mohr, “The Rapture” 10)

We strongly believe that as the holy Bible says, the tools of the devil will be used by God against him and his followers. These fool hardy leftists are setting legal precedents nationwide that will one day be used to put an end to their scheming, exploitation, and victimization. (Pendergraft, “Hate Crime Legislation” 3)

No discurso actual do Ku Klux Klan, sobressai ainda a classificação dos “Falsos Klans” enquanto figuras de preconceito. Estes “mancham” a reputação do “Verdadeiro” Klan ao distorcerem os seus objectivos, convicções, actividades e práticas rituais, como ilustram as seguintes passagens:

We do not rally with other “Klan” groups. While we are not opposed to those who are sincerely working for the advancement of our people, we can not let our program to witness to White America become bogged down by those who refuse to act in a professional and Christian manner. Most other groups are an embarrassment to middle class America. We are an organization you can be proud to be associated with. (Klan, “The Knights' Party” 2)

Virtually EVERY klan group in existence uses one of our oldest pieces of literature as their own. [. . .] Our organization comes up with its own ideas, our own strategy, our own literature, our own program, etc. [. . .] We point this out because it would be absolutely unbelievable the extent that our articles, uniform, slogans, etc are being copied by other groups - all who claim to believe in unity. This shows them to lack integrity, honesty, and Christian character. [. . .] We have a history. Where do the other groups come from? How long have their “leaders” been in the racist movement? Are they Christians? What standards do they maintain to insure a credible organization? Are they only part time klan “leaders”? What did they do before they

became a klan “leader”? Have they themselves been proven to be disloyal? What are their qualifications to lead a klan organization? These are all questions which should be asked by anyone before making a decision to associate with a klan organization. Our national director has been in the racist movement for 35 years and has served as a spokesman, author, organizer, etc in the movement for over 30 years. (Pendergraft, “Our Vision” 5-7)

Subjacente a estas afirmações, encontramos a argumentação falaciosa do Klan que procura “limpar” a própria organização, desculpabilizando os seus intuitos, a sua doutrina e as suas práticas rituais figurativamente agressivas e, sobretudo, as suas formas de violência literal exercidas sobre as diferentes figuras de preconceito, desde a sua fundação até aos dias de hoje, ao atribuir essas particularidades a grupos de supremacia branca que impudentemente usurpam o seu “bom” nome.

Neste sentido, no artigo “The Truth about the Fiery Cross”, o Klan desvenda de forma mordaz os comportamentos “reprováveis” desses grupos “ilegais”, nomeadamente a “insultuosa” articulação com o Nazismo e o desrespeito pelo legado do “Verdadeiro” Klan:

[. . .] these wannabe Klans still consider themselves as a group of regulators as was the original KKK. [. . .] But either way why do these “Klans” want to burn a cross when they neither practice, nor even understand its deep religious meaning? Ignorance, that’s why. These idiots are now starting to have swastika lightings at the same time at some of their rallies. A pagan symbol being considered [. . .] a Christian symbol? Talk about a contradiction, how dumb can they get? We don’t call them illegal Klans for nothing. But contradictions are their stock in trade. [. . .] They break the law like crazy. They are always losing major lawsuits or going to jail. They live drunken, drug abusing immoral lives, and the last thing they ever do is anything fraternal or Christian. They lie, they steal, they slander and stab everyone in the back including themselves. [. . .] they are illegal renegade Klans. [. . .] These Klans don’t need enemies when they do such a good job of fouling things up themselves [. . .]. If anyone takes the time to look past the shabby superficial lip service they pay to Christianity, you’ll see nothing religious or Christian about them at all. [. . .] don’t claim Godliness when you are engaged in criminal activity; unless you want the wrath of God to come down on your head, too. Neither should you claim to honor the memory of the true Klansmen of the past and then mock their memory by distorting the Klans they founded so far out of shape as to make them unrecognizable. [. . .] Anyone wishing to affiliate with any Klan organization must take the time to know and understand the true principles, intentions, and purposes of the KKK. [. . .] Be warned, if you lie with dogs, you die with dogs. (2-5)

Esta veemente “condenação” dos “Falsos Klans” convida-nos a reflectir sobre as representações da ética e da retórica puritanas que sustentavam a perseguição e a punição de todos os elementos dissidentes da comunidade “santificada” por Deus, tais como Roger Williams e Anne Hutchinson. Afinal, a salvaguarda da “pureza moral” legitimava o recurso a

qualquer modo de violência figurativa e literal a fim de destruir os “falsos ídolos” ao serviço de Satã.

3.4. A Revolução Controlada numa Forma Exacerbada de Americanismo

A fundamentação de um projecto de sociedade com raízes puritanas promovido pelo Ku Klux Klan encontra-se ainda associada a uma visão jeremias da realidade social, neste caso transposta para os nossos dias de uma forma sinistra. Demonstraremos aqui como os argumentos falaciosos usados pelo Klan assumem contornos semelhantes aos da Jeremiada puritana do século XVII, analisando, para tal, algumas das concepções puritanas perspectivadas no capítulo 2.3. desta dissertação, a saber: a dicotomia equilibrada fatalismo / optimismo; a renovação do *Covenant* entre Deus e o Seu povo eleito; os ritos de consenso em torno da América única, utópica e mítica; a revolução controlada; e o Mito milenarista.

Concebidas enquanto entidades demoníacas que desviam a América do caminho ideal anunciado pelos Puritanos, as figuras de preconceito alegadamente provocam angústia e ansiedade aos membros do Klan (como vimos nos sub-capítulos anteriores). Sob a forma de Jeremiadas, este grupo de supremacia branca critica e lamenta os erros da sociedade americana, perspectivando-os como pecados aos olhos de Deus e do mundo. A perda de devoção religiosa e a degradação moral e social na vida quotidiana são as denúncias mais efusivas que conciliam teologia e política, de modo a justificar uma visão fatalista, premonitória das penas eternas vaticinadas a todos os que “caem em tentação”, como podemos verificar pelos seguintes excertos:

America is at the crossroads. [. . .] Multi-Culturalism and “Diversity” are lies. The non-White birthrate, coupled with massive immigration (both legal and illegal) and racial intermarriage, will reduce the founding people of America into a minority in our own nation. [. . .] Crime will continue to escalate, as schools deteriorate, corruption increases, and quality of life plummets. [. . .] Government and mass media have become enemies of the founding heritage of this nation. [. . .] They have attacked our Christian values, heritage and traditions. (Duke, “America at the Crossroads” 1-2)

The past generation has seen a steady and frightening increase in crime, drug abuse, homosexuality, families breaking apart, unethical business practices, government waste and betrayal, the flood of illegal aliens, abortion, euthanasia, erosion of parental rights, secular humanism, and the legalized theft of our hard earned tax dollars to pay

for liberal nightmarish schemes. The list of this nation's blemishes could go on and on and when you thought the list was complete, you would think of something else amiss in this land of ours. The plot to mutilate the Christian foundation of the United States and to put in its place a perverted and distorted view of Christianity, Patriotism, and government has been well laid and has worked like a charm. (Pendergraft, "Separation of Church and State" 1)

Nationwide, more and more white people are realizing they have been betrayed by those political, religious, business, and educational leaders they thought they could trust. The treachery upon our Christian faith, the assault upon our moral sensitivities, the betrayal of our national sovereignty, [. . .] and the murder of our unborn all stand as evidence that our people have forsaken the faith of their ancestors. Our message is white Christian revival. (Robb, "An Open Letter" 2-3)

De acordo com Lamy, a América é sintomaticamente "retratada" no discurso de supremacia branca como a cidade bíblica da Babilónia, ilustrativa do colapso iminente do domínio do Cristianismo e, conseqüentemente, da condenação da civilização ocidental, visto que promove actualmente uma "*mass culture*", responsável pela decadência de uma sociedade "pecadora". A proliferação de casos de homossexualidade, a legalização do aborto, o hedonismo cultural, as famílias desintegradas e a cultura popular sexualmente explícita e violenta, entre outros "infortúnios", evidenciam o declínio da Babilónia americana (138-39, 150-54, 250-52). Este tom fatalista é alimentado pela convicção de que as figuras de preconceito, enquanto criaturas diabólicas, tencionam "governar" a "Nova Jerusalém", a fim de corromper a missão dos "eleitos" de Deus.

A este discurso profundamente negativo face aos destinos dos Estados Unidos da América, o Klan alia uma visão mais optimista, que radica na convicção de que é possível evitar esta catástrofe através do arrependimento e da conversão; em suma, da renovação do *Covenant* entre Deus e os Americanos.

Porém, este pacto não deixa de estar ameaçado pela falta de fé de alguns dos *WASP* na sua própria missão. Logo, a concretização da oportunidade de escapar à calamidade exige o cumprimento das "*covenantal promises*" que permitirão transformar a América e (re)encaminhá-la para a sua função ditada pela Vontade divina e anunciada por Winthrop no sermão "A Model of Christian Charity" - a América perante o mundo "pecador" como "*a city upon a hill*":

"Son of man, can these bones alive?" And I answered, "O Lord God, Thou knowest" (Ezekiel 37:3). This is the way God's people felt in the Babylonian exile. The people had sinned and could see no hope. Fortunately for them, God sent them a leader who

could warn them of the judgments to befall them. He also brought them hope. Ezekiel had a vision of the dry bones in the Valley of Jezreel, symbolic of the dried-up vision and hope of the people. Ezekiel told the nation that they had brought their problems on themselves by turning from the glory and word of God. But, the dry bones would come together and live again. [. . .] It is our duty to plant the seed and God will reap the harvest. America appears to be on a collision course with total destruction and our efforts often seen [*sic*] futile. Yet, let us not forget that God will use these trials to test us and our endurance. He wants men and women who won't lose faith in him. He wants men and women who won't give up on their children and their future. [. . .] The one thing we must never ever do is give up and quit on our race, faith, and nation. (Klan, "Never Quit" 1)

Now, even as it was then, when the original Klansmen rode it started with a few good men willing to stand up for the betterment of their future. So the future is Our [*sic*] to Shape and of what will we **Tell** future generations. Do you plan to spread the light of hope or extinguish it? We wish to bring that light into the twenty first century and carry it for centuries beyond! (Klan, "History of the Klan" 1)

For God shall use the wickedness of the many to stir the hearts of a few. He shall forge men and women with true Christian character into disciples of courage and fortitude - men and women who will lift a Godly and just standard. We must continue in our work to spread the Gospel - to be a lighthouse in a dark world - to bring hope to our brothers and sisters. Our nation is still a Christian nation and Christ shall see it returned to its rightful heirs - governed by Christian laws and principles. (Klan, "America: A Gay Refuge?" 2)

O Ku Klux Klan recupera subtilmente a imagem do Evangelho de S. Mateus – “the light of the world” (qtd. in Baym 225) – para (re)classificar a nação americana como a terra eleita por Deus neste momento de calamidade. Tal como nas Jeremiadas de Increase Mather, apontamos aqui o modo como a “Genética da Salvação” apazigua a ira divina face à depravação moral dos Americanos que os afasta da Verdade eterna.

A retórica do desespero e da esperança cumpre assim a função dicotômica de lamentar os pecados americanos e de enaltecer a sua missão redentora, como confirmam as seguintes declarações do Klan: “[. . .] the nation has turned from its Christian foundation and today we actively stand to witness to America. It is time we sound an alarm to those in God's holy nation. It is time to send forth a message of hope and deliverance” (“The Knights' Party” 1); “[. . .] these victories of the evil ones, these powerful demonstrations against Christ and his dedicated followers have stimulated a faith and a prayerful concern that cannot be defeated” (“Defeat, the Mother of Victory” 2).

A gestão da ambivalência discursiva entre o optimismo e o fatalismo providencia aos membros do Klan autênticas arenas nas quais estes exprimem os seus temores e as suas

aspirações a partir de experiências viscerais, ou seja, de formas extremas de violência figurativa e literal, sobejamente documentadas na cultura popular e no meio académico. A possibilidade de exorcizarem os seus receios de condenação e de potenciarem as suas esperanças na salvação leva-os a assumirem um compromisso que os torna impervios a qualquer discussão de foro racional (MacLean 94, 103-04).

A proposta de um projecto de sociedade de raízes puritanas reclama determinadas intervenções políticas e sociais, tornando desta forma extensível a todos os espaços o controlo e a vigilância quer sobre os indivíduos, quer sobre as instituições, como instrumentos de prevenção contra as “tentações satânicas” e, simultaneamente, de afirmação do *Covenant* selado pelas Sagradas Escrituras. Chalmers salienta que os membros do Ku Klux Klan supervisionam os “males” que afligem a sua comunidade e apresentam a sua organização secreta como a solução ideal. O controlo exercido em nome de um pretenso sentido extraordinário de patriotismo traduz-se, de facto, num sistema de vigilância social permanente (33).

Neste sentido, o Klan, endereçando-se a todos os *WASP* americanos, advoga determinadas medidas sócio-políticas radicais que visam não só revolucionar o sentido de *Whiteness* na América, mas também asseverar a felicidade e a perfeição dos “*visible saints*” até ao fim dos tempos.

No artigo “The Knights’ Party Platform”, este grupo de supremacia branca apresenta de forma sistematizada muitos dos seus propósitos sociais e políticos considerados basilares para a redenção da nação americana (confrontar anexo XV, onde constatamos o modo subtil como o Klan anuncia as suas ambições políticas a partir da imagem visual da “Casa Branca”):

- *The recognition that America was founded as a Christian nation* [. . .]. - *The recognition that America was founded as a White nation* [. . .]. - *Repeal the NAFTA and GATT treaties* [. . .]. - *Put America FIRST in all foreign matters* [. . .]. - *Stop all Foreign Aid immediately* [. . .]. - *Cut off trade with countries that refuse to establish strict environmental laws* [. . .]. - *Abolish ALL discriminatory affirmative action programs* [. . .]. - *Put American troops on our border to STOP the flood of illegal aliens* [. . .]. - *Abolish all anti-gun laws and encourage every adult to own a weapon* [. . .]. - *Actively promote love and appreciation of our unique European (White) culture* [. . .]. - *Outlaw the purchase of American property and industry by foreign corporations and investors* [. . .]. - *Drug testing for welfare recipients* [. . .]. - *Repeal the Federal Reserve Act* [. . .]. - *Balance the budget* [. . .]. - *Rehabilitate our public school system* [. . .]. - *A flat income tax should be introduced to allow for the funding of community, state and federal projects* [. . .]. - *Abortion should be outlawed except to save the mother’s life or in case of rape or incest* [. . .]. - *We support the death penalty for those convicted of molestation and rape* [. . .]. - *We support a national law against*

the practice of homosexuality [. . .]. - We support the placing of all persons HIV positive into national hospitals [. . .]. - Restoring individual freedom to Christian America [. . .]. - We support the voluntary repatriation of everyone not satisfied with living under White Christian rules of conduct back to the native lands of their people [. . .]. - Everyone who can work should work [. . .]. - We support a return to parental authority without government interference in the raising of our children [. . .]. - We respect the right of homeowners and that no one should ever be forced from their home for the non payment of taxes [. . .]. - We support state sovereignty resolutions [. . .]. - We advocate a strong defense department to safeguard American citizens [. . .]. - We support all U.S. veterans. (1-5)

Destes propósitos políticos transparece, na nossa perspectiva, um esforço obstinado para sustentar o sistema de privilégios de raça, classe, género e sexualidade instituído pela cultura dominante. Aliás, de modo a evidenciar a premência das suas propostas políticas, o Ku Klux Klan manipula determinadas aspirações de figuras que marcaram indubitavelmente a História dos Estados Unidos da América, por exemplo, um projecto político que constitua uma forma de governo profundamente comprometida com a doutrina cristã, capaz de salvaguardar o estatuto social, político, económico e cultural dos *WASP*:

We are promoters of White Christian civilization. We believe that the concepts of private property, free enterprise, representative government, parental rights, freedom of speech, right to trial by jury, right to address the government for a redress of grievances, etc. are essential ingredients for a civilized and moral society. [. . .] We give credit to all men and women who helped instill these cherished ideas into the hearts of our founding ancestors. These cherished and essential ingredients to a civilized and moral society are born out of the white race. [. . .] When we give honor to these ideals we give honor to our ancestors and our White Christian culture. [. . .] It will be a privilege to live under the authority of a compassionate White Christian government. We envision the same America that our founding fathers and mothers envisioned - nothing different. The only difference is that during the formation of our country, our people shared this dream in mass. Today, we are told that either this was NOT the dream of our founders or we are told that it WAS their dream and they are evil bigots. The fact is they built a nation and formed a government using biblical principles to give “their” posterity freedom in the pursuit of life and happiness. Non-whites were of no concern to them. Their white children were. Yes, we envision a White Christian America just like Washington, Jefferson, Adams, Paine, Lincoln, Webster, Madison, etc. [. . .] We inherited a Christian government and it is our duty to insure its return. (Pendergraft, “Our Vision” 1-4)

A ansiedade que daqui transparece remete-nos para o sermão puritano “Limitation of Government”, no qual John Cotton explicou a forma indelével como a Vontade divina impôs o Governo à Humanidade, a fim de restringir a depravação moral e caótica provocada pela propagação da anarquia e proteger os “*visible saints*” dos Filhos de Satã.

O discurso persuasivo do Klan configura-se como um questionamento controlado, um rito de anuência em torno da ideologia dominante, uma jeremiada que há-de ser revolucionada a favor da perfeição americana, sem pôr em causa o *status quo*. Como Bercovitch realça, em “The Rites of Assent”, “the rhetoric of consensus not only allowed for but actually elicited social criticism. [. . .] It facilitated process in such a way as to enlist radicalism itself in the cause of continuing revolution [. . .] and to keep America pure” (22).

Deste modo, o Klan proclama-se redentor do povo americano e do seu *manifest destiny*, procurando desempenhar um papel na vanguarda da Revolução, que permitirá visionar a América como a “Nova Jerusalém”. Os seus objectivos, crenças, rituais e actividades são lidimados pelo Klan, ao concebê-los como uma forma de purificação daquilo que se afasta dos desígnios de Deus. O seu movimento não se define como uma rebelião, mas sim como uma Revolução contida, uma Cruzada contra o profano na América, como comprovam as seguintes passagens:

The Ku Klux Klan movement assumes the dignity of a revolution, the protest of a proud and despairing race against conditions not to be endured; [. . .] a movement [. . .] of desperate men, [. . .] swearing that life, liberty and the pursuit of happiness should be theirs and their children’s at any cost. It has been contended by some that the right of revolution exists in instances where there is a reasonable probability of its being successfully asserted [. . .]; [. . .] the Ku Klux movement must be set down as a revolution, in that it accomplished certain results when all other measurers had failed. (Klan, “The History of the Original Ku Klux Klan” 1-2)

Our nation is at the cross roads and if our people are to persevere, they must do so on the positive merits of love for our own, not hatred for others. As Pastor Robb has said on many occasions, “We don’t hate anyone, but we do love our faith and our people.” The Knights of the Ku Klux Klan is a love group and through the unity of our people and by the guidance of Jesus Christ WILL be successful in bringing about a return of liberty and freedom for white Christian America. (Pendergraft, “We Are not the Enemies” 1,2)

Segundo Quarles, a imagem da América como nação remidora promove uma autêntica Revolução para reencaminhar todos aqueles que “pecaram”. Ao auto-classificarem-se como verdadeiros “patriotas”, os membros do Klan tencionam instituir a “Segunda Revolução Americana” contra a acção nefasta de Satanás, uma vez que os “eleitos” devem defender de forma intransigente a moralidade e a decência em nome de Deus (183-86).

Ora, a fim de reforçar a legitimidade dessa Revolução, o Ku Klux Klan evoca o papel inolvidável das figuras históricas que protagonizaram a Revolução Americana (a “Primeira

Revolução”), enquanto objecto de inspiração e modelos de conduta (confrontar anexo XVI, onde o Klan propagandeia a imagem visual de George Washington):

It is time that you make some very important decisions. The first decision you must make is whether you are willing to support the struggle that liberty demands. We are reminded of the words of Thomas Paine, “*Tyranny, like hell is not easily conquered. But we have this consolation with us. The harder the conflict the more glorious the triumph!*” Our victory may be difficult, but it is not impossible - remember that there is a just God who rules over the world and he will make our victory possible. If you find that you are inspired to demand a future for your people then you must first and foremost put the demand upon yourself. You must demand determination, endurance, and persistence from yourself and we will require dedication, honesty, trust and loyalty from you. (Pendergraft, “Our Vision” 9-10)

[. . .] there will be a great revolution in which Whites will regain the nation of their forefathers. I believe that American Whites will awaken from their lethargy [. . .] and act decisively to save both their heritage and their nation - reclaiming their birthright. Our people too shall have our own homeland. Our people have already fought and bled for it, cultivated it, and built our civilization upon it. It will remain ours. [. . .] Our society will reflect our nature, our spirit, our science, our eventual evolution to a higher man, who, once having the earth firmly beneath his feet, will turn his eyes to the heavens. [. . .] Our people approach the next great step in their long evolution, a process that will accelerate their development many times faster than a millennium ago. [. . .] Our great adventure into the cosmos will not be launched by men who devalue our forefathers in the name of multi-racial political correctness. It shall be done lovingly by men and women who revere our ancestors, who treasure our heritage, and who are committed to our security on this planet, our evolutionary progress, and our destiny in the stars. (Duke, “George Washington” 5)

A Revolução controlada reivindicada pelo Klan manifesta-se de forma tenebrosa por ser “invisível”. De acordo com Lowe, a “invisibilidade” desta organização assume contornos sádicos, uma vez que a violência, o terror e a impunidade são consequências directas dessa condição (110). De facto, no artigo “Take off the Hoods”, Miles, um membro do Klan, explica que a palavra “invisível” na expressão *The Invisible Empire of the Ku Klux Klan* representa o próprio movimento da “Resistência Racial”, mesmo em plena era electrónica (confrontar anexo XVII):

[. . .] The word “invisible” in “Invisible Empire” means just that. It describes the condition of the Racial Resistance. It describes the manner in which that Resistance is intended to operate. It describes the type of weapons with which that Resistance is to be equipped. [. . .] Secrecy may not be fully possible in this electronic age but privacy, a degree of secrecy, is quite possible. [. . .] Secrecy is what enables the few to confuse, to confound and to conquer the many. [. . .] Invisibility is a weapon. It is a terrific weapon. It is our weapon. [. . .] It can work. It shall work again. [. . .]

Understand your role. [. . .] No covert army ever succeeded where it let the foe chose the time of battle, the territory on which to fight, nor the manner in which to fight. We are the fog, the First of God! Let us again begin to plan, to train and to act as such in deadly seriousness. (1-2)

Pendergraft comenta também o modo de funcionamento deste grupo de supremacia branca, desta vez recorrendo à imagem do icebergue, ilustrativa do secretismo que envolve todos os passos dados pelos seus membros na consecução dos seus objectivos. A impetuosidade do Klan deve-se sobretudo à sua estrutura coesa, possante e quase insondável, semelhante à desse elemento da Natureza:

Like a giant iceberg, the national headquarters serve as the spokesman for the movement and lies above the surface - the tip of the iceberg. But, below the surface is its strength - the massive structure that serves to give strength to the tip. In any campaign, defeat or victory is often times determined by having either a weak constituency or a strong constituency. Klansmen and Klanswomen nationwide are very important to the effectiveness of our organization and in achieving political power. ("Our Vision" 8)

Sublinhamos que a Revolução do Klan se assume como um veículo de ordem e de autoridade. As suas Jeremiadas revelam-se como um instrumento de socialização, visto que, tal como no período colonial puritano, visam reconciliar as normas individuais com as que são promovidas pela cultura dominante, ou seja, a identidade individual submete-se a um empreendimento social fulcral – a preservação do *Covenant* entre Deus e os WASP. Esta responsabilização colectiva transforma as “almeçadas” intervenções dos membros do Klan numa Revolução contida na sociedade americana, conforme ilustram os seguintes extractos:

The time in which we live is very exciting and any like minded individual would be proud to be an associate or supporter of this grass-roots movement to take back America. [. . .]. The Knights' Party [. . .] will: A. Become the leader of the White racist movement 1. Through a strong organized show of leadership; 2. Through the training and use of qualified media representatives; 3. Through a concerted effort of all Klansmen and Klanswomen to carefully follow instructions, suggestions, and guidelines as set by headquarters and to continually strive to be THE BEST; B. Strive to become the representative and driving force behind the White Community: 1. Through large organized public rallies; 2. Through an aggressive use of television, radio, and print advertising; 3. Through huge nationwide literature drives in which millions of people are reached with our literature; 4. To legally break through the liberal wall that surrounds America's colleges and universities - to reach and instruct students in the reclaiming of their schools; 5. Through the effective use of project committees to assist in the re-education of law enforcement agencies and the educational establishment. [. . .] C. Organize and direct white people to a level of

activism necessary to bring about a political victory: 1. Through the organizing and maintenance of strong local units; 2. Through bold public relations campaigns focusing on two main ideas: the White Christian people have been betrayed by our nations political, economic, educational, and religious leaders; the Knights of the Ku Klux Klan Party is the last hope for America. (Klan, “What Is Our Goal” 1-2)

- *Cable Access Programming* - The Knights’ Party produces professional videos that Klansmen, Klanswomen, supporters, or anyone else can obtain and then sponsor on their local public access channel. [. . .] - *Public Courthouse Rallies* - The Knights’ Party has an on going program of bringing our message directly to the people at the seat of county government. We go to the people. [. . .] - *Distribution of Literature* - [. . .] Many people have misconceptions about the Klan. They have been told Klan members are stupid, ignorant, backward and hicks. [. . .] To dispel these misconceptions is one reason it is so important to get literature into the hands of everyone in your community. [. . .] - *Re-educate the Educators* - This is a program started in 1996. It consists of many different people working through headquarters who are concerned about what future teachers and current teachers pass on to our children in the classroom. [. . .] Our kids and good teachers need help. [. . .] Not only must we reach the children, but we also must reach the teacher with the truth. Their white students are at risk and they need to know about it. (Klan, “The Knights’ Party” 1-4)

Este modo de actuação do Klan, “inofensivo” e “imprescindível” para redimir as “ofensas” da América, permite aparentemente a sua legitimação e desculpabilização. Relembramos aqui as palavras de Cotton Mather na sua obra *Magnalia Christi Americana* que realçaram a atitude revolucionária controlada de John Winthrop. Tratando-se claramente de tentativas de reconciliação com os WASP americanos, as Jeremiadas do Ku Klux Klan constituem-se como um rito de consenso em torno da imagem da América única, utópica e mítica, promovida pelo *status quo*.

A Revolução “santificada” ambicionada pelo Klan pretende essencialmente preparar os Estados Unidos da América para a “Segunda Vinda” de Cristo. Neste princípio de milénio, esta organização procura delinear, num mundo “pecaminoso e descontrolado”, um caminho que oriente os cidadãos americanos “eleitos”. Esta atitude do Klan remete-nos para as concepções do Milenarismo, nomeadamente para a profecia apocalíptica do *Doomsday*. Face ao iminente “Juízo Final”, este grupo reitera a noção puritana da “Nova Jerusalém” como única esperança da Humanidade, incitando à resistência “invisível” e à resposta agressiva a todas as forças demoníacas.

Segundo Lamy, os movimentos milenaristas de supremacia branca aumentam assustadoramente nos períodos em que ocorrem mudanças sociais repentinas e intensas. Actualmente, na América, as visões apocalípticas envolvem uma conspiração global,

desastres massivos, o colapso da civilização ocidental, entre muitas outras ameaças. Este novo milénio tem contudo um significado peculiar, uma vez que emerge em plena “*Millennium Rage*”: os grupos de supremacia branca apropriam-se de elementos milenaristas, de modo a atribuírem um determinado sentido a um mundo descontrolado e a justificarem as suas próprias acções. Através de profecias apocalípticas cristãs que prevêm a destruição do mundo, as organizações de supremacia branca atenuam a ansiedade sentida face à perda da sua posição privilegiada na sociedade americana (254-60).

Neste contexto, Mohr, um membro do Ku Klux Klan, exalta o advento de Cristo profetizado no Livro da Revelação e os “eleitos” de Deus, mas concomitantemente alerta para a condenação eterna todos os descrentes que se afastam da Vontade divina:

Jesus Christ will return with His Saints, to destroy the Anti-Christ and set up His kingdom. [. . .] the next Advent of Jesus Christ will be “silent, as a thief in the night.” [. . .] Revelation 16:15 – “Behold, I come as a thief, blessed is he that watcheth and keepeth his garments, lest he walk naked and they see his shame.” [. . .] note specifically Revelation 3:21, as to who those are who will reign with Christ (not all Christians will reach this exalted position) – “TO HIM THAT OVERCOMETH will I grant to sit with me in my throne, even as I also overcame, and am set down with my Father in His throne.” Then notice again, Revelation 2:26 – “And he that OVERCOMETH, and KEEPETH MY WORKS unto the end, to him will I give power over nations.” So you see, there are requirements if you want to “rule and reign” with Christ. [. . .] You can stand up in church [. . .], but if your life shows that you do not follow His Laws and believe that because you are saved, you can live like the devil; then according to the Word of God, what you got was not salvation. [. . .] the Bible Road Signs, they say: DANGER! DETOUR! BRIDGE OUT! Listen to them, then get out and take a stand for Christ, your family, your country and the white, Christian civilization that has given you everything worthwhile that you have. (“The Rapture” 1-2,12)

As imagens apocalípticas cristãs são manipuladas, de modo a incentivar uma resistência violenta, um “contra-ataque” contra todas as forças diabólicas. Como Williams salienta, os vários significados do Milenarismo podem ser apropriados não só para desencadear mudanças sociais e culturais, mas também para exercer um controlo social rigoroso, uma vez que o Mito Milenarista é comunicado, fragmentado e reproduzido de forma diferente consoante as experiências de vida daqueles que o empregam (1-3).

No período colonial americano, os Puritanos, definindo-se como pre-milenaristas, “expected that their errand would terminate in the miracles of the apocalypse” (Bercovitch, *The Rites of Assent* 12). Para tal, estes “*visible saints*” advogavam uma “Guerra Santa” contra todos os bastiões do Mal, ou seja, contra todas as figuras de preconceito. Neste novo Milénio,

o anúncio do Ku Klux Klan da proximidade da batalha final no *Armageddon* assume contornos semelhantes, como podemos confirmar pelos seguintes excertos:

[. . .] the time has come when God is casting down all lies, exposing the false prophets, and revealing the Truth to His Israel people. The key to understanding the Bible is the truth that we are Israelites, redeemed by Jesus Christ, heirs of the promise. [. . .] Today the great Israel nation of America is surrounded and invaded by [. . .] Antichrist forces. The wicked of the earth, who are the enemies of Jesus Christ, have grown strong and arrogant in our land. [. . .] But God Almighty has decreed the destruction of those who hate Jesus Christ and His true Israel People. In a last battle they shall be defeated, we shall be delivered, and the earth will be prepared for the return of Jesus Christ and the great Kingdom Age. (Emry, “Heirs of the Promise” 19)

We must renew our pledge to the unconquerable power of Christ. And we must renew our commitment to spread the gospel of Christ and his Kingship over our nation and people. Because, through the Gospel of Christ, the defeat of His enemies, and His authority over America, our people will live in peace forever. (Klan, “What about Peace?” 1-2)

De acordo com Ezekiel, este confronto violento no *Armageddon* representa a disputa final pela “sobrevivência” dos *WASP* americanos, na qual o “*Self*” vence os “*Others*”. A apologia da supremacia branca corresponde a uma guerra “racial” entre os “eleitos” e as figuras de preconceito: “the future for which they avowedly work is one in which racial violence increases until the long predicted race war erupts and White America wins back its God-ordained dominance” (68).⁷⁴

Assim, o Klan recorre exaustivamente ao Livro da Revelação de forma a “demonstrar” como os desígnios divinos “ordenam” a destruição implacável de todas as criaturas classificadas como satânicas, as “*beasts*”:

Let this scene of Yahweh’s fleet burn into your minds, brothers and sisters. Revelation 19: 11: “And I saw heaven opened, and behold a white horse; and he that sat upon him was called Faithful and True, and in righteousness He doth judge and make WAR.” [. . .] Verse 13: “And He was clothed with a vesture dipped in blood: and his name is called The Word of God.” [. . .] Verse 16: “And he hath on His vesture and on his thigh a name written, KING OF KINGS, AND LORD OF LORDS.” [. . .] Verse 18: “That ye may eat the flesh of kings, and the flesh of captains, and the flesh of horses, and of them that sit on them, and the flesh of all men, both free and bond, both small and great.” Verse 19: “And I saw the beast, and the kings of the earth, and their armies, gathered together to make war against Him that sat on the horse, and against His army.” Verse 20: “And the beast was taken, and with him the false prophet that wrought miracles before him, with which he deceived them that had received the mark

⁷⁴ Para aprofundar esta questão, consultar Haider-Markel (1), MacLean (84,94, 127-35,160-61).

of the beast, and them that worshipped his image. These both were cast alive into a lake of fire burning with brimstone.” Verse 21: “And the remnants were slain with the sword of him that sat upon the horse, which sword proceeded out of his mouth: and all the fowls were filled with their flesh.” Amen. (Blaha, “Think not That I Am to Send Peace” 6-7)

Daniels destaca que, neste conflito apocalíptico, os *WASP* masculinos surgem como autênticos “Soldados de Cristo”, que apesar de vitimados pelas figuras do Mal, tencionam defender a nação americana dessa acção nefasta até às últimas consequências. De modo pernicioso, o discurso de supremacia branca especula sobre uma potencial rebelião dos *False Americans*, alegadamente canalizadora do ódio sentido em relação aos *WASP* (35-41, 80-82). Esta estratégia de vitimação contradiz a própria História Universal, profundamente marcada pelo exercício de violência por parte da “raça” branca.

As incertezas sociais e os “desafios” à “raça” branca ajudam a construir a imagem dos membros do Klan como “Soldados de Cristo”, “obedientes” às Sagradas Escrituras e promotores de uma visão milenarista que valida o recurso a qualquer forma de violência figurativa ou literal (Chalmers 1-2), conforme ilustram estas passagens:

Christians we must remember that we are in a war now. God has already given us the battle plan. Christian men and women working together are to subdue the land and build up Christian governments until Christ returns to literally rule over earth for forever. Christian men and women are already soldiers of the cross [. . .]. (Klan, “Moms in Combat” 1)

Jesus Christ is still our Commander in Chief, and the will to help our children and their children and all future generations of our beloved race pounds louder and louder with every heart beat. The wall will crumble one day. The foundation of those who hate us grows weaker and the pulse of our people is getting stronger. The Knights is uniting white people everywhere and with God’s help and because of divine providence our nation, our laws, our Christian faith, and our children’s future will be returned to us at last. (Pendergraft, “Separation of Church and State” 7)

Tal como nas Jeremiadas poéticas de Michael Wigglesworth, os erros americanos são visceralmente lamentados, mas a governação milenarista do Messias na América é anunciada de modo apoteótico. A vitória final da figura inexorável de Cristo redime apenas o “povo eleito”, punindo eterna e impiedosamente os “discípulos” do Anti-cristo. Esta intransigência alimentada pelo Klan afasta-se certamente da mensagem proclamada no Novo Testamento:

At a moment least to be expected by the foes of Christ, there will be spiritual and miraculous manifestations that will shake the earth and the veil in Satan's temple will be torn, and those of us who have dared to speak and dared to write and dared to believe and dared to be fearless will be rewarded with the victory that is inevitable. What the enemies of the Christians call our defeat is the womb of victory for our people and our enemies' ultimate undoing. This is the undeniable fact. (Klan, "Defeat, the Mother of Victory" 2)

The Church of the Kingdom is looking for Peace. But only through victory in this battle to clean up and overthrow the powers of darkness which have a foothold in our nation. [. . .] For our LORD and HIS Christed (anointed) people shall rule and reign. For that is the promise of the scriptures. The day is to come when the finality of all this Gospel of the Kingdom is to come to pass, and then you shall see the fulfillment here in the flesh. For as long as there is a physical world, then it will take those in the flesh to rule and reign. And his being HIS children, then promises have to be fulfilled until you can see the results of the promises. (Swift, "When They Say 'Peace and Safety'" 3-4)

Como vimos no capítulo 2.3., a Jeremiada puritana confirmou a imagem do "Novo Éden" milenar, anunciadora da vitória final de Deus e dos "*visible saints*", perceptível mesmo nos pequenos acontecimentos da vida quotidiana, descritos de forma empolgante por John Winthrop, no seu *Journal*. A profecia puritana da grandiosidade e da felicidade eterna da América é contudo falaciosamente apropriada pelo Ku Klux Klan, cuja História maculada por formas extremas de violência não nos permite obliterar a sua mensagem de terror.

A imagem apocalíptica do Cristo que salva os *WASP* americanos no Dia do Juízo Final foi sintomaticamente manipulada ao longo do percurso histórico deste grupo de supremacia branca. Destacamos sobretudo o momento mais preponderante e mais reverenciado pelo Klan – de 1915 a 1929 – no qual este se configurou como um "Império Invisível", uma força misteriosa aterradora, mas alegadamente "justa", uma vez que se auto-classificou como um instrumento da Vontade divina.

O argumento do *blockbuster* deste período, *The Birth of Nation*, foca a atenção na Reconstrução conturbada que sucedeu à Guerra Civil, salientando as acções criminosas cometidas contra os *WASP* sulistas pelos Africano-Americanos, mormente os ataques sexuais contra as mulheres *WASP*, que contrastavam com as "histórias de amor puras" protagonizadas pelos indivíduos de "raça" branca. O papel "revolucionário" e "patriótico" do Klan na "Cruzada" contra o Mal é central neste filme. Contudo, o seu final apoteótico apresenta subitamente Cristo na batalha do *Armageddon* como um cavaleiro implacável, aludindo de forma subtil à própria figura dos cavaleiros do Ku Klux Klan, e posteriormente o Messias assoma rodeado pelos Seus "eleitos", os *WASP* americanos, no "Novo Éden". As palavras que

acompanham esta imagem de redenção “exclusiva” são elucidativas do modo como o Klan emerge na sociedade americana como uma forma sinistra de Americanismo (confrontar anexos XVIII, XIX e XX):

Dare we dream of a golden
day when the bestial War shall
rule no more.

But instead – the gentle Prince
in the Hall of Brotherly Love in
the City of Peace.

PARTE 4

CONCLUSÃO

Com este trabalho pretendemos averiguar algumas estratégias de apropriação da ética e da retórica puritanas por parte do Ku Klux Klan, que resultam de uma manipulação de determinados pressupostos puritanos. Neste aspecto, sublinhamos sobretudo algumas imagens e conceitos bíblicos (“*New Jerusalem*”, “*Christ’s Kingdom*”, “*chosen people*”, “*light of the world*”, entre outros), associados à legitimação e à promoção de privilégios de raça, classe, género e sexualidade, enfatizando a educação cristã, o carácter moral e a “perfeição” individual e colectiva dos *WASP*.

Logo, não foi nossa intenção descrever a trajectória do Klan e os seus períodos de ascensão e declínio, nem tão pouco discorrer acerca dos crimes hediondos que perpassam das suas práticas ao longo da História. Este é aliás um trabalho já fortemente documentado em termos académicos e disseminado na cultura popular americana.

O nosso objectivo foi outro: desvendar as formas mais ou menos subtis de auto-legitimação do exercício de violência figurativa e literal por parte deste grupo, que parecem protegê-lo em termos sociais, políticos, económicos e histórico-culturais de uma extinção a que pretensamente estaria condenado.

Neste contexto, assumimos que o recurso à Internet para divulgar os seus princípios e “branquear” a sua História funciona como uma dupla estratégia: por um lado, promove a imagem de um grupo “transparente” e inovador; por outro lado, contribui subtilmente para a manutenção de circuitos de comunicação secretos e ocultos.

O nosso percurso de investigação “navegou” então nos discursos dominantes divulgados na Internet através dos seus *sites* oficiais, revelando assim os respectivos princípios ideológico-doutrinários.

Diante da panóplia de informação que conseguimos reunir, emergiram-nos duas constatações essenciais: em primeiro lugar, apercebemo-nos da forma como o Klan recupera um projecto de sociedade com raízes puritanas, que transpõe de forma sinistra para os dias de hoje, associado à proposta de uma revolução purificadora da América. Em segundo lugar, descortinámos uma dicotomia discursiva nas suas estratégias de argumentação, através do recurso a fórmulas dicotómicas contraditórias, nomeadamente “Bem” / “Mal”, “sagrado” /

“profano”, “*True Americans*” / “*False Americans*”, “pureza” / “poluição” e “Superior” / “Inferior”.

Pela investigação que aqui apresentamos, salientamos o modo pernicioso como este grupo de supremacia branca “recompõe” a sua trajectória, se auto-define, classifica e hierarquiza os seus membros e explica as suas práticas rituais a fim de propalar uma mensagem “purgadora” da sua História marcada por crimes sórdidos e de aclamar os valores do *status quo*, profundamente imbuídos da ética e da retórica puritanas.

Ao longo de 139 anos, o Ku Klux Klan experimentou momentos de exaltação e de declínio, consoante as ansiedades e as solicitações de um conjunto de americanos, inseridos no sistema de privilégios instituído pelos *WASP*.

Com o propósito de expurgar o seu passado, o discurso actual do Klan recupera de forma lacónica determinadas concepções do Puritanismo americano, designadamente a auto-classificação dos *WASP* como “povo eleito de Deus” e a América como “Terra Prometida”, o paralelismo entre os seus líderes e a figura bíblica de Moisés, a valorização da caridade como exemplo de auto-sacrifício e modo de purificação divina dos seus membros moralmente superiores, a fronteira entre o sagrado e o profano, a iconoclastia subjacente à justificação das formas de violência mais radicais contra as figuras de preconceito, a Jeremiada sobre os erros americanos, os ritos de anuência em torno da ideologia da América como o “Novo Éden” e a Revolução controlada como forma de reencaminhar o “povo eleito de Deus”.

Notamos que o Ku Klux Klan, enquanto organização “invisível”, se auto-consagra como um “Corpo” religioso, político e económico, um “ícone vivo” que nos remete para as figurações puritanas do corpo humano enquanto representação da aliança entre Deus e os Seus eleitos.

O modo como os membros masculinos, femininos e juvenis são definidos pelo Klan dissimula o poder, a vigilância e o controlo sociais veiculados pelo sistema patriarcal dominante na América, sustentado por determinadas concepções da ética e da retórica puritanas: os membros masculinos assumem uma posição hierarquicamente superior à dos femininos, na qual são representados como *White Warriors*, vigorosos defensores das famílias de “raça” branca; os membros femininos, apesar de necessários, “activos” e conciliadores, raramente ascendem a posições autónomas ou com poder; os membros juvenis, descritos

como particularmente vulneráveis à influência nefasta dos grupos minoritários, são instigados a optarem pelo sistema educativo *homeschooling*.

Enquanto grupo “benevolente” e “protector” dos valores promovidos pelo *status quo*, o Klan procura classificar os seus membros, purgando-os de quaisquer acusações de comportamentos “condenáveis”. Tal como no período colonial puritano, a superioridade intelectual e social desses elementos, que compõem uma “comunidade eleita”, é enaltecida, o momento em que um determinado membro adere ao grupo é representado como um acto de conversão a uma forma de vida que se pretende ascética, e as tarefas executadas pelos membros regem-se por determinados valores da ética puritana, tais como: o individualismo, a caridade e o trabalho árduo.

Esta imagem de unidade promovida pelo Klan é, no entanto, corrompida pela forma como a hierarquia desta organização categoriza de forma austera e inflexível todos os seus membros, reiterando assim a estratificação social alegadamente imposta pelos desígnios divinos.

Descortinamos ainda o apelo subtil a um fervor religioso e a um sentido de eleição divina muito semelhantes àqueles experimentados pelos Puritanos americanos no século XVII a partir da análise do modo como o Klan explana as suas práticas rituais, designadamente: *The Cross Lightning Ceremony*, a sua insígnia, a bandeira dos Estados Confederados, a bandeira dos Estados Unidos da América, a sua saudação e o seu traje.

As estratégias falaciosas do Klan que classificam os WASP americanos como “povo eleito de Deus” dissimulam a análise da construção social dos modelos masculino e feminino, que consideramos relevante na acepção da apologia da supremacia branca. Para fundamentar tal classificação, o Ku Klux Klan reactualiza a auto-consagração dos eleitos “santificados” e a profecia da grandiosidade e da felicidade americanas, sustentada pelo modo como este “re(escreve)” determinados episódios e figuras preeminentes da História dos Estados Unidos da América.

O “ideal” da família nuclear, branca, heterossexual e procriativa é fomentado, uma vez que a autoridade e as virtudes “concedidas” por Deus ao homem branco legitimam o exercício do domínio masculino sobre as mulheres e sobre as crianças do sexo masculino e do sexo feminino.

Os valores, as crenças e as ideologias da cultura dominante, herdados do Puritanismo colonial, sustentam as configurações dos atributos de cada sexo: “masculino” – autoridade,

heroísmo, força física, perpetuação da sexualidade branca, protecção “cavalheiresca” da família, e “feminino” – pureza, fragilidade física, procriação, coragem, educação dos filhos e trabalho doméstico.

Com o intuito de justificar a classificação dos *WASP* como “eleitos” de Deus, o Klan (re)edifica a noção puritana de Predestinação, a profecia da América como “Terra Prometida”, a teologia puritana do *Covenant*, a promessa de Graça e de reconciliação divinas, a concepção do corpo humano como ícone vivo, a promoção de um modo de vida ascético, ética e moralmente rigoroso, recorrendo para tal a imagens e a conceitos “incontestáveis” das Sagradas Escrituras.

Ao (re)construir determinados momentos do percurso histórico e (alegadamente bíblico) dos *WASP* americanos, o Klan explora o arquétipo da população deslocada que lhe “permite” classificar a América como a “Nação Hebraica Regenerada”. A apropriação do *American Israelism* por parte deste grupo de supremacia branca intenta a consolidação do sistema de privilégios da “raça” branca e a perpetuação dos pressupostos político-ideológicos instituídos pela cultura dominante, que alimentam a concepção puritana da América como a “Nova Jerusalém”.

A qualidade perniciosa dos argumentos do Klan instituem na sociedade americana figuras de preconceito enquanto “criaturas satânicas”, lidimando o recurso a formas de violência figurativa e literal com determinadas referências ao Antigo e ao Novo Testamento.

Subjacente ao modo como este grupo de supremacia branca associa os *True Americans* ao sagrado e os *False Americans* ao profano, encontramos a concepção puritana do Bem e do Mal. A linguagem da violência “santificada”, imbuída na própria configuração da “retórica da Cavalaria”, define as figuras de preconceito como “bestas”, forças ao serviço do Diabo.

A fim de construir a “sociedade consagrada” por Deus, a retórica do Klan conjuga conceitos da cultura dominante com noções do folclore popular, à semelhança dos mecanismos retóricos aplicados pelos Puritanos americanos.

As concepções da iconoclastia puritana, na qual o corpo humano assume o estatuto de forma material dinâmica, são recuperadas pelo Ku Klux Klan de modo a justificar a destruição de qualquer forma de idolatria, incluindo os “falsos ídolos” que procuram corromper os *True Americans*.

A missão da “pureza” moral contra a “poluição” causada pelas diversas figuras de preconceito é explicada a partir da ressuscitação dos valores da cultura dominante, que promovem a separação entre os “santificados” e os “pecadores” incorrigíveis na sociedade americana.

Em conformidade com a ética e a retórica puritanas, o Klan sublinha a pertinência da vigilância e do controlo sociais sobre todas as figuras de preconceito, protagonizando subtilmente uma autêntica “caça às bruxas”. A urgência em prevenir ou redimir quaisquer pecados legitima a ira correctiva exercida pelos “*visible saints*” e “autorizada” pelas Sagradas Escrituras.

Neste contexto, a “poluição” da América surge associada a quatro categorias fundamentais: etnicidade e racismo; grupos religiosos; identidades de género e sexualidade; e instituições políticas e sócio-culturais. As concepções puritanas já aludidas atravessam estas categorias.

A inferioridade dos Africano-Americanos é justificada pelo Ku Klux Klan, visto que esta parece resultar da Vontade primordial divina. Tal como no período colonial puritano, *Blackness* representa o Mal, o pecado e a sujidade, encarnados nas figuras das “criaturas profanas” sentenciadas veementemente por determinados passos bíblicos. Neste contexto, a escravatura é considerada como uma instituição convertedora, punitiva e predestinada por Deus.

Concomitantemente à fundamentação religiosa, deparamo-nos com alegações “biológicas” que insinuam a primazia de um fim último: a “pureza” racial. Esta apologia rememora as estratégias da teocracia e do folclore puritanos que atribuíam um cariz satânico, logo inferior, às “características biológicas” da “raça” negra.

Determinados argumentos condenam ainda de forma inflexível os hábitos e os estilos de vida dos Africano-Americanos, já denunciados pelos Puritanos, tais como: falta de higiene, modos “selvagens” e “animalescos”, iliteracia, preguiça, imoralidade, criminalidade e inferioridade cultural, científica e tecnológica. Por contraste, o Klan manifesta uma profunda inquietação face a potenciais modificações sociais e ao gradual protagonismo dos Africano-Americanos.

Relativamente à classificação dos Nativos Americanos e da “raça” asiática enquanto figuras de preconceito, o Klan amalgama justificações de foro biológico e científico-tecnológico com determinadas referências bíblicas.

No que diz respeito aos imigrantes, o Klan manipula os valores da ética puritana imbuídos no mercado económico e apologistas de uma América “isolada” e “preservada” do resto do mundo, de modo a apontar as consequências nefastas das sucessivas “vagas” de imigração, que fragilizam o sistema de privilégios usufruído pelos *WASP* americanos.

O percurso histórico do Ku Klux Klan denuncia uma posição anti-católica que nos permite delinear analogias entre este grupo de supremacia branca e os Puritanos do século XVII, nomeadamente: uma prática religiosa protestante exaltada; designações pejorativas dos Católicos; conotações políticas na fundamentação religiosa; a iconoclastia contra a idolatria católica; críticas a padres católicos e a freiras; e a ressalva do poder patriarcal. Actualmente, este grupo religioso não é classificado como figura de preconceito, devido à sua aparente “assimilação” do “*American Way of Life*”.

De forma a travar a crescente influência dos Judeus na sociedade americana, o Klan vigia-os e categoriza-os como criminosos, degenerados e opressores de mulheres brancas. A condenação dos Judeus é essencialmente fundamentada pelo recurso à Bíblia, indiciando uma clara apropriação da concepção puritana de iconoclastia.

A estigmatização das feministas sugere uma vigilância e um controlo mais ou menos explícitos sobre a sexualidade feminina. Com o propósito de corresponder aos desígnios sagrados, o Klan denota determinados comportamentos como “imorais”, “obscenos” e “diabólicos”. Tal operação remete-nos para os Puritanos americanos que perseguiram todos os comportamentos femininos “pecadores” que “poluíam” a “Nova Jerusalém”.

A veemência em “castigar” figurativa ou literalmente as práticas sexuais consideradas “desviantes”, sobretudo a homossexualidade, revela a articulação entre o Klan e as concepções puritanas de iconoclastia e do corpo humano: enquanto “falsos ídolos”, os crimes sexuais devem ser “destruídos”, a fim de salvaguardar a missão americana.

O discurso actual deste grupo de supremacia branca também incide sobre as instituições primárias e secundárias de socialização e as instituições de cariz político-institucional, entre as quais sublinhamos: a Família, as Escolas Públicas, os *Mass Media*, o Governo Federal, o *Federal Reserve System*, o Partido Comunista e os “Falsos” Klans. Subjacente à classificação destas instituições enquanto figuras de preconceito, encontramos paralelismos com a experiência colonial puritana: a apologia do controlo e da vigilância sociais sobre as gerações *WASP* mais novas, de forma a precaver comportamentos “pecaminosos”; a recuperação dos princípios “cristãos” que fundaram a nação americana; a

condenação de todos os “criminosos”; os valores individualistas da ética puritana, no contexto do trabalho e do bem comum; a perseguição e a punição de todos os elementos dissidentes da sociedade “eleita” por Deus.

Estas categorias, que compõem o cenário de “caça às bruxas” arquitectado pelo Ku Klux Klan, convidam-nos a reflectir sobre a figura histórica de Tituba: a sua confissão no Processo das Bruxas de Salem incorporou os anseios da elite teocrática puritana face aos elementos que alegadamente representariam o “Mal”. De entre estes elementos, sobressaíam a sua pertença étnico-racial (índia de ascendência africana) e religiosa (práticas ocultas e não cristãs), a sua identidade de género (mulher vulnerável, que não desempenhava os papéis tradicionalmente atribuídos às mulheres brancas “puras”), assim como as suas relações institucionais (envolvimento na conspiração satânica que visava aniquilar o projecto utópico puritano).

Sob a forma de Jeremiadas, o Klan sentencia e lamenta os erros da sociedade americana, perspectivando-os como ofensas a Deus. A este tom profundamente fatalista, o Klan coaduna uma visão mais optimista, a fim de reencaminhar a América para a sua missão ordenada por Deus.

A proposta do Klan de um projecto de sociedade de raízes puritanas reclama determinadas intervenções políticas e sociais e o exercício do controlo e da vigilância sociais como formas efectivas de prevenção contra as “tentações diabólicas”, a fim de (re)afirmar a felicidade e a perfeição dos “*visible saints*”. O discurso persuasivo do Klan configura-se como um rito de consenso em torno da ideologia dominante, uma jeremiada que há-de ser revolucionada em nome da glorificação americana, sem pôr em causa o *status quo*.

Neste sentido, o Klan auto-proclama-se remidor dos WASP americanos, procurando assumir um papel primordial na Revolução, que permitirá visionar os Estados Unidos da América como a “Nova Jerusalém”. A sua acção “invisível” não consiste numa rebelião, mas sim numa Revolução contida contra as figuras do Mal. Tal como no período colonial puritano, as suas Jeremiadas assumem-se como um instrumento de socialização que subordina a identidade individual a um empreendimento social urgente: a renovação do *Covenant* entre Deus e os WASP.

A Revolução almejada pelo Klan visa essencialmente preparar a América para o regresso de Cristo ao mundo. No início deste novo milénio, os “eleitos” são configurados como potenciais “Soldados de Cristo” ao serviço do Messias no *Armageddon*. A vitória final

do “Bem” consagra os “*visible saints*” e condena eternamente todas as forças satânicas. Esta postura do Klan remete-nos para as concepções do Milenarismo, particularmente para a profecia apocalíptica do *Doomsday*.

A concepção puritana da grandiosidade e da felicidade do Sião americano é apropriada pelo Ku Klux Klan, com um propósito pernicioso, mas que esperemos infrutífero: o de suprimir ou de camuflar a extrema violência e o terror que subjazem às suas actividades, convicções, rituais e objectivos.

Em suma, quer a retórica e a ética puritanas, quer o discurso do Ku Klux Klan assentam em pilares semelhantes, dos quais destacamos: a apologia de uma América única, utópica e mítica; a consagração dos WASP como povo eleito de Deus; a dicotomia “*True Americans*” / “*False Americans*” simbolizada no antagonismo sagrado / profano e ilustrada nas figuras de preconceito analisadas; as Jeremiadas sobre os erros americanos e a Revolução contida como forma de reencaminhar a América para o rumo supostamente traçado pelos desígnios divinos.

Da conjugação destes elementos resultará um guia espiritual e prático, um sermão político. Ainda que sob a pretensão retórica de consubstanciar um conjunto de orientações de adesão voluntária por parte dos WASP americanos, que visa reafirmar um plano de acção predeterminado por Deus, esta Jeremiada é de facto utilizada pelo Ku Klux Klan como um rito de consenso que pretende legitimar o *status quo* e as suas respectivas motivações e acções políticas, sócio-económicas e culturais, validando o domínio político-económico dos “*True Americans*” e a exclusão sócio-cultural das normas e dos valores que pautam a vida dos “*False Americans*” (os Africano-Americanos, os Nativos Americanos, a “raça” asiática, os imigrantes, os Católicos, os Judeus, as feministas, os homossexuais e as instituições políticas e sócio-culturais “traidoras” da “raça” branca).

Transparece daqui a oposição entre os discursos deste grupo e as respectivas práticas, que accionam mais uma das ambivalências do KKK. De um lado, deparamo-nos com um discurso aparentemente “neutro”, tolerante e pacifista, que sob a pretensão de lutar pelo bem-estar geral, na realidade tende a auto-legitimar o bem-estar unicamente da cultura dominante e os respectivos poderes socialmente estabelecidos e reconhecidos, com os quais se identificam. Este discurso encontra-se salvaguardado em termos jurídico-legais pelo direito à liberdade de expressão. Como Daniels realça:

[. . .] the fact that white supremacist discourse is classified as speech, [. . .] and is therefore protected under the First Amendment is worthy of reflection. Though there is much debate about how the relationship between hate speech and hate crimes works, the fact remains that at least *some* consumers of this rhetoric *do act* on its messages with deadly consequences for their victims. [. . .] if we are to truly listen to the victims of racist hate speech - that is to those who are targets of the language, not to those who act on the language - then concern about who will or will not act on these images becomes only one serious aspect of the overall assaultiveness of the words themselves [. . .]. Indeed, the assaultiveness of this discourse is given still more power in a society that implicitly condones such sentiments and institutionalizes white supremacy by labelling this symbolic violence as “protected speech.” (137-38)

À protecção “imparcial” de um princípio fundamental numa sociedade plural e democrática (o Bem-Estar) contrapõem-se os modos de actuação deste grupo, pautados por práticas político-sociais profundamente desiguais, que evidenciam várias formas de violência figurativa e literal. A violência figurativa evidencia-se pela análise crítica dos respectivos substractos político-ideológicos, cuja imbricação não só reforça a dominação masculina, como também favorece a subordinação feminina e a demonização de “raças”, grupos étnicos, instituições políticas e sócio-culturais e grupos sociais marginalizados pela cultura dominante, tais como as feministas ou os homossexuais. Já a violência literal traduz formas de agressão flagrante, que perpassa dos actos físicos violentos cometidos pelos membros desta organização, tais como manifestações hostis, perseguições, raptos, violações, espancamentos, linchamentos e homicídios.

A impunidade constitucional relativamente à divulgação da propaganda dos grupos de supremacia branca na Internet deve ser objecto de uma reflexão profunda na sociedade americana. Quarles sugere que: “The most effective way to deal with these groups is to have a quality of law and government so exceptional that their freedoms are not threatened and they do not threaten America” (193).

A este propósito, sublinhamos como a apologia exacerbada do recurso às novas tecnologias, sobretudo à Internet, contribui para a formação de uma *technoculture*, que permite ou beneficia a intervenção dos grupos de supremacia branca. Como Quinby explica:

[. . .] masculinist power is viral in the sense that, in virile-reality, it is all too easy to come down with it, that in many of the practices and accepted truths of technoculture masculinist power is spread through infectious values. Insidiously, the ostensible “cure” is a chief component of this virile/viral/virtual ideology. Its millennialist rhetoric promises to empower individuals and groups that have been held back, providing an illusion that the new technologies, in and of themselves, proffer salvation. But this millennialist desire for a perfect solution – like the notion of

perfection itself – is a tainted version of power that retains structures of misogyny, racism, and homophobia by announcing them as resolved. (1082)

As diferentes formas de violência exercidas pelo Ku Klux Klan revelam uma obsessão pela moralidade americana comum a outros fenómenos sócio-políticos actuais da sociedade americana, entre os quais salientamos os grupos de cariz “puritano”, emergentes nos anos 90 do século XX, que parecem querer despertar a intolerância e a repressão a vários níveis (a sexualidade, o álcool, o tabaco, o jogo e os palavrões)⁷⁵, e a apologia da intervenção “purificadora” no mundo, preconizada pela administração do Presidente George W. Bush. Esta constatação pode explicar, em parte, como as formas sinistras de Americanismo são epidémicas na sociedade e na cultura americanas.

Concluimos que a legitimação das práticas de subordinação dos grupos minoritários é um fenómeno que afecta profundamente a América. O conhecimento profundo do raciocínio e da retórica que a tais práticas tem conduzido é um contributo fundamental para que seja possível transformá-las – desmontando raciocínios falaciosos e substituindo-os por visões mais abrangentes e tolerantes.

Porém, o combate ao racismo é, por vezes, um desafio “desmotivador”, uma vez que os resultados não são visíveis. O reconhecimento dos limites e de uma certa impotência das acções anti-racistas é essencial, pois só assim é possível conceber o anti-racismo como: “o esforço, incessantemente recomeçado, para se tornar a si próprio digno de uma tal acção” (Taguieff 344).

Neste sentido, devemos tomar consciência do racismo em nós próprios, individual e colectivamente, e não só nos outros, lutando contínua e incessantemente contra o racismo. As comunidades locais, nomeadamente as escolas e os educadores, têm aqui um papel muito importante: denunciar as agressões; informar e esclarecer a sociedade; incitar a reflexão; e fomentar o diálogo entre as populações locais e os grupos minoritários, de modo a evitar o desenvolvimento de conflitos. O poder político encarregar-se-á da dimensão colectiva, reprimindo firmemente os comportamentos de rejeição e fornecendo argumentos contra opiniões discriminatórias (Ezekiel 63-69; Haider-Markel 1).

O combate ao racismo exige avultados investimentos na rede sócio-cultural e educativa, promovendo atitudes e comportamentos, e intervenções teóricas-práticas constantes e sistematizadas, recusando a transferência de competências (Dias 139-53).

⁷⁵ Para um aprofundamento desta questão, consultar Appleton, Gusfield, Rogeiro, Schuler e Ventura.

Como exemplo, Walters comenta a necessidade de os Africano-Americanos contestarem a “apatia” social e institucional face à discriminação, da qual são um dos “alvos” preferenciais:

At all ends, Americans must come to terms with the poison of racism and the fact that there are no good substitutions that black people will accept in Exchange for a respectable place in society predicated on an open opportunity structure. That is the primary basis of the struggle for civil rights and social justice in America and if the blatant signals that are now being sent by every major political institution in America are interpreted to mean that a line is being drawn in the sand, then, the question which faces black America is not whether, but when and how to cross it – again. (8)

A discriminação na sociedade americana pode ser “promovida” de diversas formas, mas aquela que é exercida pelos grupos de supremacia branca, sobretudo pelo Ku Klux Klan, é indubitavelmente a mais nefasta, por isso, em nome do sentido verdadeiro do “*American Way of Life*”, Quarles acautela que:

Whatever one’s belief, however, it is important to keep in mind the Klan motto. “Today, Tomorrow, and Forever” is a herald for those who hold the historic, political, and social positions. [. . .] The Klan is now 133 years old. While its ranks were small during certain eras, they also enlarged to between 5 and 6 million during the 1920s. It would be simplistic to dismiss the Klan, its siblings, or its offspring as a “lost cause”. [. . .] Let us be vigilant. Let us never deny the risk that is ever present. Let us insure the security of all our citizens and those who visit our shores. This is the American way. (193)

Este trabalho é, como já foi referenciado na introdução, apenas uma das diversas abordagens possíveis sobre o fenómeno da supremacia branca nos Estados Unidos da América. Muitas pistas ficam por aprofundar neste domínio, mas para a comunidade científica, este projecto poderá ser profícuo, uma vez que, a partir do conhecimento directo e concreto do discurso actual do Ku Klux Klan e de uma crítica textual ponderada, se pode abraçar um enfoque criativo das grandes questões teóricas já colocadas ou ainda por colocar.

BIBLIOGRAFIA

- ADAMS, Guy B. "Racism, Community, and Democracy: The Ethics of Affirmative Action." *Public Productivity & Management Review* 20.3 (1997). Proquest. Social Sciences. 3 Aug. 2001.
- ALEXANDER, Charles C. "Kleagles and Cash: The Ku Klux Klan as a Business Organization, 1915-1930." *Business History Review* 39.3 (1965). Web of Knowledge. ISI. 12 March 2004.
- ALLEN, Barbara. "Alexis De Tocqueville on the Covenantal Tradition of American Federal Democracy." *The Journal of Federalism* 28.2 (1998). Proquest. Social Sciences. 12 March 2004.
- . "Martin Luther King's Civil Disobedience and the American Covenant Tradition." *The Journal of Federalism* 30.4 (2000). Proquest. Social Sciences. 12 March 2004.
- APPLETON, Lynn. "The New Temperance: The American Obsession with Sin and Vice / Bad Habits: Drinking, Smoking, Taking Drugs, Gambling, Sexual Misbehavior; and Swearing in American History." Rev. of *The New Temperance: The American Obsession with Sin and Vice*, by David Wagner, and *Bad Habits: Drinking, Smoking, Taking Drugs, Gambling, Sexual Misbehavior, and Swearing in America History*, by John Burnham. *Contemporary Drug Problems* 25.3 (1998). 3 Aug. 2001.
- AXTELL, James. *After Columbus: Essays in the Ethnohistory of Colonial North America*. New York: Oxford UP, 1988. 9-33, 47-72.
- AYNES, Richard. "Behind the Mask of Chivalry: The Making of the Second Ku Klux Klan." *Historian* 57.4 (1994). Ebsco Host. World History Full Text. 12 March 2004.
- BANTON, Michael. *A Ideia de Raça*. Lisboa: Edições 70, 1979.
- BAYM, Nina, ed. *The Norton Anthology of American Literature*. 5th ed. Vol. 1. 2 vols. New York: W W Norton, 1998. 355-56.
- BERCOVITCH, Sacvan. "Fusion and Fragmentation: The American Identity." *Fusion and Fragmentation*.
- . "How the Puritans Won the American Revolution." *The Massachusetts Review of the Rites of Assent*, 17 (1976).
- . *The American Jeremiad*. Madison: U of Wisconsin P, 1978.

- - -. *The Rites of Assent: Transformations in the Symbolic Construction of America*. New York: Routledge, 1993.
- BERNARD, Jessie. *The Future of Marriage*. New York: Yale University Press, 1982.
- BLEE, Kathleen M. "Becoming a Racist: Women in Contemporary Ku Klux Klan and Neo-Nazi Groups." *Gender & Society* 10.6 (1996). *Proquest. Social Sciences*. 24 July 2001.
- - -. "Political Processes and Institutions - Behind the Mask of Chivalry: The Making of the Second Ku Klux Klan by Nancy MacLean." *Contemporary Sociology* 24.3 (1995). *Proquest. Social Sciences*. 16 July 2001.
- - -. "Women in the 1920s' Ku Klux Klan Movement." *Feminist Studies* 17.1 (1991). *Ebsco Host. World History Full Text*. 12 March 2004.
- BRADFORD, William. *Of Plymouth Plantation. The Norton Anthology of American Literature*. Eds. N. Baym, et al. 5th ed. Vol. 1. 2 vols. New York: W W Norton, 1998. 164-204.
- BRESLAW, Elaine. "Tituba's Confession: The Multicultural Dimensions of the 1692 Salem Witch-Hunt." *Ethnohistory* 44.3 (1997). *Academic Search Premier*. 4 Nov. 2003.
- BROWN, Mary. "Exile and Kingdom: History and Apocalypse in the Puritan Migration to America." *The International Migration Review* 28.2 (1994). *Proquest. Social Sciences*. 29 Jan. 2004.
- CABRAL, Alcinda. "Minoria." *Dicionário de Sociologia*. Coord. R. Maia. Porto: Porto Editora, 1998. 242.
- CAMPELO, Álvaro. "Etnocentrismo." *Dicionário de Sociologia*. Coord. R. Maia. Porto: Porto Editora, 1998. 149.
- CAPELA, Rita. *Filosofia*. Vol. 1-4. 12 vols. N.p: Presença, 1980. 218-33.
- CARROLL, Peter and D. Noble. *The Free and the Unfree: A New History of the United States*. New York: Penguin Books, 1977.
- CASAL, Adolfo. "Modernidade, Pós-Modernidade e Antropologia." *Revista da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas* (1992-93). 111-45.
- CASH, W. J. *The Mind of the South*. 3 ed. New York: Vintage Books, 1991. vii-xlvi, 59-102.

- CASTILHO, Teresa, ed. *Três Viagens à Procura da América: Hawthorne, Fitzgerald, Mark Twain*. Trabalho de Síntese para Provas de Aptidão Pedagógica e de Capacidade Científica. Porto: U Porto, 1984. 3-16.
- CHALMERS, David M. *Hooded Americanism: The History of the Ku Klux Klan*. New York: Watts, 1981.
- CHEVALIER, Yves. *L'Antisémitisme. Essai sur la théorie d'un phénomène social*. Paris: Le Cerf, 1988.
- COHEN, Charles Lloyd. *God's Caress: The Psychology of Puritan Religious Experience*. New York: Oxford UP, 1986. 140-270.
- CONN, Peter. *Literature in America*. Cambridge: Cambridge UP, 1989. 9-69.
- COTTON, John. "Limitation of Government." *The American Puritans. Their Prose and Poetry*. Ed. P. Miller. New York: Doubleday, 1956. 84-89.
- CRASNOW, E. and P. Haffenden. "New Founde Land." *Introduction to American Studies*. Eds. M. Bradbury and H. Temperley. 3rd ed. New York: Longman, 1998.
- CURRY, Richard, ed. *Radicalism, Racism and Party Realignment: The Borden States During Reconstruction*. Baltimore: The Johns Hopkins UP, 1973. 49-75.
- DANIELS, Jessie. *"White Lies": Race, Class, Gender; and Sexuality in White Supremacist Discourse*. New York: Routledge, 1997.
- DAWSON, Hugh. "'Christian Charitie' as Colonial Discourse." *Early American Literature* 33.2 (1998). *Academic Search Premier*. 29 July 2003.
- DELBANCO, Andrew. *The Puritan Ordeal*. Cambridge, Mass.: Harvard UP, 1989. 41-80, 118-48.
- DESSOMMES, Nancy. "Hollywood in Hoods: The Portrayal of the Ku Klux Klan in Popular Film." *Journal of Popular Culture. Proquest. Social Sciences*. 12 March 2004.
- DIAS, Maria do Rosário. "Investigação Transcultural sobre Atitudes face aos Imigrantes: Estudo Piloto de Lisboa." *Sociologia – Problemas e Práticas*. N.p: 1997. 139-53.
- DIETRICH, Deborah. "Mary Rowlandson's Great Declension." *Christian History* 13.1 (1994). *Academic Search Premier*. 29 July 2003.
- DORSON, Richard M. *America in Legend. From the Colonial Period to the Present*. New York: Pantheon Books, 1973. 1-54.
- ELLIOTT, Emory. "The Dream of a Christian Utopia." *The Cambridge History of American Literature*. Ed. S. Bercovitch. Vol. 1. 8 vols. New York: Cambridge UP, 1994.

- ELMES, Michael, and Charles Smith. "Moved by the Spirit. Contextualizing Workplace Empowerment in American Spiritual Ideals." *The Journal of Applied Behavioral Science* 37.1 (2001). Proquest. Social Sciences. 12 March 2004.
- EZEKIEL, Raphael. "An Ethnographer Looks at Neo-Nazi and Klan Groups. The Racist Mind Revisited." *American Behavioral Scientist* 46.1 (2002). Proquest. Social Sciences. 12 March 2004.
- FRAHM, Sally. "The Cross and the Compass: Manifest Destiny, Religious Aspects of the Mexican-American War." *Journal of Popular Culture*. Proquest. Social Sciences. 12 March 2004.
- FREY, Donald E. "Individualist Economic Values and Self - Interest: The Problem in the Puritan Ethic." *Journal of Business Ethics* 17.14 (1998). Proquest. Social Sciences. 16 July 2001.
- GIDDENS, A. *Sociologia*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1997.
- GILKES, Cheryl Townsend. "Plenty Good Room: Adaptation in a Changing Black Church." *Annals of the American Academy of Political and Social Science* 558 (1998). Proquest. Social Sciences. 3 Aug. 2001.
- GOLDBERG, David. "Unmasking the Ku Klux Klan: The Northern Movement against the KKK, 1920-1925." *Journal of American Ethnic History* 15.4 (1996). Ebsco Host. World History Full Text. 12 March 2004.
- GUSFIELD, Joseph R. "The New Temperance: The American Obsession with Sin and Vice." Rev. of *The New Temperance: The American Obsession with Sin and Vice*, by David Wagner. *Contemporary Sociology* 27.5 (1998). 3 Aug. 2001.
- HACKER, Andrew. *Two Nations. Black and White, Separate, Hostile, Unequal*. New York: Ballantine Books, 1995. 20-34, 73-98.
- HAIDER-MARKEL, Donald P., and Sean P. O'Brien. "Creating a 'Well Regulated Militia': Policy Responses to Paramilitary Groups in the American States." *Political Research Quarterly* 50.3 (1997). Proquest. Social Sciences. 24 July 2001.
- HARCOURT, Edward. "The Whipping of Richard Moore: Reading Emotion in Reconstruction America." *Journal of Social History* (2002). Proquest. Social Sciences. 12 March 2004.
- HAWTHORNE, Nathaniel. *The Scarlet Letter*. New York: Penguin Books, 1986.

- HENSON, Robert. "Form and Content of the Puritan Funeral Elegy." *American Literature. Academic Search Premier*. 26 July 2003.
- HILL, Frances. *A Delusion of Satan. The Full Story of the Salem Witch Trials*. New York: Da Capo P, 1997.
- HOLSTUN, James. *A Rational Millennium: Puritan Utopias of Seventeenth Century England and America*. New York: Oxford UP, 1987. 102-65.
- HORTON, P. and C. Hunt. *Sociologia*. São Paulo: McGraw-Hill, 1980.
- JENKINS, William D. "Reviews - Behind the Mask of Chivalry: The Making of the Second Ku Klux Klan by Nancy Mclean." *Journal of Social History* 29.1 (1995). *Proquest. Social Sciences*. 24 July 2001.
- KATZ, Edward B. "Self Esteem: The Past of an Illusion." *American Journal of Psychoanalysis* 58.3 (1998). *Proquest. Social Sciences*. 3 Aug. 2001.
- KAUFFMAN, Bill. "Salem: The Case of Prosecution." *The American Enterprise* (2001). *Proquest. Social Sciences*. 4 Nov. 2003.
- KAUFMAN, Debra. "Women of the Klan: Racism and Gender in the 1920s." *Social Forces* 71.1 (1992). *Proquest. Social Sciences*. 12 March 2004.
- KIBBEY, Ann. *The Interpretation of Material Shapes in Puritanism: A Study of Rhetoric, Prejudice, and Violence*. New York: Cambridge UP, 1986.
- KING, C. Richard. "Blood Sacrifice and the Nation: Totem Rituals and the America Flag." *American Ethnologist* 28.1 (2001). *Proquest. Social Sciences*. 16 July 2001.
- KRAUSS, Stanton D. "An Inquiry into the Right of Criminal Juries to Determine the Law in Colonial America." *Journal of Criminal Law & Criminology* 89.1 (1998). *Proquest. Social Sciences*. 3 Aug. 2001.
- LAMY, Philip. *Millennium Rage. Survivalists, White Supremacists, and the Doomsday Prophecy*. New York: Plenum Press, 1996.
- LANE, Belden. "Two Schools of Desire: Nature and Marriage in Seventeenth-Century Puritanism." *Church History* 69.2 (2000). *Ebsco Host. World History Full Text*. 12 March 2004.
- LAZCANO, Rafael. "Sobre los Valores." *Revista Agustiniana* 36 (1995).
- LOCKRIDGE, Kenneth A. "Founding Fathers & Mothers: Gendered Power and the Forming of American Society." Rev. of *Founding Fathers & Mothers: Gendered Power and*

- the Forming of American Society*, by Mary B. Norton. *Journal of Social History* 30.3 (1997). *Proquest. Social Sciences*. 3 Aug. 2001.
- LOWE, David. *The Invisible Empire*. N.p.: W W Norton & Company, 1967.
- LUTES, Jean. "Negotiating Theology and Gynecology: Anne Bradstreet's Representations of the Female Body." *The Journal of Women in Culture and Society* 22.2 (1997). *Proquest. Social Sciences*. 12 March 2004.
- MACCOY, Donald. *Coming of Age: The United States During the 1920's and 1930's*. New York: Penguin Books, 1977. 21-23, 99-101, 141-44, 256-59, 330-33.
- MACHADO, Helena. "Género." *Dicionário de Sociologia*. Coord. R. Maia. Porto: Porto Editora, 1998. 175.
- MACLEAN, Nancy. *Behind the Mask of Chivalry: The Making of the Second Ku Klux Klan*. New York: Oxford UP, 1994.
- MALTBY, John. "Obsessional Personality Traits: The Association with Attitudes toward Christianity and Religious Puritanism." *The Journal of Psychology* 131.6 (1997). *Proquest. Social Sciences*. 3 Aug. 2001.
- MASON, D. and J. Rex. *Theories of Race and Ethnic Relations*. Cambridge: Cambridge UP, 1986.
- MATALON, Benjamin. "Raça, Racismo." *Dicionário de Sociologia*. Trans. António Ribeiro. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1990. 207.
- MATHER, Cotton. *Bonifacious. The Norton Anthology of American Literature*. Eds. N. Baym, et al. 5th ed. Vol. 1. 2 vols. New York: W W Norton, 1998. 400-11.
- - -. *Magnalia Christi Americana. The Norton Anthology of American Literature*. Eds. N. Baym, et al. 5th ed. Vol. 1. 2 vols. New York: W W Norton, 1998. 379-400.
- - -. *The Wonders of the Invisible World. The Norton Anthology of American Literature*. Eds. N. Baym, et al. 5th ed. Vol. 1. 2 vols. New York: W W Norton, 1998. 374-79.
- MATHER, Increase. "Man Knows not His Time." *The American Puritans. Their Prose and Poetry*. Ed. P. Miller. New York: Doubleday, 1956. 182-91.
- MCMILLAN, Timothy. "Anatomy of Hysteria." Rev. of *The Salem Witch Trials: A Legal History*, by Peter Hoffer. *The Review of Politics* 60.3 (1998). *Proquest. Social Sciences*. 4 Nov. 2003.
- MCVEIGH, Rory. "America for the Americans: The Nativist Movement in the United States." *Social Forces* 76.1 (1997). *Proquest. Social Sciences*. 29 May 2001.

- - -. "Structural Incentives for Conservative Mobilization: Power Devaluation and the Rise of the Ku Klux Klan, 1915-1925." *Social Forces* 77.4 (1999). *Proquest. Social Sciences*. 29 May 2001.
- MICHAELSEN, Scott. "John Winthrop's 'Modell' Covenant and the Company Way." *Early American Literature* 27.2 (1992). *Academic Search Premier*. 29 July 2003.
- MIDDLETON, Richard, ed. *Colonial America. A History, 1585 - 1776*. 2nd ed. Oxford: Blackwell Publishers Ltd, 1996. (73-96, 194, 246-61, 311-18).
- MILLER, Arthur. *The Crucible*. London: Penguin Books, 1968.
- MILLER, Perry, ed. *The American Puritans: Their Prose and Poetry*. New York: Doubleday, 1956. 84-85.
- MIXON, Franklin. "Homo Economicus and the Salem Witch Trials." *Journal of Economic Education* 31.2 (2000). *Proquest. Social Sciences*. 4 Nov. 2003.
- MORGAN, Edmunds. *The Puritan Dilemma: The Story of John Winthrop*. Boston: Little Brown and Co, 1958. 69-206.
- MORSE, Minna, and Maggie Steber. "The Changing Face of Stone Mountain." *Smithsonian* 29.10 (1999). *Ebsco Host. World History Full Text*. 12 March 2004.
- NIEMCZYK, Cassandra. "Did You Know?" *Christian History* 13.1 (1994). *Academic Search Premier*. 12 March 2004.
- NORTH, Deborah. "Edward Taylor's Metaphors of Promise." *Christian History* 13.1 (1994). *Academic Search Premier*. 29 July 2003.
- OKIN, Susan. "Families and Schools as Compensating Agents in Moral Development for a Multicultural Society." *Journal of Moral Education* 28.3 (1999). *ERIC*. June 2003.
- PINCUS, Fred L. "Discrimination Comes in Many Forms: Individual, Institutional, and Structural." *The American Behavioral Scientist* 40.2 (1996). *Proquest. Social Sciences*. 24 July 2001.
- PORTERFIELD, Amanda. "Women and Religion in Early America, 1600-1850: The Puritan and Evangelical Traditions." *Church History* 69.3 (1999).
- QUARLES, Chester L. *The Ku Klux Klan and Related American Racist and Antisemitic Organizations: A History and Analysis*. Jefferson: McFarland, 1999.
- QUINBY, Lee. "Virile - Reality: From Armageddon to Viagra." *Journal of Women in Culture and Society* 24.4 (1999). *Proquest. Social Sciences*. 12 March 2004.

- RACHLEFF, Peter. "Iron Confederacies: Southern Railways, Klan Violence, and Reconstruction." *Virginia Magazine of History and Biography* 108.2 (1999). *Ebsco Host. World History Full Text*. 12 March 2004.
- RENAUD, Michel. "Os Valores num Mundo em Mutação." *Brotéria* 139 (1994).
- RHOMBERG, Chris. "White Nativism and Urban Politics: The 1920s Ku Klux Klan in Oakland, California." *Journal of American Ethnic History* 17.2 (1998). *Ebsco Host. World History Full Text*. 12 March 2004.
- RIBUFFO, Leo. "Religion and American Foreign Policy." *The National Interest* (1998). *Proquest. Social Sciences*. 3 Aug. 2001.
- RINALDI, Ann. *O Processo Das Bruxas De Salem*. Ed. Artur L. Cardoso. Barcelona: Ediciones Martinez Roca, 1994.
- ROGEIRO, Nuno. "God Bless America." *Grande Reportagem* Novembro 1998.
- ROWLANDSON, Mary. *A Narrative of the Captivity and Restoration of Mrs. Mary Rowlandson*. *The Norton Anthology of American Literature*. Eds. N. Baym, et al. 5th ed. Vol. 1. 2 vols. New York: W W Norton, 1998. 297-330.
- SANN, Paul. *The Angry Decade: The Sixties*. New York: Crown Publishers, 1979. 38-39, 43-45, 52-53, 95-97, 129-31, 159-61.
- SCHNEIDER, Herbert Wallace. *The Puritan Mind*. Michigan: U of Michigan P, 1958. 3-101.
- SCHUDSON, Michael. *The Good Citizen. A History of American Civic Life*. New York: The Free Press, 1998. 1-47.
- SCHULER, Peter. "From *Scarlet Letter* to 1995, Americans Want Criminals to Suffer Shame with Punishment." *The University of Chicago News Office*. 16 Oct. 1995. 7 Mar. 2003.
- SCHWEBER, Howard. "Ordering Principles: The Adjudication of Criminal Cases in Puritan Massachusetts." *Law & Society Review* 32.2 (1998). *Proquest. Social Sciences*. 3 Aug. 2001.
- SELIGMAN, Adam B. "Moral Purity and Persecution in History." Rev. of *Moral Purity and Persecution in History*, by Barrington Moore. *The American Political Science Review* 95.2 (2001). *Proquest. Social Sciences*. 3 Aug. 2001.
- SEWALL, Samuel. *The Diary of Samuel Sewall*. *The Norton Anthology of American Literature*. Eds. N. Baym, et al. 5th ed. Vol. 1. 2 vols. New York: W W Norton, 1998. 355-73.

- SILVA, M. "Do Outro à Relação Interpessoal em E. Levinas." *Revista Portuguesa de Filosofia* 38 (1982).
- SIMKINS, Francis B., and Charles P. Roland. *A History of the South*. New York: Alfred A. Knopf, 1972. vii-164.
- SMITH, John. "Tituba, Reluctant Witch of Salem: Devilish Indians and Puritan Fantasies / Creoles of Color of the Gulf South / Slave Cultures and the Cultures of Slavery." Rev. of *Tituba, Reluctant Witch of Salem: Devilish Indians and Puritan Fantasies*, by Elaine Breslaw, and *Creoles of Color of the Gulf South*, by James Dormon, and *Slave Cultures and the Cultures of Slavery*, by Stephan Palmié. *Ethnohistory* 45.2 (1998). *Proquest. Social Sciences*. 4 Nov. 2003.
- SNOWMAN, D. and M. Bradbury. "The Sixties and Seventies." *Introduction to American Studies*. Eds. M. Bradbury and H. Temperley. 3rd ed. New York: Longman, 1998.
- TAGUIEFF, Pierre. "O Anti-racismo em Crise. Elementos duma Crítica Reformista." *Racismo e Modernidade: Actas do Colóquio Três Dias sobre o Racismo*. Ed. M. Wieviorka. Venda Nova: Bertrand, 1995. 308-44.
- TAYLOR, Edward. *Treatise Concerning the Lord's Supper*. *The Norton Anthology of American Literature*. Eds. N. Baym, et al. 5th ed. Vol. 1. 2 vols. New York: W W Norton, 1998. 351-55.
- VENTURA, Michael. "Don't Even Think About It!" *Psychology Today* 31.1 (1998). *Proquest. Social Sciences*. 3 Aug. 2001.
- VIDAL, Marciano. "Valores e Ideais da Família." *Concilium* 260 (1995).
- WALL, Helen. "The Salem Witch Crisis." *Historian* 55.4 (1992). *Ebsco Host. World History Full Text*. 4 Nov. 2003.
- WALTERS, Ronald. "The Criticality of Racism." *The Black Scholar* 26.1 (1996). *Proquest. Social Sciences*. 24 July 2001.
- WARNER, M. "New English Sodom." *American Literature* 64.1 (1992). *Academic Search Premier*. 29 July 2003.
- WASSERMAN, D. "Discrimination, Concept of." *Encyclopedia of Applied Ethics*. Ed. R. Chadwick. San Diego: 1998.
- WEBER, Max. *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*. Trans. Ana F. Bastos and Luís Leitão. 4th ed. Lisboa: Editorial Presença, Lda, 1996.

- WEINER, Brian A. "The Puritan Tradition in Revolutionary, Federalist, and Whig Political Theory." *The Review of Politics* 62.1 (2000). *Proquest. Social Sciences*. 3 Aug. 2001
- WEIR, Robert. "The Pequot War." Rev. of *The Pequot War*, by Alfred Cave. *Journal of Popular Culture* 32.4 (1999). *Proquest. Social Sciences*. 4 Nov. 2003.
- WICKHAM, Parnell. "Conceptions of Idiocy in Colonial Massachusetts." *The Journal of Social History* (2002). *Proquest. Social Sciences*. 12 March 2004.
- WIGGLESWORTH, Michael. "God's Controversy with New England." *The American Puritans. Their Prose and Poetry*. Ed. P. Miller. New York: Doubleday, 1956. 294-300.
- - -. "The Day of Doom." *The Norton Anthology of American Literature*. Eds. N. Baym, et al. 5th ed. Vol. 1. 2 vols. New York: W W Norton, 1998. 214-25.
- WILLIAMS, Johnny E. "Millennium Rage: Survivalist, White Supremacist and the Doomsday Prophecy / White Lies: Race, Class, Gender, and Sexuality in White Supremacist Discourse." Rev. of *Millennium Rage: Survivalist, White Supremacist and the Doomsday Prophecy*, by Philip Lamy, and *White Lies: Race, Class, Gender, and Sexuality in White Supremacist Discourse*, by Jessie Daniels. *Contemporary Sociology* 26.5 (1997). 24 July 2001
- WINTHROP, John. "A Model of Christian Charity." *The Norton Anthology of American Literature*. Eds. N. Baym, et al. 5th ed. Vol. 1. 2 vols. New York: W W Norton, 1998. 214-25.
- - -. *The Journal of John Winthrop, 1630 - 1649. The American Puritans. Their Prose and Poetry*. Ed. P. Miller. New York: Doubleday, 1956. 44.
- - -. *The Journal of John Winthrop, 1630 - 1649. The Norton Anthology of American Literature*. Eds. N. Baym, et al. 5th ed. Vol. 1. 2 vols. New York: W W Norton, 1998. 226-34.
- WITT, John F. "The Klan on Trial." *The Yale Law Journal* 106.5 (1997). *Proquest. Social Sciences*. 24 July 2001.
- ZAKAI, Avihu. "Theocracy in Massachusetts: The Puritan Universe of Sacred Imagination." *Studies in the Literary Imagination* 27.1 (1994). *Academic Search Premier*. 26 July 2003.

WEBGRAFIA PRIMÁRIA

- BLAHA, Jason. "A Beast with a Hand." *Ku Klux Klan Web Page*. 7 Feb. 2003 <www.k-k-k.com/beast.html>.
- . "Am I My Brother's Keeper." *Ku Klux Klan Web Page*. 7 Feb. 2003 <<http://www.k-k-k.com/keeper.html>>.
- . "Think not that I Am Come to Send Peace." *Ku Klux Klan Web Page*. 7 Feb. 2003 <www.k-k-k.com>.
- . "Where Do the Food Laws Fit into Christian Doctrine." *Ku Klux Klan Web Page*. 7 Feb. 2003 <www.k-k-k.com>.
- COFFEY, Ruth. "People, the Ultimate Weapon to Use against America's Whites!" *Ku Klux Klan Web Page*. 23 Jan. 2003 <<http://www.kukluxklan.org/ruth.htm>>.
- DUKE, David. "America at the Crossroads." *Ku Klux Klan Web Page*. 7 Feb. 2004 <<http://www.k-k-k.com>>.
- . "George Washington: Polititically Incorrect." *Ku Klux Klan Web Page*. 7 Feb. 2004 <<http://www.k-k-k.com>>.
- EMAHISER, Clifton. "It's 'Israel', not the 'Heathens'." *Ku Klux Klan Web Page*. 7 Feb. 2003 <www.k-k-k.com>.
- EMRY, Sheldon. "Heirs of the Promise." *Ku Klux Klan Web Page*. 7 Feb. 2003 <www.k-k-k.com>.
- GALE, William. "Racial and National Identity?" *Ku Klux Klan Web Page*. 29 March 2001 <<http://www.k-k-k.com/racialidentity.html>>.
- KLAN, Ku Klux. "Abraham Lincoln. The Truth." *Ku Klux Klan Web Page*. 7 Feb. 2004 <<http://www.kkkklan.com>>.
- . "A Brief History of the Original Ku Klux Klan: 1865-1869." *Ku Klux Klan Web Page*. 7 Feb. 2004 <<http://www.kkkklan.com>>.
- . "A Wall of Wizards." *Ku Klux Klan Web Page*. 7 Feb. 2004 <<http://www.kkkklan.com>>.
- . "All Who Are Led by the Spirit of God Are the Sons of God." *Ku Klux Klan Web Page*. 7 Feb. 2003 <<http://www.k-k-k.com/sonsofgod.html>>.

- - -. "America: A Gay Refuge?" *Ku Klux Klan Web Page*. 23 Jan. 2003 <<http://www.kukluxklan.org/weekly30.html>>.
- - -. "An Amazing Connection." *Ku Klux Klan Web Page*. 26 June. 2004 <http://www.kkk.bz/woman_to_woman1.htm>.
- - -. "An Educational, Historical Study of the Ku Klux Klan." *Ku Klux Klan Web Page*. 7 Feb. 2004 <<http://www.kkkklan.com>>.
- - -. "An Ignorant Coward?" *Ku Klux Klan Web Page*. 7 Feb. 2004 <<http://www.kkkklan.com>>.
- - -. "An Introduction to Knights of the Ku Klux Klan." *Ku Klux Klan Web Page*. 23 Jan. 2003 <<http://www.kukluxklan.org/introduc.htm>>.
- - -. "Anti-Smoking Hidden Agenda." *Ku Klux Klan Web Page*. 23 Jan. 2003 <<http://www.kukluxklan.org/shocking.htm>>.
- - -. "Are There Women and Kids in the KKK?" *Ku Klux Klan Web Page*. 23 Jan. 2003 <http://www.kukluxklan.org/woman_to_woman1.htm>.
- - -. "Benevolence." *Ku Klux Klan Web Page*. 7 Feb. 2004 <<http://www.kkkklan.com>>.
- - -. "Check This out!" *Ku Klux Klan Web Page*. 23 Jan. 2003 <<http://www.kukluxklan.org/teensand.htm>>.
- - -. "Christians in America before Columbus." *Ku Klux Klan Web Page*. 24 July 2001 <<http://www.k-k-k.com/columbus.html>>.
- - -. "Congresswoman Fights Vermont's Civil Union Law." *Ku Klux Klan Web Page*. 26 June. 2004 <http://www.kkk.bz/woman_to_woman1.htm>.
- - -. "Considering Working at Home." *Ku Klux Klan Web Page*. 23 Jan. 2003 <http://www.kukluxklan.org/woman_to_woman1.htm>.
- - -. "Defeat, the Mother of Victory." *Ku Klux Klan Web Page*. 23 Jan. 2003 <<http://www.kukluxklan.org/weekly24.html>>.
- - -. "Doctrinal Statement." *Ku Klux Klan Web Page*. 7 Feb. 2004 <<http://www.kkkklan.com>>.
- - -. "Doctrine." 1924. Magic Catalog. Special Collection – American Radicalism. Michigan State University Libraries. 13 March 2004 <www.lib.msu.edu.com>.
- - -. "Does the Klan Hate Negroes?" *Ku Klux Klan Web Page*. 23 Jan. 2003 <<http://www.kukluxklan.org/doesthe.htm>>.

- - -. “‘FEMA’. The Government’s Dark Secret of Potential Tyranny.” *Ku Klux Klan Web Page*. 7 Feb. 2004 <<http://www.kkkklan.com>>.
- - -. “Feminist Groups Support Prostitution.” *Ku Klux Klan Web Page*. 23 Jan. 2003 <http://www.kukluxklan.org/woman_to_woman1.htm>.
- - -. “Foreign Branches of the 1915-1944 Ku Klux Klan.” *Ku Klux Klan Web Page*. 7 Feb. 2004 <<http://www.kkkklan.com>>.
- - -. “God Works through Women.” *Ku Klux Klan Web Page*. 23 Jan. 2003 <http://www.kukluxklan.org/woman_to_woman1.htm>.
- - -. “Here Are Twenty Reasons.” *Ku Klux Klan Web Page*. 23 Jan. 2003 <http://www.kukluxklan.org/woman_to_woman1.htm>.
- - -. “Historical Facts You Weren’t Told.” *Ku Klux Klan Web Page*. 23 Jan. 2003 <<http://www.kukluxklan.org/hisfacts.htm>>.
- - -. “History of the Klan.” *Ku Klux Klan Web Page*. 24 July. 2001 <<http://www.k-k-k.com/klanhist.html>>.
- - -. “Home Business.” *Ku Klux Klan Web Page*. 23 Jan. 2003 <http://www.kukluxklan.org/woman_to_woman1.htm>.
- - -. “Home-Schooling Protection Bill Introduced.” *Ku Klux Klan Web Page*. 26 June. 2004 <http://www.kkk.bz/woman_to_woman1.htm>.
- - -. “Homosexual Crime.” *Ku Klux Klan Web Page*. 7 Feb. 2004 <<http://www.kkkklan.com>>.
- - -. “Homosexuals at Your Door.” *Ku Klux Klan Web Page*. 23 Jan. 2003 <<http://www.kukluxklan.org/homosexu.htm>>.
- - -. “Homosexuals Target Kids.” *Ku Klux Klan Web Page*. 23 Jan. 2003 <http://www.kukluxklan.org/woman_to_woman1.htm>.
- - -. “Imperial Instructions.” 1924. Magic Catalog. Special Collection – American Radicalism. Michigan State University Libraries. 13 March 2004 <www.lib.msu.edu.com>.
- - -. “Is the KKK Violent?” *Ku Klux Klan Web Page*. 23 Jan. 2003 <<http://www.kukluxklan.org/violence.htm>>.
- - -. “It’s a Woman’s World.” *Ku Klux Klan Web Page*. 26 June. 2004 <http://www.kkk.bz/woman_to_woman1.htm>.

- - -. "Kids Being Targeted by Comic Books once Thought Safe." *Ku Klux Klan Web Page*. 23 Jan. 2003 <http://www.kukluxklan.org/woman_to_woman1.htm>.
- - -. "Ku Klux Klan History." *Ku Klux Klan Web Page*. 23 Jan. 2003 <<http://www.kukluxklan.org/history.htm>>.
- - -. "Laboring for the Politicians." *Ku Klux Klan Web Page*. 23 Jan. 2003 <<http://www.kukluxklan.org/weekly13.htm>>.
- - -. "Major Feminist Group Shocked and Angry!" *Ku Klux Klan Web Page*. 26 June. 2004 <http://www.kkk.bz/woman_to_woman1.htm>.
- - -. "Martin Luther King Jr.: His Dream Our Nightmare!" *Ku Klux Klan Web Page*. 7 Feb. 2003 <<http://www.k-k-k.com/mking>>.
- - -. "Moms in Combat." *Ku Klux Klan Web Page*. 23 Jan. 2003 <http://www.kukluxklan.org/woman_to_woman1.htm>.
- - -. "Never Quit." *Ku Klux Klan Web Page*. 23 Jan. 2003 <<http://www.kukluxklan.org/weekly28.html>>.
- - -. "New Poll Shows 'Bible Study Moms'. A Significant Voting Block!" *Ku Klux Klan Web Page*. 23 Jan. 2003 <http://www.kukluxklan.org/woman_to_woman1.htm>.
- - -. "Parent Time with Children." *Ku Klux Klan Web Page*. 23 Jan. 2003 <http://www.kukluxklan.org/woman_to_woman1.htm>.
- - -. "Parental Involvement Becomes Law." *Ku Klux Klan Web Page*. 23 Jan. 2003 <http://www.kukluxklan.org/woman_to_woman1.htm>.
- - -. "Parenting Study Viewed with Suspicion." *Ku Klux Klan Web Page*. 23 Jan. 2003 <http://www.kukluxklan.org/woman_to_woman1.htm>.
- - -. "Party Structure." *Ku Klux Klan Web Page*. 23 Jan. 2003 <<http://www.kukluxklan.org/party.htm>>.
- - -. *Photograph of members of the Ku Klux Klan attending a cross burning, Burke County, Georgia, ca. 1962-1964*. Digital Library of Georgia. Georgia Archives. Vanishing Georgia (Collection), Georgia State University. 25 April 2004 <www.lib.msu.edu.com>.
- - -. "Powerful Men behind World Finance." *Ku Klux Klan Web Page*. 7 Feb. 2004 <<http://www.kkkklan.com>>.
- - -. "Principles." 192-. Magic Catalog. Special Collection – American Radicalism. Michigan State University Libraries. 13 March 2004 <www.lib.msu.edu.com>.

- - -. "Return of the Home Business." *Ku Klux Klan Web Page*. 23 Jan. 2003 <http://www.kukluxklan.org/woman_to_woman1.htm>.
- - -. "Should We Doubt God's Ability to Help Us?" *Ku Klux Klan Web Page*. 23 Jan. 2003 <<http://www.kukluxklan.org/weekly17.htm>>.
- - -. "Standing Strong Together." *Ku Klux Klan Web Page*. 23 Jan. 2003 <<http://www.kukluxklan.org/weekly12.htm>>.
- - -. "Stop the Trafficking of Women and Children." *Ku Klux Klan Web Page*. 23 Jan. 2003 <http://www.kukluxklan.org/woman_to_woman1.htm>.
- - -. "Taking It for Granted." *Ku Klux Klan Web Page*. 23 Jan. 2003 <<http://www.kukluxklan.org/weekly27.html>>.
- - -. "The Christian Cross Lighting Ceremony." *Ku Klux Klan Web Page*. 23 Jan. 2003 <<http://www.kukluxklan.org/cross.htm>>.
- - -. "The Dilemma White Women Face in Today's Society." *Ku Klux Klan Web Page*. 23 Jan. 2003 <http://www.kukluxklan.org/woman_to_woman1.htm>.
- - -. "The Feminist Case against Abortion." *Ku Klux Klan Web Page*. 26 June. 2004 <http://www.kkk.bz/woman_to_woman1.htm>.
- - -. "The History of the Original Ku Klux Klan." *Ku Klux Klan Web Page*. 23 Jan. 2003 <<http://www.kukluxklan.org/whenan.htm>>.
- - -. "The KKK and the Federal Government." *Ku Klux Klan Web Page*. 23 Jan. 2003 <<http://www.kukluxklan.org/kkkand.htm>>.
- - -. "The KKK and the Media." *Ku Klux Klan Web Page*. 23 Jan. 2003 <<http://www.kukluxklan.org/media.htm>>.
- - -. "The Knights' Party Platform." *Ku Klux Klan Web Page*. 23 Jan. 2003 <<http://www.kukluxklan.org/program.htm>>.
- - -. "The Knights' Party." *Ku Klux Klan Web Page*. 23 Jan. 2003 <<http://www.kukluxklan.org/activity.htm>>.
- - -. "The Leadership Problem." *Ku Klux Klan Web Page*. 23 Jan. 2003 <<http://www.kukluxklan.org/leadersh.htm>>.
- - -. "The Mystic Insignia of a Klansman." *Ku Klux Klan Web Page*. 7 Feb. 2004 <<http://www.kkkklan.com>>.
- - -. "The Origin of Memorial Day." *Ku Klux Klan Web Page*. 26 June. 2004 <http://www.kkk.bz/woman_to_woman1.htm>.

- - -. "The Practice of Klannishness." 1924. Magic Catalog. Special Collection – American Radicalism. Michigan State University Libraries. 13 March 2004 <www.lib.msu.edu.com>.
- - -. "The Prolife Women of Congress." *Ku Klux Klan Web Page*. 23 Jan. 2003 <http://www.kukluxklan.org/woman_to_woman1.htm>.
- - -. "The True Flag of the Ku Klux Klan." *Ku Klux Klan Web Page*. 7 Feb. 2004 <<http://www.kkkklan.com>>.
- - -. "The Truth about 'Martin Luther King Jr.'." *Ku Klux Klan Web Page*. 7 Feb. 2004 <<http://www.kkkklan.com>>.
- - -. "The Truth about the: Catholics, Crosses, Robes." *Ku Klux Klan Web Page*. 23 Jan. 2003 <<http://www.kukluxklan.org/media2.html>>.
- - -. "The Truth about the Fiery Cross." *Ku Klux Klan Web Page*. 7 Feb. 2004 <<http://www.kkkklan.com>>.
- - -. "The Truth Is Narrow." *Ku Klux Klan Web Page*. 23 Jan. 2003 <<http://www.kukluxklan.org/weekly21.html>>.
- - -. "The Ugly Side of Genetic Research." *Ku Klux Klan Web Page*. 26 June. 2004 <http://www.kkk.bz/woman_to_woman1.htm>.
- - -. "They're in It Together." *Ku Klux Klan Web Page*. 23 Jan. 2003 <<http://www.kukluxklan.org/weekly15.htm>>.
- - -. "Thoughts from the Home Front." *Ku Klux Klan Web Page*. 7 Feb. 2004 <<http://www.kkkklan.com>>.
- - -. "Traditional Cross Lighting." *Ku Klux Klan Web Page*. 7 Feb. 2004 <<http://www.kkkklan.com>>.
- - -. *Valdosta Klan – Open Air Ceremonial*. 1924. Digital Library of Georgia. Georgia Archives. Vanishing Georgia (Collection), Georgia State University. 25 April 2004 <www.lib.msu.edu.com>.
- - -. "Was Columbus First?" *Ku Klux Klan Web Page*. 24 July 2001 <<http://www.k-k-k.com/columbus.html>>.
- - -. "We Are not the Enemies of the Black Man." *Ku Klux Klan Web Page*. 23 Jan. 2003 <<http://www.kukluxklan.org/weekly11.html>>.
- - -. "Welcome by Pastor Robb and Mrs. Rachel Pendergraft." *Ku Klux Klan Web Page*. 23 Jan. 2003 <http://www.kukluxklan.org/woman_to_woman1.htm>.

- . "What a Woman Wants." *Ku Klux Klan Web Page*. 23 Jan. 2003
<http://www.kukluxklan.org/woman_to_woman1.htm>.
- . "What about Peace?" *Ku Klux Klan Web Page*. 23 Jan. 2003
<<http://www.kukluxklan.org/weekly22.html>>.
- . "What Happened at Columbine?" *Ku Klux Klan Web Page*. 23 Jan. 2003
<<http://www.kukluxklan.org/weekly26.html>>.
- . "What Is Our Goal." *Ku Klux Klan Web Page*. 23 Jan. 2003
<<http://www.kukluxklan.org/whatis.htm>>.
- . "What Women Want: More Time with Their Children." *Ku Klux Klan Web Page*. 23 Jan. 2003 <http://www.kukluxklan.org/woman_to_woman1.htm>.
- . "You Are the Light of the World. A City That Is Set on a Hill Cannot Be Hidden." *Ku Klux Klan Web Page*. 23 Jan. 2003 <<http://www.kukluxklan.org/daily.htm>>.
- MILES, Robert. "Take off the Hoods." *Ku Klux Klan Web Page*. 24 July. 2001
<<http://www.k-k-k-.com/miles.htm>>.
- MOHR, Gordon. "The Rapture. Scriptural Fact or Man-made Fiction?" *Ku Klux Klan Web Page*. 7 Feb. 2003 <www.k-k-k.com>.
- PENDERGRAFT, Rachel. "Hate Crime Legislation." *Ku Klux Klan Web Page*. 23 Jan. 2003
<<http://www.kukluxklan.org/weekly16.htm>>.
- . "Hello!" *Ku Klux Klan Web Page*. 23 Jan. 2003
<<http://www.kukluxklan.org/lady3.htm>>.
- . "Our Vision - The 6th Era - and Why You Should Support Pastor Robb and the Knights of the Ku Klux Klan!" *Ku Klux Klan Web Page*. 23 Jan. 2003
<<http://www.kukluxklan.org/vision.htm>>.
- . "Our Youth under Fire." *Ku Klux Klan Web Page*. 23 Jan. 2003
<http://www.kukluxklan.org/woman_to_woman1.htm>.
- . "Separation of Church and State: A Diabolical Lie!" *Ku Klux Klan Web Page*. 23 Jan. 2003 <<http://www.kukluxklan.org/articles.htm>>.
- . "Television and Your Kids." *Ku Klux Klan Web Page*. 23 Jan. 2003
<<http://www.kukluxklan.org/weekly10.htm>>.
- . "The Public School Religion." *Ku Klux Klan Web Page*. 23 Jan. 2003
<<http://www.kukluxklan.org/weekly23.htm>>.

- - -. “We Aren’t the Enemies of the Black Man.” *Ku Klux Klan Web Page* . 23 Jan. 2003 <<http://www.kukluxklan.org/weekly11.htm>>.
- - -. “Welcome! This Site Is Dedicated to White Christian Women World Wide Who Still Believe in Racial Integrity.” *Ku Klux Klan Web Page*. 23 Jan. 2003 <<http://www.kukluxklan.org/lady3.htm>>.
- - -. “Women Who Love Their Heritage.” *Ku Klux Klan Web Page*. 26 June. 2004 <http://www.kkk.bz/woman_to_woman1.htm>.
- ROBB, Thomas. “A Message to Our Young Supporters.” *Ku Klux Klan Web Page*. 23 Jan. 2003 <<http://www.kukluxklan.org/weekly20.htm>>.
- - -. “Amistad.” *Ku Klux Klan Web Page*. 23 Jan. 2003 <<http://www.kukluxklan.org/weekly1.htm>>.
- - -. “An Open Letter to the Editor of the Monitor-Index – Missouri Newspaper.” *Ku Klux Klan Web Page*. 23 Jan. 2003 <<http://www.kukluxklan.org/weekly25.htm>>.
- - -. “The Great Banking. Rip Off. The Real Reason We Are Called a Hate Group.” *Ku Klux Klan Web Page*. 23 Jan. 2003 <<http://www.kukluxklan.org/voice.htm>>.
- SWIFT, Wesly. “When They Say ‘Peace and Safety’.” *Ku Klux Klan Web Page*. 7 Feb. 2003 <www.k-k-k.com>.
- WRIGHT, Shannon. “Interview with Rachel Pendergraft.” *Ku Klux Klan Web Page*. 23 Jan. 2003 <http://www.kukluxklan.org/woman_to_woman1.htm>.

WEBGRAFIA SECUNDÁRIA

- BURNS, Margo. “Arthur Miller’s *The Crucible*: Fact & Fiction.” *17th Century Colonial New England*. 4 Nov. 2003 <<http://www.ogram.org/17thc/fact-fiction.shtml>>.
- CENTER, Southern Poverty Law. “Legal Action.” *Southern Poverty Law Center Web Page*. 25 April 2004 <www.splcenter.org>.
- INVESTIGATION, Federal Bureau of. “Terrorism in the United States.” *Federal Bureau of Investigation Web Page*. 28 June 2004 <www.fbi.com>.
- MIGUEL, Edward. “Poverty and Witch-killing.” *Bureau for Research in Economic Analysis of Development*. 4 Nov. 2003 <<http://www.cid.harvard.edu/bread/papers/041.pdf>>.

SCHULER, Peter. "From *Scarlet Letter* to 1995, Americans Want Criminals to Suffer Shame with Punishment." *The University of Chicago News Office*. 16 Oct. 1995. 7 Mar. 2003 <<http://www-news.uchicago.edu/releases/95/951031.law.shame.shtml>>.

OUTRAS FONTES AUDIOVISUAIS:

A Rede do Ódio. Dir. Stephen Crisman. Canal História, 2000. 23 July 2004.

A Time to Kill. Dir. Joel Schumacher. Perf. Matthew McConaughey, Sandra Bullock. Warner Studios, 1996.

AVELAR, Mário and A. Simões. *Seminário de Teorias Educativas*. Dir. Luís Luder. Universidade Aberta, Ministério da Educação, 2003.

Mississippi Burning. Dir. Alan Parker. Perf. Gene Hackman, Willem Defoe, Frances McDormand. Columbia, 1988.

Porky's and Porky's II – The Next Day. Dir. Bob Clark. Perf. Dan Monahan, Mark Herrier. Twentieth Century Fox, 1982.

Sommersby. Dir. John Amiel. Perf. Richard Gere, Jodie Foster. Warner Studios, 1992.

The Birth of a Nation. Dir. D. W. Griffith. Perf. Lillian Gish, Mae Marsh. Image Entertainment, 1915.

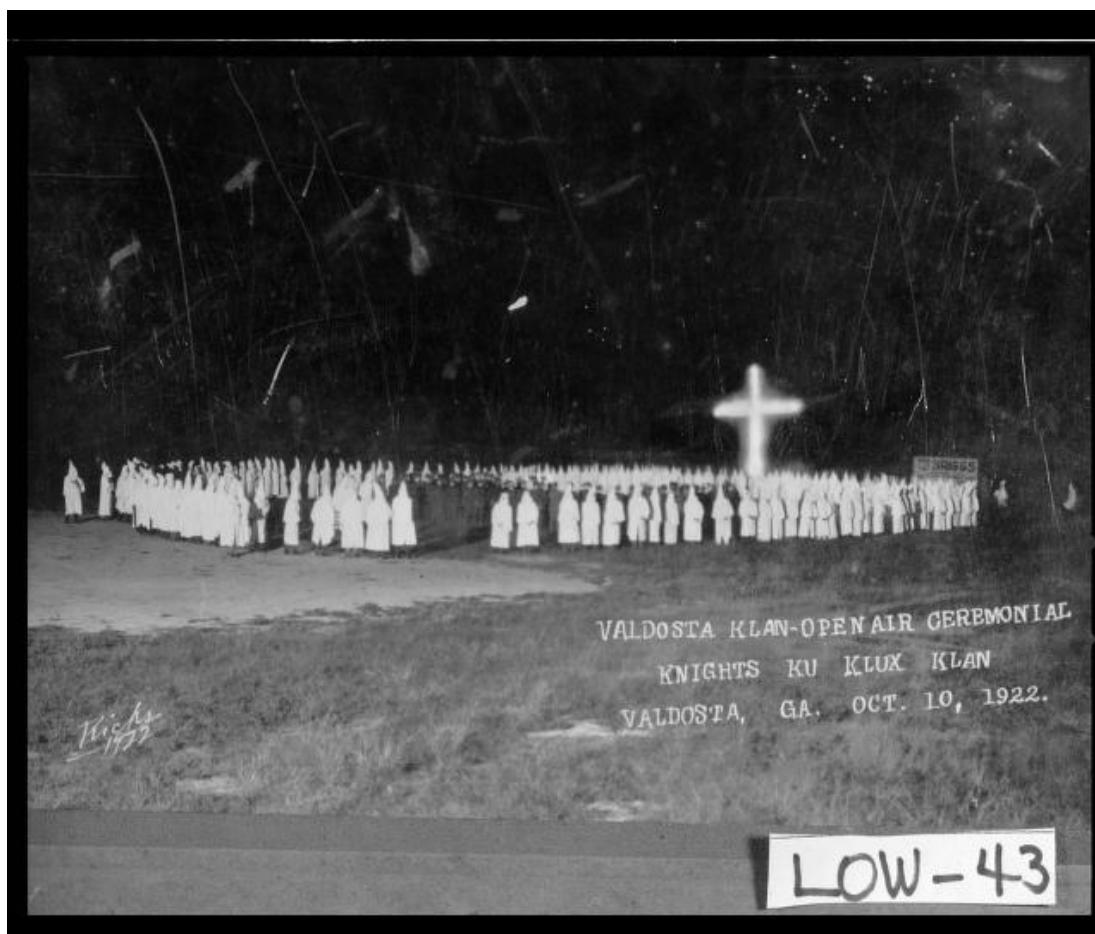
The Crucible. Dir. Nicholas Hydnor. Perf. Daniel Day Lewis, Wynona Ryder. Twentieth Century Fox, 1996.

APÊNDICE

Anexo I – KLAN, Ku Klux. “Benevolence.” *Ku Klux Klan Web Page*. 7 Feb. 2004
<<http://www.kkkklan.com>>.



Anexo II – KLAN, Ku Klux. *Valdosta Klan – Open Air Ceremonial*. 1924. Digital Library of Georgia. Georgia Archives. Vanishing Georgia (Collection), Georgia State University. 25 April 2004 <www.lib.msu.edu.com>.



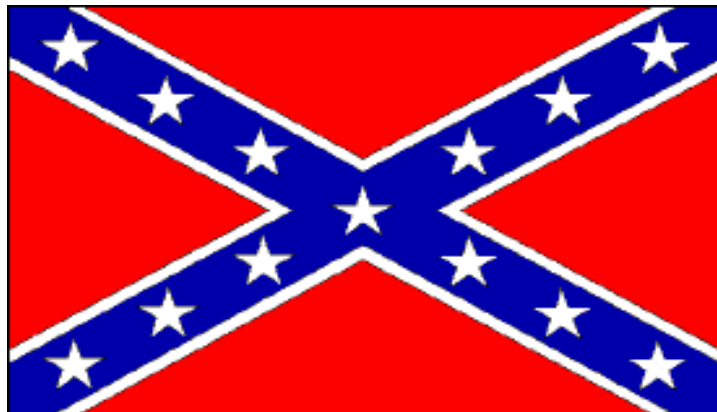
Anexo III – KLAN, Ku Klux. *Photograph of members of the Ku Klux Klan attending a cross burning, Burke County, Georgia, ca. 1962-1964.* Digital Library of Georgia. Georgia Archives. Vanishing Georgia (Collection), Georgia State University. 25 April 2004 <www.lib.msu.edu.com>.



Anexo IV – KLAN, Ku Klux. “The Mystic Insignia of a Klansman.” *Ku Klux Klan Web Page*. 7 Feb. 2004 <<http://www.kkkklan.com>>.



Anexo V – KLAN, Ku Klux. “Was Columbus First?” *Ku Klux Klan Web Page*. 24 July 2001
<<http://www.k-k-k.com/columbus.html>>.



Anexo VI – KLAN, Ku Klux. “The True Flag of the Ku Klux Klan.” *Ku Klux Klan Web Page*. 7 Feb. 2004 <<http://www.kkkklan.com>>.



Anexo VII – Klan, Ku Klux Klan. “An Educational, Historical Study of the Ku Klux Klan.”
Ku Klux Klan Web Page. 7 Feb. 2004 <<http://www.kkkklan.com>>.



Anexo VIII – KLAN, Ku Klux. “New Poll Shows ‘Bible Study Moms’. A Significant Voting Block!” *Ku Klux Klan Web Page*. 23 Jan. 2003
<http://www.kukluxklan.org/woman_to_woman1.htm>.



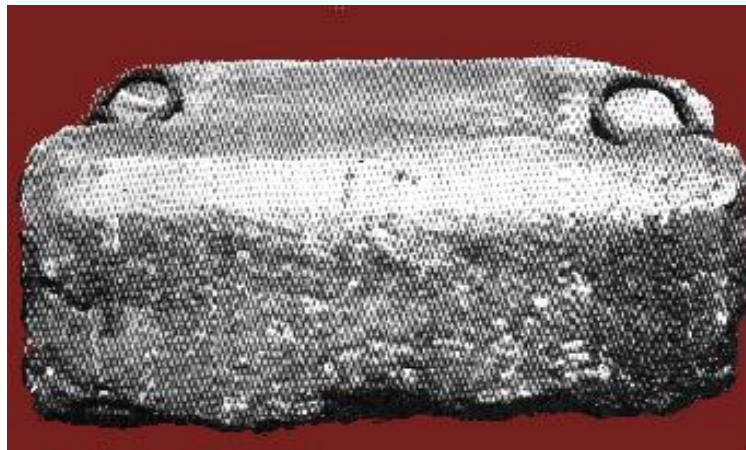
Anexo IX – KLAN, Ku Klux. “The Dilemma White Women Face in Today’s Society.” *Ku Klux Klan Web Page*. 23 Jan. 2003
<http://www.kukluxklan.org/woman_to_woman1.htm>.



Anexo X – KLAN, Ku Klux. “The Knights’ Party.” *Ku Klux Klan Web Page*. 23 Jan. 2003
<<http://www.kukluxklan.org/activity.htm>>.



Anexo XI – KLAN, Ku Klux. “An Amazing Connection. Coronation Stone.” *Ku Klux Klan Web Page*. 26 June. 2004 <http://www.kkk.bz/woman_to_woman1.htm>.



Anexo XII – KLAN, Ku Klux. “An Amazing Connection. England’s Coronation Chair.” *Ku Klux Klan Web Page*. 26 June. 2004
<http://www.kkk.bz/woman_to_woman1.htm>.



Anexo XIII – KLAN, Ku Klux. “Abraham Lincoln. The Truth.” *Ku Klux Klan Web Page*. 7 Feb. 2004 <<http://www.k-k-k.com/lincoln.htm>>.



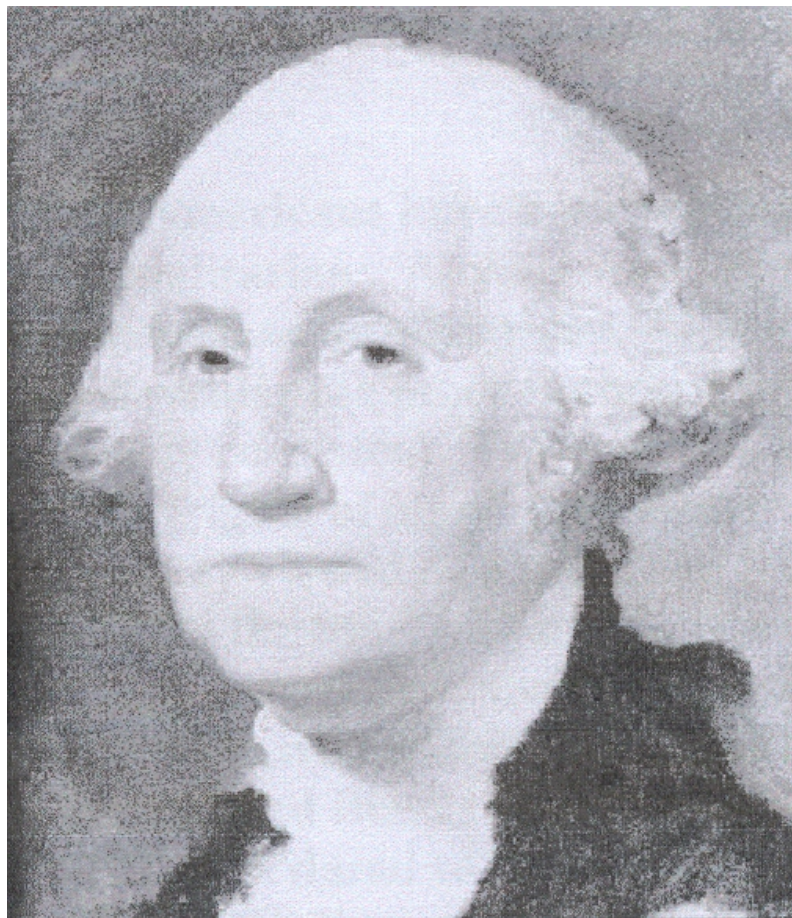
Anexo XIV – KLAN, Ku Klux. “God Works through Women.” *Ku Klux Klan Web Page*. 23
Jan. 2003 <http://www.kukluxklan.org/woman_to_woman1.htm>.



Anexo XV – KLAN, Ku Klux. “The Knights’ Party Platform.” *Ku Klux Klan Web Page*. 23 Jan. 2003 <<http://www.kukluxklan.org/program.htm>>.



Anexo XVI – DUKE, David. “George Washington: Polititically Incorrect.” *Ku Klux Klan Web Page*. 7 Feb. 2004 <<http://www.k-k-k.com>>.



Anexo XVII – MILES, Robert. “Take off the Hoods.” *Ku Klux Klan Web Page*. 24 July. 2001 <<http://www.k-k-k-.com/miles.htm>>.



Anexo XVIII – *The Birth of a Nation*. Dir. D. W. Griffith. Perf. Lillian Gish, Mae Marsh.
Image Entertainment, 1915.



Anexo XIX – *The Birth of a Nation*. Dir. D. W. Griffith. Perf. Lillian Gish, Mae Marsh.
Image Entertainment, 1915.



Anexo XX – *The Birth of a Nation*. Dir. D. W. Griffith. Perf. Lillian Gish, Mae Marsh.
Image Entertainment, 1915.

